
Bruno Miranda
azeitona
UM ROMANCE
OUTRO
Planeta

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


azeitona

Bruno Miranda

azeitona

UM ROMANCE



OUTRO Planeta

Copyright © Bruno Miranda, 2016
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016
Todos os direitos reservados.

Preparação: Valquíria Della Pozza
Revisão: Ana Paula Felippe
Diagramação: Futura
Capa: Elisa von Rondon
Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M645a
Miranda, Bruno
Azeitona: um romance / Bruno Miranda. – 1. ed. – São Paulo: Planeta, 2016.

ISBN 978-85-422-0708-8

1. Ficção juvenil brasileira. I. Título.

16-32001 CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

2016

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manoel, 100 – 21º andar
Edifício Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo – SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Sumário

Capitulo 1
Capitulo 2
Capitulo 3
Capitulo 4
Capitulo 5
Capitulo 6
Capitulo 7
Capitulo 8
Capitulo 9
Capitulo 10
Capitulo 11
Capitulo 12
Capitulo 13
Capitulo 14
Capitulo 15
Capitulo 16
Capitulo 17
Capitulo 18
Capitulo 19
Capitulo 20
Capitulo 21
Capitulo 22
Capitulo 23

Para Ladir

1.

Além de Ian, havia sete pessoas na sala de espera do consultório médico. Três delas visivelmente grávidas, uma possivelmente e mais três *com certeza* não grávi das. Deste último grupo, dois eram maridos que batiam papo na entrada do lugar, enquanto suas mulheres liam revistas acomodadas no sofá. O outro conversava com a mulher, que estava com a barriga tão protuberante que, se estivesse gripada, o bebê já teria sido colocado para fora com um espirro.

A sétima pessoa, que poderia ou não estar grávida, era, digamos, *muito esguia*, Ian pensou. Ela estava em pé e se revezava entre fazer perguntas para a recepcionista, que parecia não ajudar muito, e falar agitada ao telefone.

Ian estava com um celular sem bateria e nenhum conhecido por perto enquanto aguardava na sala de espera. Ele até contaria o número de valinhos no teto do consultório, se este não tivesse uma camada grossa de gesso, o que fez com que sua única saída fosse tentar ouvir as conversas enquanto fingia estar ocupado verificando a higiene das unhas.

O rapaz levantou os olhos por alguns segundos e deu de cara com a mulher que falava ao telefone olhando em sua direção. Ela parecia assustadoramente animada.

A mulher desligou o telefone e sentou-se ao lado dele. Ian não sabia ao certo se ela iria falar com ele, mas ficou um pouco nervoso. Ela estava sorrindo.

– Prazer, meu nome é Catarina. – Ela estendeu a mão.

Catarina usava um *blazer* e, mesmo sorrindo, parecia tão séria e importante que, enquanto a cumprimentava, Ian se sentiu segurando as mãos firmes da prefeita da cidade. E de fato ela deveria ser importante, porque era uma manhã de outono bem quente para alguém pensar em usar mais que uma camada de roupa sem necessidade.

– Ian... – Apresentou-se. – Comigo tá tudo bem.

– Que demais! Eu amo nomes curtos. Não tenho filhos, mas minha cachorrinha se chama ivy – ela disse, empolgada, forçando uma identificação tão convincente quanto "você gosta de comida? Meu Deus, eu amo comida!". Ian respondeu com um sorriso e ela continuou: – Desculpa, eu não estou comparando o seu nome com o de um cachorro, mas... bem, você entendeu, né?

Ela riu, simpática.

– Não, não se preocupe! É que... – Ian não fazia ideia do que dizer, dado o rumo que a conversa tinha tomado. – Tudo bem.

– Enfim – ela se ajeitou na cadeira, trazendo a pasta de documentos que estava sobre seu colo para mais perto de si. – Vamos ao que interessa. Você estuda? Trabalha?

Naquele momento ele teve certeza de que ela não o estava paquerando. No auge de seus trinta e poucos, talvez fosse velha

demais para dar em cima de um rapaz de dezesseis.

O que o levou à segunda opção: curso profissionalizante. Ele sabia, porque aquilo já havia acontecido antes: alguém chega com um sorriso no rosto e uma simpatia duvidosa. Quando você vê, estudou dois anos de gestão empresarial a partir dos catorze anos e, agora, passados alguns meses da conclusão do curso, se sente tão preparado para gerenciar uma empresa quanto uma lhama.

– Eu estudo – respondeu. – E tenho um trabalho de meio período como instrutor particular de tênis. Minha irmã trabalha com organização de festas, e às vezes eu a ajudo também.

– Quanta responsabilidade! Ainda mais essa, né? – Ela apontou a porta da sala do médico. – Eu acredi to que neste momento o que você mais precisa é de grana, certo? Criar uma criança demanda um grande investimento.

O rapaz sentia lá no fundo que acabara de ser chamado de pobre, mas não tinha certeza. O casal que estava sentado ao lado de Ian parou de conversar e agora parecia prestar atenção na conversa, enquanto as outras duas mulheres permaneciam entretidas com suas revistas.

– Na verdade, quem *realmente* vai investir na criança é a minha irmã. Ela está se formando agora e tal, daí vai conseguir mais tempo pra se dedicar, montar uma empresa de verdade.

– Por que a sua irmã? Os seus pais não vão ajudar com o bebê, é isso?

– É que nós moramos juntos, minha irmã e eu. Não moramos com nossos pais – respondeu, sério. Ele não gostaria de ter que explicar toda a história para uma desconhecida.

– Ah, claro – Catarina pareceu achar a informação interessante. – Mas você não se sente meio mal com isso? Ela pagando tudo? Eu acredito que você queira o melhor para a criança. – Ian olhou para o lado e viu que o casal parecia tão concentrado que aceitaria o curso em seu lugar antes mesmo de ele ser oferecido.

– É claro que quero o melhor pra ela. Na verdade, eu não tinha parado para pensar nisso, talvez possa ajudá-la mais com os eventos, não sei.

– Ian parou de falar quando percebeu que estava se justificando demais para alguém que nem sabia quem era.

A equipe que sua irmã costumava contratar realmente era limitada, variando conforme o orçamento previsto para o evento. O que ela mais fazia era festa de criança e debutante e, de vez em quando, casamento. Em geral, grandes empresas eram chamadas para cuidar de eventos maiores, como formaturas em universidades e jantares corporativos.

Catarina parecia realmente disposta a fazer com que Ian se responsabilizasse pelo futuro bebê da irmã, que estava na sala ao lado, em sua primeira consulta pré-natal com o obstetra.

A mulher começou a ressaltar as dificuldades financeiras de criar uma criança e como nos primeiros meses bebês consumiam fraldas como verdadeiras máquinas de fezes. Ian olhou para as próprias roupas, tentando encontrar os buracos que a teriam levado a pensar que ele estava tão necessitado. Porque, mesmo não estando, agora já havia se convencido de que precisava de mais dinheiro.

Ian parou de prestar atenção quando, ao desviar os olhos

para a pasta transparente que ela segurava no colo, viu lá dentro um crachá:

Catarina Raizer
Produtora
REDE BPS

Não era sempre que Ian entrava em conversas importantes com desconhecidos sobre o futuro de seu sobrinho do tamanho de uma semente de gergelim. Mas saber que ela trabalhava na maior rede de TV do país o deixou curioso.

– ...o que eu quero dizer com isso tudo? Tenho uma proposta que vai mudar a sua vida – Catarina agora estava mais séria e confiante.

O rapaz concordou com a cabeça, esperando ela prosseguir.

– Vem aqui – ela deu um toque suave em seu ombro, levantou-se e seguiu em direção ao outro canto da sala, próximo à porta do médico. – Precisamos conversar com mais privacidade.

Ian a seguiu. A sala de espera não era tão espaço sa, mas, com o silêncio do casal que tentava ouvir a conversa, e como os outros dois pais, embalados num papo interminável sobre futebol, tinham andando aos poucos até chegar à calçada, o lugar estava extremamente quieto.

– Eu trabalho na TV BPs – ela cochichou, batendo as unhas compridas e bem-feitas sobre a pasta transparente –, na produção do *Novos Pais.* E acho que você e sua namorada... Aliás,

eu acho que é namorada – ela se corrigiu. – Você ainda não se casou, né?

Ian não entendeu direito. Soltou um "não" confuso, mas foi cortado pela produtora.

– Pela sua cara nem pretende – riu sozinha. – Bom, você é um rapaz bonito e tem o quê? Dezessete? Dezesseis?

Ian fez que sim com a cabeça.

– Certo, tem dezesseis anos, a idade perfeita pra esse projeto. E acredito que você e sua namorada sejam perfeitos candidatos para essa nova temporada. Um casal desistiu de última hora, e acho que, se você quiser, é quase certeza que...

A fala de Catarina foi interrompida pelo toque do seu celular. Ela rejeitou a ligação e pressionou os lábios. Estava visivelmente atrasada.

– Ian, é o seguinte: não posso esperar ela sair do consultório. Mas conversa com a sua namorada e, por favor, me retorne – ela abriu a pasta e retirou um documento de umas cinco folhas. – Aqui está tudo o que você precisa saber sobre o funcionamento do programa, inclusive com a melhor parte: o cachê de cada um – ela fez um sinal com as sobrancelhas ruivas. Já estava comandando a quarta temporada do programa, então sabia o que mais interessava aos participantes.

– Na verdade, eu...

– Aqui está o meu cartão – ela o interrompeu. Colocou a pasta embaixo do braço enquanto o retirava da bolsa. – Qualquer coisa me liga, manda mensagem, e-mail... Tô atrasadíssima mesmo! – Catarina disse apontando para o celular, e foi em direção à porta, de costas, virada para Ian. – Pode ligar quando

quiser, viu? Ele voltou para o banco em que havia estado sentado com as cinco folhas na mão, enquanto tentava entender a confusão que tinha acabado de acontecer.

– Desculpa me meter, moço – a grávida que estava com o marido a uma cadeira de distância de Ian disse, esticando-se para cutucá-lo. *Uma manobra perigosa,* Ian constatou, *com uma barriga tão grande, uma das nádegas suspensa a alguns centímetros do banco pode causar, sei lá, uma despressurização.*

– Aquela era a moça da TV, né? – Perguntou a grávida. *Ela estava mesmo tentando ouvir a conversa*.

– Acho que sim – Ian ainda estava um pouco confuso. – Ela disse que trabalha num programa chamado *Novos Pais*.

– Eu sabia, natan! – ela disse, dando um tapinha no marido. E se voltou para o garoto novamente. – A gente assiste ao programa, ela aparece de vez em quando falando com os participantes. Eu devia ter tirado uma foto! – falou, quase culpando o marido, que provavelmente defendera a ideia de que não poderia ser Catarina *de verdade*.

Ian soltou um sorriso amarelo para encerrar a conversa, mas a mulher estava empolgada. A irmã dele descobrira a gravidez havia apenas três semanas, então ele ainda não tinha percebido mudanças no comportamento dela por causa dos hormônios. Mas, se ela fosse ficar igual à grávida ao seu lado, talvez isso viesse a ser um problema.

– A liana, uma das protagonistas na temporada passada, vai dar uma palestra no fim de semana no auditó rio da Uniale. Até comprei ingresso! – A mulher estava realmente exultante. – Tomara que a Anitta e o luan esperem a palestra passar.

– Quem? – Ian perguntou.

– Os bebês – o pai respondeu. – são gêmeos.

– Ah, claro. Parabéns! – Ian sorriu e fez um aceno positivo com a cabeça. – Mas os participantes viram, tipo, celebridades?

– Claro! – Ela se virou, com um pouco de dificuldade, para ficar mais de frente para Ian. – são doze casais, todos adolescentes, que mostram como está sendo enfrentar a ideia de ter um filho tão cedo na vida. Acontece de tudo. A liana foi a que mais se deu bem porque era meio louca e não quis fazer o teste de DnA até ganhar os bebês, gêmeos também. E ela não sabia quem era o pai! Daí dois rapazes acompanharam ela no programa todo. Foi uma tensão porque, afinal, um deles não iria ser o pai, coitado. Mas sabe o que aconteceu? – ela esperou Ian responder.

– O quê?

– Cada gêmeo era filho de um dos pais! – Ela bateu uma palma no ar de empolgação, dando um susto em Ian. – saiu em todos os jornais, até fora do país. Você deve ter visto.

– Acho que vi, sim – Ian se lembrou vagamente. A notícia saíra fazia quase um ano.

– Pois é. E a casa dela era bem simples, tinha dois quartos e moravam seis pessoas – a grávida aproximou seu rosto no de Ian. – Agora? Mora num apartamento no centro! Dizem que comprou só com o dinheiro que recebeu. E ainda faz palestra, foi capa da *Filhos&Filhas*, e os pais dos gêmeos lançaram uma biografia daquelas vira-vira: de um lado é a de um pai, daí você vira o livro e está lá a do outro.

Ian relembrou o que Catarina havia dito. Ela queria que ele

fosse o próximo participante do programa! *Mas... eu não tenho uma namorada, muito menos uma que esteja esperando um bebê!* Ian balançou a cabeça, tentando esquecer toda aquela besteira.

A grávida percebeu que Ian não estava mais prestando atenção no que ela dizia e usou a tática de diminuir aos poucos o volume da voz, enquanto fingia que na verdade estava contando toda a história para o marido.

Se bem que, realmente, seria ótimo ter algum dinheiro agora. Já pensou, comprar um apartamento? É, mas preciso primeiro encontrar uma namorada. E, onde quer que ela esteja, muito, MUITO provavelmente, ainda não estará grávida de mim.

– Viviane – o médico chamou, trazendo Ian de volta de seus pensamentos para a vida real.

Ian acenou com a cabeça para Viviane, que em pé não parecia ter a barriga mais gigante que ele já tinha visto, e o marido, antes de entrarem na sala do médico.

Após Iris acertar sua próxima data com a secretária, enquanto saíam do consultório, Ian perguntou:

– Como foi a consulta?

– Foi ótima. Eu tirei um monte de dúvidas e ele me passou alguns exames – Iris disse, enquanto colocava os papéis dentro da bolsa espaçosa. – E o bebê tá do tamanho de uma lentilha.

Ian parou de andar e olhou para a irmã. Assim que descobrira, ela disse que parecia uma semente de gergelim.

– Você realmente vai comparar o tamanho do seu filho com comida até o final? Quando você for ganhar ele vai ser o quê? Um leitão de pequeno porte?

Iris riu e colocou o braço ao redor do pescoço do irmão, que

já era maior que ela, e foram assim até o carro.

– Ah, e o médico disse que era bom não pintar meu cabelo por agora, também.

Os cabelos de Iris tinham um tom um pouco mais claro e puxado para o vermelho do que o castanho de Ian. Ela ainda usava uma franja um pouco mais curta que o resto do cabelo, que vivia colocando para trás da orelha. Iris de fato era muito bonita, mas seus lábios pequenos e seus olhos simpáticos faziam com que fosse tudo, menos uma mulher fatal. Nem quando os dois se desentendiam Ian conseguia se irritar com a irmã, por causa daqueles olhos tão cordiais.

– Ian, o que são esses papéis? – a irmã perguntou, assim que entraram no veículo.

Ele havia chegado ao consultório sem nada nas mãos e se esqueceu de esconder as folhas entregues por Catarina.

O rapaz não tinha o costume de mentir para a irmã. Ela o havia criado desde que ele tinha seis anos, e os dois tinham também uma relação de amizade. Só que nada parecido jamais havia acontecido com ele. Se tivesse ido atrás do problema, talvez contasse, mas, nesse caso, *o problema* veio atrás dele.

– Eu trouxe um *pendrive* pra pedir na clínica que eles imprimissem um trabalho para a escola. – Ian disse, enquanto enrolava sem perceber as folhas em formato de cone.

– Você vai amassar se enrolar assim. E por que não imprimiu em casa? – ela perguntou desconfiada, enquanto manobrava o carro. – Que vergonha Ian, imprimir numa clínica.

Ele tentou jogar a culpa na falta de tinta da impressora, lembrando que a irmã tinha reclamado disso dias antes, mas Iris

não comprou a desculpa – os cartuchos eram sempre recarregados assim que acabavam, já que ela precisava imprimir boletos e outros documentos a trabalho.

No caminho para casa, Ian observou a irmã, que cantava com o rádio do carro a maioria das músicas. Ele sempre se sentiu devendo algo a ela, que precisou abandonar os estudos para criá-lo quando a mãe morreu, meses depois de o pai deles ter saído de casa. Finalmente ela havia voltado a fazer um curso superior, de tecnologia em eventos, e a formatura seria em alguns meses.

Ela já tinha feito de tudo por ele, e era hora de retribuir. A produtora precisava que entrasse em contato o mais rápido possível. Talvez, se ele enviasse uma mensagem e torcesse para que tudo desse certo, conseguisse alguém para entrar nessa com ele.

Apertou três vezes no botão inicial do celular antes de lembrar que a bateria havia morrido. *Ao menos eu não vou fazer nada por impulso*, Ian respirou fundo*. Deve ser um sinal para eu não desistir!*

Ian claramente não sabia interpretar sinais.

2.

Iris havia deixado o irmão em casa antes de partir para uma confeitaria no centro, onde aconteceria uma degustação de doces para o casamento de uma cliente. De tempos em tempos ela conseguia trabalhar com casamentos, que pagavam mais que festas infantis. Em dias como esse, ela normalmente provaria todos os doces, fingindo já não saber de cor o sabor de cada um. Mas, agora que estava grávida, não queria que o bebê nascesse com a lembrança de que um casadinho é muito mais delicioso do que uma fatia de melão.

Ian foi direto para seu quarto, desenrolando os papéis que recebeu de Catarina, com pressa.

As paredes do quarto tinham um tom claro de cinza. Haviam sido devidamente pintadas por ele e pela irmã três anos antes, na única mudança maior que fizeram na casa depois que passaram a morar sozinhos. Depois disso, os investimentos de Iris foram todos direcionados para pagar o curso. De longe, mal dava para notar as manchinhas cinza de tinta na moldura da porta.

O documento era dividido em itens. No início, havia uma introdução explicando como o programa funcionava. Ele mostrava o dia a dia de doze adolescentes grávidas de seus primeiros filhos. Algumas haviam acabado de descobrir, enquanto outras estavam prestes a ganhar o bebê. As gravações eram realizadas algumas vezes na semana, acompanhando a rotina dos futuros pais e mães até o parto das doze participantes. Havia também bate-papos gravados em estúdio e atividades das quais todos os casais participavam juntos.

Pela página seguinte Ian apenas passou os olhos. Era alguma coisa sobre a missão do programa, com estatísticas, regras e outras coisas chatas.

Quando virou a última página, seus olhos foram atraídos como ímãs para os números em negrito. Ele ganharia, de uma vez só, assim que a temporada fosse ao ar, metade do valor do cachê – quase o que sua irmã levaria um ano inteiro para receber trabalhando em eventos. E ainda tinha a outra metade ao final. Isso apenas em troca de algumas horas de sua semana. Um dinheiro que ele jamais tinha chegado perto de ganhar, fosse servindo nos eventos da irmã, fosse ensinando tênis.

Em último caso, quando o programa estreasse, dali a três meses, ele e sua cúmplice ainda poderiam inventar uma desculpa para sair com metade de toda aquela grana! ou pelo menos era isso o que ele tinha entendido.

Ian copiou o número da produtora em seu celular, guardou os papéis no fundo da gaveta entulhada da escrivaninha e começou a pesquisar sobre o *Novos Pais* na internet.

O programa estava na quarta temporada. Muitos dos

participantes acabaram ficando muito famosos. Havia várias reportagens sobre liana, que estivera em todos os programas da emissora dando entrevistas no mês anterior.

O rapaz passou boa parte da tarde pesquisando e assistindo a episódios no YouTube.

Quando Iris chegou, ainda era cedo para o jantar, mas, como ela trabalhava muito durante a noite, nos dias em que não tinha eventos tentava dormir cedo para regular o sono. Ela e Ian sempre tentavam fazer ao menos uma refeição por dia juntos.

Depois de tomar banho, Iris começou a preparar o jantar. Desde que descobrira estar grávida, passara a comer como uma atleta – geralmente carboidratos de baixo índice glicêmico, frutas e verduras. Isso acabou sobrando para Ian também, que frequentava a academia e praticava esportes, mas não tinha o hábito de comer como se fosse um medalhista olímpico.

– Eu vou nesse casamento que você está organizando? – Ian perguntou, com as mãos apoiadas na mesa, logo atrás da irmã.

– Não precisa, já tenho a equipe fechada para esse dia. Vai ser num domingo e são quatro horas de carro daqui até o local. – Iris colocou na boca um pedaço do queijo branco que estava picando em cubinhos para a salada. – Você tem aula na segunda.

– Vai ser no dia do seu aniversário?

– Não é *neste* domingo, é no outro. – Iris se virou para o irmão. – Está sendo tão divertido. Esse casal tem praticamente um orçamento ilimitado, ela vai chegar numa carruagem. Foi um

inferno achar a carruagem que ela queria. Sem contar que o cachê do cavalo é praticamente maior que o meu.

– Que bom que vai rolar uma grana boa, porque a gente precisa tirar o anjo do meio da sala antes que as chuvas aumentem no verão – Ian disse, enquanto pegava pratos e talheres para os dois no armário.

Mais ou menos na metade do verão passado, num dia de chuva forte, algumas telhas tinham se quebrado. Ian fora obrigado a subir no telhado para consertá-las. Elas estavam com pequenas rachaduras e foram perfeitamente seladas com Durepoxi. Mas as chuvas intensas das semanas seguintes fizeram com que a goteira voltasse. E ainda mais vigorosa.

A solução foi lançar mão de um dos arranjos que Iris guardava na garagem. Ela geralmente mantinha utensílios de decoração que não eram usados ou que tinham sido comprados apenas para uma festa e os clientes não faziam questão de manter.

Ela colocou uma fonte de plástico com um anjo por cima bem no meio da sala. A fonte tinha mais ou menos um metro e meio de altura e funcionava ligada na energia. O objeto havia sido comprado pela internet – e era até muito bem-feito pelo preço. Iris só não havia percebido que a água saía numa cascata como se o anjinho estivesse fazendo xixi. Isso a impossibilitou de usar a fonte no casamento para o qual a havia comprado. Ao menos agora ela tinha alguma serventia.

Colocar o anjo no meio da sala foi ao mesmo tempo uma solução temporária e uma maneira de lembrar que precisavam chamar alguém para arrumar o telhado. Mas eles já haviam se

acostumado com ela lá e só recordavam que o telhado precisava de conserto quando chovia e a goteira reaparecia.

Antes de sentar para comer, Ian viu na tela a mensagem não enviada que havia escrito para a produtora. “Tô dentro!”, dizia. Sem pensar muito, pressionou o botão de enviar. Leu e releu várias vezes, tentando analisar se não tinha feito uma besteira. Então digitou: “Quer dizer, estamos dentro!”.

Agora precisava ainda analisar seus contatos femininos para encontrar alguém que topasse participar e quisesse receber alguns milhares de reais – o que poderia tornar a procura mais fácil.

Ian começou a comer, sem prestar muita atenção no que a irmã falava. Ele não estava fazendo nada de errado, afinal. E, se quisesse, ainda poderia nunca mais responder a Catarina e fingir que nada aconteceu.

Enquanto isso, a TV anunciava o próximo episódio de *Novos Pais*, e o anjo jorrava água pelas partes íntimas como nunca.

Ian achava interessante como todos os alunos respeitavam a professora Firmina, de química, sem que ela precisasse fazer muito esforço. Baixinha e corpulenta, tinha um sotaque diferente, herdado dos pais poloneses, mesmo tendo nascido no Brasil. Suas bochechas ficavam desproporcionalmente vermelhas na maior parte do tempo, enquanto no inverno o nariz adquiria a mesma cor. Talvez ser uma professora fofa fosse sua arma.

Como era uma das professoras mais antigas do colégio,

sempre estava envolvida nos projetos que a escola propunha. No ano anterior, organizara a "1a Exposição de Maquetes de Usina de Energia do segundo Ano", que acabou se tornando uma mostra de cata-ventos, uma vez que todo mundo percebeu que a usina eólica era a mais fácil de ser feita.

Agora, no terceiro ano, Ian e os colegas estavam livres dessas maquetes.

– Nesses papéis que eu estou entregando está o tema de cada um – a professora explicava enquanto caminhava pela sala. – Quero que vocês façam uma experiência e... – Firmina ficou levemente entalada entre a parede e uma carteira vazia no fundo da sala, enquanto tentava passar para o outro lado. – ...um trabalho escrito, explicando a reação química ocorrida na experiência de acordo com o tema que está no papelzinho.

Ian fazia todos os trabalhos com Eloy, seu melhor amigo, que sentava ao seu lado. Eloy era totalmente esforçado nos estudos, chegando a ser chato eventualmente. Dava para notar ele meio desconfortável, tentando participar das brincadeiras do grupo quando ninguém estava *realmente* interessado em iniciar o trabalho. Mas sua vontade de fazer tudo impecavelmente era maior que isso. Portanto era sempre ele quem acabava criando os *slides*, organizando a parte dos colegas e dividindo as tarefas – que às vezes ele mesmo fazia.

Depois que os papéis foram distribuídos, os alunos que pegaram os mesmos temas começaram a juntar suas mesas.

– A Emília pode vir pro meu grupo? – perguntou uma das garotas que estava no grupo de Ian, com a mão levantada. Emília e outro aluno haviam faltado naquele dia, e no grupo de Ian

ainda havia uma vaga.

Ele e Eloy tinham conseguido entrar no mesmo sem precisar participar do câmbio de temas ilegal que rolava na sala. Junto com eles estavam mais duas meninas – Ávia, que era a amiga de Emília, e outra cujo nome Ian não sabia. Essa última fazia parte de um grupinho de amigas com mais duas meninas que ficavam meio escondidas na sala. Praticamente não conversavam com ninguém. Elas também não sabiam da existência do câmbio ilegal de temas, então em geral alguma ficava separada mesmo.

A professora concordou com o pedido de Ávia, colocou o outro garoto que faltou em um grupo e jogou o papel dos dois no lixo. Os grupos começaram a dis cutir as opções de experiências que havia no livro de química. A menina que não falava muito era tão dedicada quanto Eloy. Enquanto Ian tentava ajudar a deci dir, Ávia apenas concordava com as ideias, sem sugerir muita coisa. Eloy e a menina cujo nome Ian não sabia concordaram que era melhor procurar uma nova experiência na internet, e ele ficou de trazer mais algumas opções para a próxima aula.

A cantina do colégio tinha uma espécie de cardápio rotativo. Toda sexta-feira, assim que o sinal do intervalo soava, o pátio se tornava uma pista de corrida cuja linha de chegada era a fila para conseguir um pedaço do bolo de cenoura mais macio já assado no mundo, que sustentava uma cobertura grossa de chocolate salpicada com granulado.

Enquanto Ian comia o seu pedaço com Eloy na mesa do refeitório e esperava o resto dos amigos voltarem da fila, uma ligação fez seu celular vibrar.

Ele precisou largar o bolo de lado e lamber os dedos para

não lambuzar toda a tela do aparelho ao atendê-lo. A ligação era de Catarina. Ela havia ligado mais cedo, enquanto ele ainda tomava café, e outra vez quando estava dentro da sala de aula. Mas Ian preferiu não aten der. Ainda não tinha decidido nada, e conversando pelo telefone ia ser mais difícil mentir. Não poderia continuar deixando-a sem resposta se quisesse que seu plano des se certo. *Seja o que Deus quiser*, ele pensou, antes de se afastar da mesa e atender a chamada.

– Oi, Ian! Aqui é a Catarina, da produção do *Novos Pais*. Tudo bem? Recebi a sua mensagem, que ótimo que vocês topam participar! – a produtora disse, tão eufórica quanto no dia anterior, quando haviam conversado no consultório.

– *Nós* estamos bem empolgados. Eu e a minha namorada. E o bebê também, se bobear – Ian riu sem mui ta confiança na própria piada. – Desculpa, mas agora eu estou na escola e não vou conseguir falar.

– Sem problemas! É rapidinho: as gravações começam nesta segunda, então preciso decidir entre vocês e outro casal com que conversei. – Ian engoliu em seco.

– Preciso de algumas informações, depois a gente grava uma entrevista com você e sua namorada. Eu levo para os executivos da emissora e nós decidimos o casal que vai preencher a vaga. Primeiro, de quantas semanas ela está grávida?

– Ela... uh... ela... – Ian tentou lembrar o que a irmã havia falado assim que saiu do consultório. – Está do tamanho de uma... azeitona.

– Ahn... isso não é nem três meses, certo? – Ela esperou que

o rapaz respondesse e ele balbuciou um “uhum”. – isso com certeza é um ponto a mais para vocês. Nós realmente precisamos de mais um casal num estágio inicial da gravidez. E qual o nome da garota?

Ian ficou mudo. Observou a mesa onde os amigos conversavam, animados, olhou ao redor os alunos caminhando... mas não conseguia prestar atenção nem em seus próprios pensamentos. Ele não sabia se desligava o telefone, inventava um nome, desistia do dinheiro ou...

– Emília.

– O.k.! – Ela pareceu anotar alguma coisa. – Vou deixar você estudar agora. Eu te mando um e-mail com todas as informações sobre a nossa primeira gravação. Até logo!

Quando a ligação terminou, ele encarou o telefone, como se não reconhecesse aquele objeto.

Emília.

Por que eu falei Emília?! Por que eu disse justamente o nome da garota com quem troquei apenas duas palavras em três meses, desde que as aulas começaram?

Ian voltou para a mesa, sentou e encarou o bolo de cenoura mordido que havia deixado em cima do guardanapo enquanto pensava. Quando os amigos perceberam que ele estava na mesma posição havia um tempo, a cena começou a ficar estranha, e alguns colegas fizeram bolinhas com seus guardanapos e jogaram na direção de Ian, que nem se mexeu.

No resto da manhã, o garoto continuou fora do ar, enquanto os pensamentos se agitavam em sua cabeça.

Quando o professor de matemática entrou na sala para

iniciar sua aula, os alunos desfizeram a organização anterior das carteiras, divididas em grupos para a aula da professora Firmina.

Depois de arrumar a sua carteira, Ian olhou para a de Emília, que estava vazia. Foi até lá e a colocou no lugar também. Se antes ele estava perdido em relação ao que fazer para encontrar a parceira de crime ideal, pelo menos agora tinha uma meta: convencer Emília.

3

Ian correu para chegar ao condomínio de Caio a tempo. Suas horas de trabalho não eram tão inflexíveis, mas ele não gostava de deixar o garoto esperando quando se atrasava.

O portão do condomínio era circundado por uma grande estrutura de concreto, pintado numa cor creme clara. Somado aos coqueiros que cercavam a entrada, deixava claro em apenas uma olhada que o grupo de pessoas que poderiam viver ali era bem seleto.

Desde o começo do ano Ian ensinava tênis para Caio. Depois de quatro meses, ele já não precisava mais se identificar. Ainda mais com a roupa de esporte, tênis, boné e munhequeira – que em competições evitava que o suor dos braços chegasse até as mãos e tirasse sua aderência, mas que, naquele caso, servia mais como adereço, já que nos últimos tempos raras eram as vezes que chegava o ponto de suar naquelas aulas. O rapaz acenou para o porteiro, que retribuiu o cumprimento e liberou a entrada.

A casa de Caio podia ser vista da entrada do condomínio. Todas as residências seguiam um padrão de estilo colonial

americano. Moravam ali alguns atores e empresários famosos, mas Ian nunca havia esbarrado em nenhum. Provavelmente porque viviam viajando, mas ele sempre prestava atenção nas pessoas para não perder a oportunidade. O fluxo de empregados parecia estranhamente maior que o de moradores.

Caio aguardava Ian sentado em frente à calçada da sua casa, com uma mochila nas costas. Do seu lado já estavam as raquetes, em cima de uma bolsa entupida de bolas de tênis. Caio tinha feito doze anos havia três meses e suas canelas já eram finas o suficiente antes mesmo do estirão da puberdade. Os cabelos crespos viviam desgrenhados, muito diferentes dos cachos planejados na ponta dos fios lisos de sua mãe.

– Você tá louco, Caio? – Ian disse, antes mesmo de cumprimentar o garoto. – Você não vai colocar nem a roupa do treino dessa vez pra despistar? Eu estou colocando a minha cabeça em risco aqui por você.

– A minha mãe não tá em casa – Caio disse sem muito ânimo, enquanto se levantava, fazendo força para não ser puxado pelo peso da mochila. – E eu disse pra nina que a roupa estava na mochila. Ela tem bastante coisa pra fazer em casa hoje pra ficar indo atrás de mim, não se preocupe.

Ian encarou Caio por alguns segundos, enquanto pensava se poderiam seguir com o plano.

– Tá – Ian disse, sério. Então deu um tapinha com as costas da mão no braço do menino. – E aí, tudo bem?

– Aham – respondeu. Entregou o saco com as bolas de tênis a Ian e caminhou a seu lado em direção à academia.

Assim que viraram a esquina da casa de Caio, já era possível

ver o campo de futebol, que costumava ser mais usado nos fins de semana. Entre as quadras de tênis e as de basquete, de um lado, e o campo, de outro, ficava a academia, de frente para a piscina. Era um galpão enorme que parecia uma caixa de vidro cheia de equipamentos. Ela até tinha algum movimento durante a noite. Se Ian não trabalhasse ali apenas na parte da tarde, talvez tivesse mais chance de dar de cara com algum dos moradores famosos.

Enquanto caminhavam quietos, Ian olhou para a mochila de Caio e pressionou os lábios, preocupado.

– Eu me sinto responsável por você, sabia? Não quero ser seu cúmplice nisso. Não foi você que escolheu aprender tênis?

– A Estela me obrigou a escolher alguma coisa – Caio não chamava Estela de mãe. Acabou se acostumando porque sua avó a chamava assim, e depois nina, que trabalhava na casa desde que ele nascera, também. – Eu escolhi o menos pior. Algo que não me obrigasse a correr e que não envolvesse muitas pessoas.

– Você deve ter vários amigos – Ian disse, e Caio não entendeu a piada.

– Mas foi ela quem sugeriu tênis, na verdade. Disse que era esporte de rico.

– Sério? – Ian riu. – Eu não sou rico. Sem contar que você meio que não precisa de um esporte de rico para ser rico. Quer dizer, você tem um professor de tênis só seu! Eu nunca teria aprendido tênis se não fosse o cartão de funcionário da minha irmã – ele parou por alguns instantes, analisando o que havia dito. – o.k., talvez faça algum sentido.

Por causa dos eventos que organizava num clube gigante da

cidade, Iris recebera passe livre para ela e Ian utilizarem os espaços e participarem das aulas. Enquanto ela fazia aulas de treinamento funcional, Ian praticava tênis e musculação.

Mesmo antes de frequentar o clube, Iris fazia questão de que Ian participasse de atividades esportivas. Queria garantir que ele fosse criado da melhor forma possível, assim como a mãe faria.

Ian não falava muito sobre isso com Caio. Apesar de achar demais ele passar férias cada ano em um país diferente e ganhar presentes que pagariam um ano do aluguel de sua casa, sabia que para o garoto aquilo não era nenhuma novidade.

Os pais eram os únicos donos de uma rede de pizzarias muito famosa, que aparecia em propagandas na TV o tempo todo. Ian descobriu quando pesquisou pelo nome de Estela assim que recebeu o convite para dar aulas a Caio, depois de ela tê-lo visto jogando no clube.

O que ele descobriu depois disso foi que Estela, que parecia jovem demais para ter um filho da idade de Caio, era adolescente quando o teve e, para sustentá-lo, começou a trabalhar na pizzaria do atual marido, Rudi.

Antes, ajudava a mãe vendendo peças íntimas que a mulher costurava. Com a experiência em vendas, ela se destacou na pizzaria, apresentando várias ideias e ajudando Rudi a executá-las. Com o tempo que passavam juntos, começaram a se relacionar e, quando Caio tinha três anos, se casaram.

Naquele momento, a pizzaria já tinha três filiais. Nada perto do crescimento astronômico que teve nos anos seguintes, quando passou a servir pizzas *fitness* e também atraiu o público com as decorações e os cardápios temáticos mensais. O maior

sucesso da rede fora a criação do mês do queijo, quando as poltronas amarelas ganharam adesivos redondos num tom um pouco mais escuro, de modo que os clientes se sentiam sentados em grandes pedaços de queijo suíço. Em cada mesa, numa panelinha de *fondue*, borbulhava um queijo cremoso em que podiam ser mergulhadas as fatias de pizza.

Os dois entraram na academia, que tinha apenas um andar. Próximo da entrada, no entanto, uma escada levava a um mezanino com duas salas. Os dois subiram silenciosamente, enquanto observavam um velho que caminhava na esteira.

– Está tudo aí dentro? – Ian perguntou, quando já estavam em frente a uma das portas.

– Claro – Caio colocou a mão para trás, apalpando a mochila. Depois a retirou das costas, pegou a chave que estava dentro do zíper menor e entrou.

Caio se jogou em um dos pufes do chão na sala minúscula e com um ventilador no teto, que garantia alguma ventilação além das janelas estreitas.

– Eu queria poder trazer a *minha* TV pra cá – Caio protestou enquanto abria o zíper da mochila.

– O quê?! – Ian disse incrédulo. – Essa TV é gigante. Não dá nem pra acreditar que ela esteja aqui, sem ser usada.

A sala de descanso da academia era toda branca, o que permitia notar que não era limpa com frequência, e, mesmo assim, parecia nova em folha. Além da TV enorme, havia três pufes e um sofá comprido e muito baixo. Ian nunca tinha visto um igual. Era compreensível que o espaço fosse pouco usado. Como a academia ficava dentro de um condomínio, as pessoas

podiam simplesmente descansar em sua própria casa.

– *Mortal Kombat*? – Caio perguntou.

– O.k.

Os jogos que Caio trazia definitivamente não eram para a idade dele. Ian curtia ver os *fatalities*, mas era sangue o suficiente para que não quisesse assistir enquanto comia. Se os pais de Caio tinham comprado, não seria Ian quem impediria o garoto de jogar.

Durante a hora que Ian passava ali, o menino troca va várias vezes de jogo. Parecia enjoar rápido. Às vezes deixava Ian jogando sozinho quando o *game* era de estratégia, para que eles conseguissem passar para a próxima fase e deixassem salvo para a próxima vez.

Ian achava aquilo tudo estranho. Caio era um pré-adolescente normal, eles se divertiam às vezes. Mas nunca imaginou ver um pré-adolescente desdenhando um jogo de videogame. Nas vezes em que ele continuava sozinho, olhava de vez em quando para o menino, que ficava observando a tela deitado no sofá. Ele parecia muito vidrado na TV, mas com o pensamento longe.

Daquela vez, Ian aproveitou que Caio ainda parecia empolgado com o jogo para puxar conversa. O garoto era um pouco fechado. Ian não sabia o que ele pensava, se tinha amigos, como era ter mais dinheiro do que jamais poderia gastar...

– Deve ser legal ser rico pra cacete, né? – Ian não foi muito sutil.

– Hum, acho que é – Caio respondeu sem interesse. – Na verdade não sei, nunca parei pra pensar nisso.

– Desculpa, você é só uma criança. É que, quando você fica mais velho, você meio que começa a pensar nisso, sabe? Porque tem esse monte de coisa com que você precisa lidar. Faculdade, os seus sonhos, você imagina como vai ser o futuro.

Ian se desconcentrou do jogo e sua barra de vida zerou com um golpe de Caio.

– E a gente sempre acha que precisa mais do que tem e, mesmo tendo tudo, sempre falta algo.

– O quê? – Caio não entendeu. Nem Ian conseguiria repetir, mas pareceu algo muito bonito em sua cabeça.

Os dois voltaram a ficar entretidos com o jogo.

– Acho que entendi – Caio voltou a falar depois de um tempo. – não gostaria de ter menos que tenho. Mas, se eu não tivesse isso – ele apontou para a tela da TV –, talvez tivesse pais com... tempo... sei lá.

– Eu não sei o que dizer, porque... – Ian estava confuso e encarou o garoto tentando ler sua expressão. – Você não pode ter tudo na vida, mas pode se divertir com o que tem.

– É estranho porque parece que eu tenho uma mãe que não parece lembrar ter um filho – Caio falava mais baixo que o normal, como se aquelas palavras custassem a sair de sua boca. – Como se ela não pudesse me ver.

Ian soltou um riso sem querer.

– O quê? – Caio se virou para Ian, bravo.

– É que... você tem doze anos! Você vai ter pelo menos mais uns cinquenta anos para se sentir depressivo. Não faça isso agora.

Caio levantou e desligou a televisão. Já estava quase no fim

do horário de Ian. O rapaz observou o garoto, temendo ter piorado ainda mais a situação dele, que parecia não estar bem.

– Ei – Ian levantou e chamou a atenção do garoto –, desculpa por não entender os seus problemas, porque eu sei que é algo sério pra você. Mas você não sabe das intenções da sua mãe, entende? – Ian abriu a mochila para que Caio colocasse os jogos novamente. – Pais não são perfeitos. Mas tem um momento em que você precisa parar de culpá-los e entender.

– Eu sou o problema? – quis saber o menino.

– Não, não – Ian respondeu rapidamente. – não estou dizendo que você seja o culpado. Mas você precisa entender o que está quebrado para poder consertar. Eu não acredito que seja você o problema, mas com certeza algo *precisa* ser consertado, entendeu? Não espere até você perder alguém pra começar a pensar em consertar as coisas.

4.

Ian geralmente passava o domingo sozinho. Sua irmã trabalhava nesse dia e, para compensar, folgava em algum dia da semana. Às vezes ele ia com amigos para uma pista de skate perto de onde morava. Mas neste domingo era o aniversário de iris.

A irmã saiu no meio de uma chuvarada, bem cedo. Ela estava organizando sozinha seu primeiro *brunch* executivo. O evento era para poucas pessoas, mas eles pagavam bem. Antes de abrir o próprio negócio, Iris esteve por anos trabalhando para duas sócias que faziam eventos gigantescos. Quando uma das donas da empresa se mudou para outro país, ela foi demitida, já que boa parte dos funcionários fixos era de parentes da outra sócia. Iris continuou participando de eventos, mas começou a oferecer seus serviços para festas menores também.

Antes de sair, despediu-se do irmão, que ainda dormia.

– Vou voltar umas quatro da tarde, tá?

– *Dá* bom – Ian respondeu num grunhido.

Ian despertou levemente e abriu um dos olhos, defendendo-

se da luz que entrava pela porta, por trás da irmã. Abriu os braços em direção a ela, que já estava saindo. Iris largou a porta e foi dar um abraço no irmão.

– *Velizaniberzário* – ele a apertou. Sua bolsa escorregou para o chão, e ela, por cima de Ian.

– O bebê, o bebê! – Ela se defendeu, brincando, enquanto apontava para a barriga.

Ele riu, ainda com o rosto inchado de sono, enquanto Iris tentava se levantar.

Depois que a irmã saiu para trabalhar, ele se revirou na cama por mais uma hora antes de começar a checar as notificações no celular. Quando passou pela última mensagem da produtora, sentiu um frio na barriga que o fez despertar de vez. Ele havia lembrado que no dia seguinte teria que conversar com Emília.

Ian pulou da cama por volta das 11 horas. Esquentou algo para comer e foi até a garagem de tranqueiras sobressalentes de festas. *Você deixou todas as outras princesas desempregadas, Elsa*, Ian pensou, enquanto passava os olhos pelos milhares de artigos de Frozen. Já era uma tradição Ian preparar algo apenas para a irmã e para ele quando era o aniversário de um dos dois.

Quando Ian ainda não trabalhava, ela geralmente comprava a torta para o próprio aniversário. Mas, desde o ano anterior, quando o rapaz começou a ajudá-la nos eventos, ele fazia questão de comprar. Agora, que recebia algum dinheiro da mãe

de Caio também, pela primeira vez poderia comprar uma torta com mais recheio do que glacê.

Ian começou a catar nas prateleiras os enfeites e a colocá-los numa caixa, que levaria para dentro de casa. Pegou balões azuis e brancos e um topo de bolo gigante com a cabeça da Elsa. Passou os olhos pela toalha azul, o tecido de pelúcia que deveria imitar neve e as placas de papelão de um metro de altura que simulavam os personagens, todos empilhados num canto, mas decidiu levar apenas o que já tinha separado.

Quando era menor, empenhava-se mais. Mas, conforme foi crescendo, começou a perceber a expressão de desespero da irmã, mesmo que ela tentasse esconder o pânico num sorriso constrangedor enquanto afastava lentamente para o canto os enfeites mais caros.

Antes de começar a preparar qualquer coisa, Ian conferiu o relógio e viu que já era quase meio-dia. Deixou a caixa no chão da cozinha e saiu para comprar uma dúzia de empadinhas – o salgado favorito de Iris –, brigadeiros e uma torta. Ela não iria tomar refrigerante, então Ian comprou apenas uma latinha para si mesmo, já que qualquer bebida que não fosse chá havia sido excluída das compras mensais, e ele não queria comemorar nada com chá.

Na verdade, ele comeria boa parte do que havia comprado. Iris estava comprometida demais com a gravidez para deixar sua alimentação saudável de lado, mesmo que fosse apenas por um dia.

Pelas próximas duas horas ele ficou no sofá, revezando-se entre encher alguns balões e assistir a *How I Met Your Mother*. Ao

fim, amarrou duas pilhas de balões num barbante e as colocou nos cantos da cozinha acima da mesa. Restou pelo menos mais uma dúzia de balões no chão, que ficariam por ali mesmo.

Já eram quase 16 horas quando ele começou a arrumar o bolo que havia comprado na mesa. Na verdade, precisava apenas posicionar a vela. As empadinhas e os brigadeiros ficariam na caixa em que vieram.

Em cima da plataforma de plástico que ele encaixou no topo da torta, havia uma Elsa da cintura para cima, como se estivesse enterrada na cobertura. Ela tinha uns quinze centímetros e sorria por trás de uma vela. Uma das mãos ficava levantada, segurando um floquinho de neve. O único problema era se olhasse de perto. Ela era feita com um plástico vagabundo e, se não tivesse a maquiagem de Elsa, poderia ser confundida com uma boneca da Estrela acidentada.

A vela branca na frente da princesa era no formato do número 9. Ian foi até o depósito de decorações em busca de um 2 para formar o 29. Encontrou uma vela rosa, que, tinha quase certeza, era a mesma que usara no ano anterior. Ouviu o barulho do carro de Iris chegando assim que terminou de posicionar a segunda vela. Então as acendeu e aguardou a irmã entrar.

– Surpresa! – Ian disse, fingindo uma total falta de empolgação, enquanto abria os braços. Os dois riram. Ele reciclou a mesma brincadeira do ano anterior. Era engraçado chegar a uma festa surpresa que tinha apenas um convidado.

– Eu queria agradecer a todo mundo que compareceu – Iris colocou as mãos sobre a boca. – Vocês são tudo pra mim.

Iris colocou duas bolsas de plástico enormes que havia

trazido do *brunch* no chão. Eram parte das toalhas de coração que havia alugado. O restante estava no carro, mas ela precisaria da ajuda do irmão para buscar.

– Parabéns! – Ian disse, abraçando a irmã. – não vou cantar *Parabéns* sozinho desta vez, mas o que vale é a intenção.

– Ah, eu tô bem. Não precisa. Vem, me ajuda a trazer o resto das coisas – Iris disse.

O carro ficava embaixo de um toldo, já que a garagem tinha virado um depósito.

– Como foi lá? – Ian perguntou, tirando uma caixa de papelão pesada do porta-malas.

– Foi ótimo, eu acho que era de um evento assim que eu precisava – Iris disse rápido, empolgada, como se estivesse apenas esperando o irmão perguntar. – Tinha vários donos de empresas muito grandes com as famílias e três pediram meu cartão! se eu começar a fazer mais desses eventos para empresas, vou poder ter funcionários fixos e tudo!

– Daí eu posso ser o seu sócio – Ian disse, antes de fechar o porta-malas.

– Você *vai* ser o meu sócio. Quando eu estiver bem velhinha e com a maior empresa de eventos do Brasil, ela vai ficar pra você, então é bom que você me ajude desde agora.

Iris pousou a mão direita sobre um ombro do irmão, que ia à sua frente, enquanto entravam em casa novamente.

– Na verdade, vai ficar para o seu filho – Ian riu, olhando para trás enquanto encarava a irmã. – Eu não vou ser *tão* novo assim.

– Bom, é verdade– Iris concordou. – Mais um motivo para

você me ajudar agora, se quiser ser parte desse império que está surgindo.

Ian revirou os olhos.

Assim que os dois passaram pela porta, ficaram paralisados – como se uma cobra estivesse enroscada nas cadeiras e qualquer movimento mais brusco fosse fatal.

– Meu Deus – Ian disse, perplexo. – A Elsa virou o Corcunda de notre-Dame. Você se esqueceu de apagar a vela. Vai, faz um pedido!

– Você viu que tinha mais oito topos de bolo iguais a esse na caixa, não viu?

– Vi! Foi por isso que peguei.

– Tem um motivo para eles não terem sido usados – Iris se aproximou das velas, fechou os olhos por alguns segundos mentalizando seu pedido e então assoprou. – Essa vela é errada em tantos níveis – suspirou. – Eu simplesmente acabei de assoprar um monte de fumaça na cara da Elsa, e ela parece estar com metade do rosto gangrenado. Comprei um lote com dez na mesma loja do anjo, veio tudo junto.

– E você usou alguma?

– Usei – Iris parou, pensativa. – E nunca vou me esquecer... Provavelmente aquela menina também não. Ian preferiu não perguntar mais detalhes. Pegou uma faca na gaveta para que pudessem salvar a torta. Na verdade, a torta *mesmo* não tinha sido afetada. O supor te de plástico segurou a vela derretida, e a Elsa derreteu apenas o suficiente para parecer ter sofrido uma paralisia facial.

Na noite anterior, Iris saíra com o namorado e dois casais de amigos. Arla era amiga de Iris desde a segunda série. Aliás, fora a mãe de Iris quem "salvara" Arla de um ano extra na escola. Ela tinha sido matriculada por engano na primeira série quando chegou de salvador com a família. A mãe de Iris era professora daquela turma e resolveu conferir o histórico escolar da menina ao notar que ela estava mais avançada que os colegas.

Num momento em que a mesa estava sem muito assunto, depois de uma conversa inflamada sobre política que não chegara a lugar nenhum, Iris decidiu contar para as amigas sobre a gravidez. As duas vibraram.

O fato de ter se tornado tão responsável para cuidar do irmão mais novo desde muito jovem fez com que ela desenvolvesse uma aspiração maternal muito forte.

O namorado de Iris era do tipo que gostava mais de cachorro do que de crianças. Ela não se sentia confortável em tocar no assunto, já que os dois nem moravam juntos ainda, apesar de terem conversado sobre casamento. Leo era formado em arquitetura e, por mais que não fosse levado tão a sério quando contava isso para as pessoas, estava investindo no prolífero ramo de construção de casas para cachorros.

Ele tinha largado tudo para se dedicar a esse projeto havia apenas quatro meses, e as coisas estavam indo... decentemente bem, mas definitivamente não acima de suas expectativas. Com o tempo, ele se conformou em ser o maior nome da arquitetura em casa de cachorros do Brasil, em vez de ser o maior nome da arquitetura do Brasil.

Como era uma coisa totalmente nova, toda semana ele dava

entrevistas para jornais, programas de rádio e até na TV local. Com isso, conseguia chegar às famílias mais ricas – as únicas dispostas a pagar um arquiteto para projetar a casa do cachorro.

Leo chegava sempre cheio de ideias, empolgado em criar um design ultrainovador, mas a conversa era sempre a mesma.

– Eu quero uma casinha pro leonardo *igual* a nossa, só que pequenininha. Vai ficar tão linda! – Geralmente os nomes dos cachorros eram nesse estilo. A casinha de seu xará leonardo foi a segunda que ele projetou.

Desde o começo, vinha conseguindo fazer uma por mês. Exceto no mês anterior, em que tinha sido procurado por três clientes – o vídeo da entrevista que ele dera para a TV local fora ao ar nacionalmente num programa de humor. Para expandir os negócios, ele vinha desenvolvendo projetos de casinhas mais baratas. Seriam três modelos diferentes apenas, portanto ele não precisaria gastar seu tempo desenvolvendo um por um.

Leo tinha ido ver Iris em um sábado após ela enviar uma mensagem dizendo que eles precisavam conversar. Ela não estava trabalhando no dia, e Ian estava dando aula de tênis para Caio. Os dois se sentaram no sofá e ela iniciou um discurso emocionado.

– Eu nunca tive contato com a família do meu pai. A minha mãe foi filha única – ela disse. Estava com os olhos um pouco vermelhos, parecia ter chorado antes de ele chegar. – Quando meus avós morreram, uma parte de mim se foi, assim como quando meu pai saiu de casa. Minha mãe era tudo pra mim. Era tipo a minha conexão com o mundo. Minha e do Ian. Quando ela se foi, meu irmão tinha só seis anos.

Leo já sabia de tudo aquilo, estava achando aque la conversa estranha. Quando alguém diz que “precisa conversar”, na maioria das vezes é porque quer terminar, e aquela parecia uma forma estranha de terminar um relacionamento.

– É muito, muito, muito ruim não ter uma mãe a quem recorrer quando surge algum problema. – Iris percebeu que estava começando a se enrolar demais. – É muito ruim ter tanto amor dentro de mim e só você e o Ian para compartilhar.

Iris começou a chorar para valer, deixando Leo ainda mais confuso e com um aperto na garganta, sem ao menos saber o que estava acontecendo.

– O que foi, meu amor? – ele perguntou, com a voz trêmula.

– Eu estou grávida.

Iris ficou encarando o namorado esperando por sua reação. Sabia que não era um plano que ele tinha para agora, e os dois estavam apenas namorando.

Leo ficou em silêncio por alguns segundos, com o olhar meio perdido. Iris percebeu seus olhos se encherem de lágrimas.

– Você quer se casar comigo? – ele mal conseguiu terminar a frase, rindo de nervoso no final.

Naquele dia eles chegaram à conclusão de que precisavam de um lugar maior para quando a criança nascesse. A situação ainda não era das mais favoráveis, mas, até o bebê chegar, as coisas caminhavam para estar bem melhores.

Antes de ir embora naquele dia, Leo se mostrou preocupado. Pediu a Iris que marcasse logo um médico e tomasse “aquelas vitaminas pro bebê nascer inteiro”, e comentou que ela não poderia mais se depilar.

– O quê? – ela disse, sem saber se ele estava falando sério.

– Quando minha prima estava grávida – ele come çou a contar –, minha avó disse que ela não poderia se depilar. E ela teve oito filhos, tem bem mais experiência que a gente.

– A sua avó tem bigode. Essa coisa da depilação era só uma desculpa para ela continuar tendo bigode.

Os dois mantiveram o segredo em família até aquela noite antes do aniversário de iris, quando contaram para os amigos. Após saber da gravidez, Arla perguntou, empolgada, sobre o casamento.

– A gente nem pode montar uma festa agora, tanto por questão de dinheiro como de tempo mesmo. Eu não quero casar com a barriga enorme. E, depois que a criança nascer, vou querer que ela traga as alianças, então lá se vão mais uns dois anos. – na verdade, os dois nem tinham parado para pensar no assunto, porque sabiam que era algo fora de cogitação no momento. – E sou produtora de eventos, caramba! Tem que ser a melhor festa que já fiz!

Em alguns meses, quando a gravidez estivesse mais avançada, os dois iriam viver juntos e buscar por uma casa maior. Enquanto isso, Leo iria focar o trabalho e juntar dinheiro para comprar fraldas, roupinhas, bercinho e para pagar a faculdade de arquitetura da criança, porque acreditava que já era bom pensar no futuro dela naquele momento.

Quando se despediram na noite do jantar, Arla e Vanessa deram tchau também para o bebê enquanto passavam a mão na barriga de iris, que já estava maior.

Ainda não por causa do bebê. Ela só havia acabado de jantar.

Iris e Ian se sentaram no sofá para assistir a um filme juntos depois de comer a torta. Ela se deu o direito a um pedaço, mas não chegou a provar o brigadeiro. O recheio da torta era o favorito de Ian, com nozes, creme de avelã e bombom.

– Então, o que vamos assistir? Esse *Nove Meses*, com o Hugh Grant e a Julianne Moore, ou esse documentário sobre bebês? – perguntou iris.

Ian olhou para a irmã, achando que ela estava brincando. Ela não estava.

– Bom, com essa diversidade de opções prefiro que você escolha – era o aniversário dela, afinal.

O documentário acabou sendo interessante. Ian não sabia que os bebês podiam ouvir as coisas de dentro da barriga e que eles dormiam DEZEssEis HoRAs PoR DiA nos três primeiros meses.

– Tá vendo, Ian, se meu bebê dormir mais duas horinhas por dia ele quase vai passar você! – Iris riu.

Ian precisava acordar cedo para as aulas todo dia, mas, em compensação, durante a tarde sempre ficava com sono e acabava se rendendo. Ele respondeu alguma coisa sobre estar em fase de crescimento, mas Iris já não comprava aquele discurso havia um tempo.

Ela se levantou para lavar os pratos que haviam acabado de usar. O documentário já estava nos créditos finais.

Ian a acompanhou até a parte da cozinha separada pelo balcão da TV. Enquanto ela lavava os pratos, ele retirava os balões que tinha pendurado.

Os dois sempre trabalharam muito bem juntos. Desde que

passaram a viver sozinhos, Iris deixou claro que os dois precisavam se ajudar e que a casa era de ambos e eles precisavam ter responsabilidades. Ninguém estava ali para cuidar de ninguém, mesmo que os dois soubessem que aquilo não era bem verdade.

– Eu não durmo tanto... – Ian disse, ainda pensando na brincadeira da irmã, enquanto fazia força para puxar os balões que tinha enrolado em um preguinho no forro. Sem muito sucesso, ele decidiu descer e pegar uma tesoura para retirá-los e, em seguida, desvencilhar a linha do prego. – E eu trabalho e tudo. Vários colegas meus nem trabalham.

– Mas eu nunca disse que você precisava trabalhar – Iris disse, tentando não parecer grosseira. – não estou culpando você, viu? Sei que você faz o que pode, e fico feliz por isso, porque eu também sou assim.

Ian começou a retirar os balões do outro lado.

– Eu faria o mesmo por você. – Ian disse, sem se virar para a irmã.

– O que está acontecendo? – ela disse, interrompendo o que estava fazendo. – Por que você está assim? Você precisa de alguma coisa?

– Não aconteceu nada – Ian mentiu. Não conseguia parar de pensar na proposta de Catarina, que estava prestes a aceitar. – na verdade, eu tô feliz pelas coisas que estão por vir pra nós. Você finalmente vai se formar, depois de ter largado a faculdade pra cuidar de mim. Você esperou tanto tempo...

Eles já haviam conversado havia duas semanas sobre aquilo. Iris ainda não sabia, mas o presente de aniversário que Ian daria

para a irmã seria, inclusive, útil para quando ela fosse se formar, dali a dois meses.

Ela chacoalhou as mãos na pia, tirando a espuma, e se virou para Ian, que descia da cadeira com a linha de balões cortada.

– Eu sinto como se você se preocupasse tanto com isso até hoje. Não foi culpa de ninguém o que aconteceu – ela pegou uma toalha e secou as mãos. – Assim como a gente não tem como prever as coisas boas, a gente não tem como desfazer as ruins. Eu fiquei com medo também, mas agora tudo está se encaminhando, vai ficar tudo bem.

Ian balançou a cabeça concordando, olhando para o chão.

– Se eu fosse mais velho quando você ficou sozinha, pelo menos eu poderia ajudar mais.

– Caramba, você está chato hoje, hein? – Iris disse. Segurou os ombros do irmão com as duas mãos, como quem dá bronca em uma criancinha por alguma mal-criação. Entretanto, para olhar nos olhos do irmão ela precisava levantar a cabeça. – Eu não queria que a gente tivesse passado por nada disso, mas o que de pior pode acontecer? Quanto mais problemas você passa, mais resistente fica. Mais coisas boas acontecem.

– Você acha que, se tivéssemos mais dinheiro, seríamos mais felizes? – Ian perguntou, tentando não dar pistas do que o levara a fazer a pergunta.

– Você tá estranho – Iris disse, desconfiada. – Talvez nos preocupássemos menos se a gente tivesse mais dinheiro. Só.

Ele balançou a cabeça concordando e começou a estourar os balões. Nunca havia sentido falta de nada, na verdade. Mas agora estava prestes a prestar vestibular e começar a dar os primeiros

passos para o seu futuro. E isso não era nem um por cento do que sua irmã tinha precisado passar. Ele queria retribuir de alguma forma.

– Preciso contar uma coisa para você – ele decidiu que teria de contar para a irmã, mas não sabia se ela iria ou não apoiá-lo na decisão de mentir para ganhar dinheiro.

– O que aconteceu? – Agora, sim, ela parecia assustada. Ian parou para pensar. *Vou participar de um progra ma que vai passar em rede nacional e mentir para todo mundo para ganhar um dinheiro que não seria meu por direito.* Não parecia uma boa ideia. Ela provavelmente não daria os parabéns a ele.

– Eu... – ele não fazia ideia do que poderia inventar. Colocou as mãos no bolso, nervoso, e sentiu o presente que iria dar à irmã, todo amassado. – Toma!

Ele entregou à irmã um papel todo amassado. Iris leu o papel, desconfiada.

– É sério isso? – Ela riu. – Você sabe que é caro, né?

No papel estava escrito, a caneta e em letras garrafais "VALE UM VESTIDO DE FORMATURA". Ela citou algumas vezes a necessidade de alugar um vestido quando falava sobre a festa, e Ian pensou que seria um bom presente.

Ainda era cedo, e os dois se deitaram um de cada lado do sofá para ver algo que estivesse passando na TV até que pegassem no sono. Toda essa conversa fizera com que Ian ficasse nostálgico. Ele estava feliz por tudo estar dando certo – Iris ia se formar em breve, havia um membro novo da família a caminho, logo ela iria viver com o pai do seu bebê, o homem que ela amava.

Mas Ian temia o futuro. Ao mesmo tempo em que se sentia uma pedra no caminho da irmã, sabia também que, por enquanto, era seu único alicerce.

5.

Havia sobrado mais da metade da torta, e ela foi o café da manhã de Ian na segunda-feira seguinte à festa-surpresa. Provavelmente Iris serviria algum pedaço se o namorado passasse por ali naquele dia, mas ainda as sim sobraria o suficiente para pelo menos mais um café, já que ela não comeria.

Aos sábados, Ian acabava indo dormir mais tarde. Não conseguia voltar ao horário correto no domingo, quando acordava após o meio-dia. Com isso, na segunda-feira ele com frequência acordava atrasado para a aula, geralmente se esquecendo de alguma coisa.

Sua aula começava às 8 horas, e para chegar até a escola ele precisava de uns quarenta minutos. Na maioria das vezes acordava às 7 horas nas segundas, para estar às 7h10 na parada do ônibus que o levava – o que não era o ideal, mas em geral funcionava e o ajudava a desenvolver a habilidade de fazer múltiplas coisas ao mesmo tempo.

Ele estava a cinco minutos de perder o ônibus. Enquanto corria até o portão, um lampejo fez com que o rosto da

produtora aparecesse em sua mente, seguido pelo de Emília. Sentiu seu sangue ser bombeado num jato quente, que em milésimos de segundos se transformou em um frio na barriga.

Naquele dia ele teria de contar para Emília que havia sido convidado para participar de um *reality show* para casais adolescentes esperando bebês e que... ela seria a mãe.

Ian balançou a cabeça enquanto abria o portão velho de ferro, como se não estivesse concordando com a própria ideia. Ainda não havia pensado muito no assunto, por mais que tivesse tido tempo suficiente. Sempre que a ideia voltava à sua mente, ele respirava fundo e prometia a si mesmo que pensaria melhor depois. Mas agora ele *precisava* pensar, mesmo com seu cérebro lutando para que esquecesse aquilo, como uma lembrança constrangedora que surge antes de dormir.

O portão velho estava emperrado – o que oportunamente acontecia nos dias em que ele se atrasava. O protocolo para resolver era 1) conferir se aquela era a chave correta, 2) colocá-la ao contrário e 3) passar a mão entre a grade e tentar abrir pelo lado de fora. Por fim, o último método, de emergência, exigia que ele pulasse a grade. Por sorte isso não foi necessário naquele dia, mas já tinha sido outras vezes, quando ele ainda não havia desenvolvido o protocolo.

A mochila de Ian batia nas suas costas como se estivesse galopando em um cavalo enquanto corria até a parada. Viu o ônibus chegando quando ainda estava a duzentos metros de distância. Correu o máximo que pôde e conseguiu embarcar poucos segundos depois do último passageiro.

Emília sentava na penúltima fileira da sala, no canto, e Ian,

duas cadeiras à frente – só que do lado oposto. Ela ficava escorada o tempo todo, deixando o caderno na horizontal para que pudesse escrever de forma mais tranquila. Não era uma má aluna, mas mantinha aquela posição para ter um acesso mais fácil à melhor amiga, que sentava atrás.

Qualquer um da sala sabia que Emília e Ávia eram melhores amigas. Elas aos poucos estavam incluindo Cristina em suas conversas. Não que nenhuma das duas conversasse com ninguém que não fosse a outra, mas elas eram tão diferentes entre si que estranhamente começaram a se dar bem, até porque não faziam questão de se encaixar em nenhum outro grupo.

Em um universo paralelo, as três se odiariam. Dizem que quando você convive demais com uma pessoa acaba pegando traços da personalidade dela, mas isso não parecia acontecer entre elas e, mesmo assim, não era um problema.

Ávia tinha a pele morena e os cabelos escuros, parecendo ter uma ascendência indígena que Ian nunca teve coragem de perguntar para confirmar. Quando era criança, tinha muitas gordurinhas, o que, somado à altura quase desproporcional e à cara amarrada, intimidava todo mundo – os meninos e as meninas.

Mas a puberdade a atingiu como um trator, e cada pedaço de gordura se encaminhou para lugares oportunos em proporções estratégicas, o que a deixou ainda mais intimidante para os rapazes do terceiro ano.

O quadro estava ficando cheio de fórmulas matemáticas rápido o suficiente para parecer que o professor o preenchia com números aleatórios. Ian dividia sua atenção entre copiar e

prestar atenção em Emília.

Ela era uma garota que chamava a atenção. E também que *prestava* atenção – Ian sentiu que ela o havia pegado observando-a diversas vezes. *Será que ela está conversando agora com a amiga sobre mim?*

Ian não era o garoto menos confiante do mundo. Ele sabia que as meninas o achavam um cara legal – já tinha ouvido isso antes. Ele era o cara dos esportes. Não o cara dos esportes do mal que joga crianças do primeiro ano na lata de lixo. Era o cara dos esportes que às vezes tinha o cabelo com uma franja caindo despretensiosamente no canto da testa e às vezes tinha o cabelo "ele-realmente-deveria-estar-repartido-ali?". Seus olhos eram um pouco mais escuros e instigantes que os olhos doce da irmã, e ele sabia usá-los quando necessário.

Ian não sabia muito sobre Emília, mas ela o intimidava tanto quanto Ávia. A garota parecia tão confiante.

A outra amiga, Cristina, era diferente das duas: muito mais vaidosa. Os amigos brincavam que ela passava mais tempo se arrumando para ir à escola do que *dentro* da escola. Tinha trauma das aulas de educação física e tentava se esquivar ao máximo dos esportes. Tudo por causa de um incidente no início do ano que a fizera ficar conhecida como Cristina Restaurada.

O professor de educação física abrira o ano com uma aula intensiva, para testar o ânimo dos alunos como não fazia havia muito tempo. Começou passando um aquecimento com polichinelos e corrida, antes de colocar todos para jogar uma partida de basquete.

Todo mundo saiu da aula exausto, com suor escorrendo pelo

pescoço. Durante toda a partida Emília tentara ajeitar o coque improvisado e, no final, parte do cabelo estava grudada por todo o rosto. Já Cristina, num movimento impensado, levou sua camiseta branca em direção ao rosto ensopado de suor.

Segundos depois, lembrou-se da maquiagem que estava usando e largou rapidamente a ponta da camiseta. O estrago já estava feito. No uniforme estava estampado o que parecia ser o quadro do Cristo restaurado, que estava parecido o suficiente para que os colegas se lembrassem do *meme* de anos atrás. Sorte dela que eles estavam no último ano do ensino médio.

Emília não era tão alta quanto Ávia nem tão vaidosa quanto Cristina. Era vista todos os dias nos corredores da escola com o cabelo preso em um coque malfeito e a cara lavada.

Apesar disso, havia algo nela que chamava a atenção. Não sorria o tempo todo, mas todo mundo que tentasse fechar os olhos para imaginá-la a veria sorrindo. Talvez porque sua boca bem desenhada roubasse um pouco da atenção de suas palavras ou talvez porque a presença dela fosse simplesmente prazerosa.

Os dois haviam trocado poucas palavras desde o início do ano, quando começaram a estudar juntos, mas ele fazia questão de passar por ela sempre que tinha oportunidade durante o intervalo – ela tinha um aroma suave e diferente. Uma mistura de goma de mascar com...ar fresco e canela. Era estranho. Pensou em falar isso para Eloy para convencê-lo a colocar Emília num posição melhor do ranking que tinham feito das

meninas bonitas da sala, mas essa era uma coisa que as pessoas não entendem e você mantém para si. Na lista de Eloy, ela tinha ficado em quarto, e, na de Ian, em segundo. Para Eloy, a segunda posição era de Ávia. A primeira, para os dois, Cristina.

Mas a relação dos dois não passava disso: ele achava ela cheirosa. Ela praticamente não sabia que ele existia. Assim que o sinal da saída tocou, Ian observou todo mundo se levantando, enquanto ele ficou parado, pensando qual seria o próximo passo. Daquele dia não poderia passar. A melhor opção seria segui-la até que as amigas não estivessem mais por perto. *Caramba, isso tá estranho mesmo*.

Ian levantou-se num impulso antes que Eloy fosse até ele para acompanhá-lo até a parada do ônibus. Geralmente eles ficavam conversando por alguns minutos antes que o ônibus chegasse, mesmo a casa de Eloy ficando próxima o suficiente para que ele não precisasse de condução.

Na calçada do lado oposto à escola, Ian acompanhava com os olhos Emília descendo o pequeno lance de escadas até o portão. Torcia para que ela se separasse logo das amigas. Ele não poderia contar o plano a ela com outra pessoa por perto.

– Ian! Você tá louco, por que saiu correndo? – Eloy perguntou, confuso, chegando perto do colega, que pareceu não ter notado que estava sendo seguido.

– Eu tenho que falar com uma pessoa – Ian respondeu, sem dar muita atenção.

Ian viu de longe que Cristina havia parado para to mar água, enquanto Emília a esperava. Se elas não fossem sair juntas, ela não estaria esperando. *Droga!*, Ian pensou, passando a mão pela

cabeça enquanto soltava todo o ar dos seus pulmões pela boca como um pneu furado. *Ao menos quando elas estiverem fora da escola as pessoas já vão estar longe o suficiente para não ter muita gente ao redor.*

A rua da escola não tinha saída. As vans e os ônibus que levavam os alunos podiam entrar, mas os pais que estavam de carro não. Emília sempre voltava com o pai ou a mãe. Ela e Ávia revezavam, na verdade. Quando os pais de uma delas vinha, a outra pegava carona. Moravam a duas quadras de distância.

As duas seguiram até o fim da rua, e Ian foi logo atrás. Era impossível qualquer uma delas suspeitar que estava sendo *seguida*, já que aquela direção era a única possível para os estudantes caminharem. Eloy estava curioso e foi junto. Ian parecia ter perdido sua visão periférica, porque nem percebeu o amigo ao seu lado.

– Você tá olhando pra Ávia? É com ela que vai falar? – Eloy perguntou. – Você vai chamar ela pra sair ou alguma coisa assim?

– O que você tá fazendo aqui? – Ian o interrompeu. – não é com a Ávia que eu quero falar. É com a Emília.

– Eu sabia! Percebi que você estava olhando pra ela a manhã inteira. Na verdade, achei que você estava olhando pra Ávia. – Eloy disse. Parecia estranhamente empolgado. Ele achava relacionamentos difíceis e parecia se entusiasmar mais com os de Ian do que com a ideia de ir atrás dos seus. – Ah, espera. Você vai conversar sobre o trabalho de ontem? Porque já separei a parte de todos, estava pensando em decidir isso na próxima aula de química.

Ian deu de ombros e continuou acompanhando a garota com os olhos, em passos lentos. Então parou num rompante e fitou Eloy.

– Nossa, é isso aí – Ian quebrou o silêncio, e em seguida respirou fundo. – Mas acho melhor falar com ela agora.

Eloy concordou.

– Ô EMÍLIA! – o rapaz gritou e deu um susto em Ian. As meninas se viraram. A boca de Ian de repente ficou seca. Ele estava odiando esse novo Eloy desprendido. Ele tinha começado a fazer teatro porque queria ser advogado e havia lido num artigo que advogados que são bons atores conseguem manipular os sentimentos do júri e do juiz e acabam sendo mais bem-sucedidos. Sem contar que precisaria de qualquer jeito perder a vergonha de falar em público. Por enquanto, Ian constatou que ele parecia apenas ter perdido o bom senso.

Enquanto eles caminhavam até as meninas, Ian percebeu que elas não pareciam achar aquilo estranho. Estavam apenas esperando. Sem cara franzida. Sem troca de olhares arrogantes. Elas pareciam ser garotas legais.

Ávia estava com a cara fechada, mas as sobrancelhas levantadas indicavam que ela não estava brava. Ela não parecia ter uma gama muito grande de expressões, então era pela sobrancelha que se podia ler o que ela pensava.

– O Ian queria conversar com você sobre o nosso trabalho de química – Eloy disse. – sexta-feira você não veio e agora está no nosso grupo. Eu iria falar apenas na próxima sexta, pra ninguém me achar chato ou algo assim, ficar falando do trabalho como se eu fosse um desesperado por notas, mas, já que ele quis, acho

melhor, porque podemos terminar antes.

Ávia estava com o celular na mão, provavelmente trocando mensagens com o pai, que devia estar chegando. Seu telefone tocou e ela se afastou alguns metros para atender, já que o assunto de Ian não era com ela.

– Ah, tá bom – Emília respondeu, despretensiosa. – o que tenho que fazer?

– Na verdade eu... era pra falar... – Ian não conseguia completar uma frase sequer. – É difícil.

– Claro que não! – Eloy interrompeu, batendo no ombro de Ian. – o trabalho está todo encaminhado.

Os neurônios de Ian tentavam processar cada caminho para chegar aonde queria o mais rápido possível, sem sucesso.

Se ele dissesse que queria falar outra coisa, Emília ficaria curiosa, e ele teria de falar tudo ali na frente de Eloy, e talvez na frente de Ávia também. E da mesma forma ela poderia surtar na frente de parte da escola; ele não a conhecia direito para prever sua reação.

Por outro lado, não poderia só falar sobre o trabalho e deixar toda a história do programa de lado. Seu tempo com Catarina estava se esgotando.

O silêncio já começava a ficar constrangedor. Emília ia falar alguma coisa quando ele a interrompeu.

– A sua parte e a minha são a mesma... parte – Ian disse. Eloy virou a cabeça rápido como uma flecha para o amigo. – Amanhã vou montar o projeto. A gente tem como se encontrar na minha casa?

O experimento que fariam era sobre termodinâmica– um

balão cheio de água que, colocado sobre o fogo, fica intacto porque a água absorve o calor que faria a borracha estourar. A verdade era que cada um poderia fazer sua parte do trabalho sozinho, e Eloy sabia disso.

Mas sabia também que aquilo só poderia ter uma explicação: sua primeira teoria, sobre Ian estar dando em cima de Emília, estava correta. Ele balançou a cabeça afirmativamente para o amigo. Naquele momento, a ligação de Ávia acabou e ela voltou à conversa.

– O que que deu? – ela perguntou a Emília.

– Tenho que fazer um trabalho de química na casa do Ian – Emília explicou.

– Eu preciso ir também? – As sobrancelhas de Ávia se retraíram, virando quase uma só.

– Hum – Ian e Eloy se olharam –, não. O Ian e a Emília ficaram com a parte da experiência, então eles precisam testá-la e tudo o mais – Eloy respondeu, tornando-se cúmplice do colega.

– Que bom – as sobrancelhas de Ávia descansaram, indo uma para cada lado, como deve ser.

– Você vai poder ir? – Ian perguntou a Emília, mais calmo. Se ela fosse, ele não precisaria falar nada sobre o programa ali, no meio da rua. – Você não trabalha?

Ian percebeu que deveria ter esperado ela responder primeiro. Na verdade, estava apenas surpreso porque Emília *realmente* iria até sua casa. De livre e espontânea vontade. Com seu cheiro de goma de mascar, ar fresco e canela.

– Eu trabalho com a minha mãe. Se é para fazer trabalho

para a escola, posso sair. – Ela deu um sorriso gentil de canto de lábio pela primeira vez.

– Ah, era o meu pai no telefone. – Ávia avisou a amiga. – Ele já está chegando.

Antes que pudesse terminar a frase, viu de longe o carro do pai. Ian pegou o número de Emília para que pudesse enviar o seu endereço e eles se despediram com um aceno antes de as duas entrarem no carro.

Eloy acompanhou Ian até o ponto de ônibus.

– Você viu que ela deu um sorrisinho quando disse que poderia sair? Eu tenho certeza de que ela sabe bem o que vocês vão fazer naquela casa.

– Eu ficaria muito mais feliz e tranquilo se ela soubesse o que nós iríamos fazer naquela casa e ainda estivesse disposta a ir – Ian disse quase que para si mesmo. Eloy olhou para o amigo e balançou a cabeça com um sorriso sacana sem dizer nada. Então Ian percebeu que ele havia entendido tudo errado.

– Tenho quase certeza de que o "sorriso" foi por ela mesma ao pensar que vai ficar longe do trabalho por algumas horas, e não porque vai pra minha casa. – Eloy pendeu a cabeça para o lado como um cachorro, tentando entender. – o negócio com a Emília não tem nada a ver com eu querer ficar com ela ou algo assim.

Ian sentiu o celular vibrar no bolso. Era Catarina, que já sabia que ele havia acabado de sair da aula. Ele levantou o celular para Eloy como uma explicação enquanto se afastava para atender.

– Oi, Ian! Catarina – a produtora disse, apressada. – Tudo

pronto para gravarmos? Preciso marcar uma data pra já! Tudo certo com a Emília? Preciso dos dois juntos.

– Mas já? – Ela havia falado tanto que parecia que a conversa já estava no fim sem que ele pudesse dar um pio.

– Você quer fazer isso quando, querido? É pra ontem! – Ela não parecia tão doce quanto da primeira vez em que conversaram.

– Amanhã mesmo eu te respondo, prometo.

Catarina aceitou com relutância. Pegou alguns dados do rapaz e disse que iria pedir mais algumas informações por e-mail. Ele comentou que os dois iriam se encontrar no dia seguinte para discutir melhor e que ele a manteria informada.

– Você vai até a casa da Emília? – Catarina perguntou.

– Não, ela vai pra minha casa logo após o almoço.

– Perfeito. A gente se vê amanhã. Beijos!

Ian desligou o telefone e caminhou até Eloy, tentando entender o que significava o "a gente se vê amanhã". Porque ele pensava que havia deixado bem claro que iria *conversar* com Emília e a avisaria. Não que *gravariam* amanhã.

– Espera aí – Eloy interrompeu o pensamento de Ian, levando um susto quando o perfil de Emília carregou no seu celular. Ele levantou o celular e virou a tela para Ian. – olha a foto de capa da Emília. Cara, o que você tá fazendo...

Ele não tinha se lembrado de verificar isso.

Emília tinha um namorado.

6.

A manhã seguinte na escola seguiu como se nada tivesse acontecido para os dois. Ian estava tranquilo com o rumo da situação. Em breve conversaria com Emília e, se ela não topasse entrar nessa com ele, talvez fosse até um sinal. Bastava dizer a Catarina que a namorada tinha dado para trás e evitar de vez uma dor de cabeça maior.

Eloy achou estranho ela não tentar puxar algum assunto com Ian nem querer conversar "sobre o trabalho". Ele ainda acreditava que os dois iriam tratar de temas amorosos naquela tarde.

Ian viu de longe, quando chegava em casa, que o cunhado estava lá, pois seu carro estava estacionado em frente ao portão. Quando Iris e Leo tinham algum tempo livre, ela cozinhava e eles almoçavam juntos. Ela não se aventurava tanto na cozinha, mas os pratos simples que fazia eram deliciosos. Naquela tarde, tinha feito um peixe assado com purê de aipim e uma salada de rúcula, tomate e palmito.

Ela e o namorado eram empreendedores, então o assunto

quase sempre acabava em trabalho. Mesmo atuando em ramos diferentes, os dois tinham histórias engraçadas de clientes. As de Leo ganhavam em disparada, uma vez que seus clientes eram excêntricos o suficiente para contratar um arquiteto para construir uma casa de cachorro. Iris só não ficava de fora porque em festas infantis acontece *muita* coisa.

– As pessoas perguntam se vejo muita coisa nas festas de quinze anos – ela disse, antes de fazer uma pausa para mastigar o pedaço de peixe que havia colocado na boca. – Mas as festas de um ano... elas são as piores.

Iris explicou que as mães se juntavam num canto para conversar e, como as crianças não tinham idade para lembrar o que estavam ouvindo, elas discutiam absolutamente tudo. Enquanto passava por elas, ajudando as garçonetes depois que a festa já havia começado, a irmã de Ian ouvia frases soltas:

– ...sim, beterraba tem bastante ferro...

– ...puxa com força e aí está um nó de caminhoneiro...

– ...a isabel agora que está começando a tentar levantar, cada um tem o seu tempo...

– ...depois que você compra sua primeira arma ilegal, nunca mais quer saber de...

– ...o Julio joga a mamadeira longe, ainda tenho que ficar segurando...

Depois do almoço, Ian foi para o quarto e começou a reler todos os papéis do *Novos Pais* deitado na cama, meio desajeitado, com

uma das pernas para fora. Algumas partes assustaram Ian, como a multa gigantesca caso ele decidisse rescindir o contrato. Também não seria permitido aparecer em outras emissoras. *Bom, se consegui nunca aparecer em nenhuma emissora até agora, acho que posso fazer isso por mais alguns meses...*

O que a grávida tinha falado no consultório depois que Catarina saiu, sobre os participantes ficarem conhecidos no país inteiro, é que não tinha saído da sua cabeça. Ele se lembrava de ver até pôsteres do programa pela cidade, mas não sabia que era algo tão popular. Como manteria a história do bebê depois que o programa acabasse se a imprensa ficasse em cima dele?

O relógio já marcava 13 horas e pelo jeito sua irmã ainda não havia saído para trabalhar. Não seria nada legal conversar com Emília enquanto Iris estivesse em casa. Saiu do quarto e foi dar uma volta pela cozinha para verificar. Ela *ainda* estava conversando com o namorado. Ian não parou para prestar atenção na conver sa, mas era alguma coisa sobre a casa nova que iriam procurar em breve.

Ele voltou para o quarto. Começou a ensaiar baixinho como começaria a explicar para Emília o que tinha acontecido.

– Olha só, Emília, senta aí. Na verdade, não chamei você aqui pra fazer o trabalho.

Será que eu já falo assim? E se ela sair correndo sem querer ouvir nada?

– Sabe o nosso trabalho? Então, antes disso precisamos conversar sobre uma coisa: recebi uma proposta para participar do *Novos Pais* e... eu sou novo. Mas, bem, ainda não sou um pai. Para acreditarem que sou um pai, preciso de uma garota. E você

é uma garota. Eles pagam *muito* dinheiro para quem participa. A menos que você seja *muito, muito* rica, dinheiro é uma coisa de que a gente sempre precisa. Ainda mais quando está prestes a entrar na faculdade. A gente pode entrar junto nessa e...

Desta vez todo o discurso fluiu. Ele tentava cuidar para que ela não pensasse que ele estava querendo usá-la. Até porque os dois sairiam ganhando. Ian repassou mais uma vez o discurso, tentando explicar tudo mais rapidamente – se ela tivesse menos tempo para pensar, talvez tivesse mais chance de aceitar.

– Ian? – Iris bateu à porta e a abriu. Ian levou um susto que o fez soltar um suspiro muito alto. – nossa!

– Você não pode bater antes? – Ian perguntou, ajeitando-se na cama e colocando os papéis atrás de si. – Precisamos "trabalhar melhor" minha privacidade.

Nos eventos que ele acompanhava, sempre ria de Iris dando ordens como: "Precisamos trabalhar melhor esses arranjos", "Vocês têm que trabalhar melhor a posição dessas cadeiras", "Tem um pedaço da imagem saindo da tela! Tem que dar uma trabalhada nesse projetor".

– Você precisa trabalhar melhor a louça agora – Iris disse. Em seguida, despediu-se do irmão e saiu para trabalhar. Ele a seguiu até cozinha e se despediu do cunhado também.

Enquanto lavava a louça, listou o restante das atividades daquele dia – aula de tênis para o Caio às 16 horas, depois de convencer uma colega de escola a participar de um programa de televisão para casais adolescentes esperando bebês. Um pouco diferente do que estava acostumado, mas tudo bem.

Três buzinas seguidas o tiraram do transe enquanto lavava a

louça. Ele vinha passando a esponja nos pratos num movimento automático, com o pensamento muito além da pia da cozinha. A casa não tinha campainha, mesmo ele e a irmã sabendo que precisavam de uma porque nunca ouviam as pessoas chamando. Talvez resolvessem isso depois que retirassem o anjo da sala.

Ian correu para a rua. Duas vans enormes estacionavam em frente à sua casa. Na verdade, as vans não eram *enormes*, elas eram do tamanho de vans. Mas eram estranhas porque ele esperava apenas *um* veículo, que imaginava não ser uma van.

Ele tomou um susto quando reconheceu o logotipo estampado na lateral do automóvel. Catarina desceu. Seu cabelo ruivo parecia reluzir debaixo do sol.

– Boa tarde, Ian – Catarina disse alto, para que ele escutasse de longe. – se tudo der certo, você ainda vai ver muito esse pessoal – ela apontou para a equipe. Contando Catarina, eram oito pessoas, distribuídas em duas vans cheias de equipamentos de luz e gravação.

Ian diminuiu o passo enquanto chegava perto do portão, usando esse tempo para analisar o problema que daria se Emília chegasse enquanto aquele pessoal ainda estivesse ali.

– A garota... – Catarina checou no tablet que carregava consigo e se corrigiu. – A Emília já chegou?

Ian ficou parado em frente ao portão, sem responder e sem saber se o destrancava ou não. O maior problema – ele pensou, vendo o tanto de pessoas que estavam ali *trabalhando* naquele projeto – não era mais Emília descobrir e achar uma loucura, ficar brava ou dar um piti. O problema era enganar tantas pessoas. Ali estavam apenas oito das centenas envolvidas no

programa, incluindo os executivos da emissora, sem considerar os milhões de telespectadores que assistiriam ao *reality*.

– Não, ela não está aqui. Mas eu estava pensando em conversar com ela a sós agora. Não sabia que vocês viriam – ele percebeu atrás da porta de uma das vans que dois homens montavam uma câmera enorme.

– Mas não precisa se preocupar! A gente vai gravar um pouco com vocês agora só para ter algumas imagens, em geral isso nem entra no programa. Como falei pra você, é só um teste, digamos assim.

– Mas...

– Eu me interessei muito pelo perfil que você me passou no e-mail, mas precisamos ter certeza de que vocês são o casal que procuramos. Estamos muito atrasados. Hoje de manhã gravamos com outro casal – ela explicou, pacientemente. – Tá, você não vai abrir o portão? Tá meio calor aqui embaixo desse sol. – Já não parecia mais *tão* paciente.

Ian abriu, ainda meio receoso. Catarina foi entrando e analisando a parte de fora da casa.

– Gente – ela gritou para os funcionários próximos da van –, estacionem mais pra frente para pegarmos imagens da fachada. – E então se voltou para Ian. – Amei o jardim. FAZ UMAS IMAGENS DO JARDIM – voltou a gritar para a equipe.

Ian percebeu que ela era agitada. Talvez a profissão exigisse que ela fosse assim. Descarregaram duas câmeras e uma infinidade de tripés de ferro com luzes em bolsas pretas. Diversas vezes, enquanto conversava com Ian, ela dava ordens para alguém da equipe. Como se tivesse olhos atrás da cabeça, o

que não era um bom sinal para Ian.

– Gente, quem tem um anjo fazendo xixi na sala? – ela disse, maravilhada, para si mesma.

– É que quando cho...

– IMAGENS DO ANJO – Catarina estalou os dedos para um dos cinegrafistas, interrompendo Ian.

O olhar de Catarina foi da estátua para a estante da sala em poucos segundos. Ela encontrou algumas fotos de família e queria saber quem era quem.

– Sua irmã é linda, hein. Realmente muito nova – Ian havia contado que ela praticamente o havia criado. – Como é a relação de vocês? Vocês brigam como irmãos normais?

Ian tentou chegar mais perto para ver quais fotos ela olhava. Tinha três porta-retratos, sendo uma foto da mãe quando era jovem, uma só da irmã, de quando tinha começado a faculdade – era essa que Catarina tinha visto; a única coisa que tinha mudado em Iris eram algumas marquinhas a mais nos olhos quando sorria –, e na outra apareciam os três num parque aquático. Ian estava com duas boias nos braços, sendo segurado pela mãe.

– Não brigamos muito – ele disse, olhando para a foto da irmã e tentando resgatar alguma briga mais grave. – É como se você tivesse apenas uma roupa bonita. Você só a usa em ocasiões especiais porque cada vez que lava ela fica mais velha.

Catarina tirou os olhos dos porta-retratos e encarou Ian por alguns segundos, surpresa. Balançou a cabeça e voltou à fotografia.

– Vocês parecem ser bem amigos também, é verdade? Do

tipo que conta segredos e tudo?

Ian engoliu em seco.

– Ela tem esse senso maternal e protetor que às vezes me incomoda, mas eu diria que somos amigos, sim. Não de contar *tooodos* os segredos, claro.

Catarina saiu em direção à cozinha, antes mesmo de Ian completar a frase. Ele a acompanhou.

– Parece ser um relacionamento bem bonitinho. Pra TV talvez a gente tenha que colocar alguma ação, né? – e deu uma risada gentil. – As pessoas gostam de relacionamentos assim, mas, se não tiver conflitos, não têm graça.

Ian estranhou o comentário. *Um* reality show *não deveria mostrar justamente a realidade?*

Nos poucos minutos em que estava ali, a equipe transformara a sala – e parte da cozinha – de Ian em um estúdio de TV. Os tripés de ferro seguravam luzes gigantes. Na ponta de uma vara enorme, como aquelas de salto em altura, havia um microfone coberto com uma espécie de pelagem cinza, segurado por um senhor de uns cinquenta anos com bigode, fone de ouvido e pochete.

Ian não fazia ideia de que eles usavam tanta coisa assim para gravar um programa de TV como aquele. Parecia tão simples – só ligar a câmera, apontar para os participantes e deu.

Catarina saiu por alguns momentos, quando foi até a van buscar alguma coisa ou retocar a maquiagem impecável.

– Fala alguma coisa aí para eu regular o nível do som – o senhor do bigode falou.

– Alguma coisa.

– Fala mais – Ian desconfiou de que ele já tinha ouvido aquela piada mais de uma vez e por isso nem se deu ao trabalho de esboçar um sorriso.

– Hum... Bom, tem um monte de coisa na minha sala. Tiraram meu anjo do lugar... É bom que não chova. Aliás, não faço ideia como pode ficar natural gravar um programa que mostra o dia a dia quando tem três toneladas de lâmpadas ligadas na minha cara...

– Tá bom – o homem o interrompeu.

A equipe parecia não manter muito contato com os participantes do programa.

Catarina entrou na cozinha novamente, com o batom vermelho mais forte. Ela se sentou em uma cadeira e indicou a Ian que fizesse o mesmo na que estava à sua frente.

– A gente vai gravar tipo uma entrevista – ela explicou. – Como eu disse, só pra conhecer você. Eventualmente, se você for selecionado, vai ter vários desses depoimentos exibidos entre as cenas do programa. Você já deve ter viso, sabe como é.

Ian concordou com a cabeça e se sentou. Por causa da quantidade de luzes em sua direção, ele mal conseguia enxergar Catarina, que estava apenas dois metros à sua frente.

– Não sei como as pessoas conseguem pensar antes de falar qualquer coisa com esse monte de lâmpada na cara – Ian apertou os olhos para limitar a passagem de luz.

– Esse é o segredo do sucesso do programa – Catarina disse, sorrindo. – Falar sem pensar. – Esse tipo de *reality* parecia tão apelativo. Ian começava a se perguntar se os produtores de fato incentivavam aquilo e se os participantes tinham noção do que

faziam.

A equipe preenchia toda a cozinha e parte da sala de Ian com os equipamentos. Cada câmera tinha um operador e um assistente. O assistente ajudava a montá-la e garantia que, numa cena com movimento, o operador não caísse, segurando-o pela cintura. Parte para que ele não se machucasse, mas, principalmente, para que 80 mil reais em equipamentos não se espatifassem no chão.

Catarina deu alguns toques na tela do tablet e olhou para Ian, indicando que iriam começar naquele momento. Uma integrante da equipe pediu licença para dar um aviso.

– Parou um carro ali na frente, não devemos filmar?

– Não! – Ian interveio antes que Catarina pudesse responder. O rapaz levantou-se rapidamente, lembrando-se da única pessoa que estava para chegar naquele momento. – Por favor, não quero que filmem agora – ele já estava calmo naquele ponto achando que Emília não viria mais, que tinha esquecido. Estava atrasada e não tinha falado com ele na aula mais cedo. *Eu espero que ela tenha esquecido*.

Ian pensou melhor. Se fosse a segunda possibilidade, sua irmã, seria pior ainda. Mas o que ela estaria fazendo ali? Poderia ter acontecido algo. O coração de Ian começou a bater mais forte e sua boca secou quase instantaneamente.

Colocou a cabeça pela janela atrás da pia e não reconheceu o carro.

Só podia ser Emília.

Catarina fez um movimento com a mão para os operadores de câmera indicando que não filmassem. Isso porque aquilo era

apenas um teste. Quando o programa era gravado para valer, ela fazia de tudo e mais um pouco para pegar cada passo dos participantes – os bons e, principalmente, os maus momentos. Barracos, discussões, erros, coisas tristes e chocantes. Porque era assim que a TV funcionava, e era isso que as pessoas queriam ver.

E, dependendo do que fosse acontecer nos minutos seguintes, seria algo parecido com isso que viria à tona. Emília viu a cabeça de Ian saindo pela janela e se virou para a mãe, avisando que ele a havia visto, e saltou do carro.

Ian continuou na mesma posição, fechou os olhos e respirou fundo, tentando encontrar algum resquício de calma para seus nervos. *Não tinha como isso acontecer da pior forma.*

Ian repetiu o trajeto que fizera ao abrir o portão para a equipe, pouco menos de meia hora antes. Todos ficaram esperando dentro da casa.

Quando ele chegou próximo ao portão, Emília já estava fora do carro, abraçada à bolsa da escola.

– Desculpa o atraso. Minha mãe não conseguiu sair mais cedo por causa do trabalho – Emília a indicou apontando por cima do ombro, sem se virar.

Ian levantou a mão cumprimentando a mulher, que espiava de dentro do carro a filha passando pelo portão. Ela respondeu com um meneio de cabeça. Em seguida, deu partida no carro e saiu. Provavelmente elas já tinham se despedido, mas Ian achou estranho Emília nem ao menos olhar para trás.

– Que lindo esse jardim – Emília disse. Havia colocado a mochila de lado e cruzado os braços. – Vocês não passam ali por

dentro? – Ela falou, depois de perceber que Ian havia saído pela traseira da casa e não pela entrada principal, junto do jardim.

O caminho até a porta dianteira era num formato de zigue-zague, de grama, que Ian cortava todos os meses cuidadosamente, para não destruir nenhuma das folhagens ao redor. Dentro daquele caminho, não era possível ver quase nada além dos coqueiros, das árvores e das folhagens que o circundavam. Pelo chão também era possível ver begônias de várias cores e uma roseira volumosa logo no início.

A casa ficava nos fundos do terreno. Também era possível chegar até a entrada seguindo a linha reta por onde o carro de Iris passava e entrar pela porta traseira. Do lado de fora, via-se apenas a lateral da construção, por onde Ian espiava quando alguém o chamava no portão.

A dona da casa era apaixonada por natureza e foi ela quem começou a plantar palmeiras e outras árvores no quintal. Depois que a família de Ian a alugou, quando ele tinha apenas três anos, sua mãe continuou cultivando-as – tanto para atender aos pedidos da proprietária como porque também amava aquele verde. Ellen sempre passava pelo caminho em zigue-zague em vez de seguir pela passagem de carros.

Iris continuou cuidando das flores com o irmão e aparando as folhagens que invadiam a passagem. Especialmente da roseira trepadeira que cobria um arco improvisado. A mãe havia posicionado três ripas de madeiras pregadas na entrada do jardim. Depois plantou a roseira. Tudo durante a manhã, enquanto Ian e Iris estudavam. Ellen nunca chegou a ver as rosas cobrirem o arco, mas seus filhos fizeram questão de

continuar regando para que isso acontecesse.

– Então, nós passamos, sim, aí por dentro – Ian respondeu –, mas é mais rápido indo reto por aqui, porque já saímos direto na cozinha... – a voz de Ian foi diminuindo quando percebeu que Emília já estava entre as folhagens.

– Ah, mas parece ser bem mais divertido vir por aqui – ela se virou para Ian. – se eu não morasse em apartamento e minha casa tivesse, assim, várias árvores, eu iria passar entre elas todos os dias – ela disse, como se Ian estivesse cometendo algum delito.

Ele estava preocupado. Não poderia demorar muito tempo ali e não sabia como chegaria ao assunto que interessava.

– A gente se acostuma, na verdade. Passar por aqui era bonito, no início, mas com o tempo a gente começa a optar pelo lado mais prático. É igual quando você passa pelo mesmo *outdoor* todo dia, várias vezes: uma hora ele fica invisível.

– É verdade – Emília mordeu os lábios. – E eu acho que isso acontece com pessoas também – ela disse para si mesma. Antes que Ian pudesse responder alguma coisa, a garota se abaixou, entretida com uma joaninha andando sobre uma pétala branca de lírio.

– Fazia muito tempo que eu não via uma dessas – ela colocou o dedo calmamente sobre a joaninha, que voou assim que foi importunada.

Emília continuou andando até o fim do caminho e parou, esperando que Ian abrisse a porta. Os dois estavam sob a sombra da última árvore. Ela formava um desenho no rosto dos dois.

– Emília, olha só – Ian engoliu a saliva, preparando-se para

falar e ganhando alguns segundos para pensar. – Eu sei que a gente não é exatamente amigo... ainda. Mas você parece ser uma menina legal – ela franziu o cenho, com os lábios formando um sorriso gentil em uma linha fina, sem entender muito bem onde aquilo iria chegar. – E por algum motivo eu me lembrei de você quando...

– MEU DEUS! OLHA ESSA LUZ! A IMAGEM ESTÁ LINDA!

Os dois levaram um susto, principalmente Emília. Catarina estava debruçada sobre a janela e, do seu lado, um dos cinegrafistas segurava uma câmera acima dela.

– Você deve ser a Emília – parecia encantada com os dois no meio daquelas flores com os rostos desenhados pela sombra das árvores. Catarina se esticou para cumprimentá-la, mas desistiu quando viu que Emília estava longe demais. – Vocês dois juntos, meu Deus... lindos. Não posso falar isso, mas acho que tenho meus pré-candidatos favoritos. Entrem aqui porque aí não conseguimos capturar o áudio, venham.

– Você está no quarto da minha irmã?! – Ian perguntou, com as sobrancelhas esticadas. Àquela altura Catarina já havia saído da janela, esperando que os dois a acompanhassem.

Emília olhou para Ian. Estava com a boca entreaberta e completamente confusa.

– O que foi aquela câmera? – ela perguntou. – E aquela mulher?

Ian foi até o fim da calçada para ver se ninguém estava indo buscá-los. Catarina estava com a cabeça para fora da janela da cozinha. Assim que viu o rapaz, começou a fazer um gesto empolgado para que eles entrassem. Ian respondeu também com

as mãos, pedindo a ela que esperasse, e voltou até onde Emília estava, longe da visão da produtora.

– Eu juro que explico tudo pra você – Ian disse. – Não é nada grave, juro. Mas é muito, err, complica do explicar.

Emília balançou a cabeça dando de ombros, indicando que ele poderia explicar *qualquer coisa* que já seria de bom tamanho.

– Eu fui num consultório com a...

– Crianças, desculpem – Catarina surgiu repentinamente do lado da casa –, mas não posso ficar esperando vocês como se eu *pudesse* fazer isso. Eu tenho uma agenda a cumprir. – Ela foi até Emília e a cumprimentou com um beijinho no rosto. – Catarina.

– Emília – a garota respondeu, desconfiada.

– Vem, Emília. Vamos – Catarina segurou seu braço gentilmente e ela a acompanhou. – Ian? – Catarina olhou para trás e chamou o rapaz, que não teve outra opção a não ser acompanhar as duas até dentro da sua cozinha.

A calçada, revestida de cacos de cerâmica de várias cores, cercava a casa toda. Emília percebeu, enquanto passavam pela janela da cozinha, no lado da casa, que uma câmera os seguia. A porta já estava aberta. Emília olhou para trás enquanto era guiada pela mão quente de Catarina.

– Não fala nada – Ian balbuciou, e fez um gesto de segredo com o dedo indicador sobre a boca. – Por favor. – Emília se virou e continuou andando.

Assim que entraram na casa, a garota passou o olhar pelo ambiente extremamente iluminado por grandes luzes artificiais. Seus olhos se encolheram.

Ian entrou em seguida.

– Que tá acontecendo? – Emília perguntou, com uma das mãos sobre os olhos.

– Ah, é assim mesmo – Catarina disse, antes que Ian tentasse contornar a situação –, as luzes, as câmeras... É tudo enorme, mesmo sendo um *reality show*. Mas todo mundo se acostuma. E... com licença. – Catarina pediu, antes de colocar a mão sobre a barriga de Emília. Ela sentiu um arrepio e ficou paralisada por um instante. Olhou para a produtora e recebeu um sorriso compreensivo; a mulher balançava a cabeça positivamente. Emília sabia o que passar a mão sobre a barriga de uma mulher significava, mas não estava grávida. Portanto, aquilo não fazia o menor sentido.

Ela se virou para Ian.

– *O que tá acontecendo?* – perguntou, mais incisiva. Catarina fez um sinal para os cinegrafistas e foi para trás de uma das câmeras. Na mesma hora, os dois posicionaram os equipamentos por cima dos ombros, e o bigodudo colocou o microfone sobre os dois.

Ian olhou para a produtora como uma criança olha para a mãe sem saber o que fazer, esperando que ela assumisse o problema e o resolvesse.

– Bom, esse pessoal aqui é do *Novos Pais* – Ian disse. Emília passou os olhos por todos novamente, e quando chegou a Catarina abriu a boca, lembrando que já havia visto a produtora antes. *Ela parece mais alta na* TV, Emília pensou. – Eles estão aqui fazendo um teste pra ver se escolhem... a gente... pra participar... eu falei pra você, já – ele soltou uma risada nervosa. – lembra?

– O quê? – Emília soltou um berro indignado. O tio do

bigode fez uma careta, provavelmente porque o fone que usava para controlar o áudio estourou em seus ouvidos.

– Eu sei que você talvez não queira expor nosso... é... bebê – Ian achou estranho falar isso em voz alta. Deu uma olhada de canto para Catarina, que fez um gesto para ele continuar. – Mas isso vai ajudar outros jovens, *como nós*.

Emília ficou séria. Não disse nada pelo que pareceram séculos para Ian e balançou a cabeça em desaprovação, como se aquela fosse a coisa mais bizarra que já tinha ouvido na vida.

Ela olhou para as duas câmeras, uma apontando para ela e outra para Ian. A primeira coisa que passou pela sua cabeça era que aquilo era uma pegadinha. Mas por que diabos Ian iria chamá-la em sua casa para fa zer uma pegadinha? Ela não era ninguém importante. Nem *amiga* dele era para que isso acontecesse. *E qual a porcentagem de pessoas no mundo que já esteve em uma pegadinha na TV? 0,1%? Qual é a chance de isso estar acontecendo comigo?*, pensou.

Emília observou todos mais uma vez, sem conseguir ver os rostos direito por causa da luz. Começou a dar uma risada lenta e incrédula, enquanto a cabeça ia de um lado para o outro. Na mesma hora Catarina se aprumou, parecendo considerar aquela atitude de Emília muito presunçosa para quem queria participar de um programa tão bem-sucedido.

– Nós temos vários casais na lista, na verdade – Catarina disse séria, encarando Emília. – E o cachê é bom o suficiente pra qualquer pai ou mãe adolescente aceitar, então, por favor, não me façam perder meu tempo.

– Ela se virou para Ian – Você não disse que os dois estavam

de acordo?

A boca de Emília foi aos poucos se encolhendo em um bico e suas sobrancelhas ficando cada vez mais apertadas, enquanto virava o pescoço em direção a Ian.

Ele ficou assustado ao assistir à cena. Parecia que ela estava prestes a matá-lo.

– O que tá acontecendo aqui, sério? – Emília não deu chances para Ian responder para Catarina. Desde que havia entrado, ela não tinha largado a bolsa da escola, que agora apertava contra o corpo.

Emília contou cinco segundos em ordem reversa em sua cabeça, como se estipulasse um prazo para que Ian começasse a se explicar. Quando a contagem terminou e ele ainda não havia aberto a boca, a garota saiu num rompante porta afora.

Antes de correr para seguir a colega, Ian ouviu um gemido impaciente de Catarina, que revirava os olhos enquanto os cinegrafistas desligavam as câmeras.

Por sorte, ninguém foi atrás deles. Emília estava prestes a discar o número da confeitaria de sua família para que alguém viesse buscá-la quando ele a alcançou.

– Desculpa não ter explicado antes tudo e ter deixado isso acontecer com você – Ian não teve coragem de encará-la.

Emília colocou as mãos sobre a cabeça e, no movimento, a bolsa que estava em seu ombro rodopiou.

– Só me explica que merda é essa, cara! Eu estou nervosa, já, e nem sei o que está acontecendo. Porque até alguns minutos atrás eu estava achando isso tudo estranho, mas pensei que fosse apenas problema seu! – Emília umedeceu os lábios, sua

garganta também estava seca. – Aquela ruiva da TV passou a mão na minha barriga! Tinha achado que ela fosse sua parente, sei lá.

– Ela não é nada minha – Ian respirou fundo. – o que aconteceu foi que a minha irmã está grávida. Ela nem sabe de nada disso, nem que essa gente está aqui na nossa casa. Mas, enquanto eu estava com ela no consultório, a Catarina veio e perguntou se eu não queria participar com a minha namorada do *Novos Pais* – Ian disse o nome do programa mais baixo, como se fosse amenizar a situação –, achando que eu estava aguardando essa minha namorada no consultório. E, quando ela perguntou o nome da minha namorada... eu me lembrei de você. Não sei por quê. Foi aleatório, não sei. A primeira menina que veio à minha cabeça.

– Você pensou na menina mais gorda da sala, que poderia parecer grávida, e lembrou de mim? Foi isso? – Emília perguntou, mais brava ainda.

– Não! – Ian respondeu imediatamente. – Você não é a menina mais gorda da sala.

– Eu não sou a mais magra também, sou?

Ian encarou o chão. Emília respirou fundo.

– Mas por que você fez isso? – A raiva parecia ter cedido um espaço maior à sua curiosidade, mesmo que sua voz ainda parecesse exaltada. – Era só dizer que quem estava lá dentro era sua irmã. Você precisa de um psiquiatra. Não é difícil falar que você não é pai de um bebê quando você não é.

Os dois pararam em frente ao portão. Emília não iria sair até que alguém fosse buscá-la, mas preferia esperar ali mesmo.

Longe daquela loucura toda em que ele tinha se metido.

– Procurei na internet sobre esse programa e tem garotas que até engravidam de propósito para tentar participar – Ian explicou também que todos que tinham saído do programa haviam se dado bem. Alguns apenas usavam o dinheiro do cachê para sustentar os filhos e nunca mais apareciam na mídia. Outros aproveitavam a fama e conseguiam ainda mais dinheiro. – É uma oportunidade muito rara pra simplesmente jogar fora sem nem pensar duas vezes.

Emília ouviu tudo com atenção. Balançou a cabeça afirmativamente, como se estivesse tentando compreender os motivos do colega.

– E então? – Ian perguntou.

– O quê?

– Você topa participar comigo?

Emília arregalou os olhos, surpreendida.

– Ah, meu Deus... – colocou a mão sobre a testa e balançou a cabeça. Então voltou a encarar o rapaz. – o.k., eu posso ajudar você. Mas vai demorar muito isso?

– Eu diria que... uns seis meses, se você estiver, tipo, grávida de uns três meses.

– O quê?! – Emília bradou. – Você quer que eu participe do programa inteiro e fingindo estar grávida?

Ian olhou ao redor para ter certeza de que ninguém estava espiando os dois. Ela falava tão alto que o rapaz temia ainda que alguém pudesse ouvi-la. A essa altura já não duvidava de que Catarina poderia estar no meio do jardim com uma câmera escondida. Ele se aproximou de Emília.

– Quanto tempo você achou que seria? Você nunca viu esse programa? – protestou, num tom mais baixo.

– Achei que você queria que eu participasse disso só hoje! – Emília disse, brava. – Eu poderia mentir por um dia, se isso rendesse alguma coisa, mas... seis meses?! – Ela então parou por alguns segundos, pensativa. – E você é um babaca! Me fez vir até aqui pra participar dessa loucura e mentiu sobre um trabalho da escola que nem existe!

– Realmente, você não precisaria vir aqui pra fazer o trabalho – Ian começou a explicar, mas Emília respirou fundo, buscando o número da confeitaria no celular mais uma vez. – Espera! Eu não sabia que eles viriam pra minha casa hoje, chamei você pra conversar, apenas. Eu não poderia falar na escola na frente de todo mundo.

– Não passou pela sua cabeça me chamar e dizer "quero conversar com você em particular"?

– Você iria? – Ian disse, acreditando ter acabado com as justificativas da colega.

– É claro que eu iria, seu idiota! Quem você acha que eu sou, a Rainha Elizabeth? – Ian olhou para ela com uma careta depois de ter sido xingado duas vezes num intervalo de um minuto. – Você acha que eu recusaria ouvir o que você tinha a dizer para ficar morrendo de curiosidade depois?

– Mas nós nem somos amigos.

– Exatamente! – Ao perceber que quase havia gritado, Emília baixou o tom. – nós não somos amigos, então... o que eu estou fazendo na sua casa cheia de pessoas que acham que eu estou grávida de um filho seu?

Ian não soube responder a essa pergunta porque Emília estava certa. A garota lançou um olhar de reprovação para Ian e andou até o arco quadrado sobre o caminho cercado de folhagens que levava até a porta da sala. Ligou para a confeitaria e quem atendeu foi um dos funcionários. Seu pai não estava na loja e a mãe não pôde falar porque estava na cozinha, então mandou avisar que só ficaria livre para buscá-la em uma hora.

Emília não tinha dinheiro suficiente para ir para casa de táxi. Ian foi até onde ela estava assim que percebeu que a garota havia desligado o telefone.

– Eu ainda não pensei em tudo, mas acho que não tem motivos para se preocupar. É como se estivéssemos participando de um *reality* normal, isso não é legal? – Ian esperou uma resposta, mas Emília permaneceu estática. – A única diferença é que você precisaria estar grávida. Você poderia usar talvez... aqueles enchimentos e fingir um enjoo ali, um desejo aqui...

– E quando o bebê nascer?

– Que bebê?

– Pois é, Ian.

– Ah, como eu disse, não consegui decidir esses detalhes ainda. Mas a minha irmã tá grávida, vamos ter um bebê novinho em folha quase na época em que você teoricamente ganharia o *nosso*. Eu posso ligar pra Catarina no dia dizendo que você ganhou o bebê, sei lá, deitada no tapete da sala. Quando a equipe vier, o bebê já vai estar todo embrulhadinho, e o melhor: vai se parecer comigo.

A última parte *quase* pareceu fazer sentido para Emília. Mas usar uma barriga falsa? Não poderia dar certo.

– Ian, eu tenho um namorado *de verdade*.

– Tem? – perguntou, tímido, como se fosse uma informação nova para ele.

– Sim. Você acha que ele entenderia assim, de boa, ver a namorada se passar por uma grávida de outro garoto na TV, com todos os amigos dele vendo, com os pais dele vendo? E o que eu diria para os *meus* pais?

– Mas você pode explicar – Ian disse. – Quer dizer, não agora. Mas você pode explicar pra todo mundo mais pra frente. Uma hora a gente vai ter que explicar para a nossa família, mas tem de ser tarde o suficiente para que eles não possam mais fazer nada para nos impedir.

Emília encarou Ian. Para quem não havia parado para pensar direito, ele estava muito preparado para os possíveis problemas que poderiam surgir.

– Eu não sei se confio em você. A gente é só colega e você parece, sei lá, um criminoso falando desse jeito – ela fez uma pausa, pensando duas vezes antes de falar. – Você acha que a pessoa que participa fica *muito* famosa? De ser fotografada quando vai comprar um hambúrguer e tudo?

– Claro. A foto dos participantes fica por tudo quanto é lado. Colocaram um *outdoor* do programa aqui na esquina de casa. Você deve ter visto algum, está pela cidade inteira.

Emília só balançou a cabeça, sem dizer nada.

– Mas, sabe – Ian continuou a falar –, eu não me importo muito com isso. Na verdade, nem acho que é uma coisa boa ser famoso. Mas o dinheiro... o dinheiro viria em ótima hora. Fiquei pensando na possibilidade de poder comprar esta casa para que

eu e a minha irmã e o meu cunhado continuássemos morando aqui mesmo depois de ela ganhar o bebê. Então eu iria reformá-la, para deixá-la mais espaçosa. A gente tem muitas memórias aqui pra simplesmente largar tudo.

– Espera aí, comprar UMA CAsA? – o pescoço de Emília foi pra frente. – De quanto dinheiro estamos falando?

– Não, acho que não daria para pagar a casa toda, mas... uma boa parte dela – Ian disse. Em seguida, colocou a mão ao lado da boca, como quem conta um segredo, e revelou o valor para Emília. A garota ficou de boca aberta enquanto olhava algumas flores no chão, sem realmente prestar atenção nelas.

– De onde eles tiram tudo isso? Esse dinheiro iria dar para eu morar sozinha por, sei lá, dois anos – ela voltou a olhar as flores. – Eu trabalho com a minha mãe na confeitaria dela e todo o dinheiro que recebo eu tento guardar justamente porque *preciso* sair de casa. E não sei se em dois anos eu conseguiria juntar dinheiro para ficar fora nem por, sei lá, seis meses.

A última tentativa de Ian era colocar a responsabilidade em Emília. Estava na mão dela o futuro dos dois.

– Se você não topar, eu não tenho escolha senão acabar com tudo agora – Ian começou a olhar para as mesmas flores que ela.

– Eu acho que, se eu fizer isso, minha mãe vai de fato me colocar pra fora de casa – Emília ponderou.

– Perfeito, você vai realizar seu sonho.

Os dois se olharam. Ian sorriu.

– Você acha que isso é certo, Ian? Mentir assim é uma coisa terrível – ela disse, arrumando a bolsa no ombro. – *Você* é terrível.

– Mas e você?

Emília pensou na pergunta de Ian.

– É... talvez eu também seja terrível – ela respondeu, desistindo de lutar contra aquela ideia que a havia seduzido bem antes do que Ian imaginava.

– O.k., vou fazendo algumas perguntas e vocês respondem para a câmera, tudo bem? – Catarina disse, numa voz mais passiva. Ian e Emília balançaram a cabeça afirmativamente. Ele estava sentado no mesmo lugar que antes, mas agora a colega estava ao seu lado.

– Onde tudo começou? – Catarina terminou de ler a pergunta do seu tablet e olhou para os dois, sorridente. Os dois foram pegos de surpresa. Pelo menos estavam juntos e poderiam complementar a mentira um do outro. Emília tomou a frente.

– Na escola...

– Espera, corta aí – ela foi interrompida por Ian, que se dirigiu à mulher que manuseava a câmera acima do tripé, com a voz trêmula. – onde começou o nosso relacionamento, você quer dizer? Porque, se for o bebê, não foi na escola. É bom... Deixar isso claro.

Emília olhou para Ian sem acreditar. Estava começando a se arrepender de ter entrado naquela roubada. Toda a confiança dela havia sumido de repente. Catarina mandou que os dois continuassem. Eles poderiam responder seja lá o que tivessem entendido, desde que não interrompessem a gravação.

– A gente começou a estudar junto neste ano e...

– Espera – foi a vez de Catarina interromper a fala de Ian. – se você se conheceram neste ano, então fizeram um filho no primeiro dia que se viram? – Perguntou, analisando as datas.

– Nós nos conhecíamos antes – Emília mentiu. – Amigos em comum. Pouco depois que as aulas começaram, a gente se encontrou numa festa, há três meses – ela pronunciou a data lentamente, garantindo que Ian pudesse corrigi-la se desse alguma informação errada –, começamos a nos falar e daí aconteceu. Nós viemos aqui pra essa casa, e os pais dele estavam viajando.

– Irmã – Ian corrigiu rapidamente. Emília olhou para ele e sorriu.

– E o milagre da vida – a garota disse, enquanto passava a mão sobre a barriga – aconteceu bem atrás daquela porta.

– No banheiro? – Catarina perguntou.

– Daquela – Emília apontou para a próxima porta do corredor.

Ian completou dizendo que depois daquele dia os dois haviam se apaixonado, e tentou pegar a mão de Emília. Ela não queria cruzar os dedos com ele, mas Ian insistiu, fazendo força. Quando viu que não conseguiria, voltou as duas mãos de forma constrangedora para cima das próprias coxas.

Era a primeira vez que eles se tocavam por mais de três segundos. Ian achou a pele de Emília tão macia quanto ele imaginava. Não que ele imaginasse a textura da pele de Emília com frequência, mas era definitivamente uma pele macia.

– O que vocês mais gostam um no outro?

– Eu gosto... – Emília olhou para Ian, tentando encontrar alguma qualidade de última hora. – não sei, ele é *tão* fofo. – o elogio saiu um pouco mais forçado do que ela imaginava.

– O que eu mais gosto na Emília é o... é esse amor que ela tem pelos animais.

Emília virou o rosto para o lado rapidamente e encarou Ian, na mesma velocidade com a qual os bonecos de plástico dos Power Rangers giram a cabeça quando se transformam.

Ela nunca tivera um gato nem um cachorro sequer. Sofria de uma alergia que não permitia que ela tivesse nem bichinhos de pelúcia. Os dois não sabiam absolutamente nada um sobre o outro.

– Como foi quando você descobriu que a Emília estava grávida?

– Bom, eu lembro como se fosse há cinco minutos – Emília disse, tomando a vez de falar de Ian. – Foi naquele jardim lindo lá na frente – o rapaz engoliu em seco. – nós dois estávamos sob uma árvore grande, como num filme romântico, quando eu disse: "Você vai ser papai de uma linda menininha".

– Espera – Catarina disse, confusa –, o seu bebê tem o tamanho de uma azeitona e você já sabe o sexo?

– ...ou menininho, por favor, me deixe terminar a frase. E foi lindo. Choramos. A gente foi no médico, ele me fez fazer xixi no palitinho, de novo, e então tivemos certeza. Eu lembro até hoje das palavras dele. Ele disse: "Você está grávida".

Catarina preferiu deixar que os executivos decidissem se eles pareciam um casal apto para participar do programa, apesar das inconsistências. Ela sabia que um médico não faria outro

teste caseiro em vez de um exame de sangue, mas os dois poderiam ainda estar nervosos com a primeira gravação.

– No começo pensamos como iríamos criar esse bebê, já que somos tão novos – Ian começou o discurso tentando se lembrar de todas as cenas parecidas de novelas que já tinha visto. – De onde tiraríamos dinheiro? Como trocar uma fralda? Se eu não posso encostar na cabeça dele por causa da moleira, quando eu vou saber que ela já está dura o suficiente?

– Agora a última pergunta: vocês sabem que vão se expor participando desse programa. Qual a motivação para compartilhar esse momento tão especial com o país inteiro?

– Não é o dinheiro – Ian respondeu prontamente.

– Definitivamente não é o dinheiro – Emília concordou.

– Nem pensamos sobre o dinheiro.

– Eu acho que ajudaria outros adolescente que também estão passando por essa situação de..estar com um bebê... de estar esperando um bebê.

– Faríamos isso até se não tivesse dinheiro envolvido – Ian frisou.

– Sim – Emília disse, – dinheiro é o de menos.

Catarina se levantou da cadeira em que estava e encerrou a gravação. A equipe começou a desmontar os equipamentos enquanto ela foi até o casal.

– Eu gostei muito de vocês juntos. Vocês ainda estão meio travados com a câmera. Mas isso é normal, todo mundo fica nervoso. Ainda acho que vocês são os que têm mais chances entre os candidatos para entrar no programa, tem algo diferente em vocês...

– Ah é? – Ian perguntou, sorrindo. – Eu acho que é o amor. – E então colocou o braço direito sobre as costas de Emília e a puxou para perto de si. Catarina riu e concordou. A garota continuou no personagem e sorriu, sem entusiasmo.

A produtora colocou a mão mais uma vez na barriga de Emília, que se perguntou se ela faria aquilo o tempo todo.

Carregando os equipamentos desmontados, a equipe foi acompanhada por Ian e Emília até o portão. Antes de entrar na van, Catarina parou e falou para os dois:

– Vocês devem ocupar o lugar de um casal que desistiu. Estamos fazendo tudo isso de última hora. Vamos definir isso até sexta, e, se der certo, as gravações já começam nas próximas semanas. A primeira de que vocês participariam é uma com todos os casais juntos, no estúdio da emissora. Estou torcendo por vocês – disse, antes de se despedir e embarcar no automóvel.

Ian se perguntou se ela dizia aquilo para todo mundo apenas para garantir a empatia dos casais que realmente fossem escolhidos.

Os dois acompanharam as vans fazerem o retorno em frente à casa e sentiram um friozinho na barriga quando viram novamente o logotipo enorme da emissora na lateral do veículo.

Emília caminhou em direção às árvores, pensativa.

– Caramba... que loucura – ela começou a arrancar folhinhas sem querer, enquanto processava tudo que tinha acontecido na última hora.

– Sabia que eu meio que queria que você não topasse? – Ian confessou. Emília virou-se.

– Ah, agora você me diz isso? Você disse que já tinha pensando em tudo e que não parecia ter grandes riscos.

– O que sei é que isso não vai prejudicar ninguém – ele disse, encolhendo os ombros. – Bom, nem tudo na TV é de verdade, e no final a gente vai levar disso uma história muito engraçada, talvez.

– Talvez? Você esperou eu topar pra começar a me confessar que na verdade você não faz ideia do que está fazendo? Olha, espero que você não ache engraçado ser preso, porque não quero contar essa história "engraçada" para os nossos netos imaginários – Emília colocou a mão sobre a barriga de brincadeira, mas o semblante permanecia sério.

Ian riu, mas lá no fundo sentiu o medo se multipli car e um frio na barriga ainda maior surgir.

Ian acompanhou Emília até o portão quando sua mãe voltou para buscá-la. Os dois tinham ficado conversando por quase uma hora sobre o programa e assistido a vídeos dos episódios anteriores antes de ela chegar.

Ian tentou cumprimentar a mãe da colega com um aceno de cabeça, mas ela pareceu não ter visto, então foi para dentro antes mesmo de vê-las partir.

O carro estava com um cheiro gostoso, que Emília conseguia identificar facilmente. Ela tinha sete anos quando a família começou um negócio de chocolate caseiro, com bombons e trufas, que foi dando certo até abrirem uma confeitaria. A

maioria dos produtos de lá eram de chocolate.

– Pega ali no banco de trás aquela caixa, tem os *brownies* novos que falei pra você que eu estava fazendo – Helena apontou, enquanto manobrava o carro.

Emília precisara ser vigiada durante toda a sua infância para não atacar as receitas. Elas preenchiam a cozinha inteira com um perfume inebriante sempre que a mãe cozinhava. Antes de passarem para uma cozinha profissional, eram feitas em casa mesmo. Conforme Emília foi crescendo e entrando na adolescência, o medo de ficar cada vez mais voluptuosa, como a mãe, fez com que ela se segurasse.

– Hum. Aquele branco?

– Isso, com nozes – Helena olhou para Emília enquanto ela provava. – Ficou um pouco mais doce que o normal, porque, como é branco, não deu para colocar chocolate amargo. Mas ficou bem cremoso por dentro. Deixa a tampa da caixa embaixo pra não sujar o carro todo, Emília – ela terminou a frase num tom feroz, que fez o sabor do doce instantaneamente amargar na boca de Emília.

Ela não disse nada, apenas balançou a cabeça, sinalizando que o *brownie* estava gostoso. Como estava segurando os farelos com a mão por baixo do doce, não pegou a tampa.

Elas passaram pelo *outdoor* do *Novos Pais* na esquina de Ian. Emília reteve o olhar, tentando ler tudo. A temporada atual estava quase na reta final. Seu coração bateu mais forte ao pensar que ela poderia estar ali em alguns meses.

– Quando cheguei, vi duas vans da TV estacionadas ali perto da casa do seu colega, você viu?

Emília ficou assustada e apenas assentiu com a cabeça. Helena lembrou assim que passaram pelo *outdoor* do programa. *Mães às vezes parecem ter um sexto sentido assustador*.

– E o que eles estavam fazendo ali?

– Uma reportagem.

– Mas sobre o quê? Você viu com quem foi?

– Sobre... – Emília não conseguiu falar direito com a boca cheia, o que a fez ganhar um pouco mais de tempo para pensar enquanto mastigava – sobre o nosso trabalho. É uma experiência e... vai fazer parte de um projeto da escola, daí... eles foram ali pra filmar a gente fazendo.

– Sério? E é uma coisa tão importante assim? Vai passar na TV e tudo? – Helena tinha ficado curiosa. – Que horário?

– Deve ser no jornal do meio-dia, não sei – Emília estava começando a perceber, assim como Ian, que ia ser mais difícil do que parecia esconder isso por muito tempo.

– Vê se não caiu farelo, depois enche de formiga – Helena avisou, sem tirar os olhos da rua.

Emília viu todos os farelos que segurou na mão enquanto comia. Grudou um por um com a língua, lambendo os últimos vestígios do *brownie*. Nada havia caído no chão. As duas permaneceram caladas pelo resto do percurso. Elas não estavam brigadas e até tinham momentos divertidos juntas, mas, na maioria das vezes, a relação era tão desconfortável quanto farelo de salgadinho grudado no pescoço.

Até chegar em casa, Emília tentou não se importar tanto com a implicância da mãe por algo tão pequeno. Foi em Helena que ela havia pensado quando Ian a fez refletir sobre os *outdoors*,

que somem com o tempo para quem os vê todos os dias – uma já não conseguia enxergar a outra após tantas discussões repetidas.

7.

Ian conferiu se todos móveis estavam no lugar após a saída da equipe. Para dar espaço aos equipamentos de iluminação, eles tinham levado o sofá, que dividia a sala, quase para cima da televisão, abrindo espaço para a cozinha.

Sua irmã chegou menos de uma hora depois que a equipe deixou o local. Ian ficou assustado com a sua chegada e tentou disfarçar. Ela cumprimentou o irmão e foi para o banho, um pouco desconfiada.

Vestida com uma blusa solta e uma calça de mole tom confortáveis, Iris foi até a sala onde Ian assistia TV, carregando uma caixa cheia de álbuns de fotos. Todas as fotos tinham sido reveladas por Ellen, a última fazia quase oito anos.

– Por que você vai ver essas fotos agora?

– Vão colocar um telão na formatura com fotos que tiramos durante o curso e de quando éramos criança – ela passou a mão sobre a capa do primeiro álbum, tentando limpá-lo, mas a poeira que o cobria já estava impregnada. – Faz anos que eu não vejo isso.

Havia por volta de vinte álbuns. Entre eles, três com fotos de momentos importantes – primeiro banho, batismo, aniversários. Cinco reuniam fotos de iris, dois tinham fotos da família, outros dois, registros de viagens. Cada álbum tinha umas três viagens diferentes, que se limitavam à praia ou à serra. O pai deles não suportava praia, mas eles eventualmente iam por causa dos filhos. Ian observou a irmã de longe enquanto ela passava as fotos. Ela sorria quase todo o tempo. Em algumas, parava por período maior, como se elas se transformassem em um filme em suas mãos. Por mais que a maioria daquelas lembranças fosse alegre, quanto mais tempo ela parava em uma foto, mais o sorriso ia sumindo. Até virar a página novamente.

– Essa foto é maravilhosa, né? – Iris virou o álbum para Ian.

A imagem tinha sido feita num dia de muito calor, durante uma visita a um santuário no interior. Como o pai deles não tinha aguentado ficar para a missa, eles e a mãe passaram a manhã inteira juntos. O local era aberto e muito arborizado. Na estrada de lajotas que levava até a capela, um chafariz com jatos d'água de quase dois metros era o primeiro ponto de parada dos turistas.

– Olha que chafariz liiindo! – A mãe, que carregava um Ian de um ano e três meses no colo, disse enquanto tentava retirar a máquina fotográfica da bolsa com dificuldade. – Vai ali, iris, deixa a mãe tirar uma foto.

Iris revirou os olhos e se sentou em frente ao chafariz. Depois de fotografar a filha, Ellen pediu a ela que fotografasse o irmão.

– Vou colocar ele ali sentado e você tira a foto. – Ellen

posicionou o menino sentado. Não parecia tão seguro deixá-lo ali sozinho, então olhou ao redor antes de se deitar em frente ao chafariz para segurar os pés de Ian sem aparecer na foto.

Depois que a câmera analógica disparou, eles seguiram para a capela. Só quando revelaram as fotografias que viram a imagem com Ian, a fonte... e Ellen – que não deveria ter aparecido, mas, por causa do mau enquadramento de iris, era quem chamava mais atenção na foto, deitada no chão duro e empoeirado.

Ian pegou o álbum na mão para analisar a imagem mais de perto.

– Não seria mais fácil ter me segurado no colo para tirar a foto? – ele perguntou. Iris pegou o álbum de volta para examiná-la novamente.

– Ela sempre quis que a gente tivesse as mesmas oportunidades e, pelo jeito, as mesmas memórias. – Iris abaixou o álbum e olhou para Ian. – De alguma forma ela sabia que em algum momento seríamos apenas eu e você. Você não lembra, mas ela me dizia isso. Eu sempre desviava da conversa porque, caramba, era uma coisa horrível de ouvir.

Ian se arrastou no sofá até o lado de iris. Ele também não via as fotos havia muito tempo. Iris parou em um registro de viagem, quando todos foram pela primeira vez a um resort onde passaram o fim de semana.

– É engraçado que o que eu sinto hoje vendo essas fotos não é exatamente tristeza ou raiva, nem sei... Essa casa está vazia, mas já não parece que falta alguma coisa, depois de todos esses anos. Mas algumas vezes eu ainda preciso fazer um esforço pra

afastar alguns pensamentos.

Ian encarou a irmã.

– Eu não me sinto assim – ele disse, tentando analisar a expressão de iris. – Eu não sinto falta deles. É claro que eu gostaria de ter meus pais por perto, mas as minhas únicas memórias estão nessas fotos. Eu tive você. Sempre tive você.

Normalmente, Iris já estaria com os lábios tremendo, tentando prender um choro que duraria minutos a fio. Mas de alguma forma a gravidez a havia deixado mais resistente. Como se seus hormônios estivessem trabalhando para que se mantivesse mais racional do que sentimental.

Assim que Ian terminou de falar, Iris lançou um sorriso em direção ao irmão, colocou a mão sobre seu joelho e o balançou num gesto carinhoso. Os dois não precisaram dizer mais nada.

Iris juntou as fotos que havia separado em uma pilha – eram quatro. A do chafariz não era uma delas, mas tinha outras tão clássicas quanto. A irmã apoiada na pia da cozinha em sua fase *emo*, por volta de 2002, antes de ir para a primeira balada. Uma foto de quando era uma bochecha que escondia uma bebezinha por trás. Uma no parque de diversões, momentos antes de um vômito vigoroso, após afirmar que estava bem para as voltas de 360 graus do barco viking. Escolheu também uma com toda a família, feita por um fotógrafo em um fundo careta simulando o céu.

Ela não guardou ressentimentos do pai quando ele abandonou a família de repente. Como já era mais velha, percebeu que o relacionamento dos pais estava desgastado e que era só uma questão de tempo até que eles não estivessem mais

juntos. A forma com que ele deixou a família é que foi um pouco traumática.

Joel largou tudo para trás sem dar notícias. Ela não sabia se ele tinha avisado sua mãe, mas ela não pareceu surpresa na época. Talvez Ellen apenas tivesse agido daquela forma para tranquilizar os filhos, foi o que Iris pensou alguns anos depois.

A mulher havia sido diagnosticada com uma complicação no coração, que segundo os médicos era comum, então ninguém se preocupou tanto. Mais uma vez, quando sua forma de pensar se tornou tão protetora e altruísta quanto a de sua mãe, Iris já não sabia se a gravidade da doença não fora também omitida por Ellen.

Quando ocorreu o primeiro infarto, o pai já estava desligado da família. Iris sabia que ele havia deixado um número, mas ela nunca teve coragem de ligar. No segundo infarto, quando tudo aconteceu, e sem mais contato algum com o pai, ela e Ian ficaram sozinhos.

Na sexta-feira, Ian e Emília encararam um ao outro por quarenta e cinco minutos enquanto terminavam o projeto de química na escola. Eloy lançava um olhar quase recriminatório para os dois, indicando que sabia o que estava acontecendo, enquanto o “casal” tentava conversar entre si o menos possível.

Quando estava no ônibus naquele dia, no caminho de casa, Ian recebeu uma ligação de Catarina. Atendeu tremendo e quase perdeu seu ponto de parada por causa do conteúdo da conversa.

Enquanto caminhava até sua casa, digitou uma mensagem rápida para Emília, que saiu com vários erros de português. Disse que os dois tinham muita coisa para conversar e combinaram um encontro no estabelecimento da mãe dela depois do almoço.

Uma chuva fininha fez com que Ian passasse um pouco de frio no trajeto até a confeitaria. Sua sorte era que o local era quentinho, provavelmente por causa dos fornos da cozinha ou das luzes amarelas que flutuavam num fio que vinha do teto sobre cada mesa.

A confeitaria não era grande e sempre estava cheia. As paredes eram cobertas até a metade por uma madeira escura e até o teto subia um papel de parede que imitava tijolos – ele colocou a mão para ter certeza de que era papel de parede enquanto esperava.

Do lado esquerdo ficava a parte da bancada, entupida de uma variedade gigante de doces: *cupcakes*, *brownies*, *muffins*, tortas, *cheesecakes* e barrinhas de chocolate de vários sabores que vinham em tabletes de três.

A família de Emília trabalhava no negócio havia dez anos, mas eles não eram os únicos donos. Notando o talento de Helena quando ela ainda fazia doces caseiros, uma das suas clientes decidiu investir em uma confei taria e colocou a mulher, que já tinha muita experiência na produção e venda, como sócia.

Quando a empresa começou a dar retorno, passaram a

investir na melhoria do negócio e compraram a loja de trás do prédio para duplicar o tamanho. A parte de cima era onde eles moravam, o que fazia com que o prédio todo, que tinha apenas dois andares, fosse praticamente da família.

Assim que pôs os pés no local, Ian percebeu que Emília não precisava do dinheiro tanto quanto ele.

Ian enviou uma mensagem à garota, enquanto tomava um chocolate sentado em uma mesa para dois. Cinco minutos depois, ele a viu descendo uma escada de ferro no canto da loja.

– E então? – Emília se sentou em frente a Ian.

– A Catarina me ligou – ele respondeu. Emília arqueou a sobrancelha e balançou a cabeça, indicando que ele deveria ir logo às informações importantes. – Eles tiveram aquela reunião ontem. Ela mostrou os casais que havia entrevistado aos executivos. Mesmo eu acreditando que nossa entrevista tenha sido a mais bizarra, parece que os outros casais conseguiram ir pior.

A garota parecia ter prendido a respiração.

– Eu nem acredito que eles tinham outros casais, pra falar a verdade. Ela pareceu tão empolgada quando me fez o convite no consultório. Bom, espero que você não tenha mudado de ideia nesses três dias, porque agora... Só precisamos assinar o contrato – Ian disse – e estaremos no programa.

Emília permaneceu na mesma posição por tanto tempo que o rapaz começou a ficar preocupado.

– Você vai participar ainda, né? – ele perguntou. – Porque, nesse ponto, não sei se estaríamos mais ferrados em continuar ou em dizer que foi tudo mentira. Esse programa custa milhões

e...

Ela respirou tão fundo que cortou a fala de Ian. A fumaça que saía do copo do rapaz tremulou e se dissipou no ar. Emília olhou ao redor, certificando-se de que não estava sendo observada, e encarou Ian.

– A gente precisa decidir algumas coisas antes, Ian – ela se ajeitou na cadeira. – o.k., eu posso usar uma barriga falsa. Eu posso fingir enjoos. Mas e os meus pais? E a sua irmã? E os nossos amigos? O que nós vamos falar quando isso for ao ar?

– Em algum momento a gente vai ter que contar para essas pessoas. Seus pais, minha irmã, seu... namorado. Minha irmã vai ter que *emprestar* o bebê, afinal – Ian explicou. Emília jogou a cabeça para trás, achando a última frase estranha e engraçada.

– Então eu vou contar para a Ávia. Ela perguntou como tinha sido o trabalho na sua casa e eu me enrolei toda pra inventar uma desculpa. Ela ficou achando que tinha rolado alguma coisa e eu desconversei – Emília disse. – Ela não vai contar nada para ninguém se souber.

– Eu disse que em *algum momento* a gente teria de contar para essas pessoas, mas não acho que esse momento seja agora.

– Milhões de pessoas assistem ao programa! E se nos conhecerem e perguntarem do bebê na rua?

– "Ele está em casa dormindo" – Ian sugeriu. – Emília, a menos que queira continuar famosa, as pessoas logo vão esquecer você. Não é difícil ser esquecido. Se você nunca está lá, as pessoas te esquecem – Ian disse.

– Assim que acabar tudo e você pegar o dinheiro, pode viajar sei lá pra onde e, quando voltar, depois de alguns meses,

ninguém mais vai saber quem você é.

Emília desviou o olhar para o copo de Ian em cima da mesa e começou a passar a unha do dedo indicador sobre o plástico áspero, desenhando alguma coisa sem atenção. Ian percebeu que, quando ela estava pensativa, seus lábios se apertavam em um biquinho que parecia formar um coração.

– A menos que você *queira* ficar famosa – Ian disse.

Ele sempre a vira como alguém tão bem resolvida. Era estranho pensar que pudesse ter qualquer outra motivação além do dinheiro. A verdade é que as decisões que ela iria tomar depois em relação a tudo aquilo não eram mais responsabilidade de Ian. Eles eram apenas parceiros no crime. E era isso que importava para ele.

– Não, eu não quero ficar famosa nem nada. Só é bom ter pessoas que gostam de você, eu acho.

– Mas você tem várias pessoas que gostam muito de você – Ian disse, quase brigando com a garota. – Todo mundo te conhece na escola. Algumas pessoas têm até medo de chegar para conversar porque você parece confiante demais para fazer novas amizades.

– O quê? Não, é difícil explicar – ela fechou os olhos por uns instantes. – Mesmo com tantas pessoas ao meu redor, eu não me sinto ligada a ninguém – ela parou mais um tempo, organizando os pensamentos na cabeça. – sabe aquela frase que diz que lar não é bem um lugar, e sim onde estão as pessoas que são importantes pra você? – Ian assentiu. – Eu sinto que eu não tenho um lar.

– Ninguém é importante pra você? – ele perguntou.

– Não é isso – Emília respondeu de uma forma que fez Ian pensar que talvez a tivesse ofendido. – Eu tenho a minha família, os meus amigos e o meu namorado. Mas, no fim do dia, sinto que não tenho uma ligação forte o suficiente com ninguém.

– Nem com o seu namorado?

– Talvez a minha ligação com ele seja a mais forte.

– E você acha que milhões de pessoas gostando de você pelo que veem na TV vão te fazer se sentir melhor em relação a isso? – Ian perguntou. Emília deu de ombros. – Enquanto você tentar se completar com qualquer outra coisa que não seja amor de verdade, você vai só se inflar como um balão de festa; quanto mais cheia, mais frágil.

Emília encarou Ian, tentando processar o que ele havia acabado de falar. Enquanto ela o encarava, Ian buscou analisar se fez certo em dizer aquilo. Um precisava do outro para seguir até o fim, e ele não queria criar nenhuma desavença logo no início.

– Então, você tá dentro ou não? – Ian perguntou.

– Sim – Emília respondeu, séria.

Helena continuava trabalhando na cozinha da confeitaria mesmo depois de todos aqueles anos. Ela desenvolvia as receitas e supervisionava as outras funcionárias. A cozinha contava com mais seis mulheres. Todas mais velhas, exceto Guta, que tinha apenas dezenove anos e era apaixonada por confeitaria. Ela era responsável por decorar os produtos, enquanto as mais velhas,

com seus braços fortes, davam conta de mexer as massas mais pesadas. A garota era a única dali que estava fazendo um curso para se especializar naquele tipo de culinária.

– Como esse é com chocolate branco, vocês precisam cuidar, além da textura, do tempo de forno, para ele ficar bem moreninho. – A equipe estava ao redor de Helena, pegando as instruções para preparar o novo *brownie*. – A receita está no caderno. Fora isso, o preparo é o mesmo que o do tradicional. Fiquem de olho porque, se ficar muito branco, fica estranho. Se ficar muito escuro, parece queimado.

Todas balançaram a cabeça afirmativamente antes de cada uma provar um pedaço da fornada que ela havia preparado. O resultado foi unânime – todas gostaram muito. O clima na cozinha não era muito rígido, todas tinham muita experiência e ficavam conversando durante o trabalho sobre tudo o que viam na TV, ligada num volume alto no canto da cozinha abafada.

– Hum, Helena – Cássia estava terminando de comer seu pedaço de *brownie*. – não passou a matéria da Emília no jornal, né?

– Verdade. – Helena levava a bandeja com os *brownies* que haviam sobrado até a pia. – Quando fui pegá-la na casa do colega que também fez o trabalho, a Emília me disse que ia passar ao meio-dia. Isso foi o quê? Na terça? Acho que nem vai passar mais.

Todas olharam para a TV, como se esperassem encontrar a resposta no aparelho. Em vez disso, passou a propaganda para a temporada do *Novos Pais*, que estava na reta final, com o discurso emocionado de uma das participantes sobre o preconceito que

sofria na escola por ser tão jovem e ter engravidado.

– Que pouca-vergonha. – Cássia disparou. As outras mulheres balançaram a cabeça, concordando, enquanto se encaminhavam para seus afazeres.

– Eu já assisti a esse programa algumas vezes – Helena contou. – Dá pena dessas meninas porque, se os pais educassem bem, ficassem em cima, esse tipo de coisa não aconteceria. É tudo culpa da educação que não receberam em casa, não tenho dúvida.

– Se pelo menos elas pudessem escolher se querem ou não continuar a gravidez, né? – Guta comentou despretensiosamente, enquanto alisava uma torta de quatro leites com uma espátula.

– Como assim, menina? – nica, que já tinha quase setenta anos, demorou alguns segundos a entender. E então se benzeu, sujando a testa de farinha.

– É que eu também acho a educação importante, então não acho certo a criança ser criada de qualquer jeito quando a mãe não quer, só porque o bebê é obrigado a nascer. – Todo mundo parou o que estava fazendo para encarar Guta. Sua mãe, que também trabalhava ali, lançou à filha um olhar de reprovação, e ela entendeu que era melhor ficar quieta.

Nos segundos seguintes parecia que ninguém da cozinha respirava e os únicos barulhos vinham dos clientes nas mesas e da televisão alta. Até que nica quebrou o silêncio.

– Minha querida, essas meninas novinhas só que rem aproveitar. Não se dão o respeito. Elas merecem ter de criar esses filhos para aprender.

Guta, que respirou fundo, olhou para a mãe e abai xou a cabeça, apertando o saco de glacê com força para finalizar a decoração do bolo. Aos poucos todas foram voltando às suas atividades.

Então elas passaram a conversar sobre outras coisas, e no fim do expediente ninguém mais lembrava da discussão ou do programa, que, em breve, seria uma dor de cabeça para Helena.

8.

Ian estava um pouco afobado com a demora de Emília. Verificava seu celular de minuto em minuto, mas a operadora não dava sinal por nada naquele local. Mesmo se ela já estivesse na porta da emissora, onde deveriam estar àquela hora, ele não teria como saber.

Depois de esperar por pouco mais de vinte minutos, Ian avistou a garota dobrando a esquina, andando apressada. No tempo em que tinha ficado ali na porta do metrô, observou as pilhas de frutas no carrinho de um vendedor ambulante diminuindo aos poucos.

– Desculpa, mas é que – Emília fez uma pausa para umedecer a garganta com saliva enquanto os dois desciam as escadas – minha mãe me deixou na escola e tive que pegar um táxi de lá até a entrada do metrô. Mas acabei indo para a entrada errada e não consegui avisar você. Não sei usar direito esses metrôs. Tive que vir a pé pela rua mesmo.

Para não chegar à emissora com uma mochila, Emília a substituíra naquele dia por uma bolsa de pano. Disse para a mãe

que uma caneta havia estourado dentro da mochila, o que de fato ela teve de providenciar, porque sabia que a mãe iria verificar.

Ian a esperou ir ao banheiro antes de seguirem para a área de embarque. Emília saiu com uma roupa diferente – não mais o uniforme escolar – e, enquanto seguiam em direção à plataforma, ele percebeu que alguma coisa estava diferente na barriga dela.

– O que é isso? – Ian perguntou, apontando para o abdome de Emília, confuso. Ela colocou a mão por cima da bata clara, acariciando em movimentos circulares.

Ian notou que a barriga dela estava cheia de ondulações, como se estivesse grávida de um porco-espinho.

– Não faça mais isso, por favor. – Ian colocou o dedo em cima de uma das elevações, tentando abaixá-la. A ondulação voltou assim que ele afastou o dedo. – isso é um botão?

– Droga! – Emília colocou a mão por baixo da bata, como se não houvesse ninguém ao seu redor. Com um movimento violento, virou o botão para a parte de dentro.

– O que você colocou aí?

– Eu vou ter que voltar para a escola. O Gael vai me buscar, não posso aparecer com uma pança maior do que eu já tenho – ela deu um passo para o lado, chegando mais perto de Ian, e puxou a bata para cima disfarçadamente. – Coloquei uma cinta de aperto. Mas dentro tem uma jaqueta, que posso colocar quando voltar.

Ian tinha vasculhado o perfil de Gael na internet uns dias antes. Ele não sabia se sua pré-disposição para não gostar do namorado de Emília influenciara seu julgamento, mas a cada

post que lia achava o rapaz mais babaca. Dá para conhecer muito de uma pessoa pelo que ela compartilha.

– Mas... – Ian balbuciou, enquanto tentava lembrar o que tinha pesquisado sobre o assunto. Pelo jeito, tinha mais informações que Emília. – lembra que o bebê era do tamanho de uma azeitona? Ele não iria ficar grande como uma... *jaqueta* em três semanas!

– Hum, o.k., acho que você está certo – a garota disse. – nunca acompanhei uma gravidez de perto, a minha referência era a Bella swan, desculpa.

– Agora você só precisa estufar a barriga. Tomar muita água, sei lá. Vai demorar uns dois meses pra ela *realmente* começar a crescer. Quando o metrô chegou, os dois seguiram sem trocar muitas palavras. Um senhor no assento preferencial se ofereceu tantas vezes para ceder o lugar a Emília que a deixou irritada. Como ele não parava de olhar, Emília, que pretendia tirar o enchimento improvisado assim que descesse do vagão, levantou a bata e arrancou a jaqueta de dentro da cinta de aperto. O velho arregalou os olhos e permaneceu calado pelo resto da viagem.

Já havia se passado mais de duas semanas desde que os dois receberam a confirmação da participação no programa. Emília cogitou desistir em alguns momentos, quando parava para pensar melhor, antes de dormir. Os dois passaram a conversar mais pelo celular – mesmo mantendo distância na escola – e agora estavam mais certos do que nunca.

Quando chegassem à emissora, iriam conhecer todos os participantes. Eles iriam entender melhor como o programa

funcionava e receber todas as instruções. A emissora ofereceu um carro para buscá-los, mas seria muito arriscado pegar carona “para a escola” na frente de casa num carro cheio de adesivos da TV.

As mãos dos dois estavam suando enquanto seguravam nas barras de ferro do vagão.

– Acho que eu vou ter que fingir que eu sou uma louca – Emília falou assim que viram a luz do dia, enquanto subiam as escadas do metrô. – não posso deixar ninguém tocar na minha barriga. Estava pensando em falar que traz energias negativas.

– Já pensou quando começar o verão, se eles quiserem mostrar a gente na praia? Você vai usar um maiô com uma melancia partida dentro? – Ian falou rindo, mas foi ficando sério quando percebeu que isso realmente seria um problema.

Assim que atravessaram a rua, ficaram de frente para o prédio. Olhando de cima a baixo, respiraram fundo e entraram.

Antes de trocar qualquer palavra com a recepcionista, ouviram a voz estridente de Catarina cruzando o local com o salto ecoando no piso de mármore em direção a eles.

– Crianças, não podem se atrasar! Por isso que têm que pegar o carro da produção. – Ela checou alguma coisa no celular e, como num surto de bipolaridade, voltou o olhar para os dois, agora sorrindo. – Bom diaaa! Vamos lá pra cima, todos já chegaram.

O coração de Ian estava saindo pela boca. Emília parecia mais calma, mas era só sua forma de se comportar. Por dentro estava tão nervosa quanto o rapaz. Já seria desconfortável os dois ficarem no meio de vários garotos e garotas que realmente

estavam esperando um bebê, mas chegar atrasados e todo mundo ficar olhando era pior ainda.

Assim que a porta do elevador se abriu, duas câme ras já os esperavam apontadas para a cara deles. Ian e Emília seguiram Catarina, atravessando o corredor e entrando pela porta de ferro do estúdio.

– Não olhem pra câmera – Catarina cochichou para os dois. Ian tentou ver se eram as mesmas pessoas da equipe que tinha ido até a sua casa, mas não conseguiu se lembrar.

O estúdio era grande e as luzes estavam tão fortes quanto as montadas na sala de Ian, o que os obrigou a franzir os olhos para se acostumar com a iluminação. De um lado estavam os equipamentos rodeados de fios – câmeras enormes e estruturas de ferro no teto. Do outro, um cenário que imitava a sala de uma casa com várias cadeiras formando um grande semicírculo, duas delas vazias.

Emília percebeu que, como ela, algumas das garotas ali nem tinham barriga. Uma delas chamou a atenção – era impossível imaginar que aquela garota baixinha conseguisse equilibrar o peso sem pender para a frente enquanto andava.

Emília e Ian apenas conseguiram passar um olhar rápido nos participantes. Catarina mandou que os dois se sentassem nas duas cadeiras restantes. Eles perceberam que as câmeras não paravam de filmá-los. *Será que vai ser sempre assim?*, Ian pensou, assustado.

– Finalmente vamos começar! Antes de nos conhecermos um pouquinho melhor, preciso explicar para vocês como o programa funciona. – Ela olhou para trás, procurando uma

cadeira que ficava de frente para todos para se acomodar. O assento ficava fora do limite do cenário.

Emília acompanhou a luz que incidia sobre Catarina até o teto preto, onde estava presa, e quase ficou cega com os outros refletores apontados para ela. Uma câmera também capturava o que a produtora dizia, mostrando os bastidores do cenário.

– Vocês são os doze casais selecionados para participar desta temporada do *Novos Pais*. – Catarina disse, sorridente, em uma voz impostada. – Eu presumo que todos já devem ter visto o programa, por isso se inscreveram.

Ian e Emília se olharam.

– Então, a primeira coisa que vocês devem querer saber é "será que eles vão ficar na nossa cola o tempo inteiro?". A resposta é sim – Ian soltou um suspiro que foi ouvido por todos no estúdio, mas ninguém chegou a procurar de onde viera. – Mas só nos momentos importantes. Nós vamos acompanhar vocês alguns dias na semana, gravando as atividades que vocês costumam fazer. Numa semana vocês podem gravar três dias e na outra só um. Ou nenhum. Isso eu que vou decidir.

Tudo aquilo não era novidade para alguns dos participantes, que já estavam sendo acompanhados. Mas essa gravação só podia ser feita agora que o time estava completo.

– Uma vez por mês vocês virão aqui – Catarina apontou, indicando o estúdio –, todos juntos, para conversar sobre como está sendo a experiência. Os problemas e as coisas legais que aconteceram. E partes desses bate-papos entre vocês vão entrar no programa.

Aproveitando que estavam todos prestando atenção em

Catarina, Emília tentou dar uma espiada nos outros participantes, chegando a cabeça um pouco para a frente. Por um momento, ela se sentiu mal de estar ali e não estar grávida. Provavelmente algumas daquelas meninas também queriam não estar.

Ela tentou identificar quem seria quem naquela edição. A barraqueira do programa foi identificada de primeira – estava com os braços cruzados e tinha a cara fechada como a de um segurança de boate. A baixinha com barriga maior tinha os cabelos claros e um vestido de bolinhas, o que a deixava com uma aparência adorável. Emília constatou que ela seria a favorita do público, a menos que fosse bobinha demais.

A garota teve de desviar o olhar rapidamente das duas participantes, que perceberam que ela as observava. Então decidiu voltar a prestar atenção na fala da produtora.

– ...vocês sabem, cada episódio mostra um pouquinho de todas vocês. É claro que, quando chegar a hora do parto de uma ou de outra, essa participante será o centro do episódio. Aliás, temos alguém que está quase lá, hein Rosa?

A baixinha sorriu, concordando, e os olhos quase se fecharam ao ser pressionados pelas bochechas.

– No caso daquelas que ganharem os bebês mais para o começo do *reality*, vamos continuar acompanhando o dia a dia como mãe também – Catarina contou. – Tudo conforme o contrato que todos vocês assinaram. Aliás, não todos. – Ela lançou o olhar para Ian e Emília, e em seguida a outros dois casais.

Ian tentava secar o suor da mão na calça. Ele e Emília se

olharam de novo e ouviram umas risadinhas de outros casais. Um dos rapazes que acompanhava a namorada, com uma quantidade estranha de gel no cabelo, formando um topete fino e caído, cumprimentou Ian com um aceno de cabeça quando seu olhar passou por ele.

– Agora quero que vocês se apresentem uns para os outros – Catarina se ajeitou na cadeira –, nós vamos gravar algumas partes. Hoje não vai ter nenhum bate-papo de verdade aqui no estúdio. Vamos esperar as gravações avançarem um pouco mais. Você pode começar, Priscila. A emburrada contou que ela e isaac sempre se preveniam, mas haviam passado um feriado na casa de praia do rapaz e não encontraram nenhum estabelecimento que vendesse preservativos. Nem passara pela cabeça deles invadir o quarto dos pais do garoto à noite para pedir uma coisa dessas.

– E nós queremos dar o bebê para uma família que consiga criá-lo melhor – Priscila terminou e olhou para o chão, indicando que havia terminado, já esperando o próximo casal.

Cada um deles contava um pouco da sua história. Quatro já haviam falado. Emília e Ian eram os próximos. Alguns dos namorados contaram suas histórias no lugar das meninas, mas, quando ela olhou para Ian, o rapaz fez um gesto para que ela falasse.

Um cavalheiro.

– Meu nome é Emília e o dele Ian, e a gente tá junto há... um ano e... quer dizer, três meses. Só três meses – Emília quase soltara a data de seu namoro *de verdade* com Gael. – E aconteceu. Vocês sabem como é. – Ela olhou para Ian e fez um carinho

desajeitado em seu rosto, sentindo espetar nos dedos sua barba por fazer.

– Vocês pretendem ficar com o bebê? – A produtora ajudava fazendo algumas perguntas quando o casal não falava muito.

– Hum... aham.

– Tudo bem. Próximo.

A história mais engraçada foi a de iara e Bela, que tinham engravidado do mesmo cara. E ele estava acompanhando as duas no programa, assim como duas temporadas antes dois pais haviam acompanhado os filhos de liana. As duas eram melhores amigas antes de tudo acontecer, mas não pareciam se odiar agora.

– Eu só quero que o Valentim escolha com quem ele quer ficar, porque eu o amo e preciso saber – disse iara.

– Eu também – completou Bela.

– Você também quer que ele escolha uma de vocês ou você o ama? – Catarina perguntou à última garota.

– Os dois.

Valentim disse que não sabia com quem iria ficar porque gostava das duas. Emília olhou para os sapatos do garoto – sua mãe sempre disse que dava para saber se a pessoa era rica pelos sapatos. Depois se sentiu mal por pensar isso das meninas e por seguir a dica oportunista da mãe. Mas ele tinha um belo par de tênis que nem era vendido no Brasil.

Emília ainda estava rindo de uma das participantes, que estava com vergonha de falar sobre sexo e começou uma analogia estranha sobre sementinha e cegonha e toca de coelho, quando foi surpreendida por uma voz conhecida.

– Meu nome é lisa e eu estou grávida de um cara que, na verdade, nunca foi meu namorado. – Emília se esticou mais uma vez na cadeira para ver quem estava falando e era realmente *ela*! – Estou participando do programa sozinha porque tive uns desentendimentos com esse cara e a gente não se fala mais.

– Que foi? – Ian sussurrou quando viu que Emília estava agitada.

– Aquela menina que falou agora – ela cochichou de volta –, ela estudou comigo. Eu lembro! o nome dela é Elisa. A gente estudou junto no ensino fundamental. Nós éramos melhores amigas, mas trocamos de turno na escola e acabamos perdendo contato.

– Será que ela se lembra de você?

– Provavelmente. Andávamos juntas o tempo todo. – Emília voltou a olhar para a colega. – Meu Deus, ela tá grávida!

Ian encarou Emília e revirou os olhos. Em seguida, passou os olhos ao redor, para cada uma das garotas com a barriga protuberante.

– *Como você pode ter tanta certeza?* – Ian perguntou.

– Caramba... – Emília pareceu não perceber a brincadeira de Ian. *Eu a conhecia quando* nós *éramos crianças, e agora ela vai ter uma!*, pensou.

Por mais que Emília estivesse ali fingindo estar grávida, ela começou a perceber que não sabia nada e não estava nem perto de entender o sentimento de realmente estar. *Vai sair um bebê de dentro dela do qual ela vai ter que cuidar pra sempre*, Emília não parava de pensar, assustada.

A última garota da fila foi Rebeca, que falava tão baixo que

mal dava para ouvir. Mas não parecia tímida. Suas sobrancelhas arqueadas e sua postura ereta na cadeira davam a impressão de que analisava a tudo e todos. Ela apenas se apresentou, disse que não foi planejado – Emília percebeu que nenhuma delas havia planejado aquilo.

– Ótimo, agora que todos se conhecem – Catarina levantou –, queria dizer que nós ainda vamos nos ver muito durante os próximos meses e vai ser ótimo acompanhar essa experiência tão nova de vocês!

Desde a segunda temporada a produtora deixara de usar palavras como "experiência mágica" e "momento lindo" e "esse presente de Deus". Afinal, aquelas expressões não combinavam com o que muitas das grávidas que participavam sentiam.

– Vocês estão dispensados por hoje. – A produtora bateu uma palminha. – Mas a gente vai conversando pelo celular para marcar as próximas gravações. Emília, Mel, Rebeca e pais, venham aqui um momento.

Os seis foram até Catarina.

– Aqui estão os contratos – ela entregou para cada casal. – Vocês precisam assinar uma via de cada e me entregar pra ontem! Essa é a autorização que permite a vocês participar. Por serem menores de idade, é muito importante que me entreguem na próxima vez que nos virmos, 1.k 1.k .? – os três concordaram. Catarina se despediu e seguiu para a mesa do estúdio, fechou sua pasta e a colocou dentro da bolsa antes de sair. Ian e Emília se afastaram.

– Eu posso falsificar o meu e o seu. Me manda uma foto da assinatura da sua irmã. – Emília disse, enquanto abria a bolsa e

retirava uma pasta para guardar os contratos.

– Olha quem parece uma mafiosa, agora... – Ian provocou. Emília deu de ombros, com um sorriso no canto dos lábios. – se a gente não estava fora da lei até agora, depois que falsificarmos esse contrato... Aí, sim, já era.

– Você não quer mais que eu participe? – ela sussurrou, em tom de ameaça. – Porque foi você quem me convidou, e a grande responsabilidade disso ainda é sua.

– É claro que não. A menos que você não queira. Só estou deixando bem claro esse risco, que acredito ser o único... Emília parou de prestar atenção no que Ian dizia quando se lembrou de procurar lisa. Elas tinham passado por tantas coisas legais na infância. Era muito estranho saber que a menina com quem ela dividira seus maiores segredos de infância agora era quase uma estranha para ela.

Assim que viu a garota atravessando a porta, deixou Ian falando sozinho. Quando a alcançou, tocou no seu ombro. Lisa levou um susto.

– Me desculpa – Emília disse, assustada, achando a situação engraçada ao mesmo tempo. – Você se lembra de mim?

Lisa esperava o elevador. Parecia meio perdida, mas, assim que viu o rosto da colega, abriu um sorriso tímido.

– Sim, eu a reconheci assim que você entrou.

Emília sentiu que a amiga estava um pouco diferente. Quando criança, as duas brincavam, correndo pelo pátio de concreto da escola com os meninos, no intervalo das aulas. Eram das que mais conversavam na sala e por isso sempre eram obrigadas e sentar separadas.

Ninguém parava as duas. Emília nunca esquecera a colega e como ela fora importante para construir sua personalidade. Lisa agora nem olhava em seus olhos enquanto falava. Sem contar a timidez. Ela nunca fora tímida.

– E você ia embora sem falar comigo? – Emília disse, simulando uma bronca.

– Eu não sabia se você ia me reconhecer – lisa sorriu de volta, sem mostrar os dentes. – Mas eu tô muito feliz de falar com você de novo. Sinto muita falta de quando éramos crianças, foi a melhor época de todas.

– A gente precisa voltar a se falar. Ainda mais agora que... – Emília apontou para o estúdio. – Eu quero saber tudo o que aconteceu desde que a gente perdeu contato. Ela viu que lisa parecia um pouco desconfortável. A garota acompanhou todo mundo entrando no elevador e, assim que a porta se fechou, ela olhou para o chão.

– Eu não quero atrasar você. – Emília disse. – Você quer me passar o seu número pra gente combinar alguma coisa?

Quando Emília retirou o celular e o visor acendeu, o fundo de tela mostrou Gael e ela abraçados. A garota engoliu em seco e digitou a senha rapidamente.

Emília levantou os olhos em direção à colega, apenas para garantir que ela não tivesse percebido. Lisa segurava a alça da bolsa com o punho fechado próximo ao quadril.

Seu peito subia e descia mais rapidamente, mas, assim que percebeu que Emília a observava, tratou de suavizar sua expressão preocupada com um sorriso amarelo.

Lisa ajeitou a bolsa no ombro e apertou o botão para chamar

o elevador três vezes. Todos os outros participantes já tinham descido no anterior.

Elas trocaram telefone e se abraçaram antes de lisa descer. Emília sentiu uma nostalgia e uma felicidade em reencontrar a sua melhor amiga de infância, mas teve a impressão de que lisa guardava ainda mais segredos do que ela.

9.

Faltavam quinze minutos para o sinal de saída da escola tocar, mas Ian e Emília já estavam pertinho do colégio. Tinham decidido sair da praça de alimentação da emissora mais cedo, para evitar um atraso como o daquela manhã. Uma vez que ninguém sabia que Emília não havia ido para a aula, precisava voltar à escola, onde pegaria carona até em casa.

– Segura aqui a minha bolsa. – Emília, já de uniforme, a entregou para Ian assim que os dois pararam na esquina da escola. Ela se abaixou para amarrar o cadarço, que estava arrastando no chão fazia um tempo sem que tivesse percebido.

Ian, apoiando a bolsa em seu ombro, percebeu que desde a esquina da escola até o portão, onde a rua sem fim terminava, já havia algumas pessoas aguardando os alunos.

Distraídos, Ian e Emília levaram um susto quando o carro preto que estacionou ao lado deles buzinou. Os dois se viraram.

– Merda! – Emília disse, terminando de amarrar o cadarço num laço apertado.

– Quem é? – Ian perguntou, sem mover os lábios, enquanto

observava um rapaz vindo na direção dos dois.

A garota se levantou e esperou Gael chegar até ela.

– A sua aula ainda não acabou. O que você tá fazendo aqui? – não estava bravo, mas definitivamente não parecia feliz.

Ian queria encostar no muro do colégio com Emília e afundar, até sumir por completo, como se nada tivesse acontecido. Não que estivesse com medo, mas não teria circunstância pior para conhecer Gael. Na verdade, ele nunca tinha parado para pensar que um dia iria conhecê-lo, dada a situação em que ele se encontrava com a namorada do rapaz.

O namorado de Emília tinha feito dezoito no começo do ano, mas, pela aparência, Ian diria que ele era mais velho. Provavelmente por causa dos ombros largos e do rosto angular. Ele tinha o cabelo claro e grande o suficiente para fazer um coque, mas não o fazia. Não vestia uma camisa xadrez nem tinha a barba muito grande para se encaixar num estilo lenhador moderno. Inclusive, a última coisa que Ian queria naquele momento era imaginar Gael com um machado.

– Que bom que você chegou, amor – Emília abraçou Gael, encostando sua cabeça no peito do namorado. Ian ainda segurava sua bolsa. – Eu passei meio mal na sala, fiquei tonta, sei lá.

Emília pensava rápido.

– E ele? – Gael apontou com o queixo pontudo para Ian.

– É um colega, o Ian. – os dois se cumprimentaram também com um movimento curto de cabeça. – Viemos até aqui justamente para ver se você já tinha chegado.

– Por que você não me mandou uma mensagem

perguntando?

– Hum... sem rede. Já falei, celulares funcionam melhor no presídio do que nessa escola – Emília se voltou para Ian e agradeceu antes de pegar sua bolsa de volta. – não esqueça de pegar a sua mochila depois.

– Que mochila?

– Que ficou dentro da sala. Você esqueceu a sua quando veio me ajudar – disse ela, já garantindo uma explicação a menos a Gael sobre o fato de Ian não estar carregando nada.

– Ah, verdade. E meu uniforme está lá também – Ian olhou para Gael. – Eu me troquei porque vou para outro lugar saindo daqui.

A situação estava começando a ficar constrangedora para os três, com tantas explicações. Gael apenas virou o rosto e seguiu em direção ao carro, sem cumprimentar Ian. Era um mau sinal. Emília o seguiu.

– Você quer que eu te leve ao hospital? – Gael perguntou com má vontade, provavelmente por causa da presença de Ian.

– Não precisa. Acho que foi porque não tomei café da manhã – Emília disse, enquanto passava as costas da mão na boca. Havia acabado de comer um sanduíche e seria um problema se ali tivesse algum farelo.

Ela precisava tomar cuidado também para que Gael não perguntasse nada a Helena. O que poderia parecer estranho, mas não para os dois – eles tinham sido vizinhos por muitos anos, até a família de Emília se mudar para o prédio da confeitaria. A mãe de Gael era muito amiga da mãe de Emília e dera muitas dicas quando Helena também ficou grávida, alguns meses depois

dela.

Os dois brincaram juntos por muitos anos e deram o primeiro beijo juntos. Mas só tinham começado a namorar havia um ano e quatro meses. Antes disso, ficavam de vez em quando.

Emília percebeu que Gael estava com ciúme, mas preferiu não ficar se explicando, já que nada demais estava acontecendo entre ela e o colega, ao menos não no sentido romântico. Se ele perguntasse, ela contaria tudo.

Gael estacionou num restaurante ao qual os dois costumavam ir uma vez por semana, sempre que ele a buscava. Durante a noite, ele fazia um cursinho para passar num concurso público, então de resto eles se viam apenas nos fins de semanas. Os pais dele trabalhavam na prefeitura, em cargos de administração, havia mais de quinze anos.

– Que calor! – Emília começou a se abanar. Eles estavam sentados longe do ventilador do restaurante, que não tinha ar-condicionado porque era todo aberto.

– E você levou uma jaqueta pra aula? – Gael perguntou.

– Mais cedo estava um pouco frio. – Emília engoliu em seco.

– Como vão as coisas lá na sua casa?

Emília ficou aliviada com a pergunta. Pensou que talvez fosse começar um interrogatório sobre Ian. Ela já havia ficado com garotos mais ciumentos que Gael, mas desta vez até Emília acharia sua desculpa suspeita se estivesse no lugar dele.

– Mais ou menos. Depois daquela história do almoço, no dia seguinte ela já não lembrava mais. Ou seja – os pratos haviam chegado à mesa e Emília agradeceu ao garçom –, ela cria brigas sem necessidade alguma, diz coisas horríveis e depois a única

pessoa que fica mal sou eu.

Na semana anterior, ela ficara encarregada do almoço. Eles não tinham uma empregada que viesse todos os dias, só uma vez por semana. Então a comida era a mãe que fazia. Emília nunca precisava cozinhar, mas sabia fazer algumas coisas, como arroz, salada e frango.

Mais precisamente, *apenas* arroz, salada e frango.

Naquele dia, ela começou a preparar o almoço assim que chegou da escola. O frango já estava cortado e temperado, só precisava cuidar das panelas. Mas sua cabeça ainda estava a mil por causa do programa, e ela começou a pesquisar sobre parto e gravidez enquanto esperava a comida ficar pronta. Encontrou vários vídeos e não conseguia mais parar de ver – e de se sentir aliviada por não estar grávida.

Tanto o frango quanto o arroz criaram uma crosta preta por ficarem tempo demais no fogo. Mas, ainda assim, estavam comestíveis. Durante o resto do dia, enfrentou uma longa jornada ouvindo quanto era desatenta, despreparada, irresponsável e imprópria para se cuidar sozinha. Quando a mãe passava por ela no escritório da confeitaria, balançava a cabeça.

– Meio que toda mãe é assim, eu nem ligo muito quando ouço esse tipo de coisa. Você deveria fazer o mesmo – Gael disse. E então colocou na boca uma garfada da massa que havia pedido.

– Tem um restaurante do lado da nossa casa, não é como se nós fôssemos passar fome naquele dia ou como se eu tivesse atrasado o trabalho de todo mundo. Nós almoçamos em casa mesmo assim, porque era só não pegar a parte queimada. Mas, enquanto comia, parecia que sentia que ela queria que eu me

engasgasse – Emília contou, séria, espetando sua batata frita com força, mas Gael achou engraçado e balançou a cabeça. Sua boca estava cheia para falar alguma coisa.

– Não foi necessário aquilo, sabe? – Emília disse. – o meu pai até mandou eu parar de me importar também e falou que ele já tinha feito isso. – Ela largou os garfos e olhou pra Gael. – Você acredita nisso? Ou seja, ele prefere não ver o problema a ter de resolvê-lo. Isso me irrita!

– Sério? – Gael riu. – seu pai é engraçado. Mas acho que ele não está de todo errado. Às vezes a gente que ainda não sabe, e na verdade casamento é isso: aguentar a outra pessoa.

Emília olhou séria para Gael.

– Que bom saber que você pensa assim – Emília disse com a cabeça inclinada. – Eu acho que você precisa estar feliz com a pessoa com quem você está, não tem sentido relevar o que te incomoda e ir se machucando sem ao menos falar pra ela.

– Então por que você não faz isso e não conta para a sua mãe o que te incomoda?

Emília olhou para o prato e respirou fundo.

– Eu estou na vida dela há dezessete anos. – Então olhou para Gael. – Ela que *me fez*. Provavelmente não me vê como uma pessoa que tem algum direito de dar alguma opinião. Sempre vai pensar que eu sou a pessoa que precisa mudar. Talvez a convivência tenha estraga do tudo. Eu só preciso de um pouco de ar livre, vai ser melhor pra todo mundo.

Gael franziu o cenho, mas concordou com a cabeça, e os dois continuaram comendo. Emília começou a lembrar da gravação do *Novos Pais*. Ela havia conversado com Ian sobre para quem

eles contariam primeiro, já que, em algum momento, precisariam contar. Tinha pensado em Ávia, mas chegara à conclusão de que talvez Gael fosse o mais indicado, já que, se ele descobrisse que até a amiga dela sabia e ele não, o problema poderia ser ainda maior.

– Você já viu aquele programa *Novos Pais* na TV? – Emília perguntou e deu um gole em seu suco, sem tirar os olhos do namorado, esperando a resposta.

– Umas partes só. Vi alguma coisa na internet – ele deu um gole no copo de refrigerante. – Aquele programa é uma besteira.

– É? Deve ser complicado para aquelas garotas, né? Estarem grávidas. Algumas são até mais novas que eu.

Gael começou a tossir depois de engasgar e colocou seu copo na mesa.

– Por que você tá falando disso, Emília? – ele perguntou, assustado. – Que papo estranho.

Emília percebeu que ele estava entendendo outra coisa.

– Nãão, não é isso que você tá pensando. – Gael soltou um suspiro de alívio. – Eu só queria mesmo saber o que você pensa, porque... bom, deixa pra lá. Você não assiste, então tudo bem. Eu só queria falar do programa.

– Emília pensou que talvez desse mesmo para confiar no namorado, mas que contar quando estivesse mais perto de o programa estrear fosse uma melhor opção. Ele não poderia impedi-la de fazer qualquer coisa, afinal.

Os dois já tinham terminado seus pratos quando Emília se lembrou de lisa. Gael a conhecia porque tinham estudado na mesma escola, e ele era um dos meninos com quem as duas

brincavam durante o intervalo.

– Você se lembra daquela minha amiga do ensino fundamental, a lisa? Falei com ela. – Assim que soltou a frase, Emília percebeu que tinha feito uma besteira. Ainda mais porque naquele dia, em tese, ela tinha ficado na escola a manhã inteira. Os dois tinham conversado no dia anterior e ela não havia dito nada. – Falei pela internet, quero dizer. Lembrei do nada, fui procurar o perfil dela e a encontrei.

Emília percebeu que Gael ficou meio desconfortável ao ouvir nome de lisa, o que era estranho, ainda mais porque os dois se conheciam muito pouco, só mesmo das brincadeiras esporádicas nos intervalos das aulas.

– Ela tá bem? – ele perguntou, como se estivesse cumprindo uma obrigação. Pegou a chave do carro de cima da mesa. – Vamos indo?

– Vamos. – Emília se levantou. – Ela tá bem, sim, comentei porque não sabia se você lembrava, faz tanto tempo.

– Acho que sei quem é, sim. Você quer que eu te leve pra casa? – Gael emendou rápido.

Emília olhou para o namorado, confusa.

– Claro, eu trabalho à tarde, você sabe.

No caminho, eles conversaram sobre as aulas de Gael, que estavam mais pesadas porque o concurso estava chegando. Mas Emília tinha ficado com uma pulga atrás da orelha. Não sabia se ele apenas não estava tão interessado em saber sobre a amiga de infância dela ou se tinha alguma coisa ali. Ainda mais depois da maneira como lisa ficara após ter visto a foto dele no seu celular. Emília balançou a cabeça tentando afastar o pensamento.

Começou a achar que toda essa história de ter mentido e guardar segredo a estava deixando paranoica. Ou talvez participar do programa estivesse apenas remexendo em coisas do passado que nenhum dos envolvidos gostaria que fossem descobertas.

10.

Na primeira gravação oficial para o *Novos Pais*, Emília e Ian precisaram mais uma vez recusar o carro da emissora. Durante todo o trajeto de metrô, os dois trocavam olhares assustados, e um entendia exatamente o que o outro estava pensando. Catarina iria levá-los a uma consulta com um obstetra.

Tudo poderia ir por água abaixo nas horas seguintes.

– Por que você veio de uniforme também? – Emília perguntou quando saiu do banheiro e encontrou Ian do lado de fora, depois de trocar de roupa no banheiro do metrô.

– A Iris acordou na mesma hora que eu hoje.

Emília hesitou antes de fazer uma pergunta a Ian enquanto subiam as escadas.

– O que você acha que a sua irmã vai dizer quando ela precisar saber disso tudo?

– Sinceramente – Ian encarou Emília –, eu não sei. Penso que ela pode surtar de preocupação, mas também a vejo confiando em mim e entendendo o motivo disso tudo.

– Você é apegado a ela? – Emília perguntou. – À sua irmã?

– Sim – Ian balançou a cabeça encarando o chão. – Eu falei para você, a minha família é só ela. Nosso amor é meio que concentrado, sabe? Afinal, a gente não tem ninguém pra dividi-lo. Agora ela vai casar e ter um filho, então talvez só eu não tenha com quem dividir.

Emília riu. Ian fitou a garota por alguns instantes, perguntando-se se ela havia pensado que ele estava querendo insinuar algo.

– E isso é ótimo, sabe? – Ian disse. – Pra mim e pra ela. É muita responsabilidade ser a única pessoa de alguém – ele terminou a frase com um sorriso torto que fez Emília desviar o olhar.

– Entendi – ela respondeu.

Os dois continuaram caminhando sem trocar muitas palavras até a fachada do prédio, com suas paredes de concreto ao redor da entrada de vidro gigantesca.

– Você trouxe os contratos, certo?

– Ian perguntou. Emília retirou sua pasta e mostrou as assinaturas falsas. Respiraram fundo, olhando-se no reflexo do vidro ao longe, e começaram a caminhar ao mesmo tempo em direção à porta.

Catarina mais uma vez os esperava na recepção, e eles nem precisaram ficar muito tempo dentro do prédio novamente.

– Que bom que vocês chegaram, a van já está esperando ali na frente – Catarina apontou. – só entrar.

– Os contratos estão aqui.

Ian observou enquanto Emília entregava a pasta. A garota não olhava Catarina nos olhos, como costumava fazer. Parecia

que sua confiança estava abalada por causa da visita ao médico, e isso o preocupou ainda mais. Se Emília já estava esperando que aquela visita fosse o fim dos dois, como ele pensaria de outra forma?

A produtora levou os contratos até uma das recepcionistas e pediu a ela que os deixasse em sua sala.

A porta automática do prédio se abriu e os dois entraram na van com Catarina. O ar-condicionado estava ainda mais forte que o da recepção. Ian começou a tremer, não sabia se de frio ou de nervosismo.

– Você enjoou muito esses dias? – Catarina perguntou, enquanto o automóvel era manobrado de volta à rua.

– Hum, na verdade, não. – Emília olhou para Ian.

– Ela só está com um pouco de desejo – o rapaz se meteu. Ele não pôde ver, mas ela cravou as unhas no estofado da van com força como se o fizesse no braço do rapaz. Ian tentou buscar a primeira coisa que veio em sua memória. – Ela está comendo muito doce...

Catarina parecia interessada, mas não fez nenhuma pergunta. Esperou que ele completasse.

– A mãe dela tem uma confeitaria – ele revelou. Emília ajeitou-se no banco, fuzilando-o com o olhar.

– Jura? – Catarina sacou o celular da bolsa e anotou a informação. – Vamos gravar lá um dia, então!

Emília engoliu em seco e sorriu para Catarina. Depois encarou Ian sem expressão alguma enquanto o peito estufava de ar. Ela o soltou pela boca de uma vez só, antes de voltar a observar a janela, emburrada. Ian sentiu o hálito da garota, que

parecia ter mascado um chiclete de menta, e virou a cabeça para a frente, prestando atenção no trânsito.

Talvez os dois só tivessem chegado até ali porque não se conheciam quando tudo começou. Eles teriam discutido melhor o assunto se não se preocupassem tanto em pisar em ovos, sendo gentis um com o outro, como em qualquer início de relacionamento. Mas agora já eram íntimos o suficiente para brigar.

Emília parecia brava, e o que eles mais precisavam naquele momento era de cumplicidade.

A produtora pareceu entretida com o celular. Permaneceu concentrada até perceber que já estavam próximos do local onde iriam descer.

– O.k., no consultório – Catarina falou – vai acontecer assim: a gente vai acompanhar vocês nesse encontro com o médico. Ele vai examinar você – se dirigiu à Emília – e conversar. Vai ser tranquilo.

Os dois pararam de respirar.

– Mas não era só para *conversar* com o médico? – Ian perguntou, com os olhos arregalados.

– Claro que não. A gente precisa das imagens da Emília fazendo os exames, o ultrassom *e* – ela deu ên fase no "e" – conversando com o médico. – E, Emília, você está bem? Tá meio pálida. Pelo menos já estamos indo ao médico.

– Eu já tenho um médico – Emília disse, com a boca encolhida num bico igual ao de uma criança prestes a chorar. Era isso que acontecia quando ela tentava parecer brava.

Já estava em seus planos agir de forma alterada se quisesse

parecer convincente na hora de se negar a fazer os exames, então decidiu começar ali mesmo.

– Todas as meninas já tiveram a primeira consulta quando a gente começa as gravações, querida, é só trocar o médico. Duvido que você tenha se consultado com um médico melhor que o dr. Rômulo – Catarina disse enquanto retirava da bolsa seu tablet com a pauta da gravação. Ian descobriu depois que ela podia ver as imagens das câmeras por ali também.

– Mas eu não vou trocar de médico! – Emília falou num tom de voz mais alto do que esperava.

O olhar de Ian ia de uma para a outra. Para ajudar na encenação, ele segurou o braço de Emília com uma mão e fez carinho com a outra, como se tentasse acalmá-la. Catarina parou o que estava fazendo e lançou um olhar enfurecido para a Emília.

A van estacionou e os outros membros da equipe observaram Catarina, que segurava a porta de correr ao seu lado, impedindo que alguém saísse.

– Tudo bem, Emília – Catarina respirou fundo, controlando-se, e disse com voz didática: – Você não precisa trocar de médico. Mas você *vai* fazer os exames com esse. E a gente *vai* voltar aqui sempre que necessário. E trate todos muito bem lá dentro, porque eles anunciam neste programa. E é esse anúncio que paga o seu cachê. – Sem esperar a garota responder, puxou a porta com força e saltou do veículo, seguida da equipe técnica.

Ian ficou aliviado ao ver a fachada da clínica. Não era a mesma que a irmã frequentava.

– Vamos? – Ian ofereceu a mão para ajudar Emília a descer da van, mas garota o ignorou e saiu sozinha.

Ele percebeu que, da porta do consultório, os cinegrafistas já os filmavam caminhando pelo estacionamento em direção à entrada.

Os dois foram até o balcão de atendimento. Eles tinham sido instruídos a fazer tudo como se as câmeras não estivessem por perto, para parecer natural e uma escolha deles estar ali.

– Tá tudo bem – Ian cochichou para tentar acalmar Emília, antes de a recepcionista se virar para atendê-los. – Vai dar tudo cert... – ele ficou paralisado – merda!

Emília encarou Ian, espantada. Ele tinha sido burro ao citar a confeitaria de sua mãe, e – se eles passassem por aquele dia sem sair do programa – iriam se ferrar de qualquer forma por causa da boca grande dele. Estava brava com o colega, mas o susto dele a preocupou.

Ian se virou para o lado esquerdo como uma enceradeira desgovernada e foi andando em direção às janelas.

O hall principal do consultório tinha um formato de T – a base do T era por onde eles tinham entrado. Na ponta esquerda, além das janelas, havia uma porta para o almoxarifado, com uma placa de "entrada proibida" e grandes vasos com plantas. Na ponta direita, os banheiros e mais um corredor comprido que levava às salas do consultório.

– Você tá louco? – Emília foi atrás de Ian. A recepcionista que estava prestes a atendê-los os observou sem compreender nada. – o que... o que você tá fazendo?

– Fala baixo. – Ele tentou caminhar disfarçadamente, com o

rosto abaixado. – Tem uma mulher de amarelo que vai sair do corredor a qualquer momento e não pode me ver.

– A Catarina vai matar você – ela sussurrou para o colega. O microfone já não os alcançava.

– É a minha irmã, caramba! – Ian bradou, tentando manter a voz discreta. – se a Catarina não me matar, a minha irmã mata!

Emília ficou paralisada.

Quando o irmão a reconheceu, Iris havia acabado de sair de uma sala de exames e conversava com uma enfermeira. Ele saiu de seu campo de visão antes que ela o visse.

Emília estava de frente para Ian, que tinha as costas pressionadas contra a janela, escondendo-o para que ninguém o visse. Se não fosse a mão sobre o rosto para não ser reconhecido, ele quase poderia encostar seu nariz no dela. A garota se virou para observar Catarina e seu cotovelo tocou de leve o abdome de Ian, que sentiu um arrepio.

A produtora acompanhava a cena com a boca semiaberta e linhas de preocupação na testa. Não parecia nem um pouco contente. As câmeras estavam abaixadas por sua ordem. Seus braços cruzados indicavam que estava aguardando que um dos dois lhe desse alguma satisfação sobre o que havia acabado de acontecer.

Emília a ignorou e seus olhos se voltaram para a irmã de Ian, que vinha do corredor. Ela a havia reconhecido das fotos que vira na casa dele.

– Ela tá vindo. – Emília avisou Ian.

– Pra cá?! – ele perguntou desesperado, enquanto se

ajeitava. Colocou as mãos na cintura dela para afastá-la e se virou para a janela, sem levantar a cabeça. A janela deixava o disfarce menos ridículo, já que ele poderia fingir estar observando o lado de fora.

– Não. Ela está conversando com a recepcionista agora – Emília sussurrou, sem mover a boca. – Eu não acredito que você deixou isso acontecer, Ian! Parece que você está nos sabotando por querer.

– Eu não sabia que era nessa clínica que ela viria, caramba! – Ele disse, encarando o vidro. – Ela sempre vai a outra. Essa aqui tem cara de ser muito chique, a que ela vai é bem menor. Eu nunca ia imaginar...

– Se aquela é menor, ela provavelmente teve que fazer um exame em algum laboratório maior – Emília especulou. – se a sorte continuar a nosso favor *desse jeito,* eu não quero nem saber como isso vai terminar.

Catarina parecia irritada com o casal.

– Eles estão lá parados como se não estivessem gravando a droga de um programa de televisão. – A produtora desabafou com o assistente de câmera ao seu lado. Sem paciência, decidiu intervir. Mandou o operador de áudio levar a vara do microfone até eles e as câmeras voltarem a gravar.

– Ah, droga... o cara do microfone tá vindo pra cá. Não fala mais nada. Agora, com todas as câmeras apontando pra cá, a sua irmã vai olhar pra nós.

Os dois ficaram quietos. Não sabiam o que fazer.

– O que está acontecendo aqui? – Iris perguntou para a recepcionista, quando viu a movimentação das câmeras.

– Eles estão gravando o *Novos Pais* hoje. Aquele programa de pais adolescentes, sabe? – A atendente era uma senhora gordinha, que falava de forma mansa.

– Ah, eu já assisti – Iris disse, empolgada. – Eles estão aqui, o casal?

– Sim, foram ali do lado – ela apontou com a cabeça. – Acho que conversar. Eu sempre vejo os casais vindo aqui, e é a primeira vez desses dois.

Iris olhou para onde a mulher havia indicado. Um homem segurava uma vara enorme, que ela seguiu com os olhos até chegar à bola de pelo que era o microfone apontado para uma garota. Iris tentou ver se sua bar riga já estava visível, mas ela deveria estar grávida de poucos meses.

– Essa veio sem o namorado?

– Não, ela entrou com ele. Um casal tão bonitinho. – A recepcionista tentou esticar o pescoço curto para vê-los. – Estranho. Eles estavam juntos. Bom, você pode buscar o resultado em três dias.

– O.k., obrigada – Iris respondeu sem prestar muita atenção e se despediu com um aceno. Ela reconheceu a produtora do programa quando a mulher passou voando em direção a Emília.

Iris saiu do consultório na mesma hora em que Catarina chegou até Emília, que estava sozinha.

– O que tá acontecendo? – Ela parecia transtornada. – Eu já estava achando que o Ian iria pular dessa janela.

Emília esperou um momento após Iris sair, só por garantia, e abriu a porta do almoxarifado.

– Ian, eu sei que é difícil, mas a gente tem que encarar isso,

sabe? É o nosso filho – Emília disse para o colega.

Ian não era tão bom ator quanto Emília. Ele apenas soltou um pedido de desculpa em voz baixa, para que Catarina ficasse com pena, sem se aventurar em criar qualquer desculpa. A produtora encarou os dois. – Vocês são o casal mais estranho que já passou pelo programa. E ainda é a nossa primeira gravação oficial. – Catarina coçou a testa com os olhos fechados, como se não aguentasse mais vê-los em sua frente. – isso não fez o menor sentido... Bom! Eu apoiei a entrada de vocês no programa. É bom que não me decepcionem, porque vou me ferrar se não cumprirem as expectativas. – Ian e Emília engoliram em seco. – Vamos só gravar essa parte de novo com vocês entrando, *como pessoas normais*, e depois gravamos com o dr. Rômulo. Venham. Ian e Emília a acompanharam receosos até a saída, observando qualquer sinal de que Iris ainda estivesse por perto.

Ian e Emília entraram apreensivos no consultório, onde já estava parte da equipe com as câmeras apontadas para os dois. Ele era espaçoso o suficiente para caber todos e tinha as paredes num tom de gelo, cobertas com quadros emoldurados de bebês cuja gestação o dr. Rômulo havia acompanhado.

Emília achou o ambiente confortável, até entrar em seu campo de visão uma maca. Ela tinha duas hastes de ferro estofadas na ponta. A garota olhou para Ian e apontou o objeto com os olhos, onde provavelmente teria de se deitar em alguns

minutos, com os pés para cima.

– Bom dia! – dr. Rômulo estendeu a mão para Ian e depois para Emília. Ele tinha a mão grande e firme.

– Vocês podem se sentar. Vamos conversar um pouco agora e depois partimos para o ultrassom e vou pedir alguns testes para...

– QUÊ?! VOCÊ VAI FAZER UM... – Emília não tinha controle de quão alto falava e tentou se controlar, mesmo que parecer louca fosse o intuito. – Você vai fazer um ultrassom?

– Sim, pra ver ser se está tudo certo com o bebê – o médico disse. O seu tom de voz era tão aveludado e seguro que com uma frase Emília quase se convenceu de que realmente deveria fazer um ultrassom. – É muito importante no início da gestação.

A sala ficou em silêncio, enquanto na cabeça de Ian e na de Emília neurônios corriam em fervorosa procurando uma solução para fugir daquela situação sem arriscar a participação deles no programa. As mãos de Ian escorriam úmidas pela barra de ferro da poltrona.

– O.k., como estão os enjoos? – dr. Rômulo quebrou o silêncio.

Todas as respostas de Emília foram genéricas. Ela só queria terminar aquilo o mais rápido possível. Nunca tinha parado para pensar em gravidez até estar naquela situação, então seu conhecimento sobre o assunto era muito limitado.

– Bom, me parece que não temos nenhum sintoma anormal, isso é bom. – o médico constatou após as perguntas. Ian e Emília sorriram. Dr. Rômulo se levantou e foi em direção à maca. – Você pode deitar aqui, por favor. Vamos fazer um

ultrassom.

– Eles vão me ver pelada? – Emília apontou para a equipe de gravação, numa tentativa de adiar o teste.

O médico riu. Salvo os cinegrafistas e o técnico de som, o resto da equipe, até mesmo Catarina, estava fora da sala. A produtora acompanhava as imagens pelo tablet.

– Você não precisa ficar pelada, Emília. – o médico mexeu em uma parte da maca que fez com que o encosto para os pés descesse. – só precisa deitar e levantar a blusa.

Emília olhou para a Ian, esperando que ele tivesse alguma solução. Ela não sabia que a melhor solução que ocorria a ele era puxá-la pela mão e sair correndo.

Ela se levantou e, lentamente, foi até a maca. Forçando a barriga o máximo que podia. Então se deitou.

– Você pode levantar a blusa agora.

Os olhos da garota estavam vidrados no do médico. Ela morria de medo de que ele passasse a mão na sua barriga como Catarina fizera diversas vezes e acabasse percebendo.

Ela a levantou com receio.

– Agora eu vou passar um gel, ele é bem geladinho.

Assim que o dr. Rômulo colocou o gel, Emília contraiu o abdome sentido um arrepio e voltou a estufá-lo o mais rápido que pôde. Seu coração acelerou.

A convite do médico, Ian sentou-se ao lado de Emília para acompanhar na tela as imagens do ultrassom. O rapaz segurou a mão dela e a observou, também com o coração acelerado, sem saber se ela teria ou não um plano.

Dr. Rômulo pegou o aparelho que transmitiria as imagens e

o levou em direção à barriga de Emília. Assim que o encostou na pele da garota, foi interrompido por Ian:

– NÃO! – Ele gritou, a voz desafinou. Com a parte externa do antebraço, o rapaz raspou o gel de cima pra baixo da barriga da garota e o sacudiu, deixando o chão todo gosmento. O médico afastou o aparelho. – Você não vai fazer isso na Emília.

O doutor olhou de relance para a câmera, tentan do descobrir se aquilo não era alguma brincadeira. Sem perder sua postura profissional, o homem perguntou:

– Eu posso saber por quê?

Emília estava com vontade de rir. Parte do gel ficara acumulada na borda de sua calça por culpa de Ian.

– Radiação – ele disse, com a respiração ofegante. Aquele era seu plano B, e ele esperou até os últimos segundos para usá-lo. – Eu sei que ela pode causar vários danos ao bebê.

– O ultrassom não é igual ao raio X – Dr. Rômulo falou, calmamente. – não tem radiação, a gente vê o bebê *literalmente* por ondas de som.

Emília se sentou e, com a ponta do papel que cobria a maca, começou a secar sua barriga. Ian se aproximou do médico.

– Como você espera que eu acredite nisso se a gente não enxerga o som, doutor? – o rapaz disse, em tom de ameaça. – Você sabe quantos episódios eu já assisti de *Grey's Anatomy?*

– Eu também entendo bastante de medicina, inclusive fiz uma faculdade disso – ele parecia estar se divertindo. Não era possível saber se genuinamente ou porque estava cercado de câmeras. – E acho importante sua namorada fazer um ultrassom. Garanto que não vai prejudicar em nada seu filho.

– Não – Emília já havia abaixado a blusa e agora estava com os braços envoltos no abdome. – Você não pode me obrigar. É pelo bem da criança.

Ian e Emília pareciam dois malucos.

– Mas você precisa fazer um ultrassom – o médico disse enquanto entregava a Emília algumas folhas de papel para que ela se limpasse. Ela as pegou e levantou a blusa novamente para secar o restante do gel. – Como eu disse, é um exame importan...

– Mês que vem – Emília o interrompeu. – Talvez no mês que vem.

Dr. Rômulo levantou as sobrancelhas, tentando compreender enquanto encarava os dois.

– Emília, sei que é difícil para você passar por isso tão nova e sei que você está preocupada. Se você se sente assim, é porque já ama essa criança – Emília desviou o olhar –, então preciso que dê o seu máximo para que eu possa te ajudar.

A garota permaneceu calada.

As coisas ficavam mais sérias do que eles imaginavam a cada dia que passava. Mentir tanto a respeito daquilo estava tornando a ideia de ter um filho cada vez menos estranha para Ian. *Seria até mais fácil se nós...* Ian balançou a cabeça. O cheiro refrescante da clínica parecia ter arejado demais seu cérebro.

Os três ficaram de pé perto da porta, Ian e Emília prontos para sair e encarar Catarina bufando. O médico se despediu dos dois, educado, e entregou um cartão a Emília, que o colocou no bolso.

– Você pode me ligar a qualquer momento se sentir algo. E,

pensa no que falei, sou um dos melhores médicos obstetras do país. Confiando em mim, você está em boas mãos.

– Hamm, corta! – a equipe ouviu, pelos fones de ouvido, Catarina encerrando a gravação, e as câmeras foram desligadas.

A porta se abriu e todos foram saindo da sala. Ian viu o rosto de Catarina de relance. Seus olhos estavam pressionados numa linha fina, e ela passava a língua na ponta dos dentes. Era uma imagem quase assustadora.

Dr. Rômulo fez um gesto com a mão para Emília, e ela o seguiu até o canto da sala. Naquele momento não havia nenhum membro da equipe: só os dois e Ian.

– Eu sei que você não está grávida – o médico disse, como quem convida para tomar um suco.

– Ian e Emília, vocês já podem ir agora – a conversa dos dois foi interrompida antes mesmo de começar por Catarina, que entrou num rompante. – o motorista vai levá-los embora. Nós vamos captar agora o depoimento do dr. Rômulo sobre a consulta e o bebê... se é que isso vai ser possível depois do que vocês fizeram aqui. – Ela estava furiosa. – Por hoje é isso.

A garganta de Emília estava tão seca quando saiu da sala que arranhava quando ela tentava engolir a saliva. Ian pediu ao motorista que fossem deixados em uma rua perto da escola, para que os pais de Emília a buscassem depois. Poderia trocar de roupa em uma lanchonete por lá, já que faltava mais de uma hora até o sinal da saída. Emília permaneceu com o olhar fixo na janela do carro durante todo o percurso de volta. Eles não podiam conversar nada na frente do motorista. Enquanto Ian estava aliviado por terem se safado da primeira gravação, Emília

estava com mais medo do que na ida.

Assim que desceram do carro, a garota esperou o veículo se afastar e então abriu a boca pela primeira vez desde que saíram do consultório.

– O médico sabe que eu não estou grávida – a voz dela estava trêmula. – Ele deve ter acabado de contar pra Catarina. Ou seja, ela descobriu da pior forma possível. Não vamos receber o dinheiro. Nossa parte do programa não vai ao ar e não vou ter mais namorado quando ele descobrir isso tudo. Minha mãe vai querer me matar e vão, sei lá, me prender por falsificar assinaturas.

Ian tentou falar alguma coisa, mas o que saiu de sua boca parecia mais como sílabas avulsas e confusas.

– Vou esperar meu pai por aqui – Emília disse. Cruzou os braços e virou na direção oposta de Ian. – E você pode ir, por favor.

Os três primeiros andares de estacionamento do shopping estavam lotados, restando apenas o último para Iris manobrar em uma vaga apertada. A decoração do hall de entrada chegava a machucar os olhos com os milhares de bandeirinhas coloridas descendo do teto alto, por causa das festas de são João.

Por sorte, o tipo de loja à qual Iris e Ian estavam indo costumava ter um grande sofá confortável, a ser ocupa do pelos maridos das clientes. Afinal, não havia muito para um homem fazer em uma loja de vestidos.

Assim que entrou, Iris foi certeira em direção a um manequim no meio da loja, como se já o tivesse visto antes. Ian sabia que a irmã não ia demorar tanto – ela estava atolada com um trabalho grande que havia pegado.

Ian se sentou e apoiou os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos para pensar. Espiou de canto de olho e viu que nas mãos da atendente já se acumulavam alguns cabides que a irmã levaria para o provador. Ela iria escolher o presente de aniversário que Ian havia prometido: o vestido de sua formatura, que já era no mês seguinte.

Vendo a irmã feliz, Ian se sentiu angustiado com a possibilidade de ter estragado tudo naquela manhã no consultório. Seu maior medo eram os problemas que aquilo ainda poderia trazer. *Logo agora que as coisas estavam indo tão bem.*

Ele acreditava que, sempre que acontece algo ruim, é porque algo muito bom está por vir. Como se cada um tivesse uma balança com um lado bom e o outro ruim. A meta era deixá-la em equilíbrio. Quanto mais coisas ruins caíssem na sua balança, mais coisas boas iriam acontecer para ela se estabilizar de novo.

Com a morte da mãe, o abandono do pai, os problemas financeiros e as frustrações profissionais, amorosas e pessoais que Iris passara na companhia do irmão, já estava mais do que na hora de os dois preencherem o lado positivo de suas balanças.

– Ian! – o garoto olhou rápido para irmã, que o chamou pela segunda vez sem que ele percebesse, tirando-o da tempestade de pensamentos. – Você tá viajando muito hoje. Vou dar uma cápsula do meu suplemento de vitaminas pra você.

A caminho da loja de vestidos, ele não ouvira nenhuma palavra que Iris dissera sobre o evento corporativo que estava organizando. Ela até perguntara se tinha acontecido algo, mas Ian desconversara.

– Tá, esse aqui, o que você acha? – Iris perguntou. – Bonito, né? Tô entre esse e aquele coral. – Apontou para o vestido que a atendente segurava ao seu lado.

– Hum, gosto desse que você tá vestindo. Acho que o azul é mais... bonito... do que o laranja. – Ian não conseguiu encontrar outros adjetivos. Apenas achava mais bonito.

– Ah, não sei. Ele tem muita pedra, né? O coral combina com a minha pele, parece que eu fico mais bronzeada – Iris disse. A atendente concordou. Se ela estivesse provando a cortina da loja, a atendente também teria feito uma observação positiva.

Por fim, Iris se decidiu pelo coral.

– Será que até mês que vem vai caber em você?

– Minha barriga não vai crescer tanto assim em um mês. – Iris se virou para a atendente. – Quanto custa pra alugar?

A atendente mostrou na tela do computador o valor daquele modelo.

Ian olhou para iris, depois para a vendedora, que batucava sobre a madeira da bancada. *A mão da comissão chega a tremer*, Ian pensou.

– A gente pode fazer em duas vezes? – Ian perguntou baixinho para a vendedora, como se Iris não pudesse ouvi-lo.

Ela confirmou com a cabeça, e o rapaz entregou a primeira prestação em dinheiro à vendedora.

Só iriam pegar o vestido dias antes da festa, mas o pagamento de uma parte precisava ser adiantado. Ela agradeceu, e os dois saíram em direção à praça de alimentação do shopping.

– Eu economizei nos últimos meses pra conseguir fazer essa formatura. Se não der pra pagar o vestido, não se preocupe, eu mesma já iria pagar, tá? – Iris penou para dizer isso, sabia que faria o irmão se sentir mal.

– Não precisa. Quando receber da Estela eu pago. Só não tinha todo o dinheiro aqui – Ian disse. – Mas vou pagar o vestido pra você, eu disse que ia te dar.

Às vezes, Iris parecia tão superprotetora que Ian sentia que ela nunca o deixaria crescer e fazer algo sozinho. Os dois almoçaram na praça de alimentação. Ian inventou qualquer coisa sobre sua manhã ter sido ótima na escola e, assim que terminaram, Iris o levou em casa para trocar de roupa para a aula de tênis do Caio.

Ele não sabia, mas também teria uma longa tarde.

Ian ficou muito tempo sentado no sofá, com a casa toda em silêncio e as janelas fechadas. Estava ansioso, mas com medo de ligar para Catarina, mesmo que fosse para colher verde sobre a sua situação e a de Emília.

Uma buzina na rua o assustou. Provavelmente a irmã queria que ele levasse algo até ela no carro ou...

Droga.

Ele não sabia se estava louco ou se podia mesmo ouvir o

próprio coração agitado bombeando sangue para o seu corpo.

Será que eu digo que quero um teste para comprovar a gravidez da Emília quando Catarina me acusar? Será que vale a pena mentir mais ainda? Ou assumo que foi tudo invenção agora?

Ian notou pela janela que Catarina fazia um movimento inquieto com as mãos, sinalizando para ele abrir o portão. E então ele foi. As câmeras não estavam ligadas, e isso era um mau sinal: se ele estava fora do programa, por que iriam filmá-lo?

– Você está pronto? Entra na van. – Catarina disse, sem expressão.

– Por quê? – *Você vai me matar depois de me deixar por um mês num cativeiro fedido?*

Catarina segurou uma das barras de ferro do portão.

– Você realmente está me perguntando isso? Depois do papelão que fizeram nesta manhã, o mínimo que espero é que você assuma suas responsabilidades com profissionalismo – ela respondeu, zangada.

– Desculpa – Ian balançou a cabeça. – sério, sei que isso pode sobrar pra você. E você foi muito legal me convidando. Eu não deveria nem ter cogitado entrar nesse programa pra começo de conversa.

A produtora virou a cabeça, analisando a expressão de Ian. Colocou a mão pela grade na cabeça dele, que tomou um susto e se contraiu, achando por um segundo que ela puxaria seus cabelos espremendo sua cara pelo portão. Mas ela apenas passou a mão no canto de sua cabeça, fazendo um cafuné.

– Não se sinta assim – ela falou numa voz carinhosa que

Ian nunca havia ouvido sair de sua boca. – É difícil pra todo mundo no começo ter uma equipe enorme seguindo o tempo inteiro, eu cobrando sem parar, ainda mais nesse momento tão complicado que é ter um filho quando você ainda é praticamente uma criança.

Ian arregalou os olhos. Catarina retirou a mão da cabeça do rapaz sem arrancar nenhum tufo de cabelo.

– Por que você está aqui mesmo? – Ian pergun tou com cautela, aproveitando a afabilidade repentina de Catarina.

– Isso aqui é um *reality show* – Catarina disse. – A gente vai filmar o seu dia. Hoje vamos filmar você dando aula para o menino do tênis. Você precisa conferir os e-mails que eu mando com mais calma, a sua agenda de gravação está lá. Mais profissionalismo, o.k.? Vai se arrumar logo, vamos esperar na van.

Ian respondeu um "aham" confuso e entusiasmado e correu para dentro de casa para se trocar. Mal podia esperar para contar a Emília que estava tudo bem. Só queria saber o que o médico havia dito a Catarina. Qual seria o motivo de ele não ter avisado sobre a gravidez falsa de Emília?

Assim que entrou na van, ele não se conteve:

– Deu... tudo certo? Quero dizer, lá no consultório?

– Ian perguntou assim que o automóvel partiu. – A gente ainda tá no programa, tá tudo certo, né?

Ela parou e olhou para ele, séria.

– Isso aqui não é um *reality show* com eliminatórias. Nós assinamos um contrato e assumimos um compromisso que vale muito dinheiro. Vocês só vão sair desse programa se algo muito,

muito grave acontecer. E, se isso acontecer, eu não vou apenas tirá-los do programa. Mas vou matá-los. Com as minhas próprias mãos – Catarina disse. – Agora, se deu certo? É óbvio que não. Olha o vexame que vocês dois deram! ouça, não me importo que vocês sejam loucos. Ninguém liga a TV pra ver gente normal e chata. Mas sabe o motivo de esse programa acontecer?

– É... mostrar a realidade dos jovens que...

– Dinheiro – Catarina o interrompeu com um sorriso de canto de lábio. – isso que você disse é o que a gente fala para quem assiste. Era nisso que vocês deviam ter pensado antes de fazer o que fizeram no consultório do dr. Rômulo. Ele é um dos patrocinadores desse programa e tem uma reputação a zelar. Ele não quer se envolver com gente escandalosa que duvida das suas habilidades médicas.

Ian engoliu em seco.

– Dr. Rômulo falou alguma coisa?

– Ele pediu que eu esperasse um tempo, depois me chamou e se recusou a gravar o depoimento para o programa. Eu estava prestes a acabar com a vida de vocês – Catarina falou, apertando os dentes. – Mas no fim ele disse que fazia questão de manter o patrocínio, desde que ficasse claro no programa que a Emília estava sendo tratada na clínica do dr. Mauro Bench, o concorrente dele.

Ian ficou em silêncio tentando buscar um sentido no pedido do médico.

– Você sabe por quê? – o rapaz finalmente perguntou.

– É claro que ele quer que o concorrente trate dos

participantes malucos porque acha que iriam prejudicá-lo. Sinceramente, não sei como você e a Emília poderiam causar um problema grande o suficiente para a carreira dele. Afinal, nós podemos sempre editar o material da forma mais apropriada. Mas, enfim, concordei com a ideia de vocês citarem apenas um "dr. Mauro", sem o sobrenome, para não causar problemas. Todo mundo vai associar *àquele* dr. Mauro.

Ela explicou que a clínica de dr. Rômulo era dos dois antes de o sócio encontrar uma brecha no contrato e quebrá-lo, saindo e levando consigo metade de todo o capital da empresa. Rômulo quase faliu, e os dois passaram a ser considerados rivais, já que na primeira temporada apareciam juntos no *Novos Pais* e dividiam *outdoors* da clínica sorrindo, um ao lado do outro, por toda a cidade.

Catarina disse não ter entendido bem o pedido do dr. Rômulo porque um casal maluco, como ela definiu, traria, inclusive, benefícios para o médico. Eles chamariam mais atenção, e consequentemente o médico ganharia mais espaço.

Mas não um casal que estava mentindo sobre a gravidez, pensou Ian.

Se em algum momento o segredo fosse revelado, a mídia não perdoaria o médico responsável, que perderia sua credibilidade. Mas a esta altura a intenção de Ian não era revelar o segredo em momento algum. Ele não iria deixar isso acontecer.

A menos que o próprio dr. Rômulo o revelasse.

O carro da emissora havia acabado de chegar à frente do condomínio de Caio. De longe, o porteiro observou o automóvel. Não era a primeira vez que uma emissora de TV visitava aquele condomínio.

– Ian, vou avisar dona Estela, tudo bem? – Quando estava sozinho, ele podia entrar sem precisar ser anunciado, mas, dada a companhia, o porteiro achou prudente comunicar. Ian concordou com a cabeça. Ele estava no banco do passageiro. Sentou ali durante a viagem para ensinar o caminho.

– Espera aí – Ian se tocou do que o homem havia dito e perguntou, assustado –, ela tá em casa?

– Hum, acredito que sim. Não vi o carro dela saindo essa manhã – ele respondeu com o interfone no ouvido, enquanto esperava a ligação ser atendida.

Ian começou a pensar que deveria tê-la avisado. Mas não podia se culpar porque não teria como adivinhar que ela estaria em casa justo no dia da gravação. Estela nunca estava em casa.

Seus pensamentos foram interrompidos com o barulho motorizado do portão de ferro se abrindo. O porteiro acenou com a cabeça para o motorista, que seguiu até o estacionamento.

– Posso conversar com a Estela antes da gente filmar? Eu meio que não avisei que... isso iria acontecer – Ian abordou Catarina, enquanto os equipamentos eram retirados da van.

– Tá bom, vai lá – ela acenou com a mão. – A gente também precisa da autorização de imagem, afinal.

Ian correu até a casa de Caio e tocou a campainha. Quando estava prestes a tocar pela segunda vez, a porta se abriu e quem atendeu foi a própria Estela.

Desde que começara a trabalhar para ela, Ian a havia visto no máximo três vezes. Ela trabalhava nos horários em que ele visitava Caio, inclusive nos sábados.

– Então você tá em casa mesmo – Ian disse, abrindo um sorriso meio incômodo.

– Como você pode perceber – Estela fez um gesto com a mão. – Tive uma reunião em casa hoje. Mas eu quero saber o porquê de você ter vindo junto com o carro da TV. Eles te deram uma carona? – ela perguntou.

– Então, sabe aquele programa, o *Novos Pais*? Eu... Meio que tô participando dele.

Estela olhou séria para Ian e passou a mão pelo colar dourado, com as unhas bem-feitas, enquanto pensava. Tinha ficado confusa porque achara que a equipe estava ali para entrevistá-la e que o assessor de imprensa da empresa não a avisara a tempo. Mas então percebeu o que significava Ian participar daquele programa.

– Meu Deus – ela colocou as mãos sobre a boca –, você vai ser pai nessa idade *também*?

Ian não entendeu o "também". Por um momento imaginou Caio sendo pai, mas a ideia parecia bizarra.

O rapaz não sabia se contava ou não para Estela a verdade. Não teve tempo para decidir. Era melhor não envolver muita gente na história, ainda mais alguém que podia contar na mão as vezes em que havia conversado.

– Como assim "também"? Tem alguém... esperando um bebê também?

– Não! A nossa... "fábrica" já fechou. Mas é que, espero que

você tenha percebido, sou uma mulher jovem.

– Ian concordou com a cabeça. Havia percebido desde a primeira vez que a vira: era jovem e muito bonita. – Eu ganhei o Caio mais ou menos com a idade que você tem hoje.

Ian levantou as sobrancelhas, tentando parecer interessado, mesmo incomodado em deixar Catarina esperando.

– Não deve ter sido fácil, né? – Ian disse, mas não esperou que ela respondesse. – Você permite que eles filmem o meu dia aqui com o Caio?

Estela caminhou em direção ao sofá, obrigando Ian a segui-la. Os dois se sentaram um ao lado do outro. Ela se virou para o rapaz.

– Na reunião de hoje, enquanto resolvia os detalhes do lançamento desse novo projeto da empresa, lembrei de tudo o que aconteceu para eu estar aqui hoje. – Agora que Ian a via mais de perto percebeu que seus olhos estavam vermelhos. Provavelmente o nariz também, mas não era possível enxergar por causa da maquiagem.

Ian balançou a cabeça concordando e olhou em direção à porta, que permanecera aberta, para ver se Catarina não chegaria a qualquer momento. Lembrou que ela nem ao menos sabia em qual casa Estela morava.

Estela nunca havia conversado com ele daquela forma. Provavelmente se sentira na obrigação de dar um conselho, já que também havia passado por aquilo.

– Mas sua história foi boa, não foi? Quero dizer, olha esta casa – Ian girou a cabeça indicando a sala espaçosa.

– É. Na verdade só eu sei disso. Quando as pessoas sabem

que eu era caixa da pizzaria do meu atual marido – Ian concordou –, sempre pensam que dei um golpe. Ele é bem mais velho que eu, mas, quando nos casamos, eu já tinha o Caio e nenhum dinheiro.

– Mas o senhor Rudi também não tinha nada quan do era mais novo – Ian estava tentando amenizar a situação. *Com tanto dinheiro e ninguém para desabafar?*

Ele sabia uma ou outra coisa sobre eles do que via na internet. O casal saía quase toda semana em colunas sociais e dava entrevistas com frequência.

– Sim, ele não tinha nada também. Mas ele não teve um filho antes de poder ir atrás da carreira. Eu teria feito tudo isso sozinha, se pudesse. Você tá sabendo desse projeto nosso de lançar pizza congelada para vender em mercados do Brasil inteiro? Eu que criei – ela lançou um sorriso singelo para Ian, com orgulho. – A projeção é que, em cinco anos, o faturamento anual da empresa ultrapasse os nove dígitos.

– Uau – Ian nem sabia quanto nove dígitos eram. Teria que contar nos dedos, mas não o faria na frente de Estela.

– Pois é. Então, primeiro: espero que você apoie a mãe do seu filho. O filho não é só dela. Segundo: vai ser difícil. Seu sonhos, seu dinheiro, sua diversão. Você precisa ter o triplo de força de vontade pra não deixar tudo se ir por água abaixo.

Ian parecia concentrado, mas na verdade estava apenas pensando na história de Estela. Ele nunca seria pai tão jovem depois de tanto ouvir sobre isso.

– Mas no final vale a pena, não é? – o rapaz perguntou.

Estela engoliu em seco e desviou o olhar. Respirou fundo

antes de responder:

– Eu não sei ser uma boa mãe – ela disse, enquanto alisava as unhas compridas da mão esquerda com o dedão. – Eu nunca quis, sabe?

O rapaz não sabia como continuar aquela conversa ou como iria encarar Caio depois de ouvir aquilo. Ela basicamente disse que não queria que ele tivesse nascido, o que é a pior coisa que um filho poderia ouvir. Ian nem acreditava que era possível alguém pensar dessa maneira.

– Assim que ganhei o Caio – Estela quebrou o silêncio –, tentei fazer de tudo para sustentá-lo. Queria que ele nunca precisasse saber o que é não ter dinheiro, como eu soube. Essa era a minha meta e consegui cumprir. Só que no meio disso eu meio que me perdi.

– Você fez tudo isso pelo Caio? – Ian perguntou, enquanto puxava os pelinhos de sua perna, pouco acima do joelho, onde o calção esportivo acabava. – Você não acha que no fundo fez tudo por você? Talvez tenha focado mais a meta do que o propósito.

Estela olhou nos olhos de Ian. Ele não conseguiu decifrar sua expressão. Parecia incrédula e brava e culpada ao mesmo tempo. Como quem desiste de um jogo sério, a mulher respirou fundo e desviou o olhar. Levantou-se, ajeitou o vestido e secou os olhos com os nós dos dedos indicadores, para preservar a maquiagem.

– Você pode filmar o seu dia aqui – falou, séria. Foi até uma caixa de papelão que parecia ter acabado de ser entregue, pegou um pacote de dentro e entregou a Ian. – Mas use isso. Vou chamar o Caio. – E então subiu para o segundo andar da casa.

Antes de sair, Ian abriu o pacote. Havia uma camiseta cinza com uma ilustração de pizza no centro e, em letras garrafais, BRENO'S PIZZARIA, nome da rede e do único filho que Rudi teve antes de Estela, circulando as bordas. Ali mesmo ele tirou a camiseta que estava usando e colocou a que Estela entregara.

Durante o tempo que passou com Caio, eles *realmente* jogaram tênis. Ian precisou contar a ele, na fren te das câmeras, que iria ser pai. O garoto apenas riu e continuaram jogando. Provavelmente o menino havia guardado as perguntas para quando não tivesse câmeras e microfones por todos os lados.

Ian havia se divertido tanto que, no fim dia, tinha até se esquecido da conversa que tivera com Estela.

11.

O quarto de Emília estava inundado com a luz forte e quente que passava pelas cortinas cor creme, o que deixava todo o ambiente aconchegante. É claro que, se ela quisesse, poderia pedir aos pais que trocassem por uma cortina capaz de bloquear a iluminação que vinha de fora, mas ela gostava da sensação que a luz do sol trazia logo de manhã. Era quase uma motivação para acordar cedo todos os dias para ir à aula.

Exceto nos fins de semana, quando podia dormir mais. Nesses dias ela usava os travesseiros como uma barreira para o sol. Naquele sábado, o céu estava um pouco encoberto e a luz, infelizmente, não era o principal problema de Emília. A garota sonhara que estava em uma sala de parto, na mesma cadeira que havia visto na sala do dr. Rômulo, mas as hastes que sustentavam seus pés não paravam de subir. Até ela ficar totalmente suspensa, quase chegando ao teto, sustentada apenas pelos pés.

– Emília, Emília! – Ela tentava olhar para baixo para identificar quem gritava seu nome, mas não conseguia.

As hastes finalmente chegaram até o teto, forçando o gesso. Como se quisessem pegar impulso, recuavam por um metro e subiam com velocidade ainda maior. Na terceira vez em que isso aconteceu, perfuraram o gesso, que cedeu num estrondo.

Emília tentava se desvencilhar quando finalmente despertou, e demorou algum tempo até voltar à realidade.

– O que é isso, Emília? – a mãe gritou e levantou um papelzinho retangular, num movimento brusco e desesperado. Levou as mãos ao rosto, escorrendo as palmas em direção ao queixo, como se desse modo pudesse limpar a expressão aflita.

O coração de Emília disparou. Ainda meio perdida por causa do sono e com a visão embaçada, não fazia ideia do que estava acontecendo. A mãe parecia dar voltas no quarto, a ponto de chorar ou ter um surto. Emília se sentou. Suas mãos tremiam. *Será que a casa está pegando fogo? Será que aconteceu algum acidente? Será que alguém morreu?*

– O que foi? – perguntou numa voz fanha e trêmula, esfregando os olhos.

– Ontem a Carla... – Helena parou por um segundo para retomar o fôlego. Emília se assustou com a possibilidade de ter acontecido alguma coisa com a empregada, que frequentava sua casa havia quase sete anos. – ontem ela pegou uma calça no seu quarto e levou pra lavar. Ela me disse que um cartãozinho tinha ficado no bolso e deixou no balcão da lavanderia. Hoje eu fui ver, e era isso aqui!

Helena jogou o cartão no colo de Emília.

– Não acredito que você fez isso! Você tem dezessete anos! Eu pensei que com o tempo fosse me incomodar menos com

você, mas parece que você vai continuar infernizando a minha vida pra sempre! – a mulher bradou, com raiva, lançando algumas gotas de cuspe em Emília, que as secou discretamente.

Helena desabou em um choro compulsivo, e a garota pegou o cartão. Piscou os olhos ainda embaçados enquanto respirava fundo. *Merda*. Ela já não conseguia ouvir o que a mãe dizia. Sabia que, sempre que uma briga se iniciava, a primeira frase de Helena seria repetida várias vezes, de formas diferentes e com alguns insultos perdidos. Depois de um tempo seu cérebro desligava e ela parecia ouvir um som agudo e contínuo de fundo, enquanto todo o resto desabava ao seu redor. Era uma resposta do seu subconsciente tentando encontrar alguma paz.

Se Emília tivesse colocado no cesto de roupa suja a calça que usara no dia anterior, em vez de largá-la na poltrona do quarto, teria visto que no bolso ainda estava o cartão que havia recebido do dr. Rômulo.

– Mãe eu... eu não... – Emília não conseguia completar a frase. Falar com a sua mãe sobre gravidez ainda soava muito estranho.

– Emília, pelo amor de Deus. O que significa esse cartão de um médico obstetra no bolso da sua calça? Quem te deu isso? – Ela parecia uma bexiga esvaziando, dando voltas pelo quarto. Até que parou no meio do local e se virou para a filha. No fundo, sabia o que aquilo significava, mas ainda tinha alguma esperança de que não fosse verdade. – Você está grávida?

Emília a encarou de volta enquanto Helena, respirando fundo, andava lentamente em direção a ela como se tentasse se aproximar de um bicho arredio. Ela não sabia se falava naquele

momento sobre o *reality* ou se confirmava a gravidez para facilitar quando a mãe precisasse aparecer nas gravações. Preferiu não mentir – apenas omitir.

– Eu não estou grávida. – E então voltou a se deitar, como se o assunto tivesse acabado. Mesmo sabendo que o assunto poderia continuar por horas e horas, até que ela realmente estivesse grávida, aos trinta anos, do terceiro filho. A mãe se afastou em silêncio. Emília olhou pelo canto dos olhos, estranhando o comportamento dela. Não era do feitio de Helena terminar uma discussão amistosamente depois de ouvir o que a filha tinha pra dizer.

A mulher entrou no banheiro que ficava no quarto de Emília, pegou a lata de lixo e espalhou o conteúdo pelo chão. Emília ouviu um barulho alto quando, sem querer, Helena bateu com a lata no canto da pia. – Mãe, você tá louca?! – Foi até a porta do banheiro.

– Que nojo! Mãe!

– Se você não tá grávida – ela colocou a lixeira em cima do vaso sanitário e começou a analisar a pilha de lixo no chão, movendo os papéis com o sapato –, isso aqui vai me dizer.

– Como você sabe quando eu... Ali! – Emília gritou, empolgada, apontando para um absorvente usado.

Helena olhou para o objeto e depois se virou para Emília.

– Por que aquela porcaria daquele cartão estava no bolso da sua calça? – Emília percebeu que a boca da mãe tremia.

– É que... teve uma palestra. Uma palestra na escola ontem. Você pode ligar para confirmar. – Emília estava confiante de que seu blefe fosse dar certo, torcendo para que a mãe não ligasse.

– E você pegou o cartão caso precise de um... obstetra? – Helena perguntou, furiosa. Elas ainda não haviam tido "aquela conversa". Inclusive, Emília esperava que ela nunca ocorresse.

– A palestra foi pra prevenir! Ele é um médico especializado, que falou sobre o assunto e deixou o cartão com todos! Para o caso, e não estou dizendo que eu cor ra o risco, mas para o caso de alguém precisar.

Helena balançou a cabeça afirmativamente, respirando fundo, ainda avaliando se acreditava ou não na história. Olhou para a pilha de lixo no chão e se virou, como se quisesse esquecer o que tinha acabado de acontecer.

– Limpa esse banheiro – a mulher disse, saindo sem olhar para trás.

Ian estranhou quando chegou à porta da casa de Caio e não o viu esperando ali. Esperou por algum tempo até avistar o garoto acenando próximo à quadra de tênis, de longe, com a raquete no alto. Parecia que, desde seu último encontro, quando haviam jogado cercados pelas câmeras do *reality*, Caio voltara a se empolgar com o esporte.

Assim que se aproximou, o garoto perguntou, girando a raquete na mão:

– O que foi aquela coisa das câmeras? Você vai ser pai *mesmo*?

O menino começou a andar em direção à quadra de tênis e Ian o seguiu. Se tinha uma pessoa naquele momento em quem

ele podia confiar, essa pessoa era Caio. Talvez porque ele não tivesse motivos para revelar seus segredos nem ninguém interessado em ouvi-los.

– É uma longa história: eu basicamente estou mentindo para um monte de gente e tô com medo de que dê merda em algum momento – Ian desabafou.

– Então é mentira? – Caio tropeçou na calçada e se desequilibrou porque prestava atenção no rosto de Ian.

– É. Preciso fingir que eu e uma colega estamos esperando um bebê porque o cachê que eles pagam é gigante. Você nunca viu tanto dinhe... bom, você já viu, mas você entendeu.

– Caramba! Todo mundo vai saber quando passar na TV. – o garoto estava com os olhos arregalados, como se fosse ele quem tivesse se metido em uma encrenca. – Vale a pena fazer tudo isso?

Os dois estavam de frente para a quadra, agora separados pelo saco cheio de bolinhas que Caio trouxera. Algumas rolaram para fora quando ele o largou no chão.

– Vale. Eu acho. Tenho mais a ganhar do que a perder – Ian disse, tentando convencer a si mesmo. – Eu acho. Droga, na verdade não sei. Mas vou contar pra minha irmã assim que der.

Ian ficou esperando por mais perguntas. Caio na maioria das vezes era curioso, parecia que nunca tinha cruzado os limites do condomínio e queria saber como era a vida lá fora. Mas desta vez ele ficou quieto. Ian continuou:

– E você, está bem?

– Aham – Caio disse. Sempre parecia responder no automático, porque na maioria das vezes simplesmente não

tinha nada para adicionar. – na verdade eu não sei, eu estava pensando umas coisas sobre o que você disse.

– O que eu disse? – Ian perguntou desconfiado.

– Você falou sobre lembrar de consertar os problemas só depois de perder alguém.

Ian olhou para Caio com as sobrancelhas franzidas.

– É, eu disse – respondeu, receoso. – Mas não é uma regra. Quer dizer, o ideal é que isso não aconteça. Foi por isso que eu disse pra você. Sabe, é preciso apostar tudo antes de não poder apostar mais nada.

Caio balançou a cabeça e desviou o olhar.

– Acho que não quero jogar hoje, pode ser? – Caio disse, enquanto se abaixava para juntar as bolas que haviam caído da bolsa. – A gente pode ir pra sala da academia e você pode jogar o meu videogame.

– Sério que você desistiu? Parecia tão empolgado. – Ian pegou o saco da mão de Caio e o abriu para que o garoto jogasse as bolas que juntara. – Às vezes é tão difícil entender você... Mas é você quem escolhe, esse é o nosso trato.

Ian acompanhou Caio até sua casa para buscar o videogame e os dois foram até o mezanino que servia de esconderijo para dias sem tênis. Ian se divertiu um pouco jogando enquanto tentava puxar assunto com o garoto, que ficou encolhido num pufe logo atrás dele.

– Caio, não tem muita graça jogar sozinho – Ian disse cada palavra como um soluço enquanto tentava lançar golpes no adversário, retorcendo-se como se sua posição fosse contribuir para o jogo. – o que está acontecendo? Por que você não me fala?

Ian pausou o jogo e se virou para o menino para ouvi-lo.

– Não sei. Eu me sinto estranho, tem essa coisa no meu peito que nunca passa, e não é nenhum tipo de dor. Queria entender – ele respondeu, deixando Ian ainda mais confuso. – Minha própria mãe parece quase se esforçar para tentar esquecer que eu existo. E eu não tô sendo, sei lá, dramático. Às vezes os nossos contatos são até meio constrangedores. Isso não é normal, é?

Ian se lembrou da conversa que havia tido com Estela. Talvez Caio estivesse certo em pensar daquela forma.

– Sabe, falei com a sua mãe da última vez e ela me pareceu empenhada em que você tivesse o melhor – Ian tentou contornar. – Às vezes as pessoas expressam o amor de forma diferente. Quem sabe não é isso? Você acha que ela – Ian tentou encontrar alguma frase mais sutil, mas não conseguiu – não gosta de você?

– Acho que não é isso, porque ela se preocupa comigo, às vezes. Só que parece... ter medo, como se eu tivesse uma doença contagiosa e ela precisasse se manter afastada para não pegar. E sempre foi assim – o garoto se mexia lentamente, como se estivesse cansado. – É que, depois que fiquei na casa de um amigo da escola uns dias atrás, não consigo parar de pensar nisso. A mãe dele ajudou a gente a fazer uma pirâmide de papel machê! isso é loucura! A Estela nunca faria isso – Caio disse, abismado –, e eles ainda conversavam e riam porque fizemos com um rolo de papel higiênico, e aquilo molhado era nojento pra caramba.

– Bom, talvez o problema esteja com ela, e não com você –

Ian disse. – Vocês precisam conversar. Ela te ama, você não deve esconder coisas que te incomodam das pessoas que você ama.

– Assim como você não está escondendo nada da sua irmã? – Caio o interrompeu, enquanto se levantava. – se você soubesse que ela ia apoiar você, já teria contado a ela. Mas, em vez disso, você decidiu não contar porque, quando a gente sente que precisa fazer algo mais drástico, simplesmente... precisa fazer. Vou pra casa, acho que você já pode ir. Até mais!

Caio abriu a porta da sala e saiu sem esperar Ian. O rapaz precisou desligar o videogame do garoto antes de deixar o local. Em seguida, levou o aparelho em uma mochila para entregar a um dos empregados da casa de Estela.

Assim que chegou perto da entrada, entreouviu uma voz conhecida do outro lado da porta. Ian chegou mais perto para escutar melhor, mas a madeira era muito grossa para que ele ouvisse com clareza.

Naquele momento não sabia se batia na porta ou se deixava a mochila ali e saía correndo. Quando a porta se abriu, ele teve a certeza de que era uma voz conhecida.

– Ian? – Iris perguntou, assustada. – Você me seguiu? O que você tá fazendo aqui?

Iris não era a única surpresa. Estela viu os olhos arregalados do rapaz pelos ombros da mulher que organizava o evento de lançamento da linha de pizzas congeladas da sua empresa.

– Não, eu – Ian gaguejou –, eu dou aula para o filho da Estela.

– Não acredito, *essa* Estela? – Iris se virou para a mulher. – Que demais! nem imaginei que fosse a mesma Estela. É pra ela

que estou organizando aquele evento grande de que venho falando há um tempo. Hoje foi a última reunião. Se não tivesse encontrado você aqui, eu nunca saberia.

– Seria uma pena – Ian respondeu, sem empolgação.

– Olhando assim, um ao lado do outro, vocês são parecidos – Estela disse. – Que loucura isso. Por que você não me contou que tinha uma irmã que trabalhava com produção de eventos? Teria sido mais fácil encontrá-la.

Ian abriu um sorriso amarelo, dando de ombros, e entregou a mochila de Caio para Estela, explicando que ali estavam suas roupas do treino. Ele percebeu que Estela estranhou o peso, mas não pareceu curiosa.

– Você já vai, Ian? Então, vamos juntos – Iris disse, sorrindo, enquanto ajeitava a bolsa no ombro esquerdo e apoiava a mão direita na barriga.

Assim que observou Iris acariciando a barriga, Estela colocou a mão sobre a boca.

– Espera, então são dois bebês ao mesmo tempo na família? – ela riu. – Que trabalho!

A saliva de Ian secou como se sua garganta a tivesse puxado como um ralo de pia se esvaziando.

Iris encarou o irmão num olhar de cumplicidade, como se dissesse: “Do que essa louca tá falando?”. Ela ainda não havia entendido a que Estela se referia e riu, sem graça.

– Hum, a barriga está no tamanho normal, o médico disse. Você acha que está grande para três meses? – Iris disse a Estela.

Ela já tinha pego o costume de colocar a mão sobre a barriga, mas a verdade é que não tinha percebido mudança

nenhuma no tamanho. Era apenas gordura. Mas preferiu não dizer isso a Estela para não causar nenhum desconforto.

– Vamos, iris? – Ian tentou puxá-la, interrompendo a tentativa de Estela de falar.

– Não é isso! – Estela disse. – não quis dizer que você está com a barriga grande demais. Eu disse porque você está grávida – Estela apontou para a barriga de iris, em seguida, levou a outra mão em direção a Ian – e a namorada do Ian também. São dois bebês na família de uma vez só. Parabéns!

Em seguida, Estela abraçou iris, despedindo-se, mas também como um gesto de congratulação. Sem conseguir raciocinar direito, Iris retribuiu o abraço com o braço que não segurava a bolsa. Enquanto sua cabeça estava no ombro de Estela, lançou para Ian um olhar que ele não imaginava que pudesse vir de olhos tão simpáticos.

12.

Assim que Emília entrou no estúdio, viu algumas das meninas que tinham participado da primeira gravação.

Desta vez desacompanhada de Ian, tentou encontrar lisa, mas ela parecia não ter chegado ainda.

Três garotas conversavam sentadas num sofá atrás das câmeras, perto de uma mesa com sucos, sanduíches, doces e frutas. A parte iluminada no estúdio, para onde as câmeras apontavam, estava movimentada. Um grupo de funcionários terminava de montar uma base redonda e branca no chão, da altura de um degrau. O fundo também era todo branco.

– Ah, você chegou, Emília! – Catarina bradou, caminhando do outro canto do estúdio. – Você tem que ir para a sala de maquiagem. Me segue que vou explicando. – Ela abriu a porta e Emília a seguiu. – A gente vai gravar a abertura. Você deve ter visto a das outras edições, vai ser a mesma coisa.

Emília já tinha visto. Cada uma das meninas aparecia por alguns segundos em pé, em cima de uma base giratória, como se fosse um frango de padaria. A cada volta, a barriga de cada uma

crescia um pouco mais.

– Espera. A gente vai ter que fazer isso todo mês, enquanto a barriga cresce?

Catarina começou a rir.

– Isso aqui é televisão, Emília. Mesmo se uma de vocês não estivesse grávida – Emília engoliu em seco, assustada –, a gente daria um jeito de enfiar um bebê pra dentro! nós colocamos um enchimento, não temos tempo pra gravar isso toda semana.

Catarina abriu a porta do camarim. O ambiente tinha uma decoração simples, com paredes de tijolinhos brancos e um espelho que se estendia por quase todo o local. Ao redor dele, várias lâmpadas para facilitar a visão dos maquiadores.

Das cinco cadeiras, três estavam ocupadas. Uma das garotas, cujo nome Emília ainda não tinha gravado, já estava pronta e sentava no sofá atrás das cadeiras. Parecia estar aguardando a colega que recebia um spray no cabelo solto enquanto conversavam. Uma maquiadora magrela cuidava dela. A segunda explicava algo sobre um procedimento para eliminar pontas duplas enquanto segurava uma tesoura na mão. Ela se mexia tanto com aquele objeto que Emília pôde perceber a aflição da garota sentada. Já a terceira, que maquiava lisa, tinha o cabelo todo roxo e parecia estar concentrada.

Assim que entraram, um maquiador que tinha os braços cheios de tatuagens se levantou como se a entrada de Catarina exigisse continência.

– Vini, essa aqui é a Emília. Vai, Emília, senta ali na cadeira. – o rapaz a seguiu e começou a mexer em seu cabelo, fazendo movimentos para deixá-lo mais solto. – E todos vocês podem

dar uma agilizada, vamos começar a gravar agora com as meninas que já estão lá, então, assim que terminarem, coloquem-nas pra dentro.

Emília percebeu que Catarina não tinha muita amizade com os funcionários e ficou surpresa porque mesmo assim ninguém começou a falar mal dela depois que saiu.

– E aí, tudo bem? – Emília perguntou para lisa.

– Aham – a garota olhou para a própria barriga e pousou a mão sobre a blusa folgada. – Ele só tá se mexendo muito, até fiquei preocupada, mas minha mãe falou que nessa fase que eu tô isso começa a acontecer. Espera só quando for você, dá um pouco de agonia.

Emília estava esperando que lisa falasse de si, e não sobre o bebê. Em alguns momentos ela esquecia que, entre todas aquelas garotas, apenas ela não esperava um bebê e apenas ela não pensava naquilo o tempo todo.

Entretanto ficou feliz em ver que lisa parecia mais animada do que da última vez que tinham se visto. Às vezes é assim, quando você fica muito longe de um amigo, de repente vocês não têm mais nada sobre o que falar. Ela havia imaginado que era isso o que tinha acontecido, mesmo que lisa parecesse outra pessoa.

– Que ótimo! A gente precisa muito um dia sentar e conversar, né? – Emília disse. – Tomar um sorvete.

Lisa concordou. A garota entortou a boca num sorriso olhando para o chão, enquanto se lembrava da época de escola. As duas passavam fome no intervalo das aulas para poder tomar um sorvete expresso que ficava logo na saída.

– A confeitaria que a minha mãe estava abrindo na época agora está enorme! Você precisa ir lá conhecer um dia. Eu quero saber tudo... o pai – Emília apontou para a barriga de lisa –, eu conheço?

Lisa olhou para Emília, seus olhos fizeram um malabarismo como se tentasse desviar do olhar da amiga. Vini também olhava pra ela, esperando a resposta.

– Eu acho que não...

– Vocês não se falam?

– Ele não sabe, na verdade. – lisa destravou e travou o celular que estava em suas mãos várias vezes, nervosa.

– Mas eu não gosto de falar muito sobre isso, sabe?

Emília balançou a cabeça. Talvez lisa se abrisse mais quando elas estivessem sozinhas.

– Sabe o que... – Emília foi girada para o lado oposto àquele em que lisa estava sentada. Vini iria começar a fazer a maquiagem. Não era nada muito elaborado. A maioria das garotas parecia estar apenas com as bochechas mais saudáveis e a pele com pó suficiente para não brilhar nos holofotes quentes do estúdio. – sabe o que eu percebi? Você parece estar um pouco tímida, não sei. E nós duas não éramos nada tímidas.

– Não sei – lisa disse com uma voz baixa, sorrindo. – A gente muda muito desde quando é criança. Cada dia a gente passa por coisas que fazem a gente mudar um pouquinho, é normal.

A porta se abriu e Catarina trouxe Rebeca, a participante que faltava. Ela não esperou ser convidada para sentar na última cadeira vaga. Emília a cumprimentou com um sorriso simpático

sem mostrar os dentes. Rebeca retribuiu com algo que poderia ser um aceno de cabeça sem animação ou apenas um movimento para ajeitar a franja. Emília preferiu acreditar que havia sido o primeiro.

Lisa esperou Emília terminar sua maquiagem. As outras participantes já tinham seguido em direção ao estúdio. Quando as duas saíram, Rebeca ainda não havia trocado nenhuma palavra com sua maquiadora ou com qualquer uma das participantes.

Emília e lisa abriram a porta de ferro do estúdio, cuidadosas. A luz vermelha acima da porta indicava que estavam gravando naquele momento. Assim que entraram, viram Catarina gritando:

– Isso, linda! Mais sorriso! Acaricia a barriga! Tá, olha pra barriga feliz e, quando a plataforma virar pra frente, você olha pra câmera.

As outras garotas estavam ao redor, vendo a colega rodando na plataforma. Enquanto iam em direção à fila que se formou, Emília teve certeza de ter ouvido a palavra "frango" no cochicho de uma das garotas que esperava. Provavelmente não foi a única a pensar que parecia um forno de padaria.

– Cuidado! – Rosa gritou para Emília. Todas as garotas se viraram para encará-la, e lisa, que estava logo atrás, pulou, tomando um susto. – Você vai pisar no vômito da Alana.

Emília não pôde ver o chão porque aquela parte do estúdio estava escura. O chão preto estava manchado com um líquido claro e pastoso, provavelmente com resíduos de comida aos quais Emília não se deu ao trabalho de analisar.

– Não foi só meu! – Alana se defendeu. Ela estava sentada num dos sofás no canto da sala. – não é uma boa ideia colocar uma mesa cheia de sanduíche grátis e garotas grávidas girando numa plataforma no mesmo lugar.

– Já estão vindo limpar – Catarina disse para Emília. – Acontece, meninas. É só uma vez, vamos lá! Pode sair, Lena!

Catarina deu a mão para Lena descer da plataforma. Ela não parecia passar mal, mas os olhos crispados em uma linha e o andar como se estivesse pisando em falsos degraus indicavam que estava tonta.

A produtora auxiliou Mel a subir na plataforma. Enquanto uma faxineira limpava o vômito, Emília viu Mel ficando branca após o quinto minuto girando em cima da base.

No total foram quinze. – A gente precisa ficar esse tempo todo lá em cima?

– Emília perguntou para Rosa, a última da fila antes de ela chegar.

– Sim. A Catarina explicou que isso vai ser tanto para a abertura como para vinhetas e essas coisas. Eu tô tonta só de olhar – ela respondeu, rindo. As bochechas de Rosa eram protuberantes e rosadas, como dois pêssegos maduros. – Mas pode ir embora quando terminar a sua parte.

– Acho que não é vantagem quando você é a última.

Rosa riu e as duas voltaram a prestar atenção na colega seguinte girando. Rosa parecia divertida. Ela seria a primeira a ganhar bebê, portanto não iria demorar muito na plataforma, já que sua barriga já estava no último estágio, diferente da de Emília.

– Então... você já sabe quando vai nascer?

– Agora completaram 35 semanas – Rosa falou, como se aquilo significasse algo para Emília. A garota respondeu com um meneio de cabeça. *Por que elas não respondem em meses?* – Pode nascer a qualquer momento – Rosa completou, como se tivesse percebido a confusão na cabeça da colega.

– Ah, nossa! Caramba! não... dói? – Emília perguntou, encarando a barriga de Rosa. – Meu Deus, deve ser uma aflição pensar que tem um bebê aí.

– São dois, na verdade. Se um dia eu acordasse com essa melancia dentro da barriga eu ficaria aflita, mas assim, crescendo aos pouquinhos, você até esquece que tem duas pessoas dentro de você.

A gravação de Rosa foi mesmo a mais rápida. Por sorte, ou por precaução, a plataforma girou bem lentamente. Com aquele barrigão a uma velocidade alta, corria o risco de ela sair dali com os dois bebês já no colo.

Enquanto via a colega, Emília lembrou que não comia havia um tempo e que sua barriga, apesar de não ser das mais secas, não parecia a de uma grávida de mais de três meses quando seu estômago estava vazio.

– Lisa – Emília olhou para a amiga assustada e falando baixinho –, você pode ir no meu lugar? Preciso comer alguma coisa.

– Você tá passando mal? Fala com a Catarina.

– Não precisa – Emília interrompeu –, vai primeiro.

Emília colocou a mão no ombro da colega e saiu em direção à mesa de comida.

– Toma uma água! – lisa gritou para a amiga, que já estava do outro lado do estúdio.

– É exatamente isso que eu vou fazer.

Emília estava comendo um sanduíche escorada na mesa de comida, quando viu a porta se abrir. Rebeca entrou e foi até a fila, agora vazia, enquanto lisa rodopiava na plataforma. Emília teria de deixá-la ir na frente também. A colega havia entrado e saído do estúdio algumas vezes, provavelmente para checar a fila, já que na sala de maquiagem pelo menos havia uma televisão e nenhuma participante, o que para Rebeca parecia ser um ponto positivo – estar cercada por ninguém.

Emília completou o projeto "barriga de grávida" com quase um litro de água, o que a obrigou a ir ao banheiro antes que pudesse ao menos ser chamada para gravar.

– Emília, tudo bem se eu já for pra casa? – lisa perguntou, antes de a amiga entrar no banheiro, convenientemente ao lado do galão de água.

– Hum, tudo bem – Emília disse, retorcendo-se. – Vamos marcar alguma coisa agora. Quinta que vem vai estrear o filme novo do livro do nicholas sparks, a gente pode ir juntas.

– É aquele em que a mulher vai morar do lado de um fazendeiro, eles se apaixonam e ele morre de câncer? – lisa disse. – Eu não gosto muito de filmes que me fazem chorar.

– Não. Não é esse. É o cachorro do cara que morre de câncer... *depois* o homem morre.

– Mais triste ainda. Mas, o.k., vou dar uma olhada no horário da sessão. – Emília ficou esperando lisa se despedir para correr para dentro do banheiro, mas a amiga não se moveu.

– Você não vai embora agora? – Emília parecia um tronco retorcido tentando segurar a vontade de ir ao banheiro.

– Ah, sim. Vou só esperar uns dois minutinhos porque estou um pouco tonta. – lisa disse, passando a mão pelas têmporas. – sabe o que lembrei quando estava lá em cima no negócio girando? De quando a gente teve uma aula de artes com argila. Agora sei como um vaso se sente.

Emília riu. De fato a sensação deveria ser a mesma.

– Já volto. Tchau – Emília disse, antes de correr para dentro do banheiro.

Ela se aliviou como se as comportas de uma represa tivessem sido abertas. Assim que voltou do banheiro, percebeu que lisa já havia saído. Agora, além da equipe técnica na sala, havia apenas Catarina e Rebeca.

– Vamos, Rebeca, quero um sorrisão! É o dia mais feliz da sua vida e você tá muito feliz! Abre mais essa boca. Isso! – Catarina falava, empolgada.

Emília não poderia negar, era engraçado ver Rebeca sorrindo pela primeira vez. Existem algumas pessoas que combinam com um rosto sorridente. Não era o caso de Rebeca. Eles tinham retirado o lápis escuro que ela sempre usava e seu rosto parecia mais suave. Os cachos do cabelo escuro também estavam mais organizados.

Antes de voltar para seu lugar na fila, Emília resolveu dar uma volta pela parte de trás do estúdio. Havia uma tapadeira que separava do resto da sala uma área com objetos de cenografia. O local era organizado na medida do possível: a variedade de objetos aleatórios – como letras gigantes, placas de madeira,

latas de tinta, pedaços de ferro e caixas de plástico com o que pareciam ser tecidos, fitas e fios – impedia que fosse categorizada corretamente com as etiquetas em cada prateleira.

Numa das caixas, sobre uma bancada com alguns dos objetos usados naquela gravação, havia algo que parecia uma pilha de tecido bege. Emília colocou a mão e sentiu o dedo afundar levemente no amontoado de espuma que o preenchia. Ela retirou um dos tecidos da pilha. Era uma série de preenchimentos de barriga, que estavam sendo usados na gravação.

Sem pensar duas vezes, pegou três de tamanhos diferentes. Colocou os dois primeiros dentro de sua bolsa, mas ela havia ficado tão estufada que precisou fazer um esforço maior para tentar enfiar o terceiro.

– Eles estão chamando você.

Emília sentiu um calafrio descer por sua espinha como uma pedra de gelo. Poderia retirar o que havia colocado dentro da bolsa antes de se virar. Mas, quando percebeu, Rebeca já estava do seu lado. Ficou sem saber o que falar por alguns segundos.

– Três está bom, será? Pra eu levar... para a Catarina – Emília tentou contornar a situação. Sua garganta estava seca, mesmo depois de tomar um litro de água.

Rebeca olhou para a bolsa de Emília, estufada de preenchimentos para barriga falsa. As suas mãos estavam dentro da bolsa, na mesma posição de quando fora flagrada, como se Emília não conseguisse mover um músculo sequer.

– Você está roubando esses enchimentos? – Rebeca perguntou, em tom acusatório.

– Não! Eu estava levando eles até a Catarina, pra gravar a abertura. – Embora Emília conseguisse men tir sem gaguejar, era só olhar para seus olhos. De repente, pareciam duas bolinhas de vidro paralisadas e sem expressão.

– Por que você iria roubar uma...

– Eu não estava roubando! – Emília interrompeu, falando alto. Então começou a retirá-las da bolsa, deixando a última, quando percebeu a voz de Catarina.

– Ei! Vocês estão brigando? – Catarina apareceu de trás da tapadeira. – Vocês não podem brigar! Estão me ouvindo? É um desperdício vocês brigarem sem que nós estejamos gravando.

Emília se voltou para Rebeca. A garota estava com a boca entreaberta, como se estivesse processando uma informação complicada. Encarou Emília como se fosse roubar sua alma e soltou uma bufada com os olhos fechados antes de sair quase esbarrando em Catarina.

– Vamos, Emília, só falta você. – Catarina puxou Emília. Colocou-a em sua frente e a seguiu com as mãos nos seus ombros, como se não quisesse perdê-la no caminho.

Nos quinze minutos em que girou na plataforma, Emília tentou sorrir enquanto se lembrava, preocupada, do que havia acabado de acontecer. Rebeca *sabe que eu não estou grávida*.

A garota conseguiu girar o tempo necessário sem vomitar e foi liberada por Catarina. Assim que abriu a porta da rua, a tontura evoluiu para um enjoo, e o chão da parte de fora do estúdio foi preenchido com o lanche que fizera pouco antes.

Emília escorou na parede ao lado da porta. Catarina saiu apressada e quase pisou em cima do vômito.

– Tudo bem, você gostou daquele sanduíche, mas não precisa mostrar pra todo mundo – disse, tentando não encarar o chão enquanto se arrastava pela parede, no canto que não estava sujo. – Argh!

Emília se desculpou e voltou ao banheiro para se limpar.

Seu saldo final do dia havia sido um vômito no corredor da maior emissora do país, um cinema marcado com a melhor amiga de infância, com quem tinha perdido contato, uma nova amiga grávida de gêmeos, e, aparentemente, uma inimiga que não sorria.

13.

– Ian... O que foi isso? – Iris disse, piscando os olhos lentamente no meio da frase. Parecia estar prestes a ter um ataque de nervos. Os dois estavam dentro do carro, no estacionamento do condomínio de Estela.

O rapaz não sabia o que falar. Será que já era hora de contar a ela? Ian começou a analisar suas alternativas: a) se ele contasse que não sabia do que Estela estava falando, ela iria ligar para a mulher para entender melhor; b) se ele dissesse que realmente tinha engravidado uma garota, aí sim ela teria um ataque; c) se ele corresse e se escondesse em algum lugar no condomínio, teria mais algumas horas para bolar algum plano.

Seu plano era contar após a formatura da irmã, mas, no fundo, ele sabia qual era sua única opção naque le momento.

– Tá, vou contar toda a verdade – Ian disse. Iris abriu a boca, parecia ainda mais sério do que ela imaginava. – Vamos conversar em casa, mas não é nada muito grave. Só fica calma. Não é nada. É uma brincadeira nossa.

Ian tinha ouvido falar que não era bom que grávidas

passassem por estresse. Tentou tranquilizá-la para que ela pudesse dirigir sem se preocupar até os dois chegarem seguros em casa.

É melhor que seja uma brincadeira – Iris estava séria.

Ian percebeu que Iris tremia enquanto colocava a chave na ignição. Durante o caminho, tentou puxar assunto sobre o evento que Iris organizava para Estela, pensando que talvez assim pudesse diminuir a importância de seu segredo. A verdade era que nem ele estava conseguindo se concentrar direito. Ele temia que, se contasse para ela naquele momento, sua reação fosse ainda pior.

Os dois já estavam mais calmos quando chegaram em casa, mas Iris estava longe de ter esquecido. Assim que entraram, ela apoiou sua bolsa na mesa e perguntou:

– O que foi aquilo que a Estela disse de você também estar esperando um bebê? – seus olhos estavam vidrados nos de Ian.

Ele apoiou os braços cruzados nas costas de uma das cadeiras.

– O que ela falou, sobre eu ser pai também... é complicado. Bom, é mentira. – Ian balançou as duas mãos, negando. – Eu não vou ser pai, mas...

– Ian, fala de uma vez. Eu tô grávida – Iris sabia usar os artifícios que tinha.

– Sabe o programa *Novos Pais*? Eu meio que fui convidado para participar dele e, sem querer, coloquei uma colega da minha sala junto e... ela aceitou.

Iris ficou paralisada por alguns segundos, sem entender o que tinha acabado de ouvir.

– Ahn?! Tá, mas por que você iria participar disso? – ela balançou a mão no ar. – Essa menina tá grávida? – Não! Ela não está grávida. – Ian respirou fundo e tentou parecer mais calmo e confiante. – Eles pagam um cachê enorme, isso iria ajudar muito a gente.

– Mas você não foi idiota de querer aceitar isso, né? – Iris suspirou, parecendo até aliviada.

– Iris, a gente *precisa* do dinheiro – ele justificou.

O rapaz se sentou e começou a girar a fruteira em cima da mesa, quase deixando tudo cair em vários momentos. Iris preferiu continuar de pé.

– O quê?! – A voz da irmã estava alterada. – Você quer mentir num programa de TV pro país inteiro por que precisa de dinheiro? Você passa fome, Ian? – A esse ponto Iris já gritava. Sua voz tremeu e falhou na última frase, e Ian viu que ela estava prestes a chorar.

– Não, e sei que foi por causa de você que isso nunca aconteceu. – Ian colocou uma mão no braço de iris, tentando fazer um carinho que pudesse aju dar a contornar a situação, mas ela rejeitou o gesto. Vendo que ela não iria se sentar, ele voltou a ficar de pé. – Participar desse programa só vai ajudar a nossa família. Você vai ganhar um filho agora, se casar... a gente pode aumentar a sua equipe! – Ian começou a se empolgar. – Você não disse que agora, depois do evento da Estela, pode conseguir outros grandes? A gente pode fazer isso junto!

– Eu não quero que você faça esse tipo de coisa e coloque a culpa em mim, Ian! Eu não preciso disso, eu me programei pra isso, lutei sozinha até hoje e...

– Exatamente! – Ian a interrompeu e ajeitou o cabelo, enquanto respirava fundo mais uma vez. – Você precisa me deixar ajudar você! Caramba, não acha que me sinto mal por ter sido o responsável por você largar a carreira, largar tudo, porque precisava criar o seu irmão mais novo?

Ian estava tremendo, mas não sentiu vontade de chorar. Estava apenas com raiva de tudo o que havia acontecido com sua mãe, raiva do seu pai e raiva do peso que ele era e de sua impotência diante de todos os problemas pelos quais os dois passaram quando ele era pequeno.

A dona da casa em que eles moravam tinha sido uma peça importante para que eles não passassem fome nos primeiros meses. Ela deixou que eles continuassem morando ali sem pagar nada por oito meses, até Iris conseguir um emprego que pagasse mais.

Ian precisou aprender a ficar sozinho em casa nos fins de semana, quando ela trabalhava nos eventos, primeiro como garçonete – até assumir a parte de recepção de convidados e, por fim, a decoração.

– Olha, iris, entendo tudo o que você fez por mim, mas participar desse programa e receber esse dinheiro não vai prejudicar ninguém! – Ian gesticulou como se tivesse implorando por um favor. – imagina que é tipo um trabalho.

– Você acha que não vai prejudicar ninguém? Vai prejudicar a pessoa mais importante pra mim. – Iris estava com a voz mais calma. Passou a mão nos olhos para secá-los. – Você, Ian.

Iris tentou segurar o choro, mas não conseguiu. Seu irmão se aproximou e a abraçou.

– Não... não... não vai acontecer nada. Você tem que confiar em mim, eu preciso tomar as minhas decisões. – Ele a afastou, segurando seus ombros, e olhou em seus olhos. – Você precisa deixar eu tomar as *minhas* decisões.

Iris explodiu em um choro ainda mais forte.

– Exatamente, cara! isso é uma loucura! Eu criei você, queria que você visse que isso é uma loucura! Uma loucura! – Ian viu que a irmã parecia um pouco descontrolada, o que o deixou com um pouco de medo. Nunca a havia visto daquela forma. *Talvez sejam os hormônios*, pensou. Iris recuperou o fôlego. – seus colegas vão ver isso, as pessoas vão lembrar pra sempre, isso não é uma coisa simples. Não é!

– Eu posso contar para os conhecidos que a minha namorada está cuidando do bebê sozinha.

– Que exemplo de homem – ela disse. – Meus parabéns!

– Ou posso dizer que é tudo mentira, as pessoas não acreditam mais no que passa na TV. Posso dizer que aquilo foi tudo roteirizado.

Iris respirou fundo, colocou as duas mãos sobre o rosto e caminhou até o sofá arrastando os pés. Escorou a cabeça no encosto, olhando para o teto.

– Eu preciso de um crédito, iris. – Ele a seguiu. – nunca fugi das suas regras, nunca fiz nada de errado. – Ian parou e se corrigiu: – De *muito* errado. É um trabalho, só isso.

– O que você quer que eu faça?

Ian não entendeu a pergunta. Será que ela já tinha aceitado assim tão fácil?

– Nada – ele respondeu. – Pode ser que eles queiram que

você apareça. Para mostrar o nosso dia a dia. Nada demais. Só acho melhor eles não saberem que você está grávida, porque... o meu sobrinho pode nos ajudar.

Iris virou o corpo todo para Ian num pulo.

– Você quer meter o meu filho nessa também? – Ela balançou a cabeça, decepcionada. Ian odiava quando ela fazia aquilo. – Eu não acredito nisso. Tá bom, você sempre foi responsável. Mas de repente *isso*? Uma coisa que vai meter um monte de gente na nossa vida, que o país inteiro vai ver! não sabia que você estava acumulando os problemas que nunca me deu durante todos esses anos.

– Acho que você está fazendo tempestade em copo d'água. Muitos desses participantes de *reality shows* desaparecem. Ninguém lembra! Eles aproveitam o que podem e depois voltam pra suas vidas, é simples!

Iris estava parada de frente para Ian.

– Eu nunca vou compactuar com isso – Iris disse com a voz trêmula. – nunca vou apoiar. Sabe por quê? Porque eu me importo com você e sei que isso tudo pode dar muito errado, Ian!

Ele sentiu um aperto na garganta pela primeira vez em muito tempo. Notou que estava prestes a chorar. Ainda faltavam dois anos para que ele fosse maior de idade e respondesse por si, portanto a irmã, que tinha sua guarda, era quem mandava em sua vida, ele querendo ou não.

– Eu não acredito que você vai fazer isso – Ian disse, mal abrindo a boca.

– Você não pode fazer isso sem mim, né? Quero dizer, você é menor de idade. Você precisa de uma assinatura – Ian

permaneceu em silêncio, Iris percebeu que havia algo estranho. Então perguntou: – Você já fez alguma coisa sem a minha permissão?

Ian engoliu em seco.

– Já faz um mês – ele disse.

Iris pôs a mão sobre os olhos e abaixou a cabeça lentamente, com os cabelos escorrendo pelos ombros enquanto curvava o pescoço.

– Eu tive que assinar no seu lugar.

– Você falsificou a minha assinatura? – Iris gritou, pulando da posição em que estava. – Vai se ferrar, Ian. Vai se ferrar. Você disse que queria fazer alguma coisa por mim. Então você poderia ser uma pessoa decente, como eu te ensinei. Eu *acho* que te ensinei. Você me deixaria muito mais feliz.

Iris encarou o irmão por alguns segundos, mas ele não conseguiu olhar nos olhos dela. Para não causar mais problemas, decidiu acabar a discussão.

– Então – Ian perguntou –, o que eu faço?

– Você tem quase dezessete anos. A esta altura, já deveria saber o que é melhor pra você. – Iris parou por um momento enquanto olhava para o chão. – Preciso de um tempo maior pra saber o que acho disso tudo. Sei que você não está fazendo isso por mal, Ian – terminou a frase num suspiro. – Tenho que pensar em tudo o que pode acontecer com você se essa história maluca der errado, porque isso pode acabar com a sua vida. As pessoas amam ver os outros se ferrando na TV, amam arruinar a vida dos outros na internet, como se os problemas dos outros fossem apenas entretenimento. Se algo der errado, elas vão

acabar com a sua vida sem ter nem ideia do que estão fazendo. Você entende?

– Já pensei em tudo isso. Eu não sou burro, iris. Sei o que é melhor pra mim, só preciso que você acredite nisso. Você me ensinou coisas boas: ser honesto, não prejudicar ninguém. Sei que estou mentindo pra mui ta gente, mas não significa que esse dinheiro não seja honesto. – Iris balançou a cabeça, parecendo não concordar com o irmão. – Poxa, é um programa de TV, todo mundo ali está fingindo ser alguma coisa que não é! não é um julgamento de assassinato numa corte.

– Que bom que o crime por enquanto seja falsidade ideológica e não assassinato.

Ian esperou ela dar a palavra final.

– Então, você *deixa* eu participar?

– Eu nunca vou apoiar isso. – o coração de Ian disparou. – Me sentiria horrível se acontecesse alguma coisa com você, me sentiria em dívida com a mãe. Mas você já é grande. – Ela respirou fundo e ficou calada por quase um minuto. – Vou deixar você fazer sua própria escolha. Afinal, é melhor que eu esteja aqui pra ajudar caso algo de muito errado aconteça.

14.

O restaurante próximo à escola em que Emília e Ian estudavam era todo de madeira, num estilo rústico, e ficava lotado de alunos na hora do almoço. A escola oferecia aos alunos do terceiro ano um curso preparatório para o vestibular aos sábados, e o local ficava cheio nesse dia.

Para não levantar suspeitas, eles continuaram sem conversar durante as aulas. Nas últimas duas semanas, desde que contara para a irmã, Ian não precisava mais inventar desculpas, porém Emília ainda não sabia se queria revelar para sua família.

– O que você planeja fazer quando sua mãe vir você na televisão? E seus parentes e seus vizinhos? – Ian disse, antes de colocar a primeira garfada de frango na boca.

– O programa vai estrear um mês depois do meu aniversário. Eu já vou ter dezoito anos e minha família não vai poder fazer nada.

Ian arregalou os olhos.

– Você é mais velha que eu?

– Mais velha e mais madura. – Emília olhou para Ian e abriu um sorriso fingido, brincando. – Precisamos de um nome para nossa filha de mentira.

– Uau – Ian espremeu os olhos –, que mulher madura.

– Que tal juntar o nome das nossas avós? – Emília perguntou. – Às vezes funciona. Tipo, lúcia e Mara. Lucimara. A minha avó é Maria. A sua?

– Joana.

– Marijoana?

Os dois pensaram por alguns instantes.

– Não – concordaram.

– Preciso dizer esse nome quando nós formos gravar o bate-papo no estúdio na sexta que vem.

– Não me importo, você pode escolher. Vai, qual nome você sempre quis colocar em um filho?

Emília começou a pensar. Na gravação anterior, dois dias antes, no chá de bebê de Rosa, ela revelara que o bebê era uma menina e que ainda não tinham decidido o nome da criança. Então Catarina pressionou os dois para que decidissem logo e contassem na próxima gravação.

Até então, eles não haviam mais sido convocados para outra gravação num consultório médico. Catarina passou a fazer perguntas relacionadas a consultas e exames para Emília durante os depoimentos, o que a fez deduzir que a produtora havia desistido de mostrar os aspectos médicos da sua gravidez, já que não poderia gravar com o patrocinador. Conforme o pedido do dr. Rômulo, a garota citou no programa que se tratava com o dr. Mauro. Se tivesse sorte, não precisaria mais ver

nenhum médico na sua frente até o fim daquelas gravações.

– Não sei. Não sei mesmo – Emília bateu com o dedo nos lábios, pensativa. – Eu gosto de luna.

– A garota louca de Harry Potter? – Ian perguntou. – não poderia combinar mais.

Os dois seguiram o almoço na mesa do canto, comentando como haviam sido as gravações que tinham feito em separado. No fim de semana anterior, Ian ha via ido a um jogo de boliche com todos os outros pais da edição. Ele contou que um deles tinha seu próprio motorista. *Por que alguém que tem seu próprio motorista participaria de algo assim?*

Eles chegaram à conclusão de que as pessoas estavam participando do programa por razões diferentes. Alguns, como eles, por dinheiro. Outros porque achavam que sua participação poderia passar alguma mensagem. Outros ainda, talvez a maioria, apenas para ficar famosos.

– E o seu namorado, Emília? – Ian pousou os talheres na mesa. – se você quer fugir da sua família agora, tudo bem. Mas vai conseguir fugir dele também?

– Não! não estou fugindo. – Ela pareceu um pouco confusa. – só não sei ainda se quero contar ainda.

– Vocês não foram criados juntos? No fundo você deve ter uma ideia de como ele deve reagir.

– Sim, mas nunca passamos por uma situação minimamente parecida com essa. Ele é ciumento, mas não acho que se importaria por você estar participando comigo disso.

Ian olhou sério para Emília.

– Por quê?

– Sei lá, acho que porque a gente não combina – Emília disse antes de encher a boca de comida.

– Como assim? Por que a gente não combina? – Ele precisou esperar a colega terminar de mastigar por um tempo longo e constrangedor.

– Não sei, só nunca pensei em você dessa forma. Eu gosto de você, mas nunca pensei em você de outra forma – ela repetiu, nervosa. Analisou a expressão de Ian, que parecia um pouco consternado. – o que foi?

– Não é que... não que *eu* tenha pensado em você de outra forma. É só que, não sei, nunca é legal ouvir que eu e o seu cachorro despertamos o mesmo sentimento em você e que isso nunca vai mudar... – Ian começou a suar.

– Eu não tenho um cachorro.

– Pois é.

– Não é todo mundo que vai se apaixonar por você – Emília falou, levantando as sobrancelhas e com a boca num biquinho indiferente.

Como a salvação para uma discussão que não levaria a nada, o celular de Emília tocou. Era Catarina. Eles estranharam – ela não costumava ligar em fins de semana.

– Emília, preciso que você se arrume agora! Vou mandar uma van te buscar na sua casa... ou pega um táxi. É, é isso aí, pega um táxi que é mais rápido, porque aqui é urgente. Você nunca aceita as vans mesmo – Catarina pareceu dizer tudo aquilo num respiro só. – Vou ligar para o Ian também.

– Estou com ele, acabamos de almoçar.

– Melhor ainda, venham vocês dois agora! Hospital santa

Misericórdia, no centro.

Emília ficou assustada.

– O que aconteceu? – Até então, hospitais para ela eram apenas sinônimo de problema. Mas não vêm apenas notícias ruins de lá quando se convive com onze garotas grávidas.

– A Rosa está em trabalho de parto – Catarina explicou. – Preciso de alguns de vocês aqui. Como vocês duas estavam bem próximas nas últimas gravações, imaginei que você gostaria de acompanhar.

– Claro! nós já estamos indo. – Emília desligou e levantou sem terminar o almoço.

Assim que Ian e Emília entraram no hospital, perguntaram por Rosa na recepção. O que não era exatamente necessário, uma vez que o local estava cheio de câmeras e Catarina estava logo ali na entrada, com o tablet nas mãos acompanhando em tempo real o que as câmeras gravavam. Emília havia sido instruída a perguntar por Rosa à recepcionista.

– A paciente Rosa nader está na sala de parto no momento. A médica acabou de informar que está tudo bem e que a dilatação está avançada, já chegou a sete centímetros. Vocês podem esperar aqui até que ela traga mais informações – relatou a recepcionista, sorridente.

– Ótimo, corta! – Catarina gritou, e as três câmeras se abaixaram. – Ian, você pode sentar ali um pouquinho. Emília, vamos até a fachada do prédio para gravar um depoimento.

O tempo estava um pouco abafado e nublado, o que era ótimo para a gravação. O sol encoberto deixava a luz difusa, só que, para garantir que ao longo da gravação uma linha de sol não pegasse no rosto da garota e estragasse a filmagem, dois membros da equipe seguraram um rebatedor acima de Emília.

Ela sempre se sentia desconfortável nessas situa ções, já que toda a parafernália técnica chamava muita atenção. Depois de algum tempo, as pessoas começavam a prestar atenção e algumas até tiravam fotos.

– Parece que vai chover, vamos logo. – Catarina apressou os dois rapazes do rebatedor. – Ótimo, aí está perfeito. Emília, onde a gente está e o que você está fazendo aqui?

– Nós estamos agora no Hospital santa Misericórdia porque a Rosa... – Emília parou, como se tivesse pensando na situação pela primeira vez. – Meu Deus, nós estamos aqui porque tem dois bebês saindo de dentro da Rosa! – ela disse rápido, numa voz estridente, e colocou as mãos sobre a boca, assustada.

Catarina trocou um olhar confuso com um dos operadores de câmera.

– Tá tudo bem, Emília – Catarina disse, com calma. – isso também vai acontecer com você e vai ser lindo, não vai?

Emília colocou a mão sobre a barriga e aproveitou para estufá-la um pouco mais.

– Eu estou feliz pela Rosa – Emília voltou a focar no depoimento. – Deve ser, hum, estranho ter duas pessoas novinhas em folha vivendo com você assim de repente. Elas vão crescer, vão falar, e você vai ter que gostar delas pra sempre porque você não tem escolha. – Catarina levantou os olhos do

tablet para o rosto de Emília. – É estranho que na sua barriga, que era pra ter, sei lá, comida, de repente tem uma pessoa dentro – Emília terminou, praticamente falando consigo mesma.

Catarina balançou lentamente a cabeça, pensando se seria interessante continuar o papo, que não parecia fazer o menor sentido.

– Já temos o depoimento da Emília – ela anunciou para a equipe. – Markus, chama o Ian.

O pensamento de que, por mais que estivesse ali *de brincadeira* e que não tivesse nada além do almoço dentro de sua barriga, todas as outras colegas viviam aquilo de verdade voltou a assombrar Emília.

A garota foi andando devagar até a recepção, como se seu pensamento inquieto comprometesse sua habilidade de caminhar.

– Ian, sua vez – Catarina disse para o rapaz, que agora estava abaixo do rebatedor. – o que você acha do nascimento dos bebês da Rosa? Está empolgado para quando nascer o seu?

– Eu estou feliz pela Rosa e... – Ian esquecia que não podia olhar para a câmera, mas era quase como um ímã. Uma pergunta lhe surgiu na hora e ele se voltou para Catarina. – Ela recebe dois cachês porque são dois bebês?

– Foco, Ian – Catarina respondeu, encarando o rapaz.

– Fico feliz que ela esteja ganhando gêmeos. Na verdade, espero que *ela* esteja feliz, porque ela é quem vai cuidar. – Ian coçou a cabeça. – se eu tivesse um irmão gêmeo, gostaria de ter nascido primeiro. Geralmente o bebê que vem primeiro pega o

nome favorito dos pais e o segundo precisa ficar com o outro.

– Tá ótimo – Catarina o interrompeu. – Todo mundo está meio alterado por causa da emoção do nascimento hoje. Vamos lá para dentro esperar.

Antes que Ian pudesse sentar no banco ao lado de Emília, o celular da garota tocou. Ela se levantou para atender no canto da sala de espera. Emília viu no identificador de chamadas que era o namorado e atendeu pronta para dizer que estava ocupada. Precisava encerrar a conversa o mais rápido possível.

– Oi, Gael, eu tô muito ocupa... – o alto-falante do hospital começou a transmitir um recado, e Emília num impulso tirou o celular do ouvido e o apertou contra a barriga para abafar o som.

– Você tá num hospital? – Gael perguntou, alterado, quando ela voltou o aparelho para perto do ouvido. – o que aconteceu?

Emília não tinha saída.

– Não foi nada comigo, não se preocupa. – A linha ficou em silêncio.

– Foi com alguém da sua família? Algum conhecido? Fala alguma coisa, droga! – o rapaz estava impaciente.

Emília olhou ao redor, tentando buscar uma desculpa enquanto caminhava até a porta. Lisa havia acabado de chegar e estava dando o seu depoimento sobre Rosa.

– Foi a lisa. Aquela nossa amiga que encontrei de novo, lembra? Ela sofreu um acidente. Ma-mas passa bem – completou, gaguejando.

– O quê?! – ele gritou, como se Emília tivesse dito que ela mesma havia sido atropelada. – Você está aí sozinha?

– Sim – Emília disse, enquanto olhava para Ian, que a observava de longe.

– Estou indo aí agora, me espera.

Antes que Emília pudesse contestar, Gael desligou o telefone. Ela voltou para o lado de Ian, agora com o aparelho pressionado contra o peito e com os olhos arregalados.

– O Gael está vindo pra cá – contou para o rapaz, que não tirou os olhos dela em nenhum momento, morrendo de curiosidade.

– O seu namorado? Por que você chamou ele? Você contou tudo? – Ian estava tão perdido quanto Emília e fazia uma pergunta atropelando a outra.

– Acho que fiz uma burrada.

Ian a acompanhou até o lado de fora do hospital. Os dois subiram as escadas que levavam até a parte de trás, onde entravam as ambulâncias de emergência, para tentar encontrar uma solução.

– O.k., nós temos uns vinte minutos até ele chegar. Se tiver trânsito, acho que uns dez a mais – Emília disse, enquanto caminhava de um lado para o outro na área onde as ambulâncias estacionavam.

– Vamos sentar – Ian disse, puxando a colega gentilmente pelo braço afastando-a da área onde os automóveis paravam – antes de *você* sofrer um acidente também.

Os dois sentaram no banco de concreto da par te de fora do hospital. Ela explicou que o namorado acreditava que lisa havia

sofrido um acidente. Emília também havia descartado a ideia de simplesmente fugir dali – quando Gael chegasse e visse lisa, ele a reconheceria.

– Já sei, você precisa ligar para ele e dizer que está no hospital da Zona sul. Anda, liga e diz que está na santa Casa da Zona sul – Ian disse, apressando Emília. Ela pegou o celular e tentou discar, mas o namorado não atendeu. Emília olhou para Ian e soltou um palavrão.

– Tenta de novo! – ele a encorajou. Emília telefonou mais uma vez.

– Eu estou dirigindo, daqui a pouco chego – Gael respondeu após o primeiro toque.

– Na santa Casa da Zona sul, né? – ela disse.

– Mas... ah, droga. Tudo bem, eu vou fazer o retorno – o rapaz respondeu, enquanto trocava de pista.

Emília suspirou aliviada.

– O Hospital santa Casa de Misericórdia pede desculpas pelos transtornos decorrentes da gravação do programa.... – o alto-falante anunciou mais uma vez, e Emília desligou a ligação num impulso. Desta vez ela estava logo abaixo de um deles, mesmo se tivesse abafado o microfone, Gael teria ouvido.

Emília e Ian se olharam. O namorado de Emília sabia que não estava no outro hospital e chegaria ali em poucos minutos. Ela fechou os olhos, nervosa.

– Se o problema é ele encontrar lisa, que deveria estar sendo atendida... – Emília pensou em voz alta. – A gente só precisa esconder a lisa.

Sem analisar o plano duas vezes, os dois correram para

dentro do hospital novamente.

– Onde vocês estavam? – Catarina protestou. – Daqui a pouco nascem os bebês da Rosa, a médica avisou que já está com nove centímetros de dilatação. Vocês vão entrar na sala assim que terminar, acho que não dura uma hora, então fiquem por aqui.

Ian e Emília concordaram e foram até lisa, que se sentou no banco em que Ian estivera minutos antes.

– Preciso da sua ajuda, lisa – Emília disse. – lembra quando estudávamos juntas e confiávamos plenamente uma na outra? Uma vez o nosso professor fez aquela brincadeira de uma pessoa ficar de olhos fechados e se deixar pender para trás para que a outra segurasse...

– E você não me segurou.

– ...mas eu te levantei depois – Emília completou. – nem sempre a mão que *realmente* te segura é a que te ajuda a levantar quando você precisa. E agora eu preciso de você.

– O que é? – lisa perguntou, com as duas mãos entrelaçadas em cima da coxa.

– Eu preciso que você suma daqui.

Emília e Ian a acompanharam até a entrada de ambulâncias, onde estavam quando a Emília conversara com Gael ao celular. O local era o lado contrário de onde todos os visitantes costumavam chegar e seria seguro.

– Senta ali, lisa. – Emília olhou em volta e encontrou uma máquina de lanches automática. – Vou pegar um Toddynho pra você. Vem comigo, Ian.

O rapaz a seguiu até a máquina de comida.

– Vou esperar na entrada do hospital e tentar dispensá-lo. Vou dizer que ele não pode ficar. Se não der certo, vou ter que ir pra casa com ele. Inventa alguma coisa para a Catarina.

– Tenta ligar mais uma vez. Diz que você saiu do hospital, sei lá. A gente fica aqui com a lisa, ele não vai vir por essa entrada, eu acredito.

Emília tirou o celular e viu que sua bateria estava por um fio, não aguentaria nem mais uma ligação.

– Não, é melhor continuarmos com o meu plano. A gente se vê daqui a pouco. – Emília acenou para lisa e saiu. Ian levou o achocolatado para a garota.

A recepção em que Catarina e a equipe estavam fica va perto da entrada do hospital. Dois cinegrafistas e o operador de áudio conversavam na rua e viram Emília passando. Ela os cumprimentou e avaliou de longe se Catarina poderia vê-la dali.

Assim que a localizou, seus músculos se retesaram como num choque, formigando suas têmporas e descendo pelos seus braços até a ponta dos dedos. Sua boca secou e ela ficou paralisada a poucos metros da porta de entrada, sem saber o que fazer.

Catarina conversava com Gael.

Ele segurava as chaves do carro, enquanto ouvia a produtora, que gesticulava, balançando seu tablet no ar. Antes que tivesse chance de pensar em uma desculpa, Emília abriu passagem entre os cinegrafistas, voando em direção aos dois.

Não sabia quanto tempo fazia que ele estava ali, mas, se os dois continuassem conversan do, ela não teria como consertar a situação.

– Lá está ela! – Catarina apontou para uma Emília desesperada, que entrou cambaleando sala adentro.

Gael se virou e a encarou sem mover nenhum músculo do rosto, lançando-lhe um olhar retesado.

– Seu amigo perguntou por lisa na recepção, disse que você a estava acompanhando. Ele achava que era a lisa quem estava lá dentro! Que confusão! – Catarina riu. – Ainda vai demorar alguns meses para ser a vez de a lisa ganhar o bebê.

Gael quebrou a expressão neutra franzindo o cenho e lançou um olhar confuso e bravo para Emília. Seu peito subia e descia, como se tivesse acabado de correr uma maratona. Ele em seguida fitou o chão, tentando assimilar a fala de Catarina. O rosto de Emília estava vermelho e ela sentia as têmporas latejando.

– Espera aí, meu Deus! liguem as câmeras! – Catarina gritou, balançando as mãos no ar. – Você é o pai! Você é o pai do filho da lisa que ela não quis colocar no programa! É claro, você soube que ela estava no hospital e achou que tinha acontecido alguma coisa.

– A lisa está grávida? – Gael perguntou, num tom mais baixo. Talvez estivesse intimidado com a empolgação de Catarina.

– Ah, então você não é o pai – a produtora constatou, desviando o olhar, desanimada. Parou por um instante e arrumou seu cabelo impecável, mantendo um olhar fixo e

pensativo a sua frente. – Espera. Ah, meu Deus! Você *é* o pai, mas ela não te contou, foi isso? – A produtora se afastou dos dois e fez um gesto para que Emília continuasse a conversa. As câmeras apontavam para os dois enquanto Catarina pensava consigo mesma que o exnamorado descobrindo a gravidez da garota naquela circunstância renderia a maior audiência do programa de todos os tempos!

Enquanto aguardava a volta de Emília, lisa a esperava impaciente ao lado de Ian, os dois olhando para a televisão sem som da sala de espera. Eles não tinham assunto nenhum e cada segundo parecia uma hora.

– Você sabe o que está acontecendo? – lisa perguntou para Ian, sem tirar os olhos da televisão.

– Sei sim – ele encarou a garota. A calça de lisa estava com algumas gotas de achocolatado, que tinham subido pelo canudo enquanto ela apertava a embalagem sem perceber. – Mas você não precisa se preocupar porque não é nada com você.

– Então por que estou aqui? A Emília pediu para eu confiar nela, mas parece que ela não confia em mim para dizer o que está acontecendo – lisa retrucou.

– Aposto que ela vai te contar, mas...

– Eu não vou ficar aqui – ela o interrompeu. – A gente ficou muitos anos sem se ver, eu não posso ficar aqui sem saber o porquê. Não posso – lisa se levantou imediatamente e caminhou em passos largos em direção à saída.

A garota jogou a embalagem que segurava no lixo e percebeu a mancha na calça. Ian levantou-se para tentar impedi-la de seguir enquanto ela andava, meio desengonçada, passando a mão na mancha. Parecia estar com tanta pressa que não percebia que ela não sairia sem pelo menos um pouco de água.

Assim que a garota cruzou a porta de vidro da sala de espera, Ian a alcançou e colocou sua mão sobre seu ombro.

Ela soltou um grito forte, e Ian levou um susto. Não esperava aquilo. Ela parecia tão tímida e de repente chamava a atenção do hospital inteiro como se ele tives se acabado de atacá-la.

O rapaz se encolheu, assustado, e deixou que ela seguisse de volta para a recepção. Lisa parecia emocionalmente instável, mas Ian não sabia o motivo.

Ela não chegou a correr, mas, assim que entrou na recepção, seus pés travaram, como o freio de mão de um carro sendo acionado quando viu Gael.

No mesmo momento deu meia-volta e esbarrou com Ian na porta, que preferiu não segui-la mais. Lisa não pôde ouvir nada da conversa lá dentro e, por sorte, sua presença também não foi percebida na sala.

O clima na entrada do hospital não era dos melhores.

– Mas por que ele veio aqui procurando pela lisa? Quem é esse rapaz, afinal? – Catarina perguntou de longe, para estimular os dois a começar uma discussão que rendesse para o *reality*.

– Ele não é o pai do filho de ninguém! – Emília respondeu,

eufórica.

Gael permaneceu calado por alguns instantes. Olhou para Catarina e viu que ela parecia decepcionada com a informação, mas com um meneio de cabeça ele tentou confirmar o que Emília havia acabado de dizer para a produtora.

Ele chegou mais perto de Emília, segurou firme em seu braço na altura do cotovelo com força suficiente para ela se desequilibrar por um segundo.

– Que merda é essa da lisa estar grávida? – ele perguntou, quase sussurrando, para Emília. Sua voz estava trêmula. Se ele não estivesse com uma expressão furiosa, Emília diria que ele estava com medo. – o que são essas câmeras?

– Por que você está segurando ela desse jeito? – Ian disse com segurança, saindo debaixo da porta, dando um passo à frente.

Gael olhou para trás, sem reconhecer a voz, e viu que era o colega que estava com Emília no dia em que fora buscá-la no colégio e ela disse ter passado mal.

Então soltou o braço de Emília. Ele e Ian se encararam, com os peitos inflados.

– Ainda mais quando ela está grávida! – Catarina completou, colocando mais lenha na fogueira, mas visivelmente incomodada com a postura de Gael.

O rapaz se virou para Emília como um foguete.

– Você está grávida? – ele perguntou, apertando os dentes.

Emília queria negar, mas viu que Catarina acompanhava tudo e que, se contasse a verdade naquele momento, tudo o que tinha passado até ali teria sido em vão. Então permaneceu

calada.

Ela imaginou que tudo devia estar parecendo muito confuso para Gael, com todas aquelas câmeras, Catarina fazendo perguntas, Ian saindo em sua defesa, e ainda sua mentira sobre lisa ter sofrido um acidente.

Gael umedeceu os lábios, olhando ao redor, e num movimento rápido girou o corpo e acertou em cheio um soco no rosto de Ian, que não teve tempo de se proteger e cambaleou para cima de um bebedouro. O galão de água não chegou a cair, mas acabou levando consigo o suporte de copos, espalhando-os pelo chão. As pessoas que estavam sentadas próximas se levantaram, tentando se afastar da briga.

Gael empurrou um dos operadores de câmera que o filmavam e obstruíam sua passagem e saiu pisando fundo.

– Espera, Gael! – Emília gritou, correndo atrás do namorado. – Aonde você vai?

– Você está grávida daquele idiota do seu colega? – Ele parou, do lado de fora da porta da recepção do hospital. As câmeras já não os seguiam mais. Catarina permaneceu com Ian, que foi socorrido por uma enfermeira. – Porque se fosse meu você iria me contar em vez de contar pra aquele babaca.

– Fosse seu o quê? – Emília gritou. – Fica calmo, Gael! Eu nunca dei motivos pra você... – Emília percebeu que estava falando alto demais e alguém da equipe poderia ouvir. Chegou mais perto de Gael. – A gente se conhece há tanto tempo, você sabe que não precisa desconfiar de mim. Só preciso conversar com você num lugar privado.

– Pra você me explicar que foi sem querer? Que você ainda

gosta de mim? – Enquanto Gael gritava, Emília percebeu que até mesmo as pessoas que caminhavam pela calçada no lado de fora do hospital diminuam os passos para acompanhar a briga.

– O que vocês estão olhando? – Emília bradou.

Voltou a olhar ao redor para ver se ninguém mais os observava quando viu lisa subindo lentamente pela escada que levava à entrada de ambulâncias em que a havia deixado. Emília esqueceu por um momento a briga – a amiga não parecia estar passando bem. Gael seguiu o olhar da namorada e também encontrou lisa.

– Lisa! – Emília gritou. Agora, que já tinha dado tudo errado, não havia problema de o namorado ver a colega. – Você está bem? Precisa de ajuda?

A garota, que parecia subir com dificuldade a escada, se virou para os dois e ficou paralisada, como se tivesse sido pega numa atividade ilícita. Ela se escorou na parede de concreto e afastou os pés, que estavam em um mesmo degrau. Colocou uma das mãos sobre a boca e olhou ao redor, parecendo perdida ou tonta. Sua boca se encheu de um líquido amargo e ela vomitou sobre a calçada do hospital. O olhar assustado e as lágrimas fazendo uma linha reta em seu rosto por causa da maquiagem a deixaram com uma aparência perturbada.

Lisa limpou a boca e desistiu de subir as escadas, correndo em direção à recepção, mantendo o olhar em Gael. Lembrava um animal mantendo seu predador no campo de visão por segurança.

Emília não sabia o que fazer primeiro – ajudar lisa ou resolver seus problemas. Então supôs que a amiga estava bem e

que enjoos eram normais na gravidez, e ela iria receber atenção de Catarina e das enfermeiras.

– Vamos pro seu carro – Emília disse com uma voz mais calma –, a gente conversa lá. Preciso explicar pra você o que aconteceu.

Gael demorou para responder.

– *Eu* vou pro meu carro. – Ele voltou a andar em direção à saída. – Mas você não. E os seus pais vão saber disso. Agora.

– Você vai ser um grande babaca se contar para os meus pais sem nem me ouvir antes. – os olhos de Emília se encheram de lágrimas. – Um babaca!

Gael pressionou os lábios com raiva e seguiu para o estacionamento. Assim que entrou no carro, travou as portas. O vidro desceu por dez centímetros, o suficiente para que Emília pudesse ouvi-lo.

– Estou indo pra sua casa agora. Se você acha que sou um babaca por causa disso, eu vou ser um babaca. Mas os seus pais não vão pensar que você é melhor que isso quando eu contar que a filha deles engravidou de uma colega de classe enquanto traía o namorado – Gael disse com a voz calma, mas os lábios tremiam.

Ele arrancou o carro sem prestar atenção nos gritos furiosos de Emília, repetindo que não estava grávida.

A garota voltou correndo para a recepção assim que o carro saiu pelo portão. Ian estava do lado de fora, esperando que ela chegasse. O soco tinha cortado a parte de dentro da sua boca, perto dos lábios, e ele estava com um grande tufo de gaze no local, deixando toda a área redonda e inchada, como se seu rosto

fosse uma caricatura dele mesmo.

– Vou ter que pegar um táxi *agora* para a minha casa! – Emília disse em tom de urgência. – o Gael tá louco e disse que vai contar para os meus pais. Se ele contar agora, eu estou ferrada. Nós, na verdade. Você e eu.

– Esse cara é um babaca. – A voz dele saiu estranha.

Emília fingiu não ouvir.

– Vou ter que contar pra ele agora – Emília disse. Ian fez um gesto com a cabeça, como quem diz "eu te avisei". O rapaz respirou fundo.

– Como uma garota como você pode estar com esse idiota? – sua mão esquerda estava fechada em um punho desde antes de Gael sair. – Quem ameaça a namorada dessa forma?

– Nós crescemos juntos, esqueceu? Ele é quase tão próximo dos meus pais quanto eu. – Ela tentou ver através da porta de vidro da recepção. – Tudo bem com a lisa? – Em seguida olhou para onde ela havia vomitado. O chão já havia sido limpo e agora estava apenas molhado.

– Ela tá lá dentro, sentada – ele disse, enquanto os dois corriam em direção à saída. – Deram água para ela beber e estão medindo a pressão.

Emília puxou Ian pelo braço e pediu a ele que a ajudasse a pedir um táxi, o que foi rápido. Depois de tudo o que havia acontecido, era mais que obrigação do destino contribuir para consertar o que ele havia estragado.

– O que eu falo para a Catarina? Você vai voltar? – Ian perguntou antes de Emília embarcar.

– Vou conversar com ele, e espero que ele entenda. Depois

eu volto. Não quero perder o nascimento dos bebês da Rosa.

Os dois se despediram. Emília pediu ao taxista que fosse o mais rápido que pudesse em direção à sua casa.

Ian precisou fingir que não fazia ideia do que estava acontecendo quando Catarina começou a enchê-lo de perguntas. A mulher esperou lisa ficar mais calma para fazer as mesmas perguntas a ela. A garota fez um movimento negativo com a cabeça, indicando não saber de coisa alguma também. Ian ficou aliviado.

O rapaz consultou o horário em seu celular e viu que, se conseguisse um táxi na mesma velocidade que Emília, estaria a tempo na casa de Estela para as aulas de sábado de Caio.

Catarina acabou liberando-o. Ela havia chamado mais algumas participantes, já que lisa não parecia estar em seu melhor dia também. Antes de partir, Ian contou que Emília havia prometido voltar.

– É bom que ela volte, mesmo porque ela tem muitas coisas para me explicar – Catarina disse, parecendo zangada. Ela e a equipe entraram no quarto de Rosa para filmar os momentos finais do parto.

A viagem de táxi até a casa de Emília foi agonizante – tanto para ela, que não conseguia ficar quieta no ban co, conferindo o trânsito a cada meio minuto, quanto provavelmente para o motorista, com os pés da garota batucando freneticamente atrás de seu banco.

Emília segurava o celular e já tinha pressionado mais de dez vezes o botão inicial sem sucesso. A bateria tinha oficialmente acabado e ela não poderia ao menos ligar para a mãe e tentar contornar a situação. Mesmo se ficasse no hospital e usasse um telefone de lá, uma ligação não resolveria aquela situação.

Assim que o veículo parou em frente à confeitaria, ela entregou o dinheiro que já estava separado para o taxista e saltou do carro sem sequer esperar pelo troco.

Um alívio tomou conta de seu corpo, como se tivesse respirado pela primeira vez desde que vira o namorado conversando com Catarina. A mãe estava terminando de ajeitar uma bandeja de doces trufados no balcão de vidro.

– Mãe, preciso falar com você. – Emília disse, quando chegou mais perto. – o Gael vai vir aqui e está todo confuso, eu preciso explicar pra ele algumas coisas antes. Então se ele disser...

– Ele já veio aqui – Helena disse enquanto retirava as luvas. – Está lá em cima. Disse que queria conversar em particular. Eu estava subindo agora para ver o que ele quer.

– Ótimo! não vai – Emília pediu enquanto caminhava para a escada que levava até sua casa.

– Por quê? – perguntou, sem obter resposta. A mulher começou a seguir a filha. A garota não se importou. Como estava à frente da mãe na escada, teria como puxar o namorado para o quarto e explicar tudo antes que ele revelasse qualquer coisa.

Emília abriu a porta num rompante enquanto a mãe ainda estava no primeiro lance de escadas e avançou em busca do namorado. Quando pousou seus olhos no sofá da sala, ficou

paralisada. Se seu coração aguentasse aqueles mini-infartos até o fim do dia, ela provavelmen te nunca morreria por causa dele.

Gael e o pai dela estavam sentados um de frente para o outro e se viraram para Emília. Helena chegou logo em seguida.

– Ué, virou uma reunião em família isso aqui? – a mulher perguntou, achando engraçado, até começar a perceber a feição preocupada de Emília, a de raiva de Gael e a chocada de Ruy. Helena perguntou, com a mão sobre o peito: – o que aconteceu?

Gael se levantou.

– A sua filha – ele começou a falar, enquanto caminhava na direção das duas – está grávida. Mas não de mim, e sim de um colega da escola. Ou seja, ela é uma irresponsável e também me traiu.

Helena olhou para a filha. Primeiro ficou sem entender – ouvir aquilo em voz alta de alguém de repente parecia tão estranho. Depois, lembrou-se do cartão encontrado dentro da calça de Emília. O cartão de um obstetra que, conforme Emília tinha garantido, havia apenas dado uma palestra na sua escola.

A mulher olhou em direção à barriga da filha e a respiração descompassada deu lugar a um soluço de choro, que a fez desabar em lágrimas. Os choros de Helena vinham com gemidos num tom grave entre um suspiro e outro, fazendo parecer que sentia uma dor física, o que sempre levava Emília a querer chorar junto com a mãe.

Ruy foi até a mulher e a abraçou. Gael engoliu em seco. Vendo aquela cena, percebeu que talvez tivesse se precipitado.

– Você não vai explicar o que aconteceu? – o pai gritou para Emília. Ela não se recordava da última vez que isso havia

acontecido.

– Você sabia dos riscos! Por que não pediu ajuda se tinha alguma dúvida?! – A fala de Helena foi se transformando num berro enquanto ela tentava se desvencilhar do marido.

Emília piscou, e uma linha de lágrima escorreu pelo seu rosto. Ela estava triste pela decepção da mãe e do pai, pela atitude do namorado e pela sua independência indo pelo ralo com tudo vindo à tona, o que a deixaria de fora do programa.

Ela não sabia como consertar aquilo. Não sabia o que fazer. Queria que Ian estivesse ali. Na rua, começou uma chuva torrencial que quebrou o silêncio da casa.

Olhou ao redor com o canto dos olhos, e todos estavam esperando que ela dissesse alguma coisa. A mãe tremia e parecia olhar para ela com raiva.

– Desgraçada. Sua inútil, desgraçada! – Helena gritou. As palavras da mãe fizeram Emília sentir um arre pio que subiu por toda a sua espinha. Já tinha ouvido muitos xingamentos da mãe, nos quais nunca prestava atenção, mas nada tão terrível justamente nessa hora em que mais precisava de apoio. Não seria aquilo o que precisaria ouvir se estivesse realmente grávida.

Se ela precisava de um motivo para levar em frente aquela maluquice, agora ela o tinha. Tinha de se preocupar consigo mesma, e somente isso. Sem dizer nada, virou as costas e bateu a porta da rua.

Gael permaneceu ali por mais ou menos cinco minutos, explicando para Helena o que havia dito anteriormente para Ruy. Quando desceu e chegou à porta de seu carro, encontrou Emília

se protegendo da chuva na frente do prédio. Seus olhos estavam vermelhos e os cílios molhados colados uns nos outros com lágrimas.

Assim que ele destravou as portas para entrar, Emília tentou entrar junto, mas Gael foi mais rápido e voltou a trancá-las. Pelo vidro do passageiro, viu Emília permanecer no mesmo lugar, pegando chuva. Ela ficou encharcada, como se não estivesse percebendo a água cair.

Então ele liberou a trava e deixou Emília entrar.

– Vai falar com a sua mãe, isso não é mais problema meu.

– Eu NÃO estou grávida! – Emília o interrompeu, gritando tão alto que era possível ouvir do lado de fora do carro mesmo com as janelas fechadas e o barulho da chuva caindo na lataria do carro. – E você vai me ouvir. Porque eu não tenho ninguém. – A voz de Emília falhou no final, e ela secou as novas lágrimas, que escorreram quentes em meio aos pingos gelados da chuva em seu rosto.

Com o carro parado ali mesmo, numa vaga na rua, ela contou tudo. Como Ian tinha recebido o convite e como a havia colocado naquilo. Os motivos para ela ter aceitado e seu não envolvimento amoroso com o colega.

Gael ouviu tudo aquilo sem dizer nada.

– E agora você estragou tudo – Emília concluiu. – Eu sei que menti pra você, mas olha o que você fez! Quantos anos você tem? Cinco? Minha vida vai ser um inferno agora.

Gael pousou as duas mãos sobre o volante e abaixou a cabeça entre os braços. Aquilo tudo parecia uma grande piada, mas sabia que Emília não estava brincando.

– Você pode me culpar por ser um babaca – ele dis se. – Eu fiquei com raiva. Eu estou com raiva. Mas você não pode me acusar de ter estragado tudo. Eu salvei você. Agora seus pais acham que você está grávida.

Emília não esperava que ele fosse compreender tudo tão rápido e ainda apoiá-la. Ela não havia citado o valor do cachê, apenas que permitiria a ela morar sozinha, o que dava para imaginar que não seria pouco.

– Você está certo – Emília disse. – Mas eu preciso de um namorado que não seja só meu cúmplice "no crime", mas também na vida.

Gael colocou a mão sobre o joelho da namorada e o acariciou.

– Eu posso ser o seu cúmplice – ele disse, com a voz calma e reconfortante. – E eu tive uma ideia que vai nos ajudar muito nessa história.

Emília o encarou com as sobrancelhas franzidas. *Nos ajudar?* De que forma ele poderia se incluir naquilo se era ela quem estava participando, e apenas o casal que estivesse esperando o bebê recebia o pagamento?

15.

Já fazia cinco dias que Emília e lisa não se viam, desde o incidente no hospital durante o parto de Rosa.

Quando Emília foi visitar os gêmeos, na segundafeira, já na casa de Rosa, lisa não estava por lá. Provavelmente porque tinha visto os bebês e conversado com a garota no dia do parto.

Emília não conseguira voltar naquele dia como havia prometido – estava ensopada com a chuva e preferiu ficar trancada em seu quarto, assim como no dia seguinte, para não encarar os pais. O fone de ouvido alto abafou as vozes histéricas vindas do outro lado da porta. Ela teria de conversar com eles em algum momento, mas ainda não era a hora.

Rosa parecia estar exausta, então Emília não demorou muito na visita. Mas, claro, precisou se esquivar dos milhares de perguntas sobre Gael feitas por Catarina durante o depoimento que gravou na casa da colega.

Naquele mesmo dia, Emília tentou entrar em contato com lisa, perguntando se o cinema que tinham combinado para a quinta-feira seguinte ainda estava de pé. Mas não obteve

resposta.

Na quarta, Emília tentou novamente. Dessa vez recebeu uma mensagem de lisa dizendo que não iria. Sem explicação. Sem desculpa. Apenas não iria. Isso fez com que Emília enviasse um áudio de quase dois minutos dizendo que explicaria tudo o que estava acontecendo e que confiava nela.

– Você foi a primeira pessoa que fez com que eu me sentisse eu mesma quando conversávamos, e acho que nunca mais encontrei isso em ninguém. – Emília deu um suspiro no meio da mensagem gravada. – Vamos lá, por favor. A gente tem muita coisa pra conversar.

Lisa respondeu cerca de trinta minutos depois, em texto, com um "tudo bem".

As duas decidiram assistir ao filme antes de Emília explicar tudo o que havia acontecido. Perceberam depois que talvez aquilo não tivesse sido a melhor ideia do mundo, uma vez que saíram aos prantos da sala do cinema.

Enquanto as duas andavam desoladas em direção à praça de alimentação, como boa parte das outras pessoas que haviam visto o filme, lisa secava os olhos relembrando o último suspiro do cachorrinho na tela.

Durante o filme elas esqueceram a conversa séria que teriam em breve, entretidas com a história da cadela que morrera junto com o dono logo após os dois terem sido diagnosticados com um tumor. O animalzinho não poderia passar por uma cirurgia

porque estava esperando filhotes e morreu assim que eles nasceram. O filme terminou com a câmera se afastando e uma música triste ao fundo, enquanto o grande amor da vida do protagonista chorava, acariciando um filhotinho e prometendo cuidar dele para sempre.

As duas pediram o mesmo hambúrguer e se sentaram, já mais recuperadas, depois de terem passado duas horas com o coração na mão. Emília observou a amiga enquanto ela desembrulhava sua comida, tentando encontrar o momento certo para entrar no assunto.

Sempre que Emília olhava para lisa, tinha *flashes* da infância e das brincadeiras entre as duas, sentindo que tudo tinha passado rápido demais. Uma hora elas estavam fingindo ser *chefs* de restaurante, cozinhando com terra, água e folhas de limoeiro, e de repente elas estavam ali, num shopping, sozinhas e pedindo suas próprias comidas. Naquele mesmo shopping onde dez anos antes estariam sendo repreendidas por suas mães por correrem pelos corredores ou lembradas de que não era necessário levar três tipos de tiaras, uma vez que elas só tinham uma cabeça.

– Lisa, quero contar o que está acontecendo. – Emília disse. A garota a encarou e largou o hambúrguer.

– O que o Gael foi fazer no hospital? – lisa perguntou sem levantar o olhar do seu lanche.

– Você o reconheceu? Não sabia se você iria se lembrar dele, vocês não se veem há anos. Tudo bem que o cabelo dele continua grande, mas não parece mais uma tigela – Emília disse, brincando, mas lisa não pareceu achar graça. Agora era difícil entender o que se passava na cabeça da amiga. – Mas então... Ele

é meu namorado. – Emília contou, com cautela.

– Não, Emília... – lisa disse, decepcionada, como se já estivesse esperando por aquilo, mas não quisesse acreditar. Em seguida fez uma careta e seu olhar percorreu as mesas ao redor, sem se fixar em nenhuma delas. Também parecia confusa, tentando entender onde Ian entrava naquela situação.

– Por que "não"? A gente estava ficando e dando um tempo desde sempre, e desde aquela época ele sempre foi muito querido comigo. Diferente de quando éramos crianças. De um ano e meio pra cá começamos a namorar de verdade. – Emília levantou os olhos para lisa. – o Ian é só um colega da escola.

Lisa colocou os cotovelos sobre a mesa e tapou os olhos, fazendo um aceno negativo com a cabeça, como se quisesse esconder um choro ou uma expressão que não conseguia segurar.

– O que foi, lisa? – Emília perguntou.

– Mas... e o bebê? – disse, ignorando a pergunta da amiga. – Ele é do Gael?

Emília respirou fundo e tomou um gole do refrigerante. Se existisse alguém que pudesse entender tudo aquilo, essa pessoa seria quem dividia segredos com ela antes de todo mundo: lisa.

– Não é do Gael.

– Ele sabe disso? – lisa perguntou, agitada. – Porque quando o vi no hospital achei que era por causa de...

Ela mesma se interrompeu.

– Por que o quê? – Emília estava curiosa para saber o que ela iria dizer.

Lisa balbuciou um "nada" quase inaudível e cruzou os

braços sobre a mesa, encolhendo-se.

– O filho também não é do Ian – Emília disse. – inclusive minha barriga deve estar alguns centímetros menor desde a última vez que nos vimos no hospital. – A expressão de lisa ficou ainda mais confusa. – Eu não estou grávida.

A colega permaneceu com os braços cruzados, que deixavam seus ombros altos numa postura nada atraen te. Ela abria e fechava a boca como se estivesse tentan do elaborar uma frase, mas aquilo parecia impossível.

Deu para ver os olhos de Lisa se enchendo de lágrimas até que a primeira caísse. Eles já estavam vermelhos e úmidos por causa do filme. Dava para perceber que ela fazia força para não chorar, pressionando a palma da mão sobre os olhos, como quem tenta estancar um sangramento.

– Eu não queria estar grávida – ela disse numa voz baixa que saiu como um miado.

– Eu sinto muito – Emília tentou consolar a amiga passando a mão no seu ombro. – Você quer me contar o que aconteceu? Eu ainda não sei quem é o pai.

Lisa encarou a colega, tentando enxergar a confiança que precisava para se abrir. Apenas negou com a cabeça.

– Por que você está participando do *Novos Pais*, então? – lisa perguntou.

– Dinheiro – Emília respondeu, direta. Quando ouviu aquilo saindo de sua própria boca, pensou em voz alta: – nossa, agora você fez eu me sentir mal.

– Não é culpa sua eu estar grávida – lisa disse.

– Eu sei, obrigada por entender o meu lado – Emília lançou

um sorriso de gratidão. – Você não acha errado eu estar participando, acha?

O celular de Emília começou a vibrar na mesa de mármore e ela atendeu.

– Você está sozinha? – Gael perguntou do outro lado da linha.

– Não, por quê?

– Porque é sobre o programa. Não responda nada suspeito – Gael disse. – Eu li o contrato que pedi para você me enviar. Se você topar, a minha ideia pode dar certo. Não tem nada aqui que impeça isso.

– Mas qual é a ideia?

– Encontrei uma forma de você permanecer no programa de um jeito que seja mais fácil explicar a sua família e seus amigos. E, para não ter nenhum problema com os jornais e revistas, poderíamos usar o dinheiro pra viajar pra longe juntos.

Com um pigarro, Emília sinalizou a ele que continuasse. Mais uma vez, não gostou da forma como ele se referira ao seu dinheiro como se fosse dos dois. Ela ainda precisava decidir se ir para longe com Gael seria a melhor opção.

– O que você pensou? – ela perguntou.

– Eu posso entrar no programa no lugar do Ian.

Ian havia chegado atrasado à casa de Caio da última vez por causa da gravação no hospital. Estela não estava lá para perceber, e o garoto parecia indiferente. Por mais que pudessem

jogar tênis mesmo com chuva na quadra coberta, Caio preferiu mais uma vez observar Ian jogando videogame.

O rapaz sentiu que Caio não estava bem já fazia tempo, mas naquele dia não quis nem jogar conversa fora. O mesmo aconteceu na terça seguinte.

Na quinta-feira Ian foi determinado a acabar a falta de motivação de Caio e obrigá-lo a se divertir um pouco. Daquela vez o tempo estava ótimo.

– Você está indo para a casa do menino Caio, né? – o porteiro perguntou antes de destravar o portão.

– Estou sim. – Ian respondeu, sem entender, já que ele estava sozinho e passava ali três vezes por semana. O porteiro já o conhecia.

– Ah, que bom – disse, enquanto Ian empurrava o portão destravado –, talvez você possa ajudar os pais dele.

O rapaz ia perguntar o que tinha acontecido, mas, assim que olhou em direção à casa de Caio e viu Estela e Rudi do lado de fora, entendeu que havia algo errado. Os dois conversavam com um policial ao lado de uma viatura. Rudi estava sério e Estela parecia perdida. Ela fez um movimento com uma das mãos sobre a testa, como se estivesse medindo a febre. Ian percebeu que ela apenas escondia os olhos enquanto chorava.

Ian correu até eles. Rudi e Estela o observaram de relance e então voltaram a atenção para o policial.

– O restante da equipe de investigação está chegando. Eles vão analisar as câmeras de segurança e vasculhar toda a área do condomínio – o policial disse. – É possível que ele tenha saído daqui de dentro?

– Eu acho que não – Estela disse, passando a mão pelos cabelos com fios saindo da raiz para direções opostas. – Tem câmeras nas saídas e os muros são altos.

– Você acha que alguém pode ter... – Rudi se aproximou do policial e falou mais baixo. – Pode ter levado ele?

Estela deu um passo para trás, jogando a cabeça para o lado em um movimento desesperado.

– Por enquanto ainda não descartamos nenhuma possibilidade, senhor – o policial respondeu.

– O que aconteceu? – Ian perguntou, acuado com a presença de Rudi e do policial.

Todos se viraram para ele, como se tivessem esquecido que ainda estava ali. O policial o olhou de cima a baixo, fazendo com que Ian ficasse receoso.

– Quem é você? – Rudi perguntou.

– Eu dou aula de tênis para o Caio – Ian olhou para Estela, esperando que ela o apresentasse, mas fazer isso não parecia ser sua maior preocupação naquele momento. – Está tudo bem com ele?

Ian estava com a garganta seca. Se acontecesse alguma coisa com Caio, ele iria se sentir culpado, porque percebera que o garoto passava por algum problema e não fizera nada para ajudá-lo.

– O Caio sumiu – Estela disse, em meio a lágrimas. – Nenhuma das empregadas o viu desde cedo. Ninguém ao menos o encontrou pra levar à aula, ele também não deixou um bilhete. Elas me ligaram de manhã, mas eu não podia deixar a empresa, porque com a expansão aquilo lá está um caos. Eu não sabia que

ele não iria voltar – Estela sentiu a garganta fechando com um espasmo de choro e não conseguiu mais falar.

Ian começou a recordar todas as conversar que haviam tido. Lembrou que Caio tinha ficado particularmente interessado na conversa sobre dar mais valor quando não se tem mais a pessoa por perto. *Será que ele fugiu? Ou será que...*

O policial pediu licença para ir ao encontro da outra viatura que havia acabado de estacionar no condomínio.

– Você quer que eu vá junto? Nós podemos ajudar a procurá-lo por aqui – Estela disse.

– Não é necessário, dona Estela. Mas, se vocês puderem dizer locais aonde o Caio costuma ir, nós começaremos por eles.

– Eu... Eu não sei o que ele costumava fazer por aqui. Mas posso perguntar para as empregadas. Que eu saiba ele gostava de andar de bicicleta, mas andava por todo o condomínio – Estela disse.

O policial se virou para Ian.

– E você? – perguntou, com voz firme. Ele era mais afetuoso com a família. Ian sentiu como se ele o tratasse como suspeito.

A sala em que os dois ficavam na academia lhe veio à cabeça na mesma hora. Se ele havia se escondido em algum lugar, com certeza tinha sido lá.

– Nós jogávamos tênis na quadra – Ian respondeu, encolhendo os ombros. – não sei onde ele poderia estar a não ser lá.

O policial balançou a cabeça enquanto o encarava com os olhos semicerrados numa linha assombrosa. Estela e Rudi

entraram na casa para tentar descobrir pistas com as empregadas. O policial seguiu para o outro lado.

Quando o casal fechou a porta, Ian correu até o investigador e assumiu que sabia onde Caio poderia estar.

– Dentro da academia tem um mezanino onde Caio e eu passávamos as tardes jogando videogame quando ele não estava com vontade de jogar tênis. Os pais dele não sabem disso. Eu só queria manter o meu emprego porque sei que vai ficar tudo bem e ele deve estar lá – Ian disse, confiante. – Aquele seria o único lugar onde ele se esconderia, eu sei. Se ele não estiver no mezanino, acho que vocês podem investigar... fora desse condomínio.

O policial balançou a cabeça e pediu mais informações antes de seguir até a outra viatura. Ian voltou até a casa e tentou conversar com Estela, mas ela mandou dizer que estava nervosa demais. Então, ele esperou por notícias sentado na calçada em frente à porta.

Quando o policial com quem havia conversado passou por ali, Ian se levantou num pulo. O homem balançou a cabeça negativamente e o coração de Ian disparou.

Ele não estava lá.

Caio não havia simplesmente se escondido.

16.

Ian estava abalado com o sumiço de Caio. Dizem que as primeiras vinte e quatro horas são cruciais, mas, quando a polícia foi acionada, o desaparecimento já ha via sido notado fazia doze horas.

Haviam se passado mais de doze horas desde então. Caio perdera o segundo dia de aula e, naquela manhã de sexta-feira, Ian tinha de ir ao estúdio da emissora para uma gravação do *Novos Pais*, mesmo estando devastado e com medo.

A gravação daquele dia não era tão cedo, então Emília e Ian se encontraram na escola e foram a pé até a entrada do metrô, quase sem trocar palavras. Os dois não tinham muito que esconder agora – a irmã de Ian já sabia de tudo e o namorado de Emília também. Só precisavam manter Catarina acreditando na história até o fim do programa.

A gravação daquele dia era misteriosa. Ninguém sabia o que iria acontecer. Mesmo dentro do estúdio não era possível ver nada. Todos os participantes estavam atrás de uma grande tapadeira, que os separava de onde aconteceria a gravação.

Catarina os posicionou atrás de uma porta que se abria para os lados, como a de um elevador, e que revelaria o palco onde gravariam.

Por sorte, lisa também tinha chegado um pouco mais cedo, então ela e Emília fizeram companhia uma à outra. Emília não queria perguntar o motivo de Ian estar tão quieto. Sentia-se culpada por estar pensando na ideia que o namorado havia dado, antes mesmo de decidir se iria seguir com ela.

Após sair do shopping com lisa, no dia anterior, ela se encontrara com Gael, que explicara seu plano. O namorado queria que ela dissesse que o bebê não era de Ian, e sim dele. O que faria Ian sair do programa recebendo um cachê que mal pagava um jantar.

Com ela e o namorado recebendo o dinheiro, os dois poderiam escolher entre morar juntos ou viajar ou fazer o que quisessem com dinheiro.

– Você precisa contar para a produtora sobre isso na próxima vez que a vir – Gael disse. – se o seu coleguinha disser que você nunca esteve grávida, eu consigo um exame de gravidez e até um de DnA, mas a gente vai participar desse programa juntos. Eu estou preparado.

O problema era que Emília não sabia se estava preparada para fazer isso com Ian. Sentia que estava traindo o colega apenas de estar ao seu lado sem mencionar a ideia maluca do namorado. Se ela decidisse recusar, nunca contaria aquilo a Ian, então precisava superar esse pensamento.

Catarina começou a explicar como seria a gravação naquele dia. Assim que terminou, Ian viu todo mundo se movimentando

e perguntou a Emília, confuso:

– O que ela disse?

– Ué, ela acabou de falar – Emília respondeu, impaciente. Então ficou com pena, afinal já estava segurando uma faca pelas costas do colega. – Ela disse que a porta vai se abrir e vamos entrar todos juntos. Vai ser um bate-papo igual ao das outras vezes, mas agora temos convidados especiais.

Ian fez sinal de que havia entendido.

– Você está bem? – ela não se conteve. – Está meio desligado.

– É por causa do Caio. Sabe aquele menino que eu ensino tênis? Ele sumiu ontem de manhã. Não sei o que aconteceu, ninguém sabe.

– Ah, caramba. Espero que dê tudo certo. A polícia não tem nenhuma pista? – Emília perguntou, preocupada.

– Ainda não. Tô com medo de que ele tenha feito alguma coisa por conta de algo que eu tenha dito.

Emília não sabia o que ele quis dizer com aquilo, mas não tinham muito tempo para conversar ali. Catarina pediu silêncio porque as portas iriam se abrir naquele momento.

– Acho que você não deve se culpar. Sei que você gosta dele. Seja lá o que tenha dito, não foi sua intenção. Ian abriu com dificuldade um sorriso de canto de lábio, agradecendo o apoio. Emília se virou para a porta, que ainda estava fechada, e soltou o ar pela boca. Ela definitivamente não poderia falar nada para Catarina. Não naquele dia. Não quando Ian estava daquele jeito. A garota balançou a cabeça afastando os pensamentos. Ela não *poderia* fazer aquilo nem se ele estivesse bem. Era assustador

como Gael tinha uma capacidade manipuladora sobre ela.

A entrada se abriu e todos espremeram os olhos com a intensidade da luz vinda do estúdio. Aos poucos foram entrando e vendo quem eram os convidados. Era possível ouvir gritinhos empolgados e alguns participantes colocando a mão na boca, sem acreditar no que estavam vendo.

Liana e mais duas ex-participantes que haviam se destacado na última temporada estavam sentadas de frente para as poltronas dos atuais participantes.

– Olá, vocês podem se sentar – liana iniciou a apresentação. – Fico feliz que estejam animados em nos ver. Vamos bater um papo sobre essa experiência maluca de ficar grávida tão jovem. Quem vai comandar a conversa são vocês. Eu quero saber quais são as suas perguntas para nós.

Liana estava sorridente e não era difícil entender por que havia sido um dos destaques de sua temporada. Tinha um grande carisma e falava bem em frente às câmeras.

Emília percebeu que ela parecia bem mais magra do que na TV – um pouco porque não tinha mais duas crianças dentro da barriga, mas também porque de fato havia emagrecido. Com isso, ela aparecia em várias revistas falando da dieta. O cabelo também estava mais loiro e a maquiagem, mais iluminada.

– Por que você decidiu expor sua vida no programa? – Priscila perguntou.

– Com licença, meninas – Catarina chamou a aten ção para si, estalando os dedos. – As perguntas são sobre *gravidez*, o.k.? Não vamos focar o programa.

– Pelo dinheiro – liana respondeu sussurrando, como se

contasse um segredo a Priscila, e depois riu, junto com os outros participantes. Provavelmente se identificaram com a franqueza da garota. – Eu queria dar uma vida melhor pra minha filha.

Lena levantou a mão e liana acenou com a cabeça para que ela fizesse a pergunta.

– Quão desesperada você ficou quando descobriu sobre a gravidez?

– A forma como eu descobri foi desesperadora por si só. Eu trabalhava em uma loja de calçados e fiquei o dia inteiro tentando bater minha meta. Quando cheguei em casa, cansada, trouxe comigo um teste de farmácia que tinha comprado durante o horário de almoço. Estava com medo porque minha menstruação nunca tinha atrasado daquela forma. Eu estudava à noite e fiz o teste correndo antes de tomar banho para ir à aula.

Todos os participantes tinham os olhos fixos em liana. Ela já havia contado essa história enquanto participava do programa, mas ouvir ao vivo era ainda mais emocionante. Ela continuou:

– Enquanto esperava o resultado, comecei a me ensaboar. Abri a porta do boxe e vi de longe o palitinho, lá no canto, mostrando o segundo risquinho rosa aceso – ela parecia lutar para manter o sorriso, piscando os olhos em demasia. – Fiquei ajoelhada no chuveiro chorando mais tempo do que poderia e saí de lá desnorteada e atrasada para a aula, com espuma na orelha. Saí com tanta pressa que tropecei na mesa, onde a minha família toda tomava o café da tarde. O aparelhinho, que tentei esconder embolado na toalha de banho que iria levar para estender, voou longe e foi parar nos pés da minha mãe.

– A sua mãe ficou brava? – Lena perguntou.

– Ela só conseguia dizer “ah, meu Deus, ah, meu Deus”, mas não de felicidade. Parecia mais desesperada. Depois veio um “liana do céu...” mais manso, e terminamos a noite com ela acariciando minha barriga. – Emília levantou as sobrancelhas. Em algum momento ela teria de explicar como foi sua experiência ao contar aos pais e teria de inventar algo mais bonito do que a mãe xingando-a enquanto o pai a segurava. – Mas, quando descobrimos que eram gêmeos, aí sim ela quis me matar.

Rosa riu, provavelmente se identificando com essa parte da história.

– Você pensou em interromper a gravidez? – lisa perguntou. Todas as garotas ficaram com os olhos vidrados em liana.

– Óbvio – ela respondeu, e esperou a reação dos participantes. Não se ouvia uma respiração. – E aposto que todas vocês aqui também. Algumas mais seriamente, outras como um lampejo distante. Todo mundo pensa quando acontece nessa idade. Mas não me arrependo de ter continuado. Quando segurei aqueles dois pacotinhos vermelho-arroxeados, ainda deitada na maca do hospital, foi estranho porque sabia que eram meus, mas não pareciam reais. Eu senti que os amava, mas não morreria por eles no primeiro dia. Hoje, sim. E toda vez que meus bebês sorriem eu me contorço de fofura e quero morder aquelas bochechas e grudar aqueles rostinhos no meu.

Lisa soltou um suspiro alto que fez todos voltarem os olhares para ela. A amiga de Emília estava chorando copiosamente.

– Por que você está chorando, minha flor? – liana perguntou, com carinho.

– Eu... eu ouvi você falando sobre isso em uma entrevista assim que descobri que estava grávida. Eu queria ter o meu bebê porque ele era saudável e eu poderia criá-lo – lisa limpou o nariz com as costas da mão. – nem minha mãe queria que eu o tivesse, e sigo angustiada desde que decidi continuar a gravidez sem saber se foi a opção certa.

– A decisão certa é a que fala mais alto no seu coração – liana disse. A garota olhou para Catarina, que balançava as duas mãos em um "x". Como tinha classificação livre, o programa poderia sofrer penalidades pelo Ministério da Justiça se induzisse a atividades consideradas criminosas, como o aborto era no país. Liana tentou contornar: – Há sempre a opção de entregar a criança para adoção também. A gente nunca sabe quando um aborto vai dar errado e comprometer a sua vida, afinal ele é ilegal.

Lisa encarou liana, como se as duas fossem as únicas dentro daquele estúdio.

– Não no meu caso – ela disse com a voz serena.

Ninguém soltou um suspiro sequer. Catarina, que acompanhava a discussão contente por liana coordenar tão bem o bate-papo, arregalou os olhos. Apenas Emília e Ian não haviam entendido o que aquilo significava, já que eles nunca tinham precisado pesquisar sobre aquele assunto.

As três convidadas seguiram respondendo às perguntas dos participantes durante quarenta minutos, agora de forma mais cautelosa. Catarina avisou que a pergunta de Alana seria a

última, e a garota quis saber se liana achava que teria tido mais oportunidades caso não tivesse ficado grávida.

Liana respondeu algo sobre amadurecer e abrir os horizontes para novas possibilidades, quando provavelmente o que queria dizer era que nunca teria ganhado tanto dinheiro se não tivesse tido seus bebês – mas nun ca falaria aquilo na frente das câmeras.

– Ótimo, corta! – Catarina anunciou, cruzando o palco para agradecer às convidadas.

Como sempre depois das gravações, algumas pessoas começaram a conversar em pequenas rodinhas. Outras, incluindo lisa, foram conversar e tirar fotos com as ex-participantes. Emília a acompanhou.

– Pessoal, nós três – liana apontou para as outras duas ex-participantes – temos mais algumas coisas pra gravar aqui mais tarde, então vamos estar na lanchonete aqui do prédio agora, caso vocês queiram continuar o bate-papo com... os temas mais secretos – ela riu.

Após o anúncio, as três saíram da sala, seguidas por quase todos os outros participantes. Ian se virou para falar com Emília antes que ela as seguisse.

– Eu não vou poder ficar, vou até a casa do Caio para ver se posso ajudar com alguma coisa. Tudo bem você voltar sozinha?

– Claro, tudo bem – Emília balançou a cabeça efusivamente. – E me avisa se vocês o acharem, vou torcer pra dar tudo certo.

Ela não pareceu genuinamente interessada, mas Ian agradeceu e se despediu com um beijo no rosto. Emília o viu sair, certa de que não deveria acatar a sugestão de Gael.

– Emília, vem cá! – Catarina a chamou para o canto. Duas rodinhas de conversa não tinham sido desfeitas e estavam no meio do estúdio enquanto o palco era desmontado. – os seus pais precisam participar de alguma gravação – a produtora disse, com os olhos arregalados. Sua intenção aparentemente era meter medo.

–A irmã do Ian ainda não apareceu – Emília se justificou.

– Nós temos a formatura da irmã do Ian confirmada para semana que vem. Mas nada ainda de seus pais.

– Eu disse pra você que os meus pais são envergonhados, não disse? – Emília rebateu. – E no contrato não diz que eles precisam aparecer.

Rebeca voltava do banheiro enquanto observava a garota. Parecia uma cobra, lentamente rodeando a presa para esmagá-la de súbito.

Enquanto Emília e Catarina discutiam, Rebeca correu os olhos pela sala e parou num celular enfiado no vão do encosto de braços na poltrona de Emília. Como quem não quer nada, sentou-se na poltrona e passou a mão pelo vão, levando o celular até o meio das coxas. Segurou o aparelho enquanto com a outra mão o cobria para não levantar suspeitas.

Assim que pressionou o botão de início, leu a última notificação de mensagem que havia chegado para Emília. Gael dizia: “Já contou para a produtora? Espero que ten...”. O restante ela não pôde ler porque precisava sair da tela de bloqueio e o celular de Emília pedia senha.

Rebeca deixou o aparelho onde estava quando viu que não havia mais nenhuma informação que pudesse tirar dali e foi até

a porta, encaminhando-se para a lateral da tapadeira. Seu namorado já tinha saído e a esperava do lado de fora para irem para casa. Escorouse na parede e tentou decifrar a mensagem, ligando-a com o dia em que pegou a Emília roubando os enchimentos do *reality*.

De repente tudo fez sentido: Emília não estava grávida e o tal de Gael a estava pressionando para que contasse a Catarina.

Ao final da discussão, sem conseguir convencer Emília, a produtora disse que marcaria uma data por e-mail. Ao sair, Emília revirou os bolsos e a bolsa à procura do celular. Procurou também na poltrona em que se sentara e sentiu um alívio quando o encontrou.

Não viu mais Catarina nem as outras colegas do *reality* na sala. Então se dirigiu à lanchonete. Antes que pudesse abrir a porta, foi parada por Rebeca, que sorria. Mas não era um sorriso alegre ou simpático – era um sorriso sarcástico e ferino, quase assustador.

– Ei, vem cá – ela chamou Emília para a parte mais escura por trás da tapadeira, deixando o clima ainda pior. – Eu não tinha certeza quando vi você roubando aqueles enchimentos, mas agora eu tenho. Você não está grávida – ela disse, cutucando a barriga da garota com o dedo indicador.

Emília se esquivou. Ela não conseguia enxergar direito a expressão de Rebeca no escuro. Mas sabia que a sua era de desespero.

– Quem te disse isso? – perguntou Emília.

– Gael.

– De onde você conhece o meu namorado? – bradou num

impulso.

Rebeca pendeu a cabeça para a direita e abriu um sorriso torto, que abriu espaço para uma risada logo em seguida.

– Essa é uma nova informação pra mim. Mas melhor assim. Quanto mais podres, mais você vai precisar me ajudar... Bom, eu vi o recado dele no seu celular – Rebeca explicou. – E agora eu quero uma ajuda em troca da minha discrição.

– Ahn? Que ajuda? – Emília perguntou, mais por curiosidade do que por disposição em ceder às chantagens da colega.

– Quando passei por você e pela Catarina agora há pouco, ela estava dizendo que haveria uma formatura em que você e Ian estariam e que seria gravada. Quero um convite pra mim e pro meu namorado – disse, pousando a mão na barriga. *Se essa era a tarefa*, Emília pensou, *eu já estou livre.* – E também quero que você fique com o meu namorado na frente das câmeras durante a festa.

– O quê?! – Emília achou graça. – Você é tão ridícula que está me chantageando em troca de um ingresso pra uma festa e um pouco de carinho no seu namorado?

– Estou chantageando você em troca de ser a vítima do grande escândalo desta temporada do *reality*. Todos nós estamos aqui pelo dinheiro, e eu pretendo ganhar ainda mais quando sair daqui, então não posso ser só mais uma. – Ela passou as mãos pelo cabelo. Emília estava com vontade de fazer o mesmo e puxá-los, arrastando a cara da garota pela parede. – ouça, ou você faz isso ou conto tudo o que sei. Não sei como você conseguiu entrar nessa sem estar grávida, mas não vai querer

perder esse dinheiro depois de tanto tempo investido. Então beija o Arthur durante a formatura e na frente das câmeras. Se Catarina sair daquela festa sem pegar isso... já era pra você.

Rebeca achava que sabia tudo, embora não estivesse nem perto disso. Emília voltou a considerar colocar Gael no lugar de Ian. Afinal, o que era melhor? Ser denunciada por Rebeca e ela e Ian perderem o dinheiro ou colocar Gael na jogada, forjar um teste de gravidez e um de DnA, para que ninguém suspeitasse dos dois, e ainda por cima fazer Rebeca sair como a louca da temporada?

Tudo bem, Rebeca. Vou fazer o que você quer – Emília disse. Precisava de tempo para encontrar uma solução e não queria Rebeca no seu pé. – Vou beijar o seu namorado na frente de todo mundo na festa de formatura da irmã do Ian.

17.

Quando Ian chegou à casa de Caio, a polícia ainda estava lá. Não era uma ótima notícia, porque significava que ele ainda não fora encontrado, mas, dado o tempo passado desde que ele desaparecera, o caso ainda não ter uma solução era uma esperança de não ter acontecido o pior.

Ian viu o mesmo policial com quem havia conversado no dia anterior descendo da viatura. Não sabia se ele havia acabado de chegar ou se estava descansando dentro do veículo depois de horas de trabalho.

– Alguma novidade? – Ian perguntou. O policial estava com os olhos fundos.

– A vizinha da frente viu as luzes acesas por volta das 4h30 da manhã – Rodriguez respondeu, sem dar indícios de que aquela informação valeria alguma coisa.

– Vocês chegaram a alguma conclusão com base nisso? Descobriram alguma coisa?

– O que sabemos é que ele não costuma acordar nesse horário. As luzes poderiam estar acesas porque alguém o

acordou.

No dia anterior, Rodriguez havia pedido os dados de Ian e horas depois ligou para pedir mais informações.

– Ian – o policial disse na ligação –, tudo o que você me disser vai ser confidencial. Preciso saber como era o tratamento que Caio recebia em casa.

– Vocês acham que os pais dele possam ter feito alguma coisa?

– Apenas estamos seguindo um protocolo.

– Ele nunca reclamou de que a família o tratasse mal, mas disse algumas vezes que a mãe e Rudi não eram muito presentes.

– Você acha que eles teriam algum motivo para fazer algo contra o Caio?

– Não, eu acredito que não – Ian se lembrou da conversa que teve com Estela, quando ela disse que preferia não ter tido o filho, e, sem pensar direito, contou para o policial.

Ian estava começando a ficar nervoso. Nunca tinha se imaginado testemunhando à polícia para ajudar a solucionar um possível crime.

– O garoto teve alguma mudança de comportamento recente? – Rodriguez perguntou.

Ian parou para pensar. Caio nunca fora um garoto radiante, ao menos não desde o início do ano, quando o conhecera, mas nas últimas semanas sua falta de interesse parecia vir se agravando. O rapaz explicou ao policial.

Enquanto falava, sentia que realmente parecia que Caio avisara a ele que algo iria acontecer, mas ele não percebera.

O policial fez mais meia dúzia de perguntas antes de desligar, deixando Ian preocupado com o fato de ele mesmo ser um dos suspeitos.

Estela e Rudi saíram discutindo da porta de casa. Ian e Rodriguez, que conversavam logo em frente, se viraram. O policial, como se estivesse apenas esperando uma resposta, perguntou aos pais de Caio:

– E então, como fica a divulgação do desaparecimento do garoto?

– Não vamos fazer – Rudi disse. – nós não podemos fazer isso. Estamos a poucas semanas de lançar uma marca nacional da nossa empresa no mercado, não podemos nos envolver em escândalos agora. Podemos divulgar em última instância, mas é impossível que vocês não consigam encontrar nada. Vamos esperar mais um pouco.

Estela olhava para o marido com a boca tremendo e sem nenhuma maquiagem enquanto ele falava. Seus lábios pareciam estar menores e mais brancos do que o normal.

– Como eu disse – o policial falou, de forma didática –, as primeiras setenta e duas horas são crucias para o sucesso da operação de busca de desaparecidos. Todos os aeroportos, rodoviárias e guarnições já foram informados, mas, com o recurso de mídia que vocês têm, pode ser muito mais rápido encontrá-lo.

– Me desculpe. Não posso comprometer o meu trabalho para facilitar o seu – Rudi bradou. Sem esperar a resposta, voltou para dentro de casa, como se o maior interessado no sucesso da operação fosse o policial.

Ian e Rodriguez se olharam. Estela espremeu os olhos e respirou fundo. Levantou a cabeça e se aproximou de Ian.

– Vocês passam um tempo juntos toda semana. Você não sabe onde ele poderia estar?

– Eu já contei a eles onde pensei que ele estivesse – Ian ficou com medo de contar a ela sobre as aulas de tênis que praticamente não aconteciam, mas precisava ser sincero naquele momento em que ela estava desesperada. – Às vezes, Caio e eu não jogávamos tênis. Muitas vezes ele preferia ficar numa sala que nunca era usada no mezanino da academia para jogar videogame. Eles já o procuraram por lá, mas não encontraram nada.

– O quê? – Estela pareceu indignada. Limpou as lágrimas e encarou Ian, esperando por um esclarecimento.

– Eu... eu fazia o que ele tinha vontade – Ian disse, com cautela. – Tentava fazer com que ele se divertisse como queria.

– *Eu* estava pagando você pra ensinar tênis ao meu filho e você ocupava o tempo dele com videogame?

– Essa é provavelmente a terceira vez que vejo a senhora na vida – Ian diminuiu o número de vezes para soar um pouco mais apelativo. – As pessoas prestam atenção nas coisas com que elas se importam.

Estela cruzou os braços.

– Você está me acusando agora? Agora, que o meu filho está desaparecido?

Ian a encarou por alguns segundos sem responder.

Rodriguez quebrou o silêncio.

– Então, a equipe continua fazendo uma vistoria pelos

arredores e dentro do condomínio. Uma possibilidade é que esteja perdido na área florestal que cerca o muro lá atrás pelo lado de fora.

Estela soltou um suspiro. As mortes decorrentes de sequestros aconteciam em geral quatro horas após o desaparecimento. Se fosse um sequestro com pedido de resgate, já teriam entrado em contato. A cada hora que passava, as chances de encontrar o garoto com vida diminuíam.

– Ian – Estela disse, mantendo a voz calma mas com os dentes pressionados –, quero que você me leve até a sala em que vocês ficavam quando não jogavam tênis.

Ele concordou.

– Eu acompanho vocês – disse o policial.

Ian subiu a escada de ferro da academia na frente, seguido por Estela e pelo policial. Entrou na primeira porta, onde costumavam ficar.

– Está um pouco sujo, aqui – Estela disse, andando pelo local, examinando o chão e os pacotes de doces e salgadinhos que estavam em cima da estante da TV.

– Eu não acho que eles limpam essas salas com muita frequência – Ian respondeu. – nas últimas vezes em que estive com Caio, ele ficou ali no canto, sentado no pufe, enquanto... eu jogava videogame. Ele não quis.

Estela balançou a cabeça, incrédula, e soltou uma bufada.

Eles começaram a olhar ao redor, mas a verdade era que não

tinha nada para olhar. A sala tinha apenas vinte metros quadrados e pouca mobília.

– Na outra sala nós fomos apenas uma vez para saber o que tinha lá – Ian disse –, mas era só tralha: uns equipamentos da academia velhos e até uns restos de madeiras e material de construção.

– Vocês fizeram uma vistoria na outra sala? – Estela perguntou ao policial.

– Sim.

Ela soltou a respiração junto com o pouco de esperança que tinha. Eles saíram do local e foram até a segunda porta.

O policial foi o primeiro a entrar na sala e pediu a Ian e Estela que o esperassem. A única fonte de iluminação do local eram alguns feixes de luz que vinham de uma entrada de ar na parede. Pela falta de janela, provavelmente o local fora projetado para ser um banheiro. Rodriguez estranhou a força que precisou fazer para abrir a porta – dois sacos de cimento não permitiram que ela fosse aberta com facilidade, assim como da primeira vez que haviam investigado o local. Alguém os havia colocado novamente pela parte de dentro.

Ian e Estela entraram. O local era apertado para os três. Estela seguiu o olhar fixo de Rodriguez, que ia até a saída de ar, e Ian fez o mesmo.

– Você acha que ele pode ter saído por ali? – o rapaz perguntou.

– É possível, ele caberia por essa passagem de ar. Mas as fendas de alumínio ou aquela parte lateral não parecem violadas. Essa passagem de ar não possui ao menos um trinco.

Estela pensou consigo por algum tempo. Tapou a boca com as mãos e encostou a testa na parede empoeirada. O choro veio junto com uma respiração completamente descompassada.

– Tá tudo bem, Estela? – Ian perguntou.

– Nós estamos no segundo andar da academia. No outro lado tem uma calçada de concreto que separa esse prédio do muro. Ele não alcançaria o muro... – ela disse, sem conseguir terminar a frase, com mais uma onda de choro invadindo sua voz.

– Estela – o policial falou alto, quase como uma ordem para que ela se recompusesse –, nós já verificamos essa parte ontem. Provavelmente ela foi verificada hoje também. As chances de ele ter saído por aqui e caído são nulas.

– Posso? – Ian apontou para a saída de ar, pedindo permissão para subir a escada suja de tinta que estava próxima à saída.

– Tudo bem – o policial concordou.

Ian puxou a grade de alumínio com força. O objeto de metal saiu inteiro em sua mão com facilidade. Ele acabou se desequilibrando da escada com a força que fizera para retirar do lugar algo tão leve.

Subiu até o fim da escada e colocou parte do corpo para fora da abertura. Ela era larga e alta o suficiente para que ele pudesse se sentar nela. Galhos de uma figueira enorme, do lado de fora do terreno, tinham crescido em direção à parede, quase invadindo o basculante.

Ian colocou o pé sobre o galho, que afundou alguns centímetros antes mesmo que ele depositasse todo o seu peso.

Sentiu um frio na barriga com a pisada em falso.

O muro com arame elétrico era alto o suficiente para impossibilitar que alguém enxergasse a raiz da árvore dali de onde ele estava. Entretanto, seu tronco era tão grande que o ultrapassava e seus galhos cresciam para todos os lados. Aquela passagem de concreto, entre o muro e a parede da academia, inclusive, precisava ser varrida com frequência para que não acumulasse folhas.

Ian virou pra trás e viu o policial e Estela olhando para ele.

– Não tem... nada ali embaixo – falou para Estela, sem conseguir encontrar uma forma mais delicada de avisar que o filho dela não tinha se jogado pela janela.

Uma movimentação na árvore chamou a atenção de Ian.

– Tem alguém aí? – gritou. Ele pensou ter visto os cabelos encaracolados de Caio entre as folhagens densas da árvore. – Caio! É você?

– Ele tá aí? – Estela perguntou, aos prantos. – Meu Deus! É o Caio?

Ian estava concentrado tentando identificar o que vira. Poderia ser apenas um animal ou até mesmo o vento mexendo os galhos afinal.

– Ian? – uma voz fina veio do meio das folhas.

O rapaz reconheceu a voz e abriu a boca em choque. Estela não pôde ouvir. Mas Ian sabia que era Caio.

– O que você tá fazendo aí, cara? – Ian perguntou, com o coração a mil por hora. – A sua mãe está do meu lado, tá toda descabelada por causa de você. Eu nunca tinha visto ela descabelada.

Estela se ajoelhou no chão e se curvou, e seu cabelo se arrastou no chão sujo. Chorou por um tempo naquela posição e com a boca aberta, formando uma poça de baba.

Caio abriu um sorriso tímido, se segurando nos galhos com seus braços finos, parecendo Mogli – mas sem a destreza de um garoto criado na selva. A posição em que ficara para falar com Ian era desconfortável, e ele tremia, talvez porque os salgadinhos que trouxera já tivessem acabado e seu corpo já não tivesse mais força o suficiente.

O policial avisou no rádio que o garoto havia sido encontrado. Chamou o reforço dos bombeiros para retirar Caio de cima da árvore com segurança.

– Você ficou em cima dessa árvore por vinte e quatro horas? – Ian perguntou, incrédulo.

O garoto trocou de galho, desvencilhando-se da parte mais densa de folhas, ficando suspenso acima do muro, e olhou para o rapaz, revirando os olhos.

– Você acha que sou um bicho-preguiça? – perguntou. – Eu ia para a sala de TV para pegar as comidas que a gente deixava na gaveta e dormi nessa salinha em que você está. Quando ouvia alguém chegando, corria por esse tronco aí – Caio apontou – e me escondia aqui. Fiz xixi daqui de cima também.

– E por que você faria isso, cara? Isso é loucura!

– Eu não sei... – ele respondeu, tímido. Na verdade, sabia. Se sua vergonha permitisse, teria mandado aquele recado de forma mais direta.

Rodriguez ainda falava no rádio. Os bombeiros estavam a vinte minutos dali. Ele avisou a um dos policias que ficasse na

porta para guiá-los até a academia. Eles não possuíam uma escada tão alta para retirar o garoto de lá, e, com a cerca elétrica por todo o muro, era melhor garantir que ele fosse resgatado com segurança.

– Eles definitivamente podem ver você agora – Ian disse em voz baixa, como se falasse para si mesmo. Entretanto, Estela e Caio puderam ouvir.

Estela levantou os olhos para Ian, que estava de costas para ela. A mãe do garoto preferiu não dizer nada, assim como Caio. Mas havia entendido o que aquilo significava.

Caio se aprontou para voltar, verificando os galhos em que apoiaria seus pés da mesma forma que fizera das últimas vezes. Então os colocou firmes sobre o galho que ia até a janela e segurou acima da cabeça em outro galho, mais maleável, que lhe daria estabilidade.

– Não! – Ian o alertou. – Espera, os bombeiros estão chegando para tirar você daí.

– Eu fui e voltei umas dez vezes – o garoto respondeu, concentrado. Mesmo acostumado, a altura ainda lhe dava um frio na barriga.

Seu pé direito pisou em falso na madeira com limo porque o esquerdo estava mal posicionado. O garoto se desequilibrou e Ian levou um susto. Com as mãos agarradas ao galho acima da cabeça, ele caiu com as pernas abertas sobre o galho em que caminhava.

Ian achou graça da careta do garoto.

– Toma cuidado, cara! – Ele ainda não tinha decidido se ficava preocupado ou se ria. – Vai devagar.

– Diz pra ele ficar parado onde está! – o policial protestou.

Caio se curvou para a frente de dor, sentindo um desconforto que subia de sua virilha e se espalhava por toda a barriga. O galho envergou alguns centímetros, e seu pé direito encostou na cerca. Seus músculos se retesaram com a descarga de energia e ele não conseguiu controlar o próprio corpo, sendo obrigado a soltar o galho acima da cabeça e, num impulso de se afastar da cerca, jogou o corpo para trás, escorrendo pelo tronco da árvore.

Estela ouviu, sem saber o que estava acontecendo, o grito do filho. Berrou junto o nome de Caio, causando um eco ensurdecedor dentro da sala apertada. Parecia que ela conseguia enxergar o filho caindo através da parede de concreto.

– Ele caiu – Ian disse numa voz rouca, sem conseguir se mover.

– Onde ele caiu? – o policial perguntou.

– Caiu para o lado de fora – ele respondeu, encarando a árvore ainda balançando com a queda, mas já não conseguia ver Caio –, no mato.

O policial saiu correndo da sala, avisando no rádio para que os bombeiros fossem pela mata externa do condomínio.

Ian gritou por Caio diversas vezes. Mas o garoto não respondia. Ele desceu os degraus da escada que o levou até a entrada de ar. Quando colocou os pés no chão, virou-se para Estela. A mulher, escorada na parede e com os joelhos e braços todos sujos de poeira, parecia encarar apenas a escada através de Ian, como se o rapaz não estivesse ali. Ela mordia a parte de dentro das bochechas porque as sentia dormentes.

Estela ajeitou o cabelo atrás da orelha e saiu da sala com os olhos vidrados. As lágrimas não paravam de escorrer, mas já não se ouvia nenhum som de choro. Ela andava trêmula, indecisa se estava com pressa ou com medo do que teria de enfrentar do outro lado daquele muro.

– Não foi culpa minha – Ian respondeu, indo atrás da mulher.

Por um momento, ela pareceu não ouvir, mas então respondeu:

– Isso não é mais a respeito de você – Estela disse, enquanto descia as escadas, balançando a cabeça a cada passo. – Você pode ir agora e nunca mais voltar. Sua irmã também. Nunca mais quero ver a sua irmã. Ela e você. – Finalizou, parecendo falar para si mesma.

Ela não parecia nada bem.

Estela deixou a cabeça pender, como se fosse muito pesada para sustentá-la.

– Você tinha prometido nunca mais fazer nada de mal para o Caio – ela disse, como se estivesse conversando com alguém dentro de sua própria cabeça –, você tinha prometido.

– Eu não fiz nada de mal – Ian a interrompeu, e ela rapidamente fez o mesmo, lançando um chiado para o rapaz, como ele atrapalhasse uma conversa.

Ian ficou paralisado e deixou Estela se afastar.

Fez de tudo para não pensar que a irmã havia perdido a maior oportunidade da carreira por causa dele – Caio poderia estar muito mal agora, e ele não queria parecer mesquinho. Mas, se Estela quisesse, ela também poderia fazer com que ninguém

mais na cidade se interessasse pelos trabalhos de iris.

Ao menos minha participação no reality *vai nos dar uma segurança financeira*, Ian pensou. Sem nada a perder, correu para ver se estava tudo bem com Caio, con tra a vontade de Estela.

18.

Ian estava sentado no sofá da sala, em meio a dois vestidos estendidos. Para não encostar em nenhum, ele precisou juntar os antebraços em cima da coxa enquanto escorava a cabeça no encosto. De um lado, um vestido turquesa, com renda nos ombros e uma fenda na altura das pernas. Do outro, o vestido coral, feito com um tecido leve e solto, que fizera Iris andar como se flutuasse pela loja no mês anterior.

– Ian, você pode levantar do sofá? – Iris perguntou, cautelosa. Desde o que acontecera com Caio, ela estava relevando a dura que vinha dando no irmão por causa do *reality show*. – Você vai amassar os vestidos.

Como se seu cérebro estivesse no automático no momento em que ele se sentou tomando cuidado para não amassá-los, o rapaz olhou ao redor e foi como se percebesse pela primeira vez que não havia ali apenas o vestido que alugara para a irmã.

Iris, com Leo logo atrás, usando um terno escuro e segurando em seu ombro, o encaravam com um olhar prestativo. Na verdade, parecia um olhar de pena.

Iris ajeitou o penteado com cuidado. Havia acabado de sair do salão. A maquiagem escura a deixava diferente, seus olhos pequenos e cordiais de repente ganhavam outra leitura – mais séria e intensa.

– Por que tem dois vestidos no sofá? – Ian perguntou, levantando-se apenas com a força dos músculos da perna para não se apoiar onde os vestidos estavam dispostos.

– O outro é da sarah – Iris disse. – Depois da colação ela vai vir aqui em casa pra nos trocarmos e irmos à festa.

Ian concordou com a cabeça.

A buzina do lado de fora anunciava a chegada de Emília. Ela avisara para a mãe que iria dormir na casa de Ávia e levou consigo seu vestido quando saiu. Na casa da amiga, arrumou-se e chamou um táxi. Não aceitou a carona de Gael para evitar qualquer problema.

Ian passou pela irmã e pelo cunhado para atender o portão. Os dois se viraram, seguindo-o com o olhar. Iris se desvencilhou carinhosamente do braço de Leo e foi para perto do irmão.

– Ouça, não quero você assim pra baixo logo hoje. Você está se sentindo culpado de novo por algo que não teve nada a ver com você – Iris olhou para o chão por alguns instantes. – Eu quero você feliz hoje, porque eu estou feliz. – sua voz falhou no final, e Iris levantou a cabeça, respirando fundo, temendo ter perdido três horas no salão para chegar ao evento com a maquiagem borrada. – Quero que você aproveite essa festa e se divirta como se fosse o melhor dia da nossa vida... Porque é! É como se fosse um marco pra nós dois. O futuro é brilhante e imprevisível.

Ian sorriu. Fazia apenas uma semana desde o incidente com Caio, e ele não pensava em outra coisa desde então. Iris fingiu não ter se importado tanto por perder o trabalho com Estela, mas Ian sabia que, no fundo, estava devastada... Talvez naquela noite devesse realmente pensar nas coisas boas que iriam acontecer dali para a frente, e apenas nisso.

– Vamos ser positivos agora – Iris balançou a mão no alto com o punho fechado. – Você não vai ser preso! não vai! Vai dar tudo certo! – disse com sarcasmo, sorrindo.

Ian achou engraçado. A irmã já parecia ter superado o fato de que ele estava decidido a participar do programa. O que era bom, porque hoje ela também seria gravada por Catarina.

Quando Ian chegou ao portão, o táxi já havia partido, e Emília o esperava em um vestido azul-marinho escuro com pedras que subiam num *degradé* até abaixo dos joelhos. A boca, com um batom rosa claro quase imperceptível, tirou a concentração de Ian por um momento, fazendo com que ele se esquecesse de abrir o portão depois de girar a chave.

Os dois se cumprimentaram com um abraço meio desconfortável, como se fosse a primeira vez que se viam.

Desde que Emília começara a considerar a ideia de Gael de tirar Ian do programa, ela e o colega haviam parado de trocar mensagens com frequência. Ela precisava analisar friamente a situação e não queria aumentar seu laço afetivo com o garoto.

Emília e o namorado haviam discutido sobre a ideia durante quase toda a semana. Ela não poderia negar que Gael tinha ao menos um pouco de razão – Ian a havia colocado naquilo tudo simplesmente porque queria o dinheiro.

– Ele está te usando – Gael dissera, enquanto tentava convencê-la. – Além do mais, se essa foi a motivação dele, o que garante que o seu colega não vai fazer algo parecido? Que não vai dizer que você inventou essa gravidez e que ele é que foi enganado, tirando você do jogo e saindo como um santo, aproveitando para tirar até o último centavo de toda a exposição que teria? Essa pode ter sido a intenção dele desde o início. Pelo que você me disse, ele parecia estar muito confiante desde o começo, mesmo dizendo não ter planejado nada.

Emília e Ian caminharam em direção à porta. Ela já não se sentia tão à vontade quanto antes ao lado dele. Pouco tempo antes, os dois tinham um segredo jun tos que os colocava num outro patamar de confiança, e agora ela tinha um segredo que precisava esconder dele. As coisas mudavam rápido.

– Você tá bem? – Emília perguntou antes que os dois entrassem em casa. O motivo número um para ela não tomar nenhuma decisão naquela semana havia sido o problema com Caio, que deixara Ian abalado.

– Tô bem, sim – Ian respondeu e colocou a mão sobre o trinco da porta. Antes que pudesse abrir, parou num solavanco. – opa, espera. É agora. Oficialmente você vai conhecer minha irmã.

Emília arqueou as sobrancelhas.

– Tudo bem. Se ela não matou você, que é o culpado disso tudo, acho que não vai fazer nada contra mim.

Ian levantou os ombros, indicando que não tinha tanta certeza. Então abriu a porta, esticando-se para não botar o pé para dentro da casa e dando espaço para Emília entrar primeiro.

Iris e Leo os observaram. A garota fez para o colega um gesto indicando que não queria entrar primeiro, um gesto que começou tímido, mas na terceira vez já estava bem claro e até engraçado. Então Ian entrou e Emília o seguiu.

Iris foi inclinando a cabeça enquanto espremia os olhos na direção de Emília. Leo a observava, alternando entre uma e a outra, esperando alguma reação.

– Eu não acredito – Iris bufou. – Eu não acredito. Eu não acredito – ela continuou repetindo, incrédula, como se o papa tivesse entrado na sua cozinha para lhe pedir um copo d'água.

Leo olhou Emília de cima a baixo para tentar encontrar o problema que parecia incomodar iris. Viu o pequeno enchimento oval que a garota havia roubado sob o vestido justo no corpo. De fato parecia uma autêntica barriga de grávida, mesmo que de poucos meses, praticamente idêntica à de iris.

– Hum, essa é a Emília – Ian apontou para a colega, sem saber o que estava acontecendo com a irmã.

– Eu sei que essa é a Emília – Iris respondeu, e a compaixão dos minutos anteriores havia sumido. – Quer dizer, *agora* eu sei que essa é a Emília, porque, quando a encontrei naquela clínica, achei que fosse apenas uma participante louca do *Novos Pais* – terminou a frase gritando. – não acredito que vocês dois estavam naquele consultório. Vocês têm ideia de quantas pessoas estão envolvendo nisso?

– A gente pode não brigar agora, por favor? – Ian pediu. – A equipe já deve estar chegando, não quero que essa história pareça mais louca do que já é.

Iris apenas bateu uma palma e balbuciou um "o.k.", como

se estivesse expulsando energias negativas, e saiu em direção ao quarto para vestir a roupa da colação. Ian, que já estava pronto, separou aquele tempo para expli car ao cunhado sobre a gravação daquela noite.

– Minha mãe vai surtar quando souber, ela adora o *Novos Pais* – Leo disse, encarando Ian e Emília sentados do outro lado da mesa como em um interrogatório. – Ela fica resmungando durante o programa inteiro, mas não perde um. Aliás, será que a gente não pode começar a falar, despretensiosamente, sobre casinhas de cachorro? Imagina o sucesso que não seria se saísse em um programa desses? – Ele percebeu que ninguém se pronunciou e continuou: – não que eu queira me aproveitar, sei que é uma coisa de vocês, mas... bom, todo mundo está se aproveitando aqui, né?

Ian se virou para a colega com um sorriso tímido. Ela não retribuiu, desviando o olhar.

Iris precisou se cuidar para que o salto não afundasse na parte gramada próxima ao portão da casa. Assim como quando Emília havia entrado, as duas precisaram sair na ponta dos pés, quase como bailarinas.

– Tô me sentindo o Voldemort – Iris disse, referindose à roupa comprida e escura de formanda.

A equipe de gravação já havia chegado. Catarina até tentou puxar algum assunto com a irmã de Ian, mas ela respondia de forma direta, sem margem pra conversa. Talvez estivesse apenas

sendo precavida.

– O.k., uma câmera vai com vocês para filmar o trajeto – Catarina apontou para Ian. – nós vamos no outro carro.

Os pais de Leo também iriam à formatura. Ele foi buscá-los, enquanto iris, Ian e Emília seguiram direto para o salão onde aconteceria a colação.

Após dez minutos de viagem, quando Catarina percebeu pelo seu tablet que os três realmente não iriam começar nenhuma conversa – intimidados pela câmera no carro –, ela ligou para Ian e o obrigou a puxar um papo com Iris sobre a formatura e seus planos. Ela continuou se esquivando de respostas mais completas, deixando Catarina, que acompanhava tudo do outro carro, irritada.

Quando chegaram ao evento, Iris se esqueceu por alguns momentos de tudo aquilo. As câmeras os filmavam de longe e se misturavam com as outras que já estavam ali registrando a colação.

Iris se sentou junto aos outros formandos e deu um tchauzinho de longe quando viu se sentarem, ao lado de Ian e Emília, seu namorado e os pais dele.

O discurso do reitor durou mais do que o previs to. Ele sempre era o orador, mas não parecia ter um discurso pronto, tamanha a paixão com que falava sobre os formandos e os cursos. Além dos alunos de tecnolo gia em eventos, os de design de interiores também estavam se formando.

– ...e vocês não são apenas organizadores de eventos, vocês organizam momentos inesquecíveis e tornam sonhos realidade. Vocês serão marcos na vida de cada um de seus clientes. – Ele

balançou a cabeça por vários segundos. Ian achou que ele fosse chorar. – Esse é um trabalho que depende de abnegação. As pessoas vão comentar seus erros, mas os seus acertos... Esses vocês verão de longe, enquanto os convidados vivem um momento inesquecível.

Emília riu, tentando não fazer muito barulho. Ian concordou que o discurso estava ficando engraçado. O rapaz ficou contente pela reação de Emília. Ela parecia distante já fazia um tempo, mas, nas primeiras vezes em que ele perguntou se algo havia acontecido, ela tinha respondido que não. Talvez estivesse apenas pisando em ovos com ele, assim como sua irmã. Elas sabiam como ele se sentia em relação a Caio.

O acidente do menino só não tinha sido fatal porque ele caíra sobre os galhos das árvores antes de aterrissar num matagal farto. Havia caído de lado, quebrando o braço direito e deslocando o ombro. Um arranhão enorme marcou sua barriga de fora a fora, e vários outros menores se distribuíram pelos seus braços e pela lateral esquerda do rosto.

– Iris Maya Brito – a voz firme do reitor ecoou pelos alto-falantes minutos depois de o discurso ter chegado ao fim.

Ian sacou o celular e gravou a irmã indo receber o canudo. Ele sentiu um frio na barriga enquanto a irmã cruzava o palco com um sorriso de mostrar a gengiva. Naquele momento, teve a sensação de que tudo ficaria bem.

Emília se distraiu com uma mensagem recebida no celular e perdeu o momento de Iris no palco.

“Emília, você tem que fazer isso hoje”, Gael escrevera. “Você não está fazendo uma escolha entre ficar ou não com o

dinheiro, e sim com *quem* você vai ficar."

"Você não quer mais ficar comigo se eu não aceitar, é isso?", Emília respondeu.

A mensagem de volta demorou para chegar.

"Você está tentando colocar a culpa em mim? E quanto ao que você está fazendo comigo?"

Emília não respondeu. *Que namorado aceitaria estar num relacionamento com uma garota que está "grávida" de outro num programa que o país inteiro vai assistir?*

Ian havia conseguido as entradas para Rebeca, mesmo sem entender a repentina amizade entre as duas. Emília chegara à conclusão de que precisava se decidir naquele dia. A única forma de tirar a atenção do que Rebeca tinha para falar era criando um problema ainda maior.

É, Emília decidiu, *eu vou fazer isso.*

Ela se levantou para seguir Ian assim que percebeu que o rapaz não estava mais ao seu lado.

– Parabéns – ele disse, abraçando a irmã, numa voz embargada. Iris já havia borrado toda a maquiagem.

Leo foi em seguida e a beijou. Seus pais também deram um abraço na moça. Catarina e Emília a parabenizaram com um aceno. As duas estavam uma ao lado da outra, um pouco mais distantes dos outros.

– Acho que a gente vai ter que refazer a maquiagem também – sarah chegou e abraçou a amiga. Ela morava em uma cidade a três horas dali, por isso seu vestido havia ficado na casa de iris.

– A gente precisa se trocar agora – Iris apontou para a

colega com a cabeça. – Alguém vem com a gente?

– Hum... – Catarina murmurou. – Acho melhor eu e vocês dois – apontou para Ian e Emília – já irmos, porque a Rebeca está a caminho.

– A gente pode esperar todos juntos, não pode? – Emília disse, querendo prolongar a situação. – Elas não vão demorar tanto assim para trocar de vestido.

– Mas é longe, meu anjo – a produtora disse. Emília odiava quando Catarina falava daquele jeito. Geralmente o argumento era precedido por uma piscada de olho lenta e esnobe. – Eu só preciso fazer as imagens de vocês se divertindo e conversando, e a gravação acaba. Vocês podem ficar o tempo que quiserem por lá depois disso.

Emília já estava se acostumando com os procedimentos das gravações. Enquanto gravavam, eles eram instruídos a conversar o máximo possível. Catarina em algum momento interviria, dizendo que já tinha o queria, e pediria a eles que dançassem como se estivessem se divertindo muito. Depois, ela convidaria as meni nas a ir ao banheiro juntas e diria para conversarem sobre alguma coisa que estava acontecendo na festa. “o público adora sentir como se soubesse de um segredo”, ela dizia.

– Tá tudo bem, vocês podem ir antes e aproveitar a festa – Iris disse a todos. – A gente não vai demorar nem trinta minutos. Talvez quarenta – Iris apontou para a maquiagem borrada. – Vocês vão pra festa, dona Rose?

– Perguntou para a sogra.

– É claro que vamos. Você acha que a gente é velho demais pra ir a uma festa?

– Claro que não – Iris disse, sorrindo. Conhecia a língua afiada da sogra: tão diferente do filho! Ele herdara dela apenas os cabelos negros, o nariz quadrado e... o cavanhaque. – Que ótimo que vocês vão. Você pode levá-los direto pra lá, amor, por favor. Eu e a sarah vamos nos trocar e já vamos.

– Ótimo! – Catarina se voltou para a porta. – Vamos?

A produtora, a equipe técnica e Emília foram para a saída. Ian deu mais um abraço na irmã, desta vez mais apertado e demorado.

As câmeras já estavam rodando quando Emília e Ian desceram do carro. Rebeca e Arthur os esperavam na fachada da casa de festas, já cheia com os convidados. Era possível ouvir uma batida de funk abafada pelo lado de fora.

– Oi, amiga – Rebeca disse de uma forma morbidamente convincente antes de encostar seu rosto no de Emília, em um abraço suspeito.

Emília não tinha entendido até ela começar a forçar a barra, passando a mão sobre a barriga e dizendo que ela era a pessoa em quem mais confiava. Rebeca queria que o beijo armado de Emília em seu namorado parecesse ainda mais cruel.

Sem aguentar mais aquele papo, a garota se virou para Catarina, que começou a cochichar para que as duas falassem sobre formatura. Rebeca também percebeu e começou:

– Não é ótimo que a sua irmã esteja se formando? – Rebeca disse para Ian, e então olhou para o céu escuro. – Pena que

Emília e eu vamos ter de adiar esse sonho.

Emília revirou os olhos.

– É só uma questão de tempo – Emília disse. – não é como se nós nunca mais tivéssemos a chance de nos formarmos.

– Você vai ter coragem de deixar o *seu filho* – Rebeca deu ênfase – nas mãos de outra pessoa enquanto você estuda?

Emília lançou um olhar fulminante à garota e respirou fundo antes de responder.

– Se for melhor para nós dois, sim. Quero ensinar à criança alguns princípios. É importante. Ter princípios – ela lançou as palavras como se fossem flechas certeiras na direção de Rebeca.

A conversa seguiu por mais alguns minutos, quando a produtora liberou Rebeca, Arthur e Emília para entrarem na festa, enquanto ela pegava o depoimento de Ian sobre a formatura da irmã.

O rapaz foi guiado até o portão de entrada, onde a câmera conseguia pegar toda a fachada do salão de fundo. Emília os seguiu, recusando-se a ficar junto de Rebeca.

O rapaz respondeu às perguntas de Catarina empolgado, mostrando-se genuinamente feliz com a conquista da irmã.

– Ótimo, corta! Vamos entrar – Catarina anunciou. – Agora eu quero ver se vocês sabem dançar.

O coração de Emília bateu um pouco mais forte. A produtora faria mais algumas imagens da dança e de conversas e depois iria embora com a equipe. O que significava que estava chegando a hora de revelar para Catarina a “verdadeira” paternidade de seu filho. Não seria mais fácil depois de ouvir o discurso exultante de Ian.

Assim que entraram, Ian levou um susto com a foto enorme de Iris ainda bebê projetada em uma parede branca no canto. Olhou ao redor para ver se encontrava a irmã, que naquele momento já deveria ter chegado. Sabia que eles tinham uma mesa reservada em algum lugar daquele salão, talvez devesse procurá-la por lá.

– Atenção, formandos – o vocalista da banca que tocava anunciou –, daqui a pouco quero todo mundo aqui no centro para a foto em grupo.

Ian tocou no ombro de Catarina, que tentava encontrar Rebeca no pilar esquerdo, logo no início do salão, onde haviam combinado se encontrar.

– Você se importa se eu for dar uma olhada em qual mesa minha irmã está? – ele perguntou.

– Não, tudo bem – ela fez um sinal de joia com os dedos, caso ele não conseguisse escutá-la com a música alta. – Mas não demora muito que vamos gravar só mais um pouco.

Ian concordou e foi de mesa em mesa procurando algum rosto conhecido. Três mesas depois da cabine de fotos, encontrou Leo e seus pais. O cunhado também pareceu aliviado ao vê-lo.

– A Iris não chegou ainda? – Ian perguntou.

– Eu ia perguntar o mesmo pra você – Leo disse, levantando-se da cadeira. – Eu tentei ligar, mas é provável que ela tenha deixado a bolsa no carro quando entrou pra se trocar. Eles estão chamando para a foto em conjunto, será que a gente deveria ir buscá-la? Posso pedir para eles segurarem a foto por alguns minutos.

– Acho que é melhor – Ian concordou.

Ele pensou em falar com a família de sarah, mas não lembraria quem eram. Havia visto eles por um breve momento durante a colação e não os reconheceria – ainda mais no escuro. Na rua, ele tentou ligar para a irmã mais algumas vezes, mas não obteve sucesso. Eles não tinham um telefone residencial, então ir até a casa era a única solução. Talvez ela tivesse tido algum problema com o carro.

Emília se sentou na primeira cadeira que encontrou, cansada de esperar pela volta de Ian, longe de Rebeca. Verificou o celular e encontrou mais uma mensagem do namorado.

“Essa é minha última mensagem”, dizia, “se você parar para pensar em todos os prós e contras, vai ver, assim como eu vejo, que entrarmos nessa juntos é a melhor solução e a mais segura para você.”

Emília não respondeu mais uma vez. Travou o celular e olhou ao redor, procurando por Ian. Ele havia sumido fazia vinte minutos sem avisá-la. Catarina conversava com a equipe num canto. Já ela estava sozinha e começando a ficar com raiva do sumiço do rapaz.

Do outro lado da pista, Rebeca esperava ao lado de Catarina.

– Por quanto tempo mais você vai ficar aqui mesmo? – Rebeca perguntou à produtora.

– No máximo... – consultou seu relógio de pulso – mais uma hora.

A garota saiu decidida, deixando Arthur perdido ao lado da mulher. Rebeca estava observando Emília de longe e se dirigiu a ela.

– Você vai ou não fazer o que eu mandei? – disse.

Emília sentiu que seu tempo tinha chegado ao fim.

– Eu não vou fazer isso – disse, levantando-se. – Você vai sair como a coitadinha da temporada, mas e eu? Acha mesmo que eu faria isso?

– Então você não vai fazer? – ela perguntou, com a expressão travada. As pálpebras mais baixas que o normal, como se aquilo não lhe interessasse, o que não passava de uma expressão para se sentir mais intimidadora. Emília não disse nada, e Rebeca insistiu: – Me diz que você não vai fazer o que mandei.

Emília a encarou por alguns instantes. As luzes frenéticas passavam pelo rosto de Rebeca, dando um tom ainda mais dramático à situação.

– Não, não vou beijar seu namorado para você se fazer de coitada – Emília soltou.

Rebeca esperou Emília terminar a frase. Concordou com a cabeça, ajeitou o cabelo com uma das mãos e girou o corpo na direção de Catarina. Assim que chegou ao lado da mulher novamente, ordenou:

– Ligue as câmeras.

Aquela sim era a verdadeira Rebeca. Catarina acatou e as câmeras passaram a apontar pra garota em menos de um minuto. Aquilo não acontecia com tanta frequência, mas, pela experiência da produtora das outras temporadas, quando alguém

pedia para ligar as câmeras era porque vinha bomba.

– Elas estão rodando – Catarina disse, enquanto saía de quadro, ao mesmo tempo em que Emília chegava mais perto.

– Não, você deve ficar, Catarina – Rebeca segurou no braço da produtora. Com a outra mão, apontou para Emília. – Essa aqui e o Ian estão mentindo. Emília não está grávida.

Catarina franziu o cenho e olhou para Emília. A garota esperou que ela dissesse algo, mas Catarina esperava o mesmo. A produtora analisou Rebeca, que encarava a outra participante com ódio.

– Que diabos tá acontecendo? – Catarina perguntou.

Emília repuxou o rosto, com uma cara de nojo.

– Como você joga baixo, Rebeca! – Emília disse, sentindo-se dentro de uma novela mexicana, enquanto simulava estar completamente ofendida. – Esse bebê... É o fruto de um grande amor – ela verificou se as câmeras estavam pegando sua fala. – Mesmo que... ele não seja do Ian.

Emília abaixou a cabeça e tapou os olhos, fingindo espasmos com os ombros, como se estivesse chorando.

Catarina abriu a boca em choque e permaneceu assim por alguns segundos. Repassou o que Emília havia dito em sua cabeça para ter certeza de que não escutara errado com o barulho alto da banda.

Catarina foi para perto de Emília, fazendo sinal para que a câmera a acompanhasse. Colocou a mão sobre o ombro da garota e o acariciou.

– Você ouviu o que eu disse? – Rebeca gritou. – Ela não está grávida! não tem bebê nenhum!

– Rápido – Catarina ordenou aos cinegrafistas, ignorando Rebeca. – Montem os equipamentos para gravarmos um depoimento lá fora.

Eles foram na frente, abrindo passagem, enquanto Catarina guiava Emília ainda de cabeça baixa.

Rebeca quase nunca se relacionava com as outras participantes e suas conversas acabavam saindo forçadas por causa de sua falta de empatia. Catarina certamente já sabia que ela não seria grande destaque quando o programa estreasse, então era a Emília que deveria dar mais atenção.

– Quem é o pai dessa criança, então? – a produtora perguntou, não se aguentando de curiosidade.

– O Gael – Emília respondeu com uma voz manhosa.

Catarina colocou a mão sobre o peito ainda mais assustada quando lembrou quem era Gael – o rapaz que havia feito um escândalo no dia do nascimento dos filhos de Rosa. Precisou se controlar para não sorrir, mas aquela era a melhor história que já acontecera no programa desde os gêmeos de dois pais diferentes.

Ian e Leo precisaram dar uma volta enorme porque a ponte estava interditada. Provavelmente Iris tinha demorado a chegar em casa porque não sabia do caminho alternativo mais curto. Estavam a poucas quadras de casa quando Ian decidiu conversar com o cunhado, aproveitando que estavam sozinhos.

– Leo, quando você e a minha irmã se casarem... –

perguntou, cauteloso. – Você sabe que eu vou morar com vocês, né?

– É claro que sei – ele desviou o olhar da rua rapidamente, rindo para Ian. – Eu sei que você é parte do pacote, e não tenho intenção de mudar isso.

– Ah, legal. Só estou dizendo porque ela ainda não tem filhos, exceto o de vocês, mas bem, eu vou junto.

Leo riu e balançou a cabeça.

– Acho que já passei do tempo de querer pular fora dessa, você não vai ser um problema. Agora, preciso da sua ajuda para uma coisa: queria fazer um pedido de casamento diferente, sabe? – Leo parou por um momento para prestar atenção na manobra do carro ao estacionar. – Tipo colocar uma aliança dentro de um bolo, cantar uma música, alguma coisa assim.

– Eu não sei – Ian disse, distraído com uma viatura da polícia estacionada em frente à casa do vizinho. Eles tinham se mudado havia mais ou menos um ano e ninguém sabia muita coisa sobre aquela família. – Eu acho que talvez você possa fazer algo significativo como colocar ela dentro de um balão. A aliança, eu digo. Daí, quando o balão estourar e a Iris a vir, você diz que, mesmo quando tudo parecer se acabar, como aconteceu com o balão, você ainda vai estar lá.

– Caramba... Você já planejou pedir alguém em casamento para ter esse ideia tão boa? – Leo brincou, descendo do carro.

Ian riu e, assim que saltou do automóvel, meteu a chave na fechadura, apressado. Antes de entrar, virou o corpo e viu os dois policiais que conversavam com o vizinho vindo em sua direção.

Sentindo um jato de bile em seu estômago, largou a chave onde estava. O rosto de repente ficou quente, e ele conseguia sentir o coração batendo pela veia saltada na têmpora.

Ian olhou pra casa tentando enxergar alguma luz acesa. O carro de Emília não estava na rua onde deveria estar naquele momento, mas ela poderia já ter saído depois de se arrumar. Talvez o policial estivesse ali porque ela tinha levado uma multa de trânsito. *Tem que ser isso.*

Nos segundos em que eles se aproximavam, Ian tentou criar todo tipo de explicação para si mesmo.

– Vocês são parentes de Iris Brito? – um dos policiais que segurava uma folha nas mãos disse.

– O que aconteceu com ela? – Leo perguntou. Ian não conseguia falar nada.

– Ela sofreu um acidente – o policial disse.

Leo começou a balbuciar várias frases desconexas. Falou da noiva, do bebê, da ponte.

– Ela tá bem? – foi o que Ian conseguiu falar. A cada segundo sentia o coração batendo mais forte. – Ela está bem? Onde que ela tá?

A voz do garoto estava mole e ele precisou piscar os olhos que estavam cheios de água para desembaçar a visão. Um fio de lágrima escorreu por seu rosto assustado.

– Vocês podem vir conosco na viatura – o outro policial os convidou, sem dar muitos detalhes.

19.

Ian respirava e soltava o ar em espasmos, como se não conseguisse manter o oxigênio dentro dos pulmões por muito tempo. A garoa leve que começara a cair o deixou com frio dentro da viatura que seguia com os vidros abertos para o hospital, mas ele apenas lidava com aquele desconforto como se não pudesse simplesmente pedir para que fossem fechados.

Leo e Ian tinham se sentado distantes um do outro no banco de trás do carro e não mantiveram contato visual durante todo o trajeto. O noivo de Iris relanceava de vez em quando para Ian, mas o rapaz mantinha o olhar fixo na rua: primeiro, enquanto murmurava frases de incredulidade num gemido fraco, com lágrimas nos olhos; depois, apenas esfregando as mãos no rosto, já seco.

– Eu não tenho muitas informações sobre o estado dela, mas, assim que chegarmos lá, vocês vão poder falar com o médico – o policial disse, pela segunda vez, quando Leo perguntou sobre a noiva. – nós já estamos chegando.

Leo esperava um "vai ficar tudo bem". Como aquele fora o

primeiro policial a chegar à cena do acidente, ele deveria ter visto iris. Se soasse positivo, Leo teria mais esperanças. Decidiu não perguntar mais nada.

Quando chegaram, o policial os acompanhou até a recepção.

– Sou o noivo da Iris – Leo disse à recepcionista, com a respiração pesada. – Iris Brito, ela acabou de dar entrada no Ps. Como ela está?

– Ela tem plano de saúde? – a mulher quis saber, antes de responder à pergunta.

Leo olhou para Ian, que balançou a cabeça negativamente. Nenhum deles tinha.

– Não – respondeu.

– O.k. Você pode preencher esses formulários pra mim? – a mulher empurrou alguns papéis por baixo do vidro. E consultou alguns dados no sistema do hospital no computador. – o prontuário diz que ela chegou há pouco tempo, então alguns exames que o médico solicitou estão sendo realizados agora. Vou avisar que vocês chegaram. O doutor deve aparecer aqui a qualquer momento.

Os dois se encaminharam para as poltronas, ainda meio perdidos, e deram de cara com a mãe de sarah entrando, com os braços dos dois filhos ao redor dos seus ombros. O pai os acompanhava logo atrás. Ela segurava a echarpe do vestido azul fazendo força com as duas mãos. Parte do pano se arrastava no chão.

Parecia que iria fazer um escândalo, mas, quan do ficou de frente para a recepcionista, não conseguiu falar nada, e o marido tomou a iniciativa de pedir informações.

– ...que o médico solicitou estão sendo realizados agora – Ian ouviu parte do discurso da recepcionista, o mesmo que havia dito a ele e leo. A mulher parou de falar assim que percebeu a entrada do médico na sala. – Ali está ele, o médico que está cuidando da filha de vocês – apontou.

Ian e Leo se levantaram num salto, deduzindo que era o mesmo e, junto com a família de sarah, formaram um semicírculo ao redor dele. A mãe da garota usou a echarpe para secar o rosto.

O médico chamou pelas duas famílias e eles se apresentaram.

– Sou o dr. Wilmann e estou cuidando da Iris e da sarah – ele disse. – o carro em que elas estavam colidiu contra a mureta de uma ponte, que estava com meia pis ta fechada. As informações que tenho são que Iris desviou o carro da barricada e, para não bater no automóvel que vinha na outra pista, chocou-se contra a mureta de proteção.

A mãe de sarah jogou a cabeça para a frente, iniciando um choro desesperado. Os outros membros da família não pareciam mais tranquilos — os irmãos e o pai tremiam.

– Elas caíram... da ponte? – o pai perguntou.

Ian encarou o médico, sentindo suas pernas amolecerem. O homem tinha olhos azuis-esverdeados e muito chamativos, que piscavam com uma calma que auxiliava todos ao redor a não entrar em desespero.

– Infelizmente sim – ele respondeu –, mas elas permaneceram na água por pouco tempo, o que reduziu o risco de sequelas neurológicas. A sarah está consciente e segue

respondendo aos reflexos. Ela tem alguns ferimentos superficiais na testa e nos braços, sem fratura aparente. Mas vamos realizar um raio X para confirmar.

Quando o dr. Wilmann se virou para dar a notícia aos parentes de iris, respirou fundo. O coração de Ian começou a bater mais forte, imaginando que o diagnóstico da irmã tinha sido deixado para depois por ser mais complexo.

– Quanto a Iris – ele começou a falar, consultando o prontuário em suas mãos –, os ferimentos foram um pouco mais extensos, uma vez que o lado do motorista se chocou contra a mureta – Ian e Leo se olharam nos olhos pela primeira vez desde a notícia do acidente. – O choque provocou danos na pelve, nos membros superiores e fratura exposta nos inferiores. A compressão da lataria também causou uma fratura no maxilar e no nariz.

Em algum momento Ian não conseguia mais entender o que o médico falava, como se, numa tentativa de defesa, seu cérebro não permitisse seu acesso àquelas informações.

O doutor continuou:

– No momento ela está realizando uma tomografia, mas permanece inconsciente e entubada. Suspeito que ela tenha tido uma lesão na coluna. – o médico aspirou o ar com força. – o problema é que, nesses casos, como ela não foi retirada da água por paramédicos, há grande chance de uma lesão medular pela manipulação incorreta da vítima.

Ian não conseguiu dizer nada. As coisas pareciam estar um pouco diferentes ao seu redor e ele se sentia atordoado. Leo quebrou o silêncio:

– Como está o bebê?

– Eu sinto muito – o médico balançou a cabeça. – A Iris perdeu muito sangue. Isso, somado ao impacto do acidente, fez com que o feto não sobrevivesse.

Ian acompanhou a reação de leo, que colocou a mão sobre a cabeça. Ele grunhiu como se tivesse recebido um golpe no estômago e deu voltas em círculos lentamente e a passos largos pelo hall de entrada.

– Ela vai ficar bem? – Ian perguntou. Sua garganta se fechou no meio da frase, como se tentasse evitar uma tossida.

O médico coçou o queixo.

– Ela teve ferimentos extensos e foi reanimada durante o caminho até o hospital – ele explicou, mais uma vez. – Ainda não posso descartar o risco de vida, mas estamos fazendo o possível.

Ian sentiu um arrepio. Já ouvira aquilo diversas vezes na TV. Nem sempre fazer o possível era o suficiente.

Leo se aproximou do médico novamente para prestar atenção no que ele falava para Ian. O noivo de Iris tinha as duas mãos ainda sobre a cabeça, como se estivesse sentindo uma forte enxaqueca.

– Isso é muito caro? – Leo perguntou. – Essas... coisas que ela vai ter de fazer, elas são caras? Eu quero que ela tenha o melhor tratamento, mas... eu não sei se podemos pagar. Parece *muita* coisa.

– Ouça, ela não pode ser transferida agora – dr. Wilmann disse. – Estou certo de que ela vai precisar de uma cirurgia na coluna. Para realizá-la, temos de diminuir o processo

inflamatório por uns dias, com medicamentos. Ela pode ser transferida quando estiver fora de risco, mas essas cirurgias são complicadas, e aqui é o melhor lugar para ela ficar e evitar sequelas. Mantê-la aqui seria mais seguro – ele deu um passo para trás. – Assim que tiver o resultado dos exames, eu volto para informar sobre o tratamento.

O médico fez um aceno demorado com a cabeça e se retirou.

– Nós temos o dinheiro – Ian disse, enquanto voltava para a poltrona. Não estava se sentindo bem.

Leo o seguiu. Ele sabia quanto dinheiro Iris tinha guardado e, mesmo juntando com o seu, não seria o suficiente. Seu pai precisara ficar internado apenas alguns dias, com problemas no coração, num hospital muito menos sofisticado que aquele. Se os valores naquela ocasião já haviam sido altos, uma internação tão longa, e com tantos procedimentos, como a de iris, ultrapassaria qualquer valor que pudessem pagar.

– Como vocês têm esse dinheiro? – perguntou. Ele se sentou ao lado de Ian e continuou: – A única coi sa que poderia nos ajudar a pagar isso seria vender os nossos carros, mas o da Iris agora é um monte de ferro retorcido no fundo do rio. – Leo engoliu em seco.

– Não, *eu* tenho o dinheiro – Ian estava confiante. – sabe o *reality show* de que eu tô participando? Vou receber um cachê gigante no próximo mês que vai cobrir esse valor.

Os pais de Leo chegaram um tempo depois ao hospital. Tinham ficado até quase o fim da festa, já cansados, quando receberam as notícias do acidente.

A mãe de Leo fazia carinho em cima da mão do filho,

encostada nos braços da cadeira, e vez por outra passava a mão pelo ombro de Ian, sentado do outro lado. O pai parecia desconfortável com a situação, desviando o olhar sempre que Leo o encarava, sem saber como agir.

Quando o turbilhão em sua cabeça cessou, Ian se lembrou da gravação que ele havia abandonado e de Emília, que havia ficado sozinha e sem explicação. Ele sacou o celular do bolso e ligou para a colega.

– Oi – Emília disse. Já não estava na festa. Sua voz estava clara do outro lado da linha, mas não parecia muito amigável.

– Desculpa ter deixado você aí, mas...

– Preciso falar com você – Emília o interrompeu. – Estava esperando pra fazer isso fazia um tempo, mas, com aquele rolo do menino que sumiu, acabei deixando pra depois.

– A minha irmã... – Ian tentou continuar, mas foi interrompido novamente.

– Estou falando com você – Emília estava exaltada. Percebeu que a voz de Ian estava trêmula. Gael, sentado ao seu lado no carro, que estava em frente à casa de Emília, balançou a cabeça para que ela continuasse. – E tenho certeza de que o que tenho pra falar é muito mais importante pra você do que...

Ian retirou o telefone do ouvido e encerrou a ligação, atordoado.

Sua cabeça estava tão cheia que em segundos ele esqueceu aquela conversa.

Leo preferiu que os pais passassem a noite em casa e os acompanhou até um táxi. Ele e Ian viraram a noite nas poltronas do hospital e, por mais que tentassem, não conseguiram dormir.

Ian nunca verificara o relógio com tanta insistência como naquela noite, como se ele pudesse andar mais rápido caso fosse observado com frequência. Entretanto, parecia o contrário.

No meio da madrugada, o médico voltara para dar mais notícias. As suspeitas sobre as fraturas na coluna e na medula haviam sido confirmadas com o raio X. Dali a alguns dias, quando as altas doses de corticoide controlassem o processo inflamatório, Iris passaria pela cirurgia.

– E nesse momento – dr. Wilmann explicou –, ela está sendo preparada para uma cirurgia de emergência de fixação externa na pelve.

O médico pediu licença antes de voltar para o interior do hospital com o andar apressado.

Leo precisou assinar alguns papéis, autorizando a internação de Iris e os procedimentos indicados pelo médico. Colocou seu nome com receio e, por um momento, fitou Ian, tentando se convencer de que o rapaz realmente poderia pagar por aquilo. O valor, ele conferiu nas folhas, de fato era impraticável para ele.

– Você quer dar uma olhada? – ele ofereceu as folhas a Ian.

O rapaz as pegou, sabendo que o cunhado as dera para que conferisse se as contas fechavam.

– Bom, vai cobrir, sim... – Ian disse.

Leo respirou fundo. Desta vez o suspiro trazia alguma esperança, não era apenas de desespero.

O rapaz decidiu deixar para conversar com Catarina num horário mais decente, pela manhã, quando ela já estivesse acordada. Por mais que estivesse tranquilo em relação ao dinheiro que salvaria sua irmã, a ideia de não tê-lo em mãos naquele momento o deixava desconfortável.

Pouco depois das 8 horas, ele se distanciou de leo, que exibia olheiras fundas de uma noite sem dormir, para fazer a ligação.

– Alô? – Catarina falou num tom desconfiado, ciente de que no outro lado da linha era Ian quem falava.

– Você está podendo falar agora? – ele perguntou. – É importante.

– Aham – respondeu. Ian estava estranhando aquela Catarina monossilábica, que ainda não havia conhecido.

– Sei que só vamos receber a primeira metade do cachê quando o programa for ao ar e sei também que falta um mês para isso acontecer – Ian falou num tom mais baixo. Ele continuou, explicando o que havia acontecido com a irmã na noite anterior e a gravidade do acidente, sem ser interrompido por Catarina. A mulher soltava interjeições de espanto enquanto ouvia.

– O.k... – Catarina manteve um "hmmm", como se estivesse meditando, por vários segundos na linha, tentando reorganizar as ideias em sua cabeça. – Primeiro, eu lamento muito pela sua irmã. Não tivemos chance de conversar muito, mas desejo melhoras a ela e ao bebê – Ian não havia mencionado a perda da criança. – Segundo, hum, não sei se isso vai ser possível porque há algumas coisas acontecendo que

talvez você ainda não saiba.

Ian ficou sem respirar, as mãos começaram a tremer e a suar. O coração batia como se estivesse a poucos segundos de uma descida vertiginosa no alto de uma montanha-russa. A garganta embolou, como se a saliva tivesse se solidificado enquanto a engolia.

– Você pode gravar isso, se quiser – ele ofereceu, ofegante. – Eu não me importo. Desde que ela fique bem, não tem problema. A TV faz isso direto: ajuda as pessoas pra contar suas histórias, não faz? Seria ótimo para o programa. Ela perdeu o bebê, isso não vai ser ótimo para o programa? – Ian disse, aumentando o tom de voz. Ele ouviu um suspiro pesado de Catarina e não conseguiu controlar o choro que veio em seguida. – se não quiser filmar, não precisa. Só quero o dinheiro que a gente combinou.

Ela demorou para responder.

– Ouça, vou explicar tudo pra você. Mas na sua casa. Daqui a duas horas – ela disse, pausadamen te, como se estivesse explicando a si mesma também. Novamente ela suspirou, mas desta vez parecia de dúvida. – Envia uma mensagem pra Emília, ela precisa estar lá conosco. Você não precisa explicar muita coisa a ela. Ela já sabe.

Ian foi pela calçada enquanto contemplava o jardim farto em frente a sua casa. Ele quase nunca o observava, mas de repente a casa toda parecia diferente e estranha, mesmo sendo a mesma

desde que ele se entendia por gente.

Morar apenas com uma pessoa fazia com que ele ficasse vários momentos do dia sozinho. Mas, naquele momento, entrar naquela casa vazia pareceu estranho. Era como se ele tivesse voltado a ser criança, quando ele e a irmã ficavam flutuando pelos cômodos sem a mãe, os dois se sentindo perdidos.

A luz do sol que incidiu pela janela da sala sobre o vestido coral de Emília e o de lantejoulas de sarah fez com que Ian tivesse vontade de chorar novamente. Mas, em vez disso, ele seguiu para o seu quarto, pegou roupas limpas e tomou um banho quente para aguardar a chegada de Catarina e Emília.

O rapaz se sentou no chão do boxe – enquanto a água escorria pelo seu corpo cheio de espuma – e começou a imaginar como seria se tudo tivesse ocorrido conforme deveria. Ele estaria naquele momento em sua cama, onde ficaria até o começo da tarde. Acordaria com ressaca e não aceitaria o remédio que Iris lhe teria mandado tomar. Até que, horas depois, ainda se sentindo mal, finalmente admitiria que precisava tomá-lo, e tudo ficaria bem. Ela iria olhar para o diploma o dia inteiro, ainda sem acreditar que finalmente o tinha e que dali em diante era a hora de aproveitar as oportunidades.

Em vez disso, ela estava numa cama de hospital, sedada e entubada, recuperando-se de uma cirurgia para salvar sua vida. Quando Ian saiu, ela ainda não estava consciente, e as chances de que isso nunca mais acontecesse ainda existiam. Enquanto isso, o presente de aniversário de Ian, que nunca seria usado por iris, repousava no sofá.

O garoto saiu apressado do banheiro com as buzinas da van

de Catarina. Foi até a janela da cozinha, ainda com o corpo molhado e a toalha envolta na cintura, e avisou que ela poderia entrar enquanto ele se secava em seu quarto.

Cinco minutos depois, saiu de lá vestido e com a toalha na mão para pendurá-la no banheiro, quando levou um susto com a quantidade de equipamento, mais uma vez, espalhada pela sua casa.

– Nós vamos gravar alguma coisa hoje? – perguntou para a produtora, que estava escorada na porta segurando seu tablet. – Eu achei que iríamos apenas conversar.

– Desculpa não ter avisado – ela respondeu, num tom que parecia sincero e até envergonhado, e então voltou sua atenção ao aparelho que segurava novamente.

Ian esperou que ela explicasse o que estava acontecendo, mas a mulher parecia estar evitando se aprofundar em qualquer assunto desde a conversa pelo telefone. O rapaz deixou sua toalha no banheiro e voltou para interrogar Catarina:

– Eu falei para você o que aconteceu com a minha irmã. Não sei se esse é o melhor momento... Quer dizer, eu disse que, se você quiser gravar isso, tudo bem. Se você nos ajudar, tudo bem.

Ela levantou os olhos do tablet e os levou em direção ao rapaz. Manteve o olhar por alguns segundos antes de trocar sua atenção de forma repentina para a equipe técnica, como se desistisse de dizer um discurso que montara na própria cabeça.

– Essa luz da manhã vai entrar direto por essa janela – ela apontou. – será que não é melhor fecharmos para controlar melhor a iluminação?

O homem a quem ela se dirigia parou o que estava fazendo e

coçou o queixo.

– Hum. Na verdade quanto mais luz, melhor – ele respondeu, segurando o refletor que ajustava acima de um tripé de ferro. – Acredito que a luz da janela não vá ser forte o suficiente para atrapalhar.

– Ah, claro – ela respondeu, desajeitada. – Eu sabia. Apenas para ter certeza. – Catarina voltou a usar o tablet em suas mãos, mexendo os dedos tão rápido que era possível que estivesse apenas arrastando os ícones de um lado para o outro.

Ian se aproximou da mulher o suficiente para que ela não pudesse mais ignorá-lo.

– Você pode me ajudar? – ela pôde sentir até o calor do hálito recém-escovado do rapaz.

– Nós precisamos esperar a Emília chegar – ela disse, olhando para o chão.

O rapaz havia enviado uma mensagem à colega assim que Catarina o pedira. A sobrecarga de informações em sua cabeça fez com que ele não percebesse nenhum problema à vista.

Um vulto no lado de fora da porta chamou a atenção de Ian e Catarina ao mesmo tempo. Só puderam ver através da porta o vulto do braço de Emília, que dera meia-volta assim que percebeu a presença de toda a equipe ali. Sem pensar muito, o rapaz e Catarina foram atrás da garota. A produtora fez um sinal para que as câmeras a seguissem.

– Emília! — Ian gritou. Ela já estava quase em frente ao portão. – Espera um pouco. A Catarina precisa falar com a gente, e preciso que seja agora... Eu estou tão cansado, preciso resolver isso agora.

Ele e a produtora chegaram próximos de Emília. As duas trocaram um olhar de cumplicidade, ainda meio inseguro. A garota, assustada com a possibilidade de ter de contar a Ian, em frente às câmeras, que ele não estava mais no programa, e Catarina ainda em dúvida sobre colocar os dois naquela situação. Entre o telefonema de Ian e aquele momento, ela tentou se convencer de que estava fazendo aquilo pela emissora. Não era culpa dela.

Emília pousou o olhar em Ian por um momento e ficou assustada. Ela mesma havia dormido pouco aquela noite, mas ele... parecia devastado. As sobrancelhas e os olhos estavam caídos como se dependessem de uma força excessiva para permanecerem abertos. Os cabelos, ainda meio molhados, pousavam desajeitados sobre a testa. A única coisa agradável a respeito dele naquele momento era o aroma suave de quem acabara de sair do banho.

Catarina se afastou com passos lentos para trás, girando a cabeça de vez em quando para ver se não tropeçaria nos arbustos e nas folhagens do jardim. Respirou fundo, secou o suor das mãos na calça, segurando o tablet com uma mão de cada vez, e fez um sinal de positivo com a cabeça para Emília.

– O que está acontecendo? – Ian perguntou, franzindo o cenho.

– Eu... eu não vou... – a garota encarava Catarina o tempo todo. – Eu não posso.

A produtora olhou ao redor, conferindo se as câ meras estavam bem posicionadas para capturar aquele momento, e fez um movimento mais vigoroso, até ameaçador, com a cabeça

para Emília obrigando-a a continuar. A garota tentou olhar pelas grades do portão para o carro de Gael, que a esperava, mas o muro lateral o cobria. Provavelmente os carros da emissora estavam escondidos do outro lado da rua. *Ela sabia que eu não entraria se os visse*, Emília pensou.

Ela decidiu encarar Ian. Seu rosto estava inchado. *Provavelmente estava dormindo até agora, depois de me deixar sozinha na formatura sem ao menos avisar.* no fundo sentia pena do que havia feito, mas, depois de tanto conversar com Gael, sua decisão tinha de estar certa. Ian poderia ter feito o mesmo com ela. Ele estava usando-a. Ela tinha certeza.

– Esse bebê – ela disse pausadamente, analisando a expressão de Ian a cada sílaba, temendo que ele revelasse toda a verdade. – Você precisa saber de uma coisa. Tem esse garoto que eu amo, o Gael. Antes. Muito antes de você – Emília lançava uma olhadela a Catarina vez ou outra, para garantir a si mesma que estava sendo convincente para a produtora. – E... bem, você não é o pai do meu filho. O Gael vai substituir você no programa a partir de agora.

Ian sentiu todos os seus músculos se enrijecerem, como se uma pena macia deslizasse pelo seu corpo do calcanhar até a nuca. Nem se quisesse conseguiria mexer qualquer parte do corpo, pois seu cérebro roubara toda a energia tentando assimilar aquelas palavras. E tudo ficou em silêncio, como se até os carros na rua soubessem a gravidade do que havia acontecido ali e compartilhassem da sua angústia. E os pássaros preferissem piar do outro lado da cidade, onde seus cantos fossem mais bem aproveitados.

A imagem da irmã acidentada se montou na sua cabeça, fazendo seu sangue ferver de imediato. Não estava com raiva de ninguém, mas sentia raiva de tudo. Todo o resquício de tranquilidade que teve por algumas horas, quando se deu conta de que aquele dinheiro poderia salvá-la, se foi. Ele não sabia mais o que aconteceria com ela.

Ele não tinha mais o dinheiro. Leo não tinha o dinheiro. Estela estava com tanta raiva que poderia processá-lo e tirar até as moedas de seu cofre. Como uma estátua ganhando vida, ele levantou o braço e passou a mão pelo cabelo úmido, com os olhos fechados com força e o rosto encolhido numa careta desconfortável.

– Saiam daqui – ele grunhiu, entredentes. Os cinegrafistas encararam Catarina, esperando que ela desse algum sinal, mas ela permaneceu vidrada na expressão desesperada de Ian. Então eles continuaram filmando. – SAIM! TODO MUNDO! TODO MUNDO! – Ian gritou a plenos pulmões, com os punhos fechados.

Emília deu um passo para trás segurando no ferro com a tinta descascada do portão. A respiração do cole ga estava ofegante, e ninguém sabia o que fazer direito. Ele foi até o cinegrafista mais próximo, puxando a câmera com uma das mãos em direção ao portão, obrigando-o a segui-lo. Emília abriu o trinco e foi para o lado de fora, acompanhada do cinegrafista, que quase tropeçou enquanto era guiado com força por Ian.

– Nós precisamos tirar os equipamentos que foram montados dentro da sua casa – Catarina disse, observando o outro cinegrafista seguindo o rumo do primeiro, desta vez sem a

“ajuda” de Ian.

O rapaz encarou a produtora, segurando o portão.

– Fora – ele disse, quase sem mexer a boca.

Ela tentava iniciar uma frase, mas Ian repetia incessantemente a palavra “fora”, como se já fosse automático. Emília observava a reação do colega com a boca aberta. *Gael estava certo*, ela pensou, *uma pessoa que não fizesse qualquer coisa por dinheiro não iria surtar daquela forma. Acabar com isso antes que algo pudesse dar errado foi a melhor opção.*

Ela estava ciente de que ele iria contar para Catari na, provavelmente já estava até planejando fazê-lo. Gael mesmo havia dito que ele faria isso. E, mais do que nunca, ela e o namorado iriam dar um jeito de continuar com sua gravidez fictícia e permanecer no programa. Emília saiu pisando fundo em direção ao carro do namorado, longe dali.

– Vocês entrem lá e peguem os equipamentos – Catarina ordenou com voz firme para os cinegrafistas, o técnico de áudio e os outros dois assistentes.

Ian os observou entrando e sabia que não poderia impedi-los, uma vez que estava em menor número. Sentiu-se impotente e perdido, querendo que tudo aquilo acabasse com ele acordando com dor de cabeça da formatura da irmã. Mas o aperto que sentia na garganta era real demais para aquilo ser um pesadelo.

– Não vou mais receber o dinheiro, não é? – Ian perguntou, com os olhos tão úmidos quanto os cabelos. Ele se sentou na pequena calçada de um metro de largura que circundava a casa e segurou a cabeça para a frente com as duas mãos.

– Olha, os participantes recebem aquela quantia que você

viu no contrato – Catarina disse, numa voz calma, aproximando-se de Ian, sem se sentar. – Mas o contrato é bem claro quanto a *quem* recebe o dinheiro: os pais da criança. Se você não for o pai, eu não posso pagar a você. – Ela começou a falar num tom mais baixo: – Eu até consultei os advogados do programa, não tem o que fazer. E eu também não posso tirar o dinheiro do Gael e dá-lo a você, senão vou perder ele e a Emília.

Enquanto ela falava, Ian sentia como se seu corpo fosse feito de areia e estivesse derretendo aos poucos sob uma chuva fina. Era a primeira vez que aquilo tudo parecia real. Tanto o acidente como o *reality*.

– Eu vou aparecer no programa e não vou receber nada? – ele perguntou, também deixando seu tom de voz mais calmo.

Um dos assistentes desviou a atenção dos dois ao bater com a ponta de um tripé no portão, sem querer, enquanto saía, fazendo o maior barulho. Ela se voltou novamente para Ian e explicou:

– Você vai receber um cachê simbólico pelos dias que gravamos, talvez isso pagasse uma diária do hospital. Mas nada mais do que isso. Não posso simplesmente pagar a operação da sua irmã – Catarina umedeceu os lábios, secos de tensão. – não sou a vilã aqui, acredite. Eu sigo ordens dos empresários que comandam uma empresa que precisa dar lucro. Não posso passar por cima disso. E eu *não posso* pagar pela cirurgia da sua irmã do meu bolso. Faço de tudo para não me apegar aos participantes por causa disso. Todo mundo tem problemas, às vezes menores e às vezes maiores que os meus. Mas eu não posso tomar as dores de todos, então não tomo as de ninguém.

Ian concordou com a cabeça. Parecia que não havia mais opções restantes. Ele estava com medo e talvez realmente ainda não estivesse preparado para tomar suas próprias decisões. Ele se levantou e o olhar desolado encontrou a roseira que a mãe havia plantado e que agora circundava o arco de entrada do jardim. Se nem a morte põe fim a tudo o que você deixa na terra, por que a esperança não pode se manter intensa como a certeza de que, a cada três segundos, vamos respirar novamente?

Quando viu Ian chegando, caminhando desde a parada de ônibus, como sempre fazia todas as semanas, o porteiro se ajeitou na cadeira desconfortavelmente e fez uma careta de quem previa problemas.

— Tenho ordens pra não deixar você entrar, Ian — ele avisou o rapaz.

— Você pode avisar Estela que eu estou aqui? — os olhos quase se obrigando a fechar de cansaço.

– Desculpe, mas fui instruído a não fazer isso.

Ian imaginou que seria difícil convencer a única pessoa que poderia salvar sua irmã a fazê-lo, depois dos problemas recentes que ele e Estela haviam enfrentado. Mas a ordem que ela havia dado ao porteiro já era indício de que as possibilidades beiravam o impossível.

Ian agarrou a grade com as duas mãos e encostou a testa no ferro gelado. Não tinha mais vontade de chorar – talvez não tivesse nem lágrimas sobrando – nem sequer sentia um aperto

na garganta. Isso não significava que ele tivesse se dado por vencido, mas a falha já não era mais novidade.

O rapaz levantou os olhos e viu a silhueta de Caio de longe, ainda mancando, andando com uma bota ortopédica e o braço direito coberto de gesso.

– Caio! – Ian berrou. O porteiro o encarou, balançando a cabeça em negativa. – Vem aqui!

Ele balançou a mão no alto, esperando que o menino o visse. Era quase meio-dia, e Caio brincava na rua de rebater uma bolinha de tênis contra a parede de casa, segurando a raquete com o braço bom.

Mesmo de longe e com uma grade entre os dois, Caio reconheceu o amigo e abriu um sorriso enquanto seguia em sua direção com certa dificuldade. O porteiro viu o que estava acontecendo, digitou algo no interfone e o colocou na orelha. Ian tentou, sem sucesso, entender o que ele falava pelo movimento dos seus lábios, já que não era possível ouvir nada da conversa com o vidro da guarita fechado.

– Você tá bem? – Ian perguntou. Fez uma careta quando percebeu o arranhão, que sangrara no dia da queda, mas que agora era uma ferida que atravessava o braço esquerdo todo. No direito também tinha um machucado, mas estava escondido pelo gesso.

Caio também analisou as próprias feridas, abrindo um sorriso arteiro, como se achasse aquilo o máximo. Ian preferiu não acabar com a empolgação do garoto, avisando que não restaria nem uma cicatriz no futuro.

– Eu tô bem... acho que melhor do que antes de ter caído

daquela árvore.

Ian abriu um sorriso afetuoso sem mostrar os dentes.

– Caio, a sua mãe está em casa? – Ian perguntou. – É muito importante, preciso falar com ela.

– Ela está, sim. A cada dez segundos ela me espia da janela – Caio apontou para a janela do segundo andar, que era a do escritório. – Ela não queria que eu viesse pra rua, acho que por medo de eu fugir – Caio soltou uma risada tímida.

– Você pode chamar ela pra mim?

Antes que Caio pudesse responder, Ian avistou Estela de longe, marchando em direção à portaria, com o roupão voando, exibindo partes da calça de moletom e a regata justa no corpo. Tinha uma estampa com uma marca que ele não conhecia, mas que devia custar mais que suas melhores roupas de sair.

– O que você está fazendo aqui? – Estela perguntou com desprezo, ainda a metros de distância, como se estivesse conversando com o portão que separava os dois.

– Eu preciso falar com você, porque...

– Não se preocupe – ela o interrompeu e cruzou os braços –, você vai receber o depósito dos últimos dias que trabalhou para mim.

– Mãe – Caio tentou intervir –, ele não fez nada. Você não precisa...

– A última coisa que eu quero – Estela disse para o filho; sua boca tremia – é manter por perto o que pode te machucar. Levei doze anos para me sentir a pessoa que te traria segurança, e não a que faria mal a você. E sei por que você quis se esconder. O policial me falou sobre uma conversa que Ian disse que vocês

tiveram. Ele achava que aquela conversa poderia ter sido o motivo, e eu entendo você, agora eu entendo tudo.

Caio se encolheu, com vergonha..

– Tive muitos problemas depois que você nasceu – ela acariciou o ombro saudável de Caio –, tive medo de mim. Só piorei as coisas não estando próxima de você todos esses anos, mas tudo está mais claro agora – ela parou de falar, como se percebesse que Ian ainda estava ali.

A cada palavra de Estela, Ian se perguntava se sua decisão de ética duvidosa em participar do programa havia sido tão errada que agora estava sendo punido por isso.

– Preciso da sua ajuda – Ian jogou a frase rapidamente, envergonhado e com a voz falhando.

– Pra quê? – Estela parecia curiosa e indignada ao mesmo tempo, mas não o deixou responder. – Você não tem vergonha de vir pedir qualquer ajuda depois de ter quase causado uma tragédia? – ela apontou para o braço imobilizado de Caio. – Ele vai usar isso por um mês! Eu chamei você pra ensinar meu filho a jogar tênis e descobri que você ficava jogando videogame. Não quero você aqui. Nem acredito que estou aqui perdendo meu tempo.

– Não foi culpa dele... – Caio tentou protestar, mas foi interrompido por Estela.

– Vai pra dentro, Caio – o garoto obedeceu sem relutar. Andou a passos lentos na direção de casa. Parte pelo tornozelo, parte para tentar ouvir a conversa.

– Iris sofreu um acidente – Ian disse, com a voz mais baixa. – A gente não tem seguro e o carro dela foi destruído. A

princípio ela vai ficar internada por trinta dias, o que, junto com todos os procedimentos... é um custo muito alto, que eu não posso pagar. Você é a única pessoa que conheço que pode ajudar.

– Por que você está me contando isso? – ela soltou a frase numa bufada. – Mal conheço você e, do pouco que conheço, já sei que foi uma ideia péssima tê-lo colocado dentro da minha casa. Estou tentando livrar a minha cabeça de problemas agora – Estela relaxou os braços e colocou as mãos no bolso do roupão.

– Eu não queria pedir isso pra você porque sei que está brava comigo e entendo o porquê – ele disse, aproximando-se um pouco mais da grade. – Você a conhecia, você gostava dela, não gostava?

Ela balançou a cabeça com a boca aberta, como se não acreditasse no que Ian acabara de dizer.

– Não preciso passar por isso – Estela disse, pronunciando cada palavra lentamente, enquanto os olhos se enchiam de água.

Ian esperou que ela dissesse mais alguma coisa. Sentia que a conversa havia acabado, mas não toma ria nenhuma atitude até que ela dissesse claramente um "não". Naquele momento, sua esperança deveria se manter vigorosa como a certeza de respirar, afinal.

Estela juntou os braços como se abraçasse a si mesma, virou as costas e foi em direção à sua casa.

O porteiro não pôde evitar ouvir toda a conversa e perguntou a Ian por mais detalhes, solidarizando-se – querendo saber onde a irmã dele estava internada e de quanto ele precisava. Claramente ele não poderia ajudá-lo, mas seu apoio naquela hora foi positivo para o garoto.

Antes de sair, Ian colocou as mãos nos bolsos e sentiu a flor que havia pegado da roseira que a mãe havia plantado. A ideia era deixá-la com Iris no hospital, mas agora ela estava amassada demais, e algumas pétalas haviam se soltado.

20.

Gael levou Emília para casa após o encontro traumático que ela tivera com Ian naquela manhã. Depois de almoçar, ainda passaram algumas horas num café pouco movimentado, discutindo possibilidades e certificandose de que tudo seguiria conforme o combinado para a participação dos dois no *reality show*.

Ian com certeza contaria a verdade a Catarina para prejudicá-los, mas eles mostrariam um exame de gravidez falso, Emília negaria qualquer consulta e, com Rebeca desacreditada depois do ataque na formatura, Catarina também não daria mais ouvidos a ela.

– Qualquer coisa que a Catarina disser você me avisa – Gael advertiu, ajeitando uma mecha do cabelo de Emília atrás de sua orelha. – não responda a nada comprometedor antes de falar comigo. Nós vamos pensar juntos os melhores passos daqui pra frente, tudo bem? Emília concordou com a cabeça. Gael se ajeitou no banco do carro e levou o corpo para perto de Emília, dando-lhe um beijo de despedida demorado, que foi

interrompido pelo celular da garota. Ela se desvencilhou de Gael e sacou o celular com dificuldade do bolso apertado da calça jeans.

– Eu vou entrando – ela disse, encarando a fachada da confeitaria. – A gente se fala.

– Espera – Gael segurou o braço de Emília, impedindo que ela saltasse do caro. – Quem está ligando?

Ela olhou para a mão do namorado que a estava segurando e puxou o braço gentilmente. Após sair do automóvel, fechou a porta e se virou para responder através do vidro aberto.

– É a minha mãe – respondeu, encarando a tela do celular. – Eu não costumo sair de casa domingo nesse horário, ela provavelmente achava que eu estava dormindo até entrar no quarto e não encontrar ninguém. Agora deve estar dando três ataques.

– Ah, tudo bem – ele mandou um selinho no ar.

Emília retribuiu o gesto e atendeu o telefonema. Deu a volta no carro e chegou até a calçada.

– Lisa? – ela disse.

– O que foi que você fez?! – a amiga perguntou, com a voz desesperada.

Emília precisou manter uma expressão indiferente, acenando para Gael, até que o carro estivesse em uma distância segura o suficiente para ele não vê-la.

– Como assim o que fiz? Você está sabendo de alguma coisa? – Emília hesitou, sem saber se devia entrar na confeitaria naquele momento ou esperar a conversa terminar.

– A Catarina me ligou avisando que queria gravar um

depoimento comigo, que sou sua amiga, sobre a sua revelação! – Emília quase pôde visualizar lisa enrolando os cabelos com o dedo como fazia quando ficava nervosa. – E depois ela me contou tudo o que você fez e que o Ian não vai mais participar do programa. Por que você faria isso *agora*, logo depois do que aconteceu com ele? Isso é horrível.

– Não, eu pensei bem antes de tomar essa decisão. E o Ian não está mais tão abalado com o que aconteceu – Emília disse, referindo-se ao acidente de Caio. – Eu esperei que as coisas ficassem mais calmas, tá tudo bem.

– Mas a Catarina me disse que não está nada bem com ele – lisa estava brava. – E... Eu preciso conversar com você – ela respirou fundo. – sobre o Gael. Onde podemos nos ver agora?

Quando lisa chegou à confeitaria, Emília tentava disfarçar a tremedeira de nervoso. Os pensamentos sobre a possível ligação entre lisa e Gael rodeavam sua mente desde a reação da colega quando viu a foto dele em seu celular. Ela nunca dera muita bola para aquilo, talvez por medo do que pudesse significar.

Entretanto, com a intimação tão direta da amiga para falar sobre seu namorado, ela sabia que não poderia esperar boa coisa.

Lisa colocou a bolsa em cima de uma das mesas e abraçou Emília rapidamente. As duas estavam tensas e não trocaram nem um sorriso. Fora a primeira vez que aquilo acontecera, a amizade verdadeira e sem rodeios parecia estar voltando, como sempre fora.

– Nunca falei sobre isso pra ninguém – lisa começou, enquanto se sentava, deixando Emília perdida. – Mas preciso contar a você, para que você repense nas suas decisões e escolha a certa a ser tomada. Não consigo imaginar como você foi convencida a fazer isso com o Ian, logo agora. Então, se depois do que tenho pra te falar você ainda pensar da mesma forma, talvez devêssemos continuar nossa vida sem manter contato, como era antes de nos reencontrarmos.

Emília franziu o cenho.

– O que você quer dizer? – ela perguntou, com as duas mãos estendidas sobre o tampo de madeira.

Lisa olhou para as próprias mãos, como se esquecesse por alguns momentos que Emília esperava uma resposta sua. Ela piscou os olhos lentamente enquan to respirava fundo, parecendo querer ganhar tempo ou simplesmente evitar a conversa.

– Estou participando do *Novos Pais* sozinha porque o pai da criança não sabe que estou grávida. Quando fiz a entrevista para entrar no programa, a Catarina disse que tudo bem o pai não aparecer, que eles precisavam de tipos diferentes de mães adolescentes. Eu também não quero que ele saiba.

Emília percebeu que estava quase curvada de tensão sobre a mesa. Ajeitou a postura e coçou a cabeça com força, revirando o cabelo. Os braços também pinicavam – uma resposta do corpo para o medo de suas hipóteses serem verdadeiras.

– O Gael... ah, caramba... ele é o pai? – Emília soltou a frase, puxando uma respiração asmática de tensão a cada palavra.

Lisa levantou os olhos em direção a Emília e observou o

olhar abismado da amiga.

– Não – ela balançou a cabeça, certeira.

Emília mais uma vez se ajeitou na cadeira, sentia como se tivesse recebido uma dose de morfina depois de sofrer de uma dor por semanas.

– Mas sabe por que Gael ficou assustado quando soube que eu estava grávida? Porque... – a voz de lisa falhou antes que ela pudesse continuar a frase. Ela olhou ao redor, tentando mostrar aos seus olhos que eles não poderiam fazê-la chorar na frente de um monte de gente.

Emília manteve o olhar fixo na amiga, que se recompôs e voltou a falar:

– Nós fomos a uma mesma festa há cinco meses. Era uma festa da faculdade dele, logo antes do Carnaval.

– Vocês foram juntos? – Emília a interrompeu. – nós já estávamos namorando e eu não fui, acho que estava doente. Não lembro por que não fui, mas lembro dele falando dessa festa.

– Não, ele foi com os colegas. Eu fui com algumas amigas também – lisa respondeu. – A Cinthia, que estuda comigo, estava ficando com um dos amigos dele e apresentou todos nós. Estávamos em quatro e eles em seis. Em pouco tempo as outras meninas sumiram com dois dos rapazes, e Cinthia fez o mesmo com o colega do Gael. Restavam apenas o seu namorado e dois garotos. Um deles começou a conversar comigo.

“Ele era engraçado. Eu já havia bebido alguma coisa àquela altura, então pode ser que tenha tido aquela impressão por causa da bebida também. A gente se beijou e ele ficava chamado a atenção dos colegas. Provavelmente, assim como Gael, o outro

também era comprometido, então eu era como um prêmio que eles não teriam naquela noite.

“Me senti desconfortável por um momento, mas de alguma forma ainda estava me divertindo. Você sabe, garotos parecem ficar maduros apenas quando começam a ficar com os cabelos brancos.

“Depois disso ele me pagou algumas bebidas e a gente ficou dançando. Eu nem lembro tudo que tomei, mas com certeza tinha algum destilado no meio porque vomitei as tripas no dia seguinte. Quando ele avistou o Gael e o outro garoto de longe, que ficaram ao redor do bar, me deixou de lado sem explicar, e eu estranhei. Disse algo no ouvido dos dois e voltou sorridente, com a boca meio torta. Parecia tão bêbado quanto eu. Colocou o braço nas minhas costas e foi me levando para algum lugar, sem me contar até chegarmos lá.

“Nós entramos no banheiro e eu estava rindo e escorregando no piso molhado, que fedia a xixi. Provavelmente essas duas coisas tinham alguma relação. Vi alguns garotos que estavam no mictório e coloquei minha cabeça no peito dele, para tapar minha visão. Eu estava dormente demais para protestar, então comecei a rir e...”

Lisa tentava contar olhando nos olhos de Emília, mas não conseguia fazê-lo por mais de três segundos, voltando a desviar para o porta-guardanapos sobre a mesa. Emília, por sua vez, estava concentrada. Só se lembrava de respirar quando sentia os pulmões queimando por falta de oxigênio.

– E então aconteceu – lisa disse, com a voz falhando.

Emília engoliu a saliva, que desceu raspando na garganta

seca. O olhar perdido foi em direção à barriga da colega, que, diante das informações, parecia se anunciar como uma revelação soturna de uma história triste.

– Quando eu saí da cabine do banheiro – lisa disse –, depois de alguém ameaçar chamar o segurança, apenas Gael estava lá, quase que orgulhoso por ter vigiado a porta o tempo todo. O outro rapaz tinha ido embora, provavelmente desistiu quando comecei a gritar. Mas o Gael não. Eu saí de lá, mais uma vez, rindo, confusa. Eu não queria ter feito aquilo, nem rir nem o que tinha acontecido antes, só que me pareceu mais fácil rir com os outros garotos, que me viram dentro daquele banheiro e que faziam piadas, do que vê-los rindo de mim.

Emília também encarou o porta-guardanapos e se sentiu envergonhada. Um arrepio se formava em sua nuca a cada flash de pensamento que tinha, imaginando-se na situação da amiga.

– Mas... mas... – Emília gaguejou. – o que aconteceu com você foi horrível, e não estou querendo defender ninguém. Mas... o Gael não fez nada, fez? Não foi exatamente culpa dele – Emília o defendeu, ainda com dúvida e com as sobrancelhas arqueadas de pavor. – Foi?

A colega respirou fundo, como se já esperasse aquela reação de Emília.

– Tem um motivo para o cúmplice de um crime ser acusado da mesma forma que o autor – lisa disse. – E ninguém apoia um criminoso se não for capaz de fazer o mesmo que ele.

Emília balançou a cabeça em afirmativa, como se o movimento ajudasse as informações a irem se ajeitando em sua cabeça.

– E você não foi à polícia, não contou pra ninguém depois disso, pra que algo fosse feito?

– Eu não contei isso pra ninguém, e é por isso que meus pais acham que sou uma vadia – lisa disse.

– Você está bem com isso? – Emília perguntou, colocando uma mão sobre a da colega em cima da mesa. – Eu aposto que deve ser difícil.

– Quando penso no que aconteceu, é engraçado porque... – lisa abriu e fechou a boca algumas vezes, sem saber como continuar a frase – não me parece que foi grande coisa. Eu não saí de lá chorando ou querendo me matar. Eu cheguei em casa, comi um resto de panqueca de carne moída e tomei banho. No outro dia ainda senti como se estivesse suja, literalmente suja, e sinto isso até hoje.

"Na semana seguinte eu já tinha até esquecido, mas, quando descobri que estava grávida, foi quando tive um clique do que realmente tinha acontecido. Eu fiquei chocada. Não percebi de cara, mas, desde aquela noite, minha cabeça já tinha virado uma bagunça e eu já não era a mesma que havia passado pela porta daquele banheiro pela primeira vez."

Emília esticou o braço e acariciou o ombro da amiga.

– Eu lamento pelo que aconteceu – consolou a colega. – Mas você vai criar esse bebê quando ele nascer?

– Sim. Eu pensei muito e descobri que o que levou a minha confiança e segurança e uma parte do que eu era foram os poucos minutos naquele banheiro fedido, e não esse bebê. Quando eu passo a mão pela minha barriga antes de dormir e quando sinto ele se mexendo, meio que esqueço que não é

apenas meu. Porque na maior parte do tempo prefiro pensar que sim. Eu vou ficar bem. Aquilo eu não pude impedir, mas, daqui pra frente, a minha vida é o quanto a minha força de vontade acredita que eu posso fazer.

– Você está certa – Emília sorriu. – E eu lamento pelo que aconteceu. – Ela repetiu. Não sabia direito que conselho dar, se é que deveria dar algum ou até mesmo dizer alguma coisa. – Eu vou buscar uma bomba de chocolate – disse séria, antes de se dirigir ao balcão.

Ela voltou segurando dois pratos com um doce em cada um, enquanto a garçonete a ajudava trazendo dois copos de água gelada. Sentou-se à mesa, colocou os guardanapos para o lado e tascou uma mordida no doce, deixando um topete de chocolate no recheio cremoso. Lisa a acompanhou.

– Eu não vou mais participar disso com o Gael – Emília disse, antes de terminar de mastigar, como se a frase não pudesse esperar. – Talvez devesse tentar resolver os meus problemas com as armas que tenho, e não colocar nesse dinheiro toda a minha esperança.

– Você está dizendo que vai desistir de tudo? – lisa perguntou. Em seguida, tentou alcançar com a língua parte do recheio que ficou ao redor de sua boca.

– Eu não sei – Emília fechou os olhos com força, enrugando também o nariz. – Eu não sei o que fazer agora, com tantas informações novas.

– Você acha que Catarina aceitaria o Ian de volta no programa?

Emília parou por um instante, pousando sua bomba de

chocolate no prato e encarando lisa, como se ela estivesse ficando louca.

– Eu não sei se *eu* faria isso.

– Caramba, Emília. *Eu* estou prestes a dar o meu dinheiro do programa pra ele, e olha que preciso do meu dinheiro, e você não está nem aí?! – disse indignada. – o lance com a irmã dele é sério!

– Do que você está falando?

– Quando Catarina me ligou explicando o que tinha acontecido, perguntei como Ian tinha reagido. Ela me disse que ele não havia recebido a notícia muito bem, principalmente porque, com o acidente da irmã dele, ele precisaria de muito dinheiro para as cirurgias – Emília sentiu um arrepio na nuca e abriu a boca em espanto –, mas que não era para eu citar isso no depoimento que iríamos gravar. Óbvio que não aceitei gravar nada antes de falar com você.

Emília não fazia ideia do que havia acontecido. Lisa explicou os detalhes do acidente. Antes de ir até a confeitaria, ela havia pesquisado na internet e havia notícias em todos os jornais locais – afinal, o carro tinha caído de uma ponte!

Colocando as costas para trás para se apoiar na cadeira, Emília segurou os cabelos com as mãos, encarando o teto e soltando um grunhido. Cada fala de Ian sobre a irmã começou a ecoar na sua cabeça, fazendo-a ranger os dentes de raiva de si mesma. Iris era a úni ca pessoa que ele tinha, e ela havia ferrado com a vida dos dois. Seu subconsciente tentava colocar a culpa em Gael, mas ela não fora obrigada a fazer nada com uma arma apontada para sua cabeça. *Ela* havia feito aquilo com Ian.

– Eu sou um monstro – Emília espalmou as mãos no ar. – Eu o tirei do programa quando ele mais precisava do dinheiro. Eu sou um monstro!

Buscou o número de Ian na agenda do celular e tentou ligar, mas ele não atendeu. Depois do segundo to que, a chamada caía na caixa postal. Ele provavelmente estava recusando as chamadas de Emília.

– Sabe – lisa disse –, o Ian não foi nenhum santo em colocar você em toda essa roubada do *reality*, pelo que você me contou, mas...

– ...mas ele não me apunhalaria pelas costas dessa forma, não é? – Emília completou. – o problema é: depois de revelar que ele não é o pai, eu não posso fazer com que o Ian volte para o programa. Talvez eu pudesse participar sozinha, assim como você.

Lisa concordou com a cabeça, sem demonstrar muita confiança. Sem pensar muito, Emília fez outra busca na agenda do celular. Dessa vez, pelo número de Catarina.

– O que aconteceu? – Catarina atendeu, sem ao menos cumprimentar Emília. A garota estava caminhando para se tornar a protagonista daquela temporada, então seus telefonemas tinham prioridade.

Emília olhou assustada para lisa, indicando que a produtora havia atendido. Seu coração estava acelerado.

– É que eu não... não queria que o... posso participar sozinha do programa? Quero dizer, sem o Gael também?

– Quê?! – ela disparou, num tom agudo.

– Eu não quero aparecer no *Novos Pais* com o Gael – Emília

disse, com cautela, mantendo os olhos vidrados nos de lisa.

– O.k., o.k., o.k., o.k.... – Catarina começou o primeiro "o.k." rindo desacreditada e terminou como se estivesse bradando um xingamento. – o Gael ainda nem assinou a liberação de imagem e você quer que eu o tire, ainda por cima desperdiçando todas as cenas que envolvem ele? Nós já perdemos muito material diminuindo a participação do Ian, você está louca?

Catarina estava alterada, praticamente gritando do outro lado da linha. Emília preferiu ficar calada e ouvir o que a mulher tinha a dizer.

– Você entende que valeria mais a pena pra mim perder você e achar uma participante de última hora que aceitasse um cachê menor, arcando com os gastos das suas irresponsabilidades, do que continuar com você sozinha e excluir tudo o que a gente já gravou? Porque isso aqui não é brincadeira. Esse programa envolve patrocínios de milhões de reais! isso. Não. É. Brincadeira! – no final da frase Emília ouviu um estrondo, provavelmente porque Catarina havia batido com força em cima de uma mesa. Na melhor das hipóteses, deveria ser uma mesa. Emília não gostaria de estar perto da produtora naquele momento. – Você vai aparecer na primeira chamada do programa, que vai ao ar daqui a pouco. Você não é louca de fazer isso. E lembre-se sempre do valor da rescisão do seu contrato.

– Eu não posso fazer isso. Eu não posso fazer isso! – Emília repetiu. Da segunda vez, a voz de choro a impediu de completar a frase com a confiança que planejava. Tentou controlar o choro em vão, com a mão sobre a boca, e virou o rosto contra a parede para que ninguém percebesse. O choro deixou sua respiração

parecida com a de um maratonista em fim de prova. – Eu não estou grávida.

A voz da garota havia saído rouca e fina, como uma idosa que tivesse aspirado gás hélio. Mas o conteúdo de suas palavras havia chocado Catarina o suficiente para que não prestasse atenção naquilo. Lisa engoliu em seco.

– Ah, meu Deus – Catarina soltou num suspiro. – Ah, meu Deus... – repetiu, como se confirmasse pra si mesma que Emília não estava brincando.

O telefone ficou mudo. Quando Emília verificou, após alguns segundos, a produtora havia encerrado a ligação sem dizer mais nada.

Helena saiu da cozinha por alguns instantes para conferir os estoques nas bancadas e observar o movimento da loja. De longe, viu a filha conversando com uma colega. A primeira coisa que chamou sua atenção foi a barriga protuberante da outra garota, que *também* estava grávida. *Deus*, pensou, *elas andam em bando como ovelhas agora?*

Ela se posicionou atrás da bancada, esfregando um pano de qualquer jeito no vidro que já estava limpo, apenas para ver o que conseguia captar daquela conversa. Estreitou os olhos para observar melhor a garota. Helena não podia acreditar no que estava vendo – aquela garota sentada em frente à filha era sua amiguinha de infância.

Helena arremessou o pano na bancada atrás de si, onde

ficava a máquina de expresso, sem nem olhar a direção que tomou, e foi até a mesa em que as duas conversavam.

– Vocês aceitam mais alguma coisa? – Helena perguntou, conferindo os pratos vazios em cima da mesa. Ela subiu o olhar até lisa, indo de seu rosto para sua barriga em nanossegundos, deixando-a desconfortável.

– Não, mãe, a gente só quer conversar sozinhas – Emília respondeu.

– É sobre algum segredo que eu não possa saber? *Mais* segredos que eu não possa saber?

– Você se vê na obrigação de ouvir a conversa de todos os seus clientes? – Emília falou alto demais de propósito, fazendo com que algumas pessoas que ocupavam as mesas ao lado se virassem em sua direção. – Eu só estou conversando com uma amiga.

– É assim que você fala comigo agora? – Helena disse, cochichando. Se não estivesse em ambiente de trabalho, o tom seria bem diferente. – Você acha que tem razão de querer conversar comigo assim?

Emília revirou os olhos.

– Você vai me fazer sair daqui para ter uma conversa em paz? – Emília perguntou, incomodada.

Lisa permaneceu em silêncio. Ela tinha poucas memórias de Helena. Na maioria das vezes, ela não implicava muito com as duas enquanto brincavam em sua casa. Ela se intrometia apenas quando elas quebravam algo ou quando tinham alguma ideia mirabolante, como costurar roupas de bonecas usando sua máquina, que perfurava o tecido dez vezes por segundo com

uma agulha afiada – algo que definitivamente não era uma boa ideia para crianças de oito anos.

– Eu só vim aqui porque... qual o seu nome? – ela se voltou para lisa.

– Elisa – ela respondeu.

– Exatamente! Você e a Emília eram amiguinhas, vocês brincavam juntas, eu lembro – ela disse, parecendo quase empolgada. Voltou seu olhar para a barriga da garota, girando a cabeça numa expressão de pena. – Você também? O que aconteceu, meu Deus?

Sua voz falhou no meio, e ela foi em direção ao banheiro, o avental voando com a pressa com que andava, parecendo abalada. Lisa agradeceu por a pergunta ter sido retórica.

Desde que Gael contara a Helena sobre a "gravidez" de Emília, elas mal se falavam. Quando a raiva passou e ela começou a tentar se acostumar com a ideia, perguntou algumas vezes sobre sintomas e se a filha queria ser levada a um médico para o pré-natal. Emília sempre se esquivava, dando respostas curtas e genéricas antes de se proteger no quarto, com as portas trancadas e um fone de ouvido.

Helena já não oferecia os testes de doces novos para a filha. O último havia sido o *brownie* branco, que estava indo bem nas vendas, embora o preto continuasse sendo o mais pedido. Emília estava acostumada com esse "castigo" quando as duas brigavam mais feio, era meio que a forma da mãe de fazer uma birra. Só que agora também poderia ser porque ela não queria a filha grávida se empanturrando de doces.

Quando voltou para dentro da cozinha, nenhuma das

mulheres que trabalhavam lá notou qualquer coisa diferente em Helena. Ela não havia chorado muito, mas assoara o nariz algumas vezes, o que provavelmente o deixara vermelho.

Ela flexionou levemente o joelho para conferir o andamento de um mil-folhas de doce de leite. A TV, como sempre ligada em um volume alto o suficiente para que todas pudessem ouvir, fez com que Helena se virasse para o aparelho num pulo. Ela havia reconhecido aquela voz.

Meu Deus, nós estamos aqui porque têm dois bebês saindo de dentro da Rosa! – A voz de Emília vinda da TV fez com que todas ficassem paralisadas. Provavelmente teriam achado aquela frase, que Emília falara durante o nascimento dos bebês de Rosa, engraçada... se não fosse a filha de dezessete anos da patroa falando de sua própria gravidez na TV.

Aqueles foram os únicos segundos em que ela apareceu na chamada, logo substituída por uma propaganda de colchões. Todas permaneceram perplexas mesmo depois de começar a propaganda sobre remédio para azia e depois sobre vacinação infantil e sobre o novo perfume da Britney spears e sobre a promoção de carne extra do McDonald's.

– Aquela era a Emília? – nica quebrou o silêncio, desacreditando sua visão e audição comprometidas pela idade.

Cássia puxou uma cadeira para que Helena se sentasse. Ela parecia um pouco zonza. O calor dos fornos dentro da cozinha só contribuía para seu mal-estar. Para ajudar, Guta pegou uma fôrma comprida para abanar a mulher.

– Ela está grávida? – a mãe de Guta perguntou, tímida.

Helena balançou a cabeça afirmativamente.

– E eu vou acabar com essa atentada – completou.

– Não diz isso, Helena – Cássia defendeu Emília. – Uma criança é um presente de Deus. Ter um bebê nessa idade vai deixar a Emília mais responsável, e ela e a criança serão tão unidas quando ela crescer... Vai ser ótimo.

– Isso acontece, minha querida – a mais velha falou. – Não é porque ela engravidou que não é boa moça. Ela é de boa família, vai ficar tudo bem.

Se sua anatomia permitisse, os olhos de Guta teriam revirado dando duas voltas inteiras pela cavidade ocular. Havia exatos dois meses ela ouvira que todas as adolescentes daquele programa eram sem-vergonha e não tinham recebido educação em casa.

– Eu sabia que ela estava grávida – Helena fez uma pausa para tomar um gole da água que Cássia lhe serviu.– Só não sabia disso, dessa droga de programa. A burrice dessa garota ainda me surpreende! – disse, raivosa. Recordando-se de repente de que a culpada de tudo aquilo estava logo atrás da porta, Helena se levantou bufando e marchou em direção à saída. Parou a dois metros da mesa em que Emília e lisa estavam e disse:

– Sobe – sem esperar a resposta, subiu as escadas em direção a sua casa.

Emília se despediu da amiga com um abraço demorado, como um amparo, depois de saber tudo o que ela havia passado. Lisa estava apreensiva por Emília, não sabia o que a sua revelação para Catarina poderia causar. Emília, por sua vez, estava morrendo de medo, sem saber exatamente o que as cláusulas do contrato diziam em relação àquilo.

Ela subiu as escadas logo após a mãe, preocupada. Se fosse apenas para voltar ao assunto da gravidez, Helena não teria hesitado em fazer isso no meio da confeitaria.

Quando entrou em casa, viu a mãe em frente ao sofá, em pé, voltada para a porta. Se a mulher tivesse os mesmos poderes do superman, a maçaneta de ferro já estaria pelando num laranja cintilante com seu olhar voltado para ela. E, claro, não sobraria Emília para contar história assim que entrasse porta adentro.

A garota se aproximou da mãe com cautela.

– Você está participando daquela droga do *Novos Pais*? – a mãe perguntou, sem fôlego.

Não seria mentira se dissesse que não, já que, depois da revelação que fez a Catarina, o mínimo que aconteceria seria sua expulsão do programa. Resolveu ser sincera com a mãe e acabar com todas as mentiras de uma vez por todas.

– Eu não tô grávida. Nunca estive. Fingi essa gravidez para participar do programa e com o dinheiro ir para longe dessa casa – os olhos de Emília voltaram a se encher de lágrimas. – Ter uma simples conversa é tão problemático por aqui, talvez dar um tempo desse lugar nos ajudasse.

Helena franziu o cenho e deixou o peso do corpo cair no sofá atrás de si. Juntou as duas mãos fechadas, colocou-as em frente aos lábios e fechou também os olhos, deixando uma lágrima escorrer. Emília sentiu um aperto no coração.

– Eu me sinto... horrível... ouvindo isso – a cabeça de Helena pendeu de um lado para o outro enquanto ela falava. – E não é sua culpa, eu sei que nem é para me machucar que você diz isso. Quando seu irmão saiu para fazer faculdade, foi pelo

mesmo motivo, mas ele não teve coragem de me contar.

Emília se sentou do lado da mãe e a encarou.

– Eu só queria que... – Emília hesitou para continuar – a gente fosse amigas. Isso pode parecer engraçado pra você, mas esse era tipo o meu sonho, sabe? E talvez eu quisesse tanto que isso fosse real justamente por parecer tão distante.

– Eu sou sua mãe – ela respondeu com a voz macia, como se fosse algo óbvio – e eu não sei fazer isso de outra forma. Foi assim que aprendi, e você é parte de mim.

– Não, eu não sou, mãe – Emília respondeu, achando quase engraçado a mãe confirmar pela primeira vez aquele pensamento de que ela sempre desconfiara. – Você me fez, mas eu não pertenço a você pra sempre, entende?

– Por enquanto você pertence – Helena disse, quase num tom acusatório. Percebeu o que havia acabado de fazer e continuou numa voz mais branda. – Talvez, quando você crescer mais, a gente possa ser amigas, eu não sei. Mas eu preciso criar você.

– Eu já cresci, mãe – Emília ameaçou um sorriso de canto de lábio mais gentil. – Talvez você possa começar a tentar agora.

E então colocou sua cabeça no ombro da mãe e, pelos dois minutos em que permaneceram assim, elas não discutiram. Ainda tinham muito que falar, então Helena jurou que tentaria começar esse cessar-fogo no dia seguinte, depois que Emília ouvisse o suficiente sobre quão terrível e mesquinho foi mentir sobre algo tão sério.

Mas a garota já se sentia muito melhor. Nunca havia chegado tão perto de fazer as coisas darem certo.

21.

Emília entrou na recepção gelada do hospital por volta das 6 horas da tarde. Aquele dia estava sendo longo – desde a revelação de seu "segredo" com Gael naquela manhã, não conseguira contato com Ian. Mesmo após descobrir sobre o acidente de Iris durante a conversa com lisa mais tarde.

Num rastro, ela foi em direção ao balcão para saber mais informações sobre iris. O local estava muito mais movimentado do que da última vez em que estivera ali. Desta vez quem atendia era um homem esguio e com o rosto anguloso que fazia movimentos excessivos com a cabeça enquanto conversava com um casal de idosos.

Esperando para ser atendida, ela se virou e escorou as costas no vidro da recepção. Seu olhar encontrou Ian como um ímã. Ele estava sentado numa poltrona, com a coluna torta numa posição que não parecia confortável. Tinha um cotovelo no encosto de braço e a cabeça escorada na mão com punho fechado, tirando um cochilo.

Enquanto seguia em direção ao colega, Emília ficou

preocupada com a gravidade do acidente. Sabia que era horário de visita porque o segurança do hospital estava em frente à porta dos quartos e ela estava aberta – em geral ele ficava sentado num banco ao lado controlando apenas a entrada de acompanhantes e a porta permanecia fechada. Se Ian não podia visitar iris, significava que ela ainda não estava no quarto.

Um homem de cinquenta e poucos anos, de terno, que se sentava ao lado de Ian e observava a porta da rua, enquanto batucava com o sapato no chão, se voltou para Emília quando viu que ela encarava o garoto e mordia a unha do dedo polegar. A garota não sabia se o acordava ou esperava.

– Você quer... – o homem disse, apontando para o seu assento, enquanto levantava e buscava por outra poltrona, sem esperar que Emília respondesse. Ela agradeceu com um aceno de cabeça.

Assim que se sentou, conseguiu ver mais de perto o rosto de Ian. Seus cílios compridos estavam molhados. Ela desviou o olhar e respirou fundo, pensando que ela tinha estragado tudo.

Ian se ajeitou na cadeira, e levou a visão imediatamente para um relógio que ficava na parede bem na frente dos dois. Provavelmente esperava notícias que o médico havia prometido em algum horário específico, Emília pensou.

Ian não a viu de imediato, e ela permaneceu calada, examinando-o e esperando algum contato visual. O rapaz manteve o olhar no chão como se acompanhasse um inseto passeando pelo piso de vinil.

Emília colocou a mão em cima da perna de Ian, e ele girou a cabeça rapidamente em direção à garota.

– Me desculpa por hoje de manhã – a voz de Emília saiu num sussurro quando viu o nariz e os olhos do garoto vermelhos de choro, e aquilo cortou seu coração. – Desculpa, desculpa, desculpa. Eu não sabia. Desculpa. Você conseguiu o dinheiro?

Ian balançou a cabeça negativamente. Ele esticou as pernas e cruzou os pés, obrigando Emília a recolher a mão, que ainda pousava em sua coxa.

– O namorado da minha irmã saiu, disse que iria tentar alguma coisa – ele disse sério, sem olhar para Emília. – ia falar com os pais. Mas ele sabe que eles também não têm essa grana.

– Eu conversei com a minha mãe. Ela tem alguma coisa no banco e disse que, se o dinheiro for reposto nos próximos meses, pode tirar algo do caixa da empresa. De quanto você precisa?

Ian disse o valor, já cansado daqueles números que o assombravam. Emília arregalou os olhos.

– Ah, caramba! Bom, posso falar com ela – ela abriu um sorriso amarelo, tentando passar para Ian uma esperança que ela mesma não sabia se tinha. – Ei, ela pode também conseguir um empréstimo. O crédito da minha mãe deve ser grande por causa da confeitaria. Você não precisa se preocupar, vai dar certo.

– Obrigado – Ian disse. Ele fez uma pausa, analisando se valia a pena dizer o que estava pensando. – Mas, sinceramente, você me assusta agora. Eu já estou tão ferrado para precisar lidar com você. Se aceitar, vou ter medo de um dia amanhecer com a minha casa pegando fogo porque você decidiu que de repente não confia mais em mim.

– Eu não sou uma pessoa ruim ou com más intenções –

Emília se defendeu, com a mão sobre o peito. – É que conhecia o Gael há tantos anos e conheço você há tão pouco tempo. Ele me convenceu de que essa história de programa de TV parecia tão maluca. Você nem me conhecia quando me colocou nessa.

– A gente se via todo dia na aula – Ian a olhou nos olhos. – E você continuava na minha cabeça mesmo quando eu, ou você, não estava na escola.

Emília não entendeu direito. Geralmente ao falar uma frase dessas ele estaria brincando. A garota observou a expressão de Ian, que permaneceu séria, e ela decidiu não reagir.

– Eu realmente acreditei que fosse acabar muito mal pra mim – ela continuou, como se Ian não tivesse dito nada – e sentia que você sabia alguma coisa que eu não sabia. Eu sempre acredito nas pessoas, mas, quando o Gael me alertou de que você poderia estar planejando alguma coisa, preferi acreditar *nele* e me proteger.

Ian balançou a cabeça com o rosto ainda franzido.

– Ótimo. Não sei o que você quer que eu diga ou o que veio fazer aqui. Você quer que te desculpe para se sentir melhor? Porque isso não vai mudar nada pra mim.

– Eu contei para a Catarina que não estou grávida. Ian a encarou. Sua expressão permanecia a mesma, mas era possível ver, pelos seus olhos, que estava atônito.

– O que ela disse?

– Eu não sei – Emília respondeu, tirando o cabelo do rosto –, ela desligou em seguida. Estou com medo, não queria piorar ainda mais as coisas pra você.

Ian bufou, soltando um riso de desdém, como se ela *pudesse*

piorar ainda mais as coisas.

– Posso ficar aqui com você, por um tempo? – Emília perguntou. O rapaz não respondeu e voltou à posição em que estava quando ela chegou, com o rosto apoiado no punho, e fechou os olhos, que ardiam depois de uma noite sem dormir.

Por alguns momentos Ian até conseguiu esquecer que Emília estava do seu lado. Porém começava a se sentir fraco, já que tinha comido apenas um salgadinho da máquina automática do hospital naquela madrugada e já estava ficando escuro de novo.

– Vou comer na lanchonete aqui do lado – ele disse, sem dar a entender se era um convite.

– Vou com você – Emília disse. Ela estava do lado do colega não apenas por pena ou porque se sentia culpada, mas porque imaginou que seria bom para ele ter algum conhecido por perto enquanto aguardava notícias. Assim que Leo voltasse, ela retornaria para casa.

Os dois se levantaram ao mesmo tempo que o salto de Estela se chocou contra o chão do hall. O movimento dos dois chamou a atenção da mulher, que mudou imediatamente sua rota, seguindo em direção a Ian.

O rapaz demorou alguns segundos para reconhecer Estela porque jamais imaginava que ela pudesse aparecer por ali.

– Como vai a iris? – ela perguntou.

– O médico disse que ela está estável, mas ainda não acordou – Ian começou a explicar, desconfiado. – Eles já

iniciaram o processo para retirá-la da sedação. Na verdade, ela já deveria ter acordado, mas o médico disse que isso era imprevisível, e ela poderia acordar a qualquer momento agora. Ele vai trazer notícias antes das 8 horas de novo – Ian explicou. – Caio não veio?

– Eu não deixei. Ele passou tempo o suficiente dentro de um hospital nesses últimos dias. Mas ele me convenceu a repensar nisso tudo – Estela permaneceu séria como se não tivesse sido convencida, e sim obrigada. – Mesmo que eu não esteja nem um pouco feliz pelo braço quebrado do meu filho, fiquei feliz pelo coração generoso dele.

Ela revisou a bolsa e retirou de lá um envelope, que entregou a Ian.

– Esse é o pagamento pela organização do evento da nossa linha de pizzas – Estela avisou. – Tem um pouquinho a mais, um bônus, pelo bom trabalho da iris. E vocês vão precisar, caso ela tenha que tirar um tempo sem trabalhar.

Ian pegou o cheque sem pensar duas vezes, engolindo qualquer sentimento de orgulho que pudesse lhe acometer naquela hora.

Emília assistia àquela cena de canto. A cada palavra de Estela ela se sentia um pouco mais leve, podia respirar melhor, e era como se seu coração, que se transformara em um pedaço de carne inútil, voltasse a bater.

– Muito, muito obrigado, Estela – Ian checou o valor com o canto do olho. Era exatamente o valor de que precisava, e certamente muito mais do que ela devia a iris. Ele estranhou por um instante a precisão, e então se recordou do papo que tivera

com o porteiro, quando lhe contara tudo sobre o acidente. – Eu... Caramba... Obrigado! Mesmo! E perdão se fiz alguma coisa que...

– Não – ela interrompeu –, você não precisa se desculpar. Eu não iria conseguir dormir esta noite se não fizesse algo. Tudo bem que, por sua culpa, o meu filho quebrou um braço e está manco, mas... eu não sei, às vezes o pior que pode te acontecer é nunca acontecer nada.

Ian olhou para o cheque e percebeu que o alisava sem querer.

– Não acho que a minha irmã vá estar em condições de participar do seu evento, mas prometo pagar o que você está nos emprestando – Ian desviou o olhar, envergonhado. – não sei exatamente quando, mas vou pagar tudo.

– Como disse, gostei do trabalho da sua irmã, e não é um empréstimo – Estela disse. – Entrei em contato com a Rafaela, que já trabalhou com a sua irmã algumas vezes e a ajudou de perto nesse projeto como assistente. Ela conhece o procedimento.

Ian balançou a cabeça, concordando com um sorriso tímido, e limpou com as costas da mão o nariz, que escorria.

– Vou poder voltar a dar aulas para o Caio?

Ela encarou o rapaz sem dizer nada por alguns instantes.

– Não acho que seja uma boa ideia – finalmente dis se, esfregando os dedos pela alça de sua bolsa. – Quan do ele ficar melhor, vou levá-lo para as aulas de tênis do clube. Vocês podem conversar por lá se quiser. Ele disse que vocês eram amigos, então vai ser bom pra ele ter um amigo por lá.

– Vai ser ótimo pra ele – Ian disse. Era estranha a ideia de

que não frequentaria mais a casa de Caio, e a perda do emprego o assustava, ainda mais naquele momento. Mas, quando a irmã estivesse melhor, e se o evento de Estela fosse um sucesso, surgiriam várias oportunidades de trabalho para a irmã. Ele não poderia perder toda a esperança, afinal. – E obrigado, de novo.

Ian levantou o cheque e pediu licença para confirmar o pagamento no balcão do hospital, quase com medo de que aquele papel criasse pernas e fugisse.

As últimas doze horas haviam sido uma montanha-russa. Sentia uma euforia enorme só de imaginar a ligação que faria a Leo avisando-o de que ele poderia descansar – estava tudo resolvido.

Agora só precisava da notícia dos médicos para poder relaxar o suficiente e dormir por algumas horas para recarregar as energias.

– Vai ficar tudo bem – Estela consolou Ian com um sorriso gentil, como se aquele gesto tivesse feito bem para si mesma também.

22.

O prédio da emissora que exibia o *Novos Pais* tinha um andar dedicado apenas à produção de *reality shows*. Talvez fosse o andar mais caótico – um espaço amplo com mesas compartilhadas por algo em torno de vinte e cinco pessoas. Havia duas salas de reuniões com paredes de vidro e mesas enormes, que, junto com as cadeiras estofadas, eram os únicos móveis da sala.

Enquanto seguia a recepcionista apressada ao lado de Ian, Emília observava as portas dispostas ao redor da área de mesas compartilhadas, cada uma com o nome de um programa. Uma delas era do *reality* de um cantor famoso, que a fez virar o pescoço como em uma cena d'*O Exorcista*. Por um momento ficou empolgada com a possibilidade de conhecê-lo, mas era improvável que ele estivesse de fato atrás daquela porta. Aqueles eram os escritórios particulares dos *showrunners* – os produtores responsáveis, como Catarina era, por comandar cada um daqueles programas.

Ian também parecia curioso, observando os funcionários

atendendo telefones e escrevendo, com fones de ouvido nas orelhas para evitar distrações. Os dois não poderiam perder a recepcionista de vista ou nunca mais se encontrariam por ali. Ela não olhava para trás enquanto caminhava.

– Aqui está – a mulher bateu na porta com força, seus cabelos curtos e lisos balançaram. – A Catarina sabe que vocês estão aqui. Caso ela demore muito, vocês podem se sentar – apontou para um banco minimalista de madeira encostado na parede.

Ian agradeceu, e a mulher saiu tão rapidamente quanto tinha chegado.

– Pode entrar – a voz abafada de Catarina veio de dentro da sala, menos de um minuto depois.

Os dois colegas ficaram em dúvida se tinham ouvido direito por causa do barulho do escritório. Ian, que es tava mais próximo da porta, decidiu entrar, mas deu três batidinhas enquanto o fazia para garantir.

A produtora digitava em um *notebook* quando eles se aproximaram de sua mesa com cautela. O escritório dela era iluminado por uma grande janela de vidro, que ia da metade da parede até o teto de um lado a outro da sala. Ao lado da mesa havia uma estante com algumas pastas de arquivos e, na outra parede, um quadro branco enorme com anotações e *post-its* grudados.

Ela parou de digitar e levantou a cabeça em direção aos dois. Ian sentiu como se aquilo tivesse acontecido em câmera lenta, mas talvez tivesse sido apenas o medo do que poderia acontecer aos dois naquela reunião. Era a primeira vez que se viam desde

que a gravidez falsa de Emília havia sido revelada.

Catarina havia ligado três vezes para os dois na semana que sucedera a revelação. Eles contaram todos os detalhes. Não havia mais segredos entre os dois e a produtora. O convite – que soou mais como uma ordem – para que os dois fossem até o prédio da emissora aconteceu sem muitos detalhes. Ian e Emília imaginavam que saberiam as consequências que sofreriam naquela manhã. A sensação não era das melhores.

– Quando ouvi que você não estava grávida – Catarina disse, juntando as mãos no ar com os cotovelos apoiados na mesa –, eu quis te matar. Eu juro! Minha *carreira* poderia acabar – ela se levantou da mesa e foi para o lado contrário da sala, obrigando os dois a virarem suas cadeiras giratórias. A coisa parecia estar ficando séria. – Como que eu poderia deixar passar uma participante que não estava grávida depois quatro temporadas? Até o Rômulo mentiu pra mim.

Emília franziu o cenho, tentando entender a quem ela se referia. Então se recordou do médico que a havia atendido.

– Ah, o dr. Rômulo? Ele... não contou nada para você? – Emília perguntou, quebrando o monólogo de Catarina.

A produtora riu.

– Ele contou até pra você que sabia que você não estava grávida? – a produtora passou a mão pelo cabelo num gesto rápido para ajeitá-lo, mas apenas fez com que alguns fios ficassem fora do lugar. – A primeira pessoa com quem fui conversar quando descobri foi com ele. Aquele desgraçado!

Ian e Emília trocaram um olhar surpreso.

– Ele vai manter o patrocínio? – Ian perguntou. – Eu me

lembro de você falando sobre isso quando fomos ao consultório. Ele ficou bravo?

– O mínimo que ele tem de fazer é continuar patrocinando esse programa. E se eu fiquei brava com ele? Fiquei. Como vocês já sabem – ela verificou se o sofá do canto do escritório estava atrás de si, e se lançou contra o estofado –, quase perdi tudo o que conquistei na minha carreira e, por causa de vocês, o nosso namoro acabou também.

– Você namora o dr. Rômulo? – Emília perguntou.

– Namorava. E ele não me disse nada só para conseguir ferrar com o outro médico – ela balançou a cabeça enquanto retirava o casaco. – Todos nós temos nossas prioridades, e a dele era essa. É bom que ele fique feliz com a clínica bem-sucedida dele sozinho.

Ian arregalou os olhos. Ela falava como se estivesse bem com tudo aquilo, mesmo que fizesse apenas uma semana. *É assim que pessoas maduras se comportam ou ela já planejou uma vingança terrível*, Ian pensou.

– Me desculpe – Ian disse –, não pensei que isso prejudicaria você.

– É difícil nunca prejudicar ninguém. Para realizar os seus planos, os de alguém deixam de acontecer, mas... sempre que puder, você precisa tentar minimizar os danos – Catarina falou, como se recordasse seus próprios problemas.

A mulher voltou a se sentar em sua cadeira, inquieta.

– Por causa do que vocês fizeram, precisei fazer uma reunião com os executivos. Vocês têm noção do que é isso? – Catarina disse, apontando o dedo indicador para a própria

cabeça. – Eu quase me caguei. Depois, *eles* precisaram fazer uma reunião com os anunciantes, e novamente eu me caguei, e os executivos também se cagaram.

Enquanto ela falava, Ian começou a imaginar a cena dos executivos da emissora, que lidavam com milhões de reais de investimentos, desesperados por causa dele, que na vida só chegara a ganhar, de Estela, um salário que não pagaria nem um par de meias de um daqueles engravatados. Naquele momento ele já havia entendido a magnitude do problema.

– O que vocês decidiram? – Ian perguntou, com medo.

Tanto Ian quanto Emília haviam lido tanto suas cópias do contrato nos últimos dias que praticamente poderiam recitá-los de olhos fechados. Não havia nada sobre mentir – provavelmente Catarina pediria que essa cláusula fosse adicionada no futuro –, mas o descumprimento das regras resultaria em uma multa de 50% do valor do cachê, mesmo as imagens sendo usadas normalmente. Eles também poderiam ser processados por falsificar assinaturas e por causar prejuízos à emissora. Portanto, se saíssem daquela situação sem receber nada, mas sem um processo, já era de bom tamanho. Porém os dois não acreditavam que aquilo pudesse acontecer.

Catarina relaxou as costas sobre a cadeira estofada e colocou as mãos no encosto, analisando a expressão dos dois. Parecia estar aproveitando aquele momento, como se se alimentasse de ansiedade e nervosismo.

– Nós pensamos em manter vocês no programa e, com apoio dos patrocinadores, acobertar a sua mentira, mas... quem poderia garantir que vocês manteriam segredo se recebessem

milhões de outra emissora para revelar esse segredo e acabar com a reputação desse programa e dos anunciantes?

– Por que vocês levaram essa história para os anunciantes, então? – Emília rebateu. – não era melhor resolver isso entre vocês?

– Porque vocês eram a minha aposta para essa edição, caramba! – Catarina se alterou. – E você apareceu na chamada que fizemos na TV, e vocês foram um dos casais que apareceram no *preview* desta temporada, que mostramos para todos os patrocinadores! – ela disse, sem parar para tomar fôlego. – simplesmente por isso. Não poderíamos simplesmente sumir com vocês de repente.

– A gente ferrou com os patrocínios do programa? – Ian perguntou. Aparentemente ele era a pessoa menos exaltada daquela sala, mesmo estando longe de estar calmo.

Catarina passou o dedo por dentro da gola da camisa de algodão, parecendo agoniada.

– A segunda opção, e a mais óbvia, era apenas explicar o que aconteceu aos anunciantes e avisá-los de que iríamos retirá-los do programa – ela disse. Ian e Emília não esboçaram nenhuma reação, sabiam que, dos males, aquele seria o menor. – Mas os anunciantes protestaram. Quando você trabalha com publicidade, precisa estar preparado para todo tipo de loucura – Catarina disse, aproximando-se mais dos dois, curvando-se por cima da mesa. – o que aconteceu é que eles amaram a ideia de ter uma menina que não esteja grávida participando do programa.

Emília e Ian ficaram sem reação por alguns segundos. Em

partes porque a expressão de Catarina não entregava se ela estava feliz ou não com aquela situação.

– Isso é... ótimo, não é? – Emília disse para si mesma, enquanto trocava um olhar de cumplicidade com Ian, esperando que Catarina respondesse.

– Nós vamos fingir que essa ideia foi da produção o tempo todo e que você e Ian são apenas atores – a produtora disse, parecendo estar entediada. – "Fizemos" isso pra vocês contarem depois como é conviver com outros adolescentes que estão esperando filhos.

– Nós vamos receber o dinheiro, então? – Emília perguntou.

– Sim – Catarina respondeu num suspiro –, o contrato permanece o mesmo.

– E quanto ao Gael?

Catarina estreitou os olhos como um felino pronto para pular por cima da mesa e atacar Emília.

– Você, por favor, não cite o nome desse seu namorado no programa. Eu nem o coloquei em jogo durante aquela reunião. Inclusive, deletei todos os arquivos em que ele aparece – ela disse entredentes. Então falou pra si mesma: – o que não era necessário ter feito, mas eu estava brava. – levantou a cabeça, ajeitando os cabelos.

– E, além do mais, eu nem conseguiria explicar a eles a bagunça que vocês fizeram com o meu programa.

Ian não fez pergunta alguma, apenas observou a conversa entre as duas. Não tinha a menor vontade de continuar no programa com Emília, mas não poderia negar que as coisas acontecendo daquela forma eram melhores do que ele jamais

pudera imaginar.

Mesmo a garota estando todos os dias com ele no hospital, enquanto acompanhava a irmã, eles mal conversavam. Ela não confiou nele, mas era nesse momento que estava se mostrando uma grande companheira. E Ian não poderia negar, só a presença de Emília era de alguma forma agradável.

Emília tinha um olho em seu pão de queijo e outro nas mesas ao redor da sua no café do prédio da emissora. As chances de encontrar algum famoso naquele local eram as segundas maiores do país – ficando logo atrás da sala de embarque da ponte aérea.

– Agora que o nosso trabalho vai incluir dar depoimentos – ela disse para Ian, que a acompanhava tomando um café –, dizendo o que pensamos de cada participante, posso acabar com a Rebeca... mas eu não vou, claro, porque sou uma boa pessoa. Mas as coisas acabaram se desenrolando muito bem, não é? Lembra quando a gente conversava, lá no começo dessa loucura toda, sem fazer a menor ideia do que ia acontecer?

O rapaz a encarou, recapitulando rapidamente tudo o que havia acontecido nos últimos meses. Por mais que as coisas tivessem acabado bem, a última semana havia sido a pior de sua vida.

– Err, perdão – Emília disse, percebendo a própria gafe. – Mas a sua irmã está se recuperando bem, é isso que importa. E nós vamos ter muito dinheiro, e você vai poder investir na

empresa dela...

– É, na verdade ela tem mais alguns meses até se recuperar completamente. Eu ainda não consigo, cem por cento, ver isso tudo, inclusive esse acidente, como uma coisa positiva. Mas sei lá, acho que coisas desse tipo precisam acontecer – Ian disse, balançando seu assado de frango no ar enquanto gesticulava. – só me preocupa nesse acidente... o que aconteceu com o bebê... e de que forma isso vai impactar na vida dela. Ela já passou por muita coisa.

– Você vai estar lá, o amor cura – Emília disse, inspirada. Quando viu que Ian pareceu achar aquilo meio estranho, completou: – Você nunca viu *Frozen*?

Ian não conseguiu segurar o riso.

– Eu sou a Anna, então?

Mordendo a ponta da língua, Emília balançou a cabeça afirmativamente enquanto ria também, imaginando Ian com duas tranças ruivas escorrendo pelos ombros.

O rapaz hesitou por alguns instantes em perguntar a Emília sobre Gael. Quando percebeu que Ian queria dizer algo, a garota o encarou até que ele abrisse a boca.

– Você e o Gael – Ian gesticulou com a xícara de café na mão, derrubando alguns pingos da bebida na mesa – vocês ainda... estão juntos?

– Não – Emília respondeu, encarando seu copo de suco de goiaba. – sabe quando você vê uma palavra que nunca tinha visto antes e de repente parece que ela aparece em todos os lugares? Todas as vezes que conversei com Gael, depois de saber que... – ela não havia contado a Ian sobre lisa e provavelmente

não contaria, em respeito à amiga. – Enfim, depois que isso tudo aconteceu, toda vez que falei com o Gael, os defeitos dele me incomodaram como um ventilador barulhento. Não consigo sentir nada além de repulsa.

– Isso significa que você não está mais apaixonada. Você não o vê mais através daquele filtro mágico, que torna a pessoa perfeita – Ian fez uma pausa. – Mas ele é realmente um babaca.

– Olha, desculpa mesmo – Emília fez um carinho desajeitado na mão de Ian sobre a mesa. – Você nunca escondeu nada de mim, não é? Eu errei. Fui uma idiota. Ian a encarou. Os olhos dos dois se encontraram e nenhum dois desviou. Passaram-se três segundos, cinco, dez... E aquilo parecia certo.

– Eu posso não ter contado que – Ian passou da cadeira em frente à de Emília para a que estava ao seu lado, e o coração de Emília começou a bombear o sangue com mais força – tem um motivo para o seu nome ter sido o primeiro a vir à minha cabeça para esse programa. Mesmo se você não tivesse faltado naquele dia na escola, o seu nome ainda seria o que viria à minha cabeça primeiro. Porque eu gosto quando estou perto de você. E... e eu gosto de você. Muito.

Emília soltou um riso nervoso.

– Por que não me falou?

– Ouvi você dizendo que "a gente não combina" e sobre o seu namorado de infância... era uma história de amor perfeita para querer bater de frente – Ian trouxe sua cadeira para mais perto de Emília. – A gente não deveria ter mantido nenhum segredo. Se você tivesse me contado o seu, eu teria te alertado de que ele é um babaca, e, se eu tivesse te contado o meu desde o

começo...

Ele não completou a frase, e a garota não fez questão de ajudá-lo. Ian fitou os lábios de Emília ao mesmo tempo em que ela os umedeceu. Ela sorriu porque não havia sido de propósito, e ele também, porque, mesmo não sendo intencional, funcionou da mesma forma.

Ian pousou uma de suas mãos pouco acima da nuca de Emília e com o dedo polegar acariciou sua orelha. Em seguida, aproximou seu rosto lentamente do da garota, olhando por vezes seus olhos, por vezes sua boca, até seus lábios se encontrarem.

23.

Pela primeira vez em quase um mês, a boca e as bochechas de Iris pareciam ter algum sangue circulando por elas. Um fato animador para Ian, que acompanhava a lenta recuperação da irmã, vendo os ferimentos no rosto se fechando aos poucos, mesmo que a pele acinzentada indicasse que ainda havia um grande caminho a ser percorrido. Por outro lado, levando em consideração a gravidade de seus ferimentos, na comparação com os de sarah, ela se recuperava tão bem quanto a colega.

Leo havia se oferecido para ficar na casa de Ian enquanto Iris permanecia internada. Ele aceitou, a casa ficava desconfortável com ele sozinho o tempo todo.

Iris ficaria um pouco mais do que o planejado no hospital, mas, com as férias da escola, Ian só saía do quarto da irmã quando precisava gravar para o *reality*. Leo a visitava todos os dias, e, quando não estava trabalhando, substituía o cunhado. Iris precisava de um acompanhante o tempo todo no quarto, já que praticamente não conseguia se mexer.

Por causa do acidente, ele faltou vários dias na escola, logo

antes da semana de provas daquele trimestre.

Acabou, inclusive, perdendo algumas. Os professores relevaram as faltas porque sabiam do acontecido e permitiram que ele as fizesse quando retornasse das férias.

Os colegas que não sabiam do acidente cochichavam pelos cantos que Ian devia estar com vergonha de aparecer na escola depois que apareceu com Emília na chamada do *Novos Pais* na TV. Foi uma surpresa para todo mundo, já que ninguém sabia que os dois estavam juntos, até porque Emília tinha um namorado quando as primeiras chamadas foram ao ar – mas ela e Ian não fizeram questão de explicar nada a ninguém, exceto aos amigos mais próximos.

– Você está bem? – Ian perguntou quase inaudivelmente, enquanto se aproximava da cama, como se a irmã fosse uma taça de cristal que pudesse se quebrar com um barulho mais forte.

Iris reparou no irmão com o canto dos olhos, impossibilitada de realizar movimentos mais bruscos com o pescoço por causa da coluna. Sentiu a mão do rapaz pousando sobre o lado de sua cabeça que não estava machucado. Ela fechou os olhos por um instante, aproveitando o gesto afável.

– Você realmente tá perguntando se eu tô bem? Olha pra mim – ela disse, rindo na medida do possível para sua baixa disposição, e apontou com um movimento de olho para o resto do corpo. Estava com a voz meio cansada, mas definitivamente mais animada do que nos outros dias, quando mal conversava. – na verdade eu tô bem, sim. Estava me sentindo quase como uma planta, nem entendia direito o que estava acontecendo nas

últimas semanas. Acho que por causa dos remédios pra dor. Mas agora já estou melhor.

Ian encostou sua testa na da irmã e fechou os olhos, abrindo um sorriso sem mostrar os dentes. Era agradável sentir, pelo calor do rosto dela, que os dois estavam vivos e que estavam bem.

– Você quer conversar? – ele perguntou. – Muita coisa aconteceu com você, é bom... colocar isso pra fora.

Iris esticou os lábios em um bico e lançou um olhar pensativo para o teto.

– Já estou nessa cama há um tempo para ter expulsado o que precisava ser colocado pra fora – ela disse. – Primeiro, é bom estar viva. Segundo – ela fez uma pausa –, meu bebê era um sonho meu e eu o amava, mas eu nunca o vi de verdade, a gente nunca conversou, eu nunca o alimentei... É triste não ter tido tempo de fazer isso, mas, se eu tivesse perdido você, me sentiria muito mais arrasada. Você entende? Me sinto insensível em pensar assim, mas me deixa mais calma.

Ela fez uma pausa, e Ian a esperou completar.

– A minha vida toda eu quis ser mãe porque criei você, e pensava: "se já amo meu irmão dessa forma, imagina o meu filho!". Eu estava procurando por aquele amor incondicional de que todo mundo ouve falar desde criança, sabe? Aquele que muda sua vida.

Ian percebeu que a boca de Iris estava seca e ofereceu o copo de água com um canudo que estava na mesinha ao lado da cama. Ela aceitou e então continuou:

– E esse tempo em que estive aqui neste hospital, pensando,

me fez perceber que o amor se constrói. Eu sempre quis ser mãe, mas não tinha parado para perceber que já era – os olhos de Iris começam a encher de lágrimas, e Ian se obrigou a desviar seu olhar, para não fazer o mesmo. – Esse amor incondicional... eu já sinto. Por você.

A voz de Iris falhou e uma lágrima escorreu pelo esparadrapo que cobria um ferimento.

Ian apertou a mão de iris. A expressão do rapaz ficou engraçada quando o sorriso foi se entortando para a cara de choro contra a qual ele lutava.

– Quando eu soube do acidente – Ian disse, com a voz embargada –, foi o momento mais desesperador da minha vida. Ver você nessa cama também me dá agonia. No começo eu fiquei mal por isso ter acontecido porque... como algo tão rápido pode mudar uma vida tão drasticamente? Mas, hoje, fico *muito* feliz por você estar aqui conversando comigo. Sério – Ian limpou a lágrima que escorria tímida, antes que ela pudesse atravessar sua maçã do rosto. – Você sempre foi uma ótima irmã e uma ótima mãe. Aliás, você ainda quer... ter outros filhos, certo?

– Claro – ela respondeu. – Mas vai acontecer... quando acontecer. Não acredito mais naquele amor incondicional. Quer dizer, acredito porque eu o sinto. Está aqui – ela apontou com os olhos para o próprio peito.

Ian acariciou a mão da irmã como resposta. O barulho de batida na porta fez com que Ian se virasse.

– Com licença – Leo entrou com um balão nas mãos. Iris franziu o cenho sem entender o que ele fazia com um balão ali, enquanto observava o noivo abaixando o cordão que segurava o

enfeite para que ele passasse pela porta.

– O que é isso? – Iris perguntou.

– Pra deixar você mais feliz – Leo respondeu. Ian deu espaço para que ele o amarrasse na cama. O objeto tremulava logo acima da cabeça de Iris com o vento que vinha do ar-condicionado. – E vou ser o seu acompanhante pelos próximos dias até que ele estoure. Acredito que o Ian não vá se importar em te ver apenas durante os horários de visita nesse tempo.

– Não, você não precisa... – Ian se interrompeu quando percebeu que o cunhado indicava o balão com a cabeça. – Ah, claro! – ele riu, lembrando a conversa que tivera com o cunhado no carro, a caminho de sua casa, no dia do acidente. – Tudo bem por mim, mas esse balão parece bem resistente.

– Tá tudo bem, se demorar muito ela já vai estar boa o suficiente para ter opção de correr quando ele estourar – Leo disse. Iris acompanhava a conversa sem entender. Enquanto estivesse ali deitada recebendo sabia-se lá quais remédios que estavam dando a ela, duvidaria duas vezes de sua sanidade em todas as oportunidades. O noivo de Iris continuou: – A sua amiga tá ali na recepção te esperando, mas não vi nenhuma câmera. Vocês estão gravando para o programa hoje?

– Não – Ian respondeu, e seu rosto ficou vermelho. Iris entortou a cabeça com dificuldade, tentando ler a expressão de Ian. Nesse caso ela não precisaria duvidar da própria sanidade – estava na cara.

– Ela precisa falar comigo primeiro e passar pela minha aprovação – Iris forçou um semblante sisudo.

Ian riu e abriu a porta do quarto. Saiu e colocou a cabeça de

volta para dentro, através de uma fresta.

– Você pode falar com ela quando puder correr atrás dela, também – ele brincou. – Que sirva de motivação.

Após quase morrer, Iris se sentia esperançosa como nunca. De repente, o futuro parecia ainda mais empolgante.

Porque, depois de uma tempestade, a poeira abaixa. E é nesse momento que conseguimos enxergar o caminho.

FIM

Quando tudo parece como nos filmes
Sim, você sangra apenas para saber que está vivo

Iris, Goo Goo Dolls

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a você que leu o meu livro. Sério. Sempre sonhei em publicar um livro e que, eventualmente, alguém o lesse, e você o fez! A menos que você esteja lendo os agradecimentos antes. Enfim, você foi a primeira pessoa a quem agradeci, então, se fizer uma resenha, não aceito menos que cinco estrelas.

Agradeço aos meus seguidores na internet. Este livro não existiria sem vocês, eu não teria continuado sem vocês, minha vida não teria tomado o rumo que tomou sem vocês. Se você já clicou num botãozinho para me seguir alguma vez, você mudou a minha vida. Obrigado.

Sem a minha mãe *eu* é que não existiria, então agradeço a ela também. Ela que me criou sozinha e me entupiu de livros na infância, mesmo sem nunca ter tido ela mesma o hábito de ler.

Agradeço à minha irmã, Ana Paula, e ao meu irmão, Eduardo – foi por meio dela que conheci o livro que me fez ficar viciado em livros, e dele ganhei o computador em que escrevi este. Então, sem eles, este livro não existiria também.

Já sem a minha editora, Raquel Cozer, o livro existiria com os personagens “balançando a cabeça” e “franzindo o cenho” a cada página. Não poderia ter tido editora mais divertida, comprometida e capaz de fazer uma pessoa teimosa como eu concordar com cada uma das suas observações sobre este

romance.

Ao Felipe Brandão, por sua maestria ao descobrir o maior talento literário do Brasil: eu. Obrigado por acreditar em mim e me encorajar e cuidar com tanto carinho do marketing do livro. Também a toda a equipe que trabalhou de alguma forma para que ele acontecesse: Rogério silveira, que fez as fotos; Elisa von Randow, que fez a capa; às revisoras e a todo o pessoal da Planeta.

À querida dra. Daniela Engelender, que ajudou quando meus conhecimentos de medicina provenientes de *Grey's Anatomy* não foram suficientes. E a Rafaela, que colaborou com informações sobre o universo da organização de eventos – e evitou que eu dormisse na rua no primeiro evento literário em que estive (longa história).

À minha cachorrinha Pink, uma vira-lata marrom meio salsicha, meio pinscher, que está na família há doze anos e deixou meus pés mais quentinhos enquanto eu escrevia este livro.

A Bel, Pam, Pedro e Hugo pelas risadas e por me ajudarem a não enlouquecer durante o processo de publicação do meu primeiro livro.

A todo mundo que já me conheceu, passou pela minha vida ou passou por mim na rua. Vocês estão neste livro ou estarão em algum outro que eu venha a escrever. Desculpa.